

FUTEBOL: CULTURA, POLÍTICA E SOCIEDADE

O Futebol visto pelas Ciências Humanas: estudos e perspectivas ibero-americanas

Organização

Carmen Rial, Carlos Nolasco, Fábio Machado Pinto, Francisco Pinheiro.



ABA PUBLICAÇÕES

INCT FÚTEBOL

O Futebol visto pelas Ciências Humanas: estudos e perspectivas ibero-americanas

Organização

Carmen Rial, Carlos Nolasco, Fábio Machado Pinto, Francisco Pinheiro.

DOI: 10.48006/978-65-87289-69-4



COMISSÃO EDITORIAL DE LIVROS CIENTÍFICOS DA ABA – CELCA (GESTÃO 2025–2026)

Coordenador

Edimilson Rodrigues de Souza (Fames)

Vice–Coordenadora

Martina Ahlert (UFMA)

Integrantes

André Dumans Guedes (UFF)
Clark Mangabeira Macedo (UFMT)
Edilene Coffaci de Lima (UFPR)
Felipe Tuxá (UFBA)
Michele Escoura Bueno (UFPA)
Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ)

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Zhouri (UFMG)
Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)
Carla Costa Teixeira (UnB)
Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)
Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)
Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)
Fabio Mura (UFPB)
Jorge Eremites de Oliveira (UFPel)
Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)
María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)
Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)
Patrícia Melo Sampaio (Ufam)
Ruben George Oliven (UFRGS)
Wilson Trajano Filho (UnB)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA DIRETORIA (MANDATO 2025–2026)

Presidência

Luciana de Oliveira Dias (UFG)

Vice–Presidência

Henyo Trindade Barretto Filho (UnB)

Secretária Geral

Waldemir Rosa (UNILA)

Secretária Adjunta

Juliana de Farias Mello e Lima (UERJ)

Tesouraria Geral

Silvana de Souza Nascimento (USP)

Tesouraria Adjunta

Jacqueline Moraes Teixeira (USP)

Diretoria

Antônio Hilario Aguilera Urquiza (UFMS)
Flavia Medeiros Santos (UFSC)
Lucybeth Camargo de Arruda (UFOPA)
Vera Rodrigues (Unilab)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Bianca Mara Souza –Bibliotecária - CRB-14/1587

F996 O Futebol visto pelas Ciências Humanas: estudos e perspectivas ibero-americanas / Organizado por Carmen Rial... [et al.]. -- Brasília : ABA Publicações, 2026.
308 p. : il. color ; PDF ; 4,3 MB.
(Futebol: cultura, política e sociedade, v. 5)

Inclui índice e bibliografia.
ISBN 978-65-87289-69-4

1. Futebol. 2. Ciências humanas. 3. Várzea. 4. Cultura 5. Comunidade I. Rial, Carmen (org.) II. Nolasco, Carlos (org.). III. Pinto, Fábio Machado (org.). IV. Pinheiro, Francisco (org.). V. Título. VI. Série.

DOI Livro 10.48006/978-65-87289-69-4

CDD 316.796

Índice para catálogo sistemático:

1. 316.796 – Sociologia dos esportes, jogos e lazer.



COMITÊ EDITORIAL INCT FUTEBO

Carmen Rial (UFSC)
Caroline Soares De Almeida (UFPE)
Cristhian Caj Rodriguez (VU/Países Baixos)
Fábio Machado Pinto (UFPE)
Lia Ferrero (UBA/Argentina)
Luiz Carlos Rigo (UFPE)
Mariane Pisani (UFPI)
Rubens George Oliven (UFRGS)
Vanrochris Vieira (UFMG/UFSC)

INTERNATIONAL ADVISORY COMMITTEE

Pablo Alabarces (UBA/Argentina)
Lia Ferrero (UNLP)
Veronica Moreira (UBA/Argentina)
Igor Martinache (UPN/ França)
Jean-Michel De Waele (ULB/Bélgica)
Francisco Manuel de Jesus Pinheiro (UC/Portugal)
Roger Magazine (IBERO/México)
Richard Giulianotti (LU/Reino Unido)

EXPEDIENTE

Projeto Editorial
INCT Futebol

Coordenação Editorial
Fábio Machado Pinto

Diagramação / Design Gráfico
Editora Tribo da Ilha

Revisão
Chuchi Silva

Apresentação da Série ABA

Futebol: Cultura, Política e Sociedade

Em novembro de 2025, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) propôs a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) a publicação da série Futebol: cultura, política e sociedade. A proposta aprovada, com selo ABA, vai ao encontro da sua política editorial de propor livros temáticos, de caráter teórico e etnográfico, que resultam de projetos de pesquisa, de teses e dissertações, de redes de pesquisa, de eventos científicos, como os organizados pelo INCT Futebol, bem como de outros projetos de pesquisas e atividades do instituto, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). As temáticas dos livros têm origem nos estudos e debates das seis linhas de pesquisa do instituto: Futebol de mulheres, de indígenas, para-olímpico e LGBTQIA+; Clubes, formação, carreira e migração de futebolistas; Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol; Futebol de Várzea e Comunitário; Infraestrutura, torcida, estádio, museu e memória no futebol e; Instituições, economia e políticas do futebol.

A coordenação executiva deste projeto é da professora doutora Carmen Silva de Moraes Rial, membro da ABA e coordenadora do INCT Futebol, em colaboração com os pesquisadores Fábio Machado Pinto (UFPEl) e Caroline Soares de Almeida (UFPE). Fazem parte do Comitê Editorial pesquisadores de diversas universidades brasileiras e do exterior. A série tem como objetivo promover a reflexão sobre os estudos, abordagens e experiências de pesquisa e extensão universitária no campo das Ciências Sociais sobre futebol no Brasil e exterior.

A promoção do debate entre perspectivas de investigação interdisciplinar, a internacionalização dos estudos sobre o futebol e a formação de pesquisadores está entre os nossos desafios. O futebol é tomado como objeto de estudo e reflexão em diferentes países e culturas, abordagens e disciplinas, um fenômeno que nos permite melhor compreender o mundo atual e suas impactantes transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. A série pretende alcançar cursos de pós-graduação, graduação, bem como pesquisadores e estudiosos do tema, influenciar políticas esportivas e culturais, propor e promover avanços para o futebol em suas diferentes possibilidades.

SUMÁRIO

08 Apresentação

Carmen Rial
Carlos Nolasco
Fábio Machado Pinto
Francisco Pinheiro

20 Prefácio

Roberto DaMatta

PARTE I HISTORIOGRAFIA, MEMÓRIA E GÊNERO

25 “O país fica futebol”: contributos para uma historiografia

Francisco Pinheiro

45 O perigo de uma história única sobre o País do Futebol

Aíra F. Bonfim

54 Narrativas em jogo: a produção da memória coletiva no futebol brasileiro

Marcelo Continelli

82 Futebol e a produção da subjetividade de jovens trans em situação de acolhimento

Lóry da Silveira Ribeiro
Luiz Carlos Rigo

107 Da proibição à pesquisa: outros caminhos para estudar mulheres no futebol brasileiro

Caroline Soares de Almeida

PARTE II MIGRAÇÃO, MOBILIDADE E RACISMO

122 Mobilidade, precariedade e desigualdade no futebol global

Carlos Nolasco

- 145** Lesões, migração esportiva e racismo: o caso de atletas brasileiros
José Hildo de Oliveira Filho
- 155** As provas desportivas na integração do Ultramar português:
perspetivas nos casos do futebol, hóquei em patins e
basquetebol feminino
António Pinto
Pedro Amorim
Ricardo Ferreira
- 178** Futebol e racismo: mobilidade e castas nas sociedades de classe
Antonio Jorge Gonçalves Soares
Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

PARTE III ESTÁDIOS, TORCIDAS E TERRITÓRIO

- 203** O percurso das claque em Portugal: da espontaneidade à
crise de identidade
Daniel Seabra
- 230** O sentido da experiência da visita aos três maiores estádios
de futebol em Portugal
Guilherme da Silva Magalhães
Pedro Amorim
Fábio Machado Pinto
- 263** Quando o campo de futebol se torna lugar: experiência,
território e futebol de várzea em Goiânia (GO)
Andriel Coutinho de Moraes
George Ivan da Silva Holanda
Ari Lazzarotti Filho
- 281** Posfácio
Futebol: barômetro de mudança
Claudia Fonseca
- 300** Autores e Autores

Apresentação

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Carlos Nolasco

Universidade de Coimbra, Portugal

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Francisco Pinheiro

Universidade de Coimbra, Portugal

Brasil e Portugal mantêm um diálogo acadêmico consolidado, como atesta a expressiva participação de pesquisadores brasileiros em congressos organizados em Portugal, assim como de pesquisadores portugueses em eventos realizados no Brasil. No entanto, no campo dos estudos sobre futebol, essa interlocução ainda carecia de maior impulso e sistematização. O livro que segue busca justamente estreitar essa troca intelectual, tomando como ponto de partida um de nossos pioneiros: Roberto DaMatta, autor do prefácio. DaMatta é uma das maiores referências da antropologia brasileira e, sem dúvida, o pioneiro dos estudos sistemáticos sobre as relações entre futebol e sociedade no Brasil, tendo contribuído decisivamente para legitimar o futebol como objeto relevante das ciências sociais.

Graduado e licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense, com especialização em Antropologia Social pelo Museu Nacional e doutorado pela Universidade de Harvard (Peabody Museum), DaMatta construiu uma trajetória intelectual notável que o levou a ser chefe do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, coordenador do

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, professor emérito da Universidade de Notre Dame (onde ocupou a Cátedra Rev. Edmund Joyce de Antropologia) e, atualmente, professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Sua obra não se limita ao futebol, mas abrange pesquisas etnológicas entre os índios Gaviões e Apinayé, bem como investigações sobre rituais e festivais em sociedades industriais. No entanto, é particularmente por meio de seus estudos sobre o futebol que DaMatta desenvolveu uma perspectiva estruturalista inovadora, buscando compreender como o futebol funciona em uma sociedade aristocrática, historicamente avessa à competição e saída do escravismo. Desde os anos 1980, quando editou o volume histórico *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira* (Editora Pinakoteke, 1980), DaMatta tem investigado o futebol não como um fenômeno isolado, mas como um espaço privilegiado de dramatização das estruturas sociais mais profundas. Sua abordagem busca esclarecer o impacto que o esporte tem tido nas sociedades nas quais foi adotado, analisando tanto o ímpeto quanto a rotinização do futebol no Brasil. Além disso, DaMatta foi pioneiro em investigar como rituais e festivais funcionam em sociedades industriais, utilizando o carnaval, a música, a comida, a cidadania, a morte, o jogo do bicho e as categorias de tempo e espaço como lentes para compreender o Brasil como um sistema cultural coerente. Sua presença no Colóquio e a redação do prefácio reafirmam a importância de uma perspectiva histórica e estrutural para os estudos contemporâneos sobre futebol, oferecendo um ponto de ancoragem teórico que dialoga com as pesquisas mais recentes compiladas neste volume.

O encerramento da obra é igualmente notável, com o posfácio de Claudia Fonseca, professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil) e coordenadora da Anthera – Rede de Pesquisa Internacional sobre Família e Parentesco. A trajetória intelectual de Fonseca, marcada por uma perspectiva interseccional e um compromisso com a inclusão de vozes marginalizadas, oferece um contraste produtivo e complementar à perspectiva estruturalista de DaMatta. Seus interesses de pesquisa incluem tecnologias

de governo, políticas de cuidado, epistemologias feministas, e antropologia da ciência e tecnologia, campos que, embora aparentemente distantes do futebol, oferecem ferramentas analíticas cruciais para compreender como o futebol funciona como um espaço de regulação, cuidado e produção de subjetividades. Fonseca acompanhou integralmente o III Colóquio Internacional, participando ativamente das discussões e reflexões que atravessaram os três países e as múltiplas instituições envolvidas. Junto a DaMatta, ela oferece comentários finais que sintetizam não apenas as transformações observadas nas dinâmicas do futebol, mas também as permanências de estruturas de desigualdade e exclusão. Sua perspectiva feminista e sua atenção às políticas de cuidado trazem dimensões frequentemente ausentes dos estudos tradicionais sobre futebol, ampliando o escopo analítico e reafirmando a importância de uma abordagem verdadeiramente interdisciplinar que reconheça o futebol como um “barômetro de mudança” social, capaz de revelar tanto as transformações quanto as resistências que caracterizam nossas sociedades.

Os doze capítulos que compõem este volume estão organizados em três partes temáticas que dialogam entre si, oferecendo uma visão multifacetada do futebol nas sociedades ibero-americanas e revelando como este fenômeno social articula questões de memória, mobilidade, poder e territorialidade.

A primeira parte, dedicada à historiografia, memória e gênero, revisita criticamente a construção do conhecimento sobre o futebol, tensionando narrativas hegemônicas e resgatando vozes historicamente silenciadas. O capítulo de Francisco Pinheiro, intitulado “‘O país fica futebol’: contributos para uma historiografia”, propõe um alargamento temático da historiografia do futebol português, superando a matriz jornalística e cronológica que tem caracterizado grande parte da escrita histórica. Pinheiro organiza sua análise em eixos temáticos que incluem futebol e política, identidade nacional, cidade e território, clubes e instituições, biografias, corrupção, adeptos, migrações, mídia, gênero e desafios das humanidades digitais, permitindo compreender não apenas o que foi estudado, mas

também quais foram os silêncios persistentes na historiografia portuguesa. O capítulo de Aira F. Bonfim, intitulado “O perigo de uma história única sobre o país do futebol”, problematiza diretamente a narrativa hegemônica do Brasil como “país do futebol”, inspirando-se na crítica de Chimamanda Ngozi Adichie sobre o perigo de uma história única. Bonfim argumenta que a narrativa institucionalizada e masculinizada produziu silenciamentos estruturais, especialmente em relação ao futebol praticado por mulheres, utilizando referenciais da história social, dos estudos de memória e da museologia para analisar como processos de apagamento foram reforçados por práticas arquivísticas excludentes. Ao destacar a digitalização de coleções pessoais, a história oral e o papel do Museu do Futebol (SP), Bonfim demonstra que a ausência nos acervos institucionais não corresponde à inexistência de experiências, propondo a ampliação da narrativa histórica como estratégia de reparação de gênero e democratização da memória. O capítulo de Marcelo Continelli, intitulado “Narrativas em jogo: a produção da memória coletiva no futebol brasileiro”, discute o futebol como um dos principais organizadores de memórias, identidades e experiências coletivas no Brasil. Continelli argumenta como o esporte estrutura repertórios compartilhados que mobilizam emoções, pertencimentos e formas de sociabilidade expressas em rituais, símbolos e práticas de torcedores. A análise enfatiza o papel central da mídia na ampliação da visibilidade de acontecimentos e na consolidação de ídolos que passam a integrar o imaginário social, bem como examina como o Museu do Futebol atua na mediação dessas memórias, ativando lembranças individuais e coletivas ao longo do percurso expositivo. Particularmente relevante é a observação de Continelli sobre como a memória do futebol brasileiro se torna mais plural ao incorporar trajetórias antes marginalizadas, como o futebol feminino e o futebol de várzea, contribuindo para um cenário de narrativas em disputa. O capítulo de Lóry da Silveira Ribeiro e Luiz Carlos Rigo, intitulado “Futebol e a produção da subjetividade de jovens trans em situação de acolhimento”, apresenta uma etnografia sensível e inovadora sobre como o futebol e o lazer atuam na sociabilidade e na produção de subjetividade de

jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional em Pelotas (RS). Situando-se no contexto das reconfigurações das instituições de acolhimento brasileiras e seguindo princípios da perspectiva etnográfica contemporânea de Wacquant, o estudo problematiza questões de transfobia e passabilidade, concluindo que as práticas esportivas e o futebol ocupam um lugar de destaque na sociabilidade e na produção de subjetividade dos jovens trans, oferecendo espaços de pertencimento e agência em contextos frequentemente marcados pela exclusão e pela violência. O capítulo de Caroline Soares Almeida, intitulado “Da proibição à pesquisa: outros caminhos para estudar mulheres no futebol brasileiro”, inova metodologicamente ao utilizar um conjunto documental pouco explorado: processos da Divisão de Censura de Diversões Públicas. Investigando documentos de censura sobre músicas, programas humorísticos e outras produções culturais, Almeida revela disputas simbólicas em torno da presença de mulheres no futebol entre 1941 e 1979. O material evidencia um padrão recorrente: representações que conferiam protagonismo esportivo às mulheres eram frequentemente vetadas, enquanto narrativas ridicularizantes circulavam com maior facilidade. Esta análise contribui significativamente para ampliar o repertório metodológico das pesquisas sobre futebol, gênero e cultura no Brasil, demonstrando como arquivos de censura podem revelar não apenas mecanismos institucionais de controle, mas também os regimes de visibilidade que moldaram a trajetória do futebol de mulheres. A primeira parte, assim, oferece uma reflexão profunda sobre como o conhecimento sobre o futebol é produzido, circula e é preservado, reconhecendo que a história do futebol não é uma história neutra, mas um campo atravessado por relações de poder que privilegiam certas narrativas em detrimento de outras.

A segunda parte da obra, dedicada à migração, mobilidade e racismo, aborda as dinâmicas globais de circulação de atletas e as estruturas persistentes de desigualdade, racismo e preconceito que marcam o futebol internacional. O capítulo de Carlos Nolasco, intitulado “Mobilidade, precariedade e desigualdade no futebol global”, analisa a migração internacional

de trabalho desportivo como um campo privilegiado de observação das desigualdades que estruturam a globalização contemporânea. Nolasco contrasta a imagem glamorosa dos atletas de elite que circulam mediaticamente com os circuitos migratórios de atletas em situação de grande vulnerabilidade, argumentando que a circulação profissional regulada e visível convive com trajetórias aspiracionais marcadas pela informalidade, vulnerabilidade jurídica e elevado risco de fracasso. Estas duas dimensões não são opostas, mas complementares, integrando uma mesma dinâmica de mobilidade que proporciona oportunidades, direitos e riscos de forma assimétrica entre centros, periferias e semiperiferias. A análise do futebol português e da mobilidade de jovens jogadores africanos evidencia o papel estratégico de Portugal enquanto plataforma intermédia de valorização e redistribuição de atletas, revelando dinâmicas contemporâneas de colonialidade e economia política global que reproduzem as hierarquias históricas entre o Norte e o Sul global. O capítulo de José Hildo de Oliveira Filho, intitulado “Lesões, migração esportiva e racismo: o caso de atletas brasileiros”, investiga a interseção entre lesões, migração e racismo na trajetória de atletas brasileiros. Partindo de uma discussão sobre como “raça” figura nos debates sobre futebol e nacionalidade no Brasil, Oliveira Filho questiona as narrativas clássicas de Gilberto Freyre, argumentando que as lesões abrem a possibilidade para questionar como o racismo está presente na vida de atletas brasileiros migrantes. Através da análise de histórias de lesões de atletas brasileiros na República Tcheca, o autor demonstra que as lesões não são meramente fatos biológicos, mas eventos sociais marcados por relações de poder. O capítulo também analisa o papel de Portugal nos futuros estudos de migração de atletas brasileiros profissionais, contribuindo para uma compreensão mais complexa das dinâmicas de mobilidade no futebol que reconheça como o corpo do atleta é um corpo racializado, sujeito a diferentes formas de violência e exploração. O capítulo de António Pinto, Pedro Amorim e Ricardo Ferreira, intitulado “As provas desportivas na integração do Ultramar português: perspectivas nos casos do futebol, basquetebol e hóquei em patins”, explora o intercâmbio esportivo entre a metrópole e

o Ultramar português durante o Estado Novo. Os autores analisam como a Lei 2083, promulgada em meados da década de 1950, fomentou e intensificou esse intercâmbio. Enquanto o futebol nunca chegou a uma inclusão concretizada, as outras modalidades (basquetebol feminino e hóquei em patins) viram seus praticantes do Ultramar sobreporem-se à metrópole, num contexto de dificuldades financeiras advindas do cenário de guerra que pautou o final do Estado Novo. Este capítulo oferece uma perspectiva histórica importante sobre as complexidades da integração esportiva em contextos coloniais, revelando como o esporte funcionou simultaneamente como um mecanismo de integração imperial e como um espaço de resistência e agência dos atletas colonizados. O capítulo de Antonio Jorge Gonçalves Soares e Bruno Otávio de Lacerda Abrahão, intitulado “Futebol e racismo: mobilidade e castas nas sociedades de classe”, analisa episódios contemporâneos de racismo no futebol envolvendo jogadores brasileiros – Grafite, Daniel Alves e Vinícius Júnior – interpretando-os como expressões de uma gramática racial persistente nas sociedades de classe. Os autores argumentam que tais agressões não se reduzem a provocações esportivas, mas operam como mecanismos simbólicos de reinscrição hierárquica, aproximando-se metaforicamente da lógica de castas. Mesmo em um campo regulado por princípios formais de igualdade, como o futebol, a mobilidade econômica e o reconhecimento midiático não eliminam a vulnerabilidade de jogadores negros à deslegitimação racial. O texto sustenta que a tensão entre redistribuição e reconhecimento evidencia a permanência de desigualdades de status, confirmando que o racismo no futebol integra dinâmicas mais amplas de hierarquização racial e nacional no mundo contemporâneo. Esta segunda parte, portanto, oferece uma análise crítica de como o futebol, enquanto espaço de mobilidade social, reproduz e, simultaneamente, expõe as hierarquias que estruturam o mundo capitalista contemporâneo, marcado por legados coloniais e estruturas de racismo que persistem apesar dos discursos de igualdade formal.

A terceira e última parte da obra, dedicada aos estádios, torcidas e território, foca na dimensão espacial e territorial do futebol, explorando

como os estádios, as torcidas e os campos de várzea funcionam como lugares de pertencimento, sociabilidade e construção de identidades. O capítulo de Daniel Seabra, intitulado “O percurso das claques em Portugal: da espontaneidade à crise de identidade”, traça a evolução histórica das claques – equivalentes portugueses das torcidas organizadas brasileiras – desde sua origem espontânea após a ditadura até os desafios atuais. Seabra analisa como as claques surgiram em 1976 pela influência do Movimento Ultra italiano e das torcidas brasileiras, evoluindo para modelos organizacionais mais complexos com a profissionalização das lideranças. A tragédia do *Very Light* em 1996 teve um impacto devastador, levando a uma resposta legislativa do Estado português que, combinada com a profissionalização das lideranças, criou condições para a fragmentação dos grupos. O capítulo examina como o crescimento do estilo *Casual* e o afastamento de membros históricos das claques levaram à degradação da qualidade artística do apoio aos clubes e à incerteza quanto à preservação dos valores fundacionais do Movimento Ultra português. Este capítulo oferece uma reflexão importante sobre como as práticas de torcedores são moldadas por contextos históricos, legislativos e econômicos, e como a profissionalização e a repressão estatal transformam as formas de expressão e pertencimento.

O capítulo de Guilherme da Silva Magalhães e Fábio Machado Pinto, intitulado “O sentido da experiência da visita aos três maiores estádios de Futebol em Portugal”, oferece um relato etnográfico e reflexivo da experiência de visita aos três maiores estádios de Portugal durante o Colóquio. Os autores descrevem aspectos estruturais, históricos e culturais desses espaços, destacando elementos que os tornam relevantes no cenário esportivo português. O capítulo discute como cada estádio expressa identidades locais, tradições e diferentes formas de organização do espetáculo futebolístico, oferecendo um olhar contextualizado sobre a relação entre arquitetura, memória esportiva e cultura do futebol. Os estádios são compreendidos não como estruturas neutras, mas como espaços que condensam histórias, disputas e formas de estar juntos que caracterizam as comunidades que os habitam. O capítulo de Andriel Coutinho de Morais,

George Ivan da Silva Holanda e Ari Lazzarotti Filho, intitulado “Quando o campo de futebol se torna lugar: experiência, território e futebol de várzea em Goiânia (GO)”, analisa a Copa CEPRO, competição de futebol de várzea realizada no Campo do Muranga na Vila Redenção em Goiânia. Os autores tomam a Copa como chave interpretativa para compreender a produção social do urbano. Sustentam que o futebol de várzea opera como espaço de sociabilidade, pertencimento e construção de sentidos no cotidiano do bairro. O campo de futebol é compreendido como lugar vivido, constituído pela experiência consolidada nas práticas corporais e pela temporalidade compartilhada que organiza a vida local. A Copa, enquanto competição varzeana, estrutura ritmos coletivos e expectativas anuais, integrando o futebol à rotina comunitária e consolidando o Campo do Muranga como referência simbólica. Elementos como a apropriação da infraestrutura, os nomes das equipes, os patrocínios locais e a circulação de imagens ampliam a visibilidade do evento e reforçam sua complexidade sociocultural. Esta terceira parte, portanto, oferece uma reflexão profunda sobre como o futebol, através de seus espaços e práticas, produz territorialidades, identidades e formas de estar no mundo que são fundamentais para a vida urbana e comunitária.

Este volume, assim, representa um esforço coletivo significativo para aprofundar a compreensão do futebol como fenômeno social totalizante nas sociedades ibero-americanas. Sob a orientação intelectual de Roberto DaMatta e Claudia Fonseca, cujas perspectivas estruturalista e feminista oferecem um diálogo produtivo sobre as transformações e permanências do futebol como espaço de dramatização social, e sob a organização de Carmen Rial, Fábio Machado Pinto, Carlos Nolasco e Francisco Pinheiro, a obra oferece perspectivas inovadoras que articulam história, antropologia, sociologia, educação, comunicação e estudos de gênero. A coletânea reconhece que o futebol não é um objeto isolado de análise, mas um fenômeno que articula questões de memória e esquecimento, mobilidade e enraizamento, igualdade formal e desigualdade substantiva, pertencimento e exclusão. Esperamos que esta coletânea contribua significativamente

para os estudos ibero-americanos sobre futebol e inspire futuras pesquisas que continuem desvendando as complexidades deste fenômeno que, como bem observou Roberto DaMatta, dramatiza as estruturas mais profundas de nossas sociedades, revelando tanto as possibilidades quanto os limites de transformação social.

A publicação de “O futebol visto pelas ciências humanas: estudos e perspectivas ibero-americanas” como quinto volume da *Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade* pela Editora da Associação Brasileira de Antropologia (com Selo ABA), sob organização do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol – CNPq), marca um momento crucial na consolidação de um campo de estudos que transcende fronteiras nacionais e disciplinares. Esta coletânea representa não apenas uma compilação de pesquisas, mas uma intervenção teórica e metodológica que posiciona o futebol como um objeto privilegiado para a compreensão das dinâmicas sociais, culturais, políticas e humanas que caracterizam as sociedades ibero-americanas contemporâneas. Organizada por Carmen Rial (Universidade Federal de Santa Catarina), Fábio Machado Pinto (Universidade Federal de Pelotas), Carlos Nolasco e Francisco Pinheiro (ambos da Universidade de Coimbra), a obra emerge de um processo coletivo de reflexão que atravessou geografias, instituições e gerações de pesquisadores. O III Colóquio Internacional do INCT Futebol, realizado entre 29 de setembro e 2 de outubro de 2025, nas cidades de Lisboa, Coimbra e Porto, em Portugal, constituiu o espaço de gestação desta coletânea. O evento, que se desdobrou em múltiplos locais – o Museu do S. L. Benfica – Cosme Damião, a Cidade do Futebol, a Universidade de Coimbra e a Universidade Fernando Pessoa – não foi meramente um encontro acadêmico, mas uma experiência de imersão em espaços que condensam a história, a memória e as disputas simbólicas em torno do futebol. A escolha de Portugal como sede reflete a importância crescente de perspectivas que dialoguem criticamente com as experiências ibéricas e ibero-americanas, reconhecendo que o futebol, enquanto fenômeno social, articula histórias coloniais, processos de modernização, dinâmicas de migração e estruturas de desigualdade

que demandam análises situadas e comparativas. O Colóquio foi organizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Estudos do Futebol Brasileiro (INCT/CNPq), pela CEIS20 (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX) e pelo CES (Centro de Estudos Sociais) da Universidade de Coimbra, instituições que compartilham um compromisso com a produção de conhecimento crítico e engajado.

A rede de apoio institucional que sustentou o evento evidencia a amplitude e a relevância do campo de estudos sobre futebol. A Direção do Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica, a Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPeL) do Brasil, a Federação Portuguesa de Futebol, o Grupo História e Desporto (GHD) de Portugal, o Museu do Futebol de São Paulo, o Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC), o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC), o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSC), o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC) e a Universidade Fernando Pessoa – Observatório da Violência Associada ao Desporto constituem uma rede que ultrapassa as fronteiras entre o acadêmico e o institucional, entre o Brasil, Portugal, Uruguai e Espanha. Esta configuração reflete uma compreensão de que a pesquisa sobre futebol não pode ser dissociada das instituições que o administram, dos museus que preservam sua memória, das universidades que formam pesquisadores, e das comunidades que vivenciam o futebol em suas múltiplas dimensões.

A obra coletiva que aqui se apresenta persegue objetivos que vão além da mera compilação de artigos. Busca-se promover a socialização de estudos e pesquisas que, de outra forma, permaneceriam dispersos em diferentes contextos institucionais e geográficos. Mais fundamentalmente, pretende-se aprofundar a reflexão crítica sobre as questões sociais, culturais e esportivas relacionadas ao futebol, reconhecendo que este fenômeno não é um objeto neutro de análise, mas um campo atravessado por relações de poder, disputas de sentido e processos de exclusão e inclusão. Ao produzir este volume interdisciplinar, intergeracional e intercultural,

o INCT Futebol reafirma seu compromisso em estreitar as relações entre instituições e grupos de pesquisa do Brasil, Portugal, Uruguai e Espanha, proporcionando espaços de formação para jovens investigadores e fomentando a interação significativa com as comunidades que se ocupam do futebol em suas diferentes dimensões. O futebol, nesta perspectiva, não é compreendido meramente como um esporte ou um entretenimento, mas como um fenômeno social totalizante que atravessa questões de identidade nacional, gênero, raça, classe, território, memória e poder. As ciências sociais e humanas, em suas múltiplas abordagens – antropológica, histórica, sociológica, educacional, comunicacional – oferecem ferramentas analíticas fundamentais para desvendar as complexidades e as contradições que permeiam este universo.

Prefácio

O futebol como filosofia¹

Roberto DaMatta

O jogo é um modelo da vida. Ele exige temporadas, palcos e equipamentos (mesas, baralhos, dados, roletas, bolas, uniformes, redes, tacos e regras) de modo a garantir uma remoção do cotidiano e uma consequente sacralização que lhe assegura devoção, atenciosa e apaixonada.

Tendo início, meio e fim, o jogo é um aliado contra a indiferença da vida. Os esportes fazem com que meros viventes se transformem em superpessoas – pobres viram ricos e negros e mulatos segregados tornam-se supercraques. Os jogos esportivos são uma das passagens secretas que permitem escapar de nós mesmos.

Dentre os esportes modernos, o futebol praticado no Brasil é certamente o mais denso. Simoni Lahud Guedes, uma estudiosa pioneira do futebol, sugere que ele seria uma tela sobre a qual projetamos nossas indagações.

Nascido na Inglaterra Vitoriana e Industrial dos anos 1860, o futebol ganhou regras fixas e, desde então, tem sido o sujeito predileto de intensas projeções simbólicas em todo o planeta. É um esporte de tempo fixo, em oposição ao aristocrático *cricket* que, como o antigo *volleyball*, era marcado por pontos.

¹ Conferência pronunciada no III Colóquio Internacional INCT de Futebol, em Portugal, em 29 de setembro de 2025.

No Brasil, o futebol despertou reações. Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora e da poderosa Inglaterra, era uma atividade desconhecida. Um “esporte” que demandava rotinas desconhecidas disciplinadas e exigia novos espaços, temporalidades, comportamentos e objetos. Acima de tudo, o futebol focava o corpo. Esse corpo cuja energia e ação era apropriado para escravos negros.

O aparecimento de um jogo de pé na bola em uma sociedade que só conhecia balões juninos e suas disputas físicas entre brancos eram inibidas (não havia duelos no Brasil) – onde colocar essa inovação marcada pela disputa física veloz e igualitária, na qual perder e ganhar eram parte de sua estrutura? Onde encontrar um lugar para um jogo livre das restrições aristocráticas do nome de família, da cor da pele, e da “aparência”. Esse marco com o qual convivemos até hoje no Brasil?

E o mais extraordinário é que essa bola era um objeto dotado da inércia dos objetos culturalmente definidos, mas, por ser o objeto mediador da disputa, ganhava uma perturbadora vida própria. A bola, claro, é feminina. Na sua versão norte-americana, porém, ela é uma bala e, ao contrário da nossa bola, é jogada com a mão e assim é atirada, debaixo de um controle superlativo, como a bala de tiro de fuzil.

A bola, em suma, corria e ainda corre mais do que os jogadores. Ela é um poderoso símbolo de excelência e virtuosismo que não havia no futebol dos outros países, conforme testemunhei quando assisti, em 1950, ao jogo do Brasil contra a Iugoslávia em um Maracanã recém-construído. Os europeus e o seu futebol formavam coletivos de “pernas de pau”, porque não tinham a necessária capacidade ou gosto amoroso para controlar a bola redonda, quicante e voluntariosa que parece amar alguns mais do que outros.

Creio que essa relação com a bola é um ponto-chave que distinguia o nosso futebol daquele jogado em outros países, sobretudo o futebol dos “brincalhões” europeus. Eles jogavam bola, usando-a como um elo que associava os jogadores amigos. No Brasil, porém, nossos craques “comiam a bola” em uma conotação obviamente canibal e sensual.

Foi, sem dúvida, a relação com a bola que acabou sendo o traço distintivo do nosso estilo de praticar futebol.

Hoje, há um estilo brasileiro de jogar e produzir esse esporte. De quinta coluna capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria (como diziam seus críticos, entre os quais Lima Barreto), o futebol tornou-se um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil, conforme assinalei no livro, *Universo do futebol*, no qual, em 1982, agrupei um conjunto de ensaios socioantropológicos de colegas sobre esse esporte. Em 2006, no livro *A bola corre mais que os homens*, reuni trabalhos nos quais apresentava uma saída para o dilema do esporte como alienação insistindo como, no Brasil, o sucesso futebolístico foi o nosso primeiro instrumento de autoestima diante dos países “adiantados” e inatingíveis. O futebol foi uma prova cabal e pública de que éramos capazes de dominar uma “arte” inventada e praticada nos países que eram brancos, puros, civilizados, honestos e – por isso mesmo – impossíveis de serem imitados.

A excelência futebolística foi o alento de um Brasil que se concebia como doente pela mistura de raças e que, até hoje, tem problemas em conviver consigo mesmo. O futebol é a garantia do recomeço honrado na derrota e do gozo sem arrogância ou corrupção na vitória.

Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial. Pelo contrário, ele nos fez colonizadores e, mais que isso, filósofos por meio de toda uma literatura que a partir de Nelson Rodrigues, Jacinto de Thormes (Maneco Muller), José Lins do Rego e Armando Nogueira, entre outros, nos permitiu articular uma leitura positiva do mundo.

Literatura? Não seria um exagero? Digo que não e vou mais longe para acrescentar: o futebol criou, entre nós, uma filosofia e uma arte comparativa, irmã da Antropologia Social que é uma disciplina do olhar próximo ao lado do olhar distanciado, como ensina Lévi-Strauss. O exótico e o familiar – relativizados.

O seu maior papel foi, como disse algumas vezes, o de ensinar democracia. Foi revelar com todas as letras que não se ganha sempre e que o mundo é instável como uma bola. Perder e vencer, ensina o futebol, são parte de uma mesma moeda.

Nelson Rodrigues fala de jogos bíblicos, do mesmo modo que nos abre a uma metafísica quando associa jogos e craques a destinos fechados, ao afirmar que já no começo do mundo aquele gol seria perdido. Sua condenação da “objetividade burra” é uma crítica aguda ao senso comum hierarquizado e aristocrático que tenta tornar a própria vida oficial, possuída pelo Estado. Por outro lado, sua antropologia inaugura uma neoaristocracia nativa insonhável de negros e mestiços que deixam de ser híbridos enfermijos e passam – tal como ocorreu no jazz de uns Estados Unidos segregados – a ser príncipes, duques, condes e reis, apesar de nossos desejos inconfessáveis de fracasso. A sub-raça envenenada dos que queriam curar o Brasil tornou-se a meta-raça que, driblando os nossos subsociólogos – esses cartolas acadêmicos –, nos brindou com cinco Copas do Mundo. *A pátria em chuteiras* abria um novo espaço para esse futebol não branco, permitindo a países como o Brasil uma redefinição, inclusive muito mais abrangente e sem preconceitos de suas identidades nacionais.

Descobrimos o diálogo complexo e, sem dúvida absurdo, entre países, religiões e ideologias. Graças ao futebol, descobrimos que o elo entre dominantes e dominados não é estanque e congelado. Que toda novidade perturba e pode seguir para o isolamento ou para uma nova integração.

Parte I

HISTORIOGRAFIA, MEMÓRIA E GÊNERO



“O país fica futebol”: contributos para uma historiografia

Francisco Pinheiro

Universidade de Coimbra

Resumo

Este capítulo propõe um alargamento temático da historiografia do futebol português, dando continuidade a uma análise anterior centrada nas formas e enquadramentos metodológicos dominantes. Se a escrita histórica sobre o futebol em Portugal tem sido marcada por narrativas cronológicas, matriz jornalística e reduzida problematização conceptual, importa agora interrogar os temas privilegiados e os silêncios persistentes. A partir de um conjunto alargado de obras publicadas nas últimas décadas, organiza-se uma leitura estruturada em eixos temáticos – futebol e política, identidade nacional, cidade e território, clubes e instituições, biografias, corrupção, adeptos, migrações, media, género e desafios das humanidades digitais. O objetivo é compreender como estes temas foram integrados na produção historiográfica e de que modo podem contribuir para o aprofundamento da história social do futebol em Portugal.

Palavras-chave: historiografia; futebol; identidade; cultura; política.

Abstract

This chapter proposes a thematic expansion of Portuguese football historiography, following a previous analysis focused on dominant forms and methodological frameworks. While historical writing on football in Portugal has been largely shaped by chronological narratives, journalistic influence and limited conceptual problematization, it is now crucial to examine the themes privileged and the silences that persist. Drawing on a broad set of works published in recent decades, the chapter is structured around thematic axes – football and politics, national identity, city and territory, clubs and institutions, biographies, corruption, supporters, migration, media, gender, and the challenges posed by digital humanities. The aim is to assess how these themes have been incorporated into existing historiography and how they may contribute to deepening the social history of football in Portugal.

Keywords: historiography; football; identity; culture; politics.

Introdução

Este capítulo surge em linha de continuidade com o artigo “Futebol português, uma historiografia”, publicado nesta mesma coleção em 2025 no livro *Ciências Sociais e futebol: intercâmbio e perspectivas*, coordenado por Carmen Rial, Fábio Machado Pinto, Liber Benítez e Luiz Carlos Rigo. Nesse primeiro trabalho sobre a historiografia do futebol português analisaram-se sete obras de referência, dedicadas à história da modalidade, publicadas entre 1938 e 2023. Identificaram-se continuidades estruturais na escrita histórica sobre o futebol português, nomeadamente a predominância de uma narrativa cronológica, o peso da matriz jornalística, a recorrente defesa de isenção face à “clubite” e a quase exclusiva masculinização da autoria e do objeto. Esse exercício de análise historiográfica permitiu compreender como se construiu, ao longo de quase um século, um determinado modo de fazer história do futebol em Portugal.

A presente reflexão assume-se, assim, como continuidade direta desse diagnóstico historiográfico, mas desloca o foco da análise estrutural das obras para o alargamento temático do campo. Se o primeiro momento incidiu sobre a forma, a autoria e os enquadramentos metodológicos dominantes, importa agora interrogar os temas privilegiados, os silêncios persistentes e as novas frentes de investigação que se foram abrindo – ou que permanecem por explorar – na produção historiográfica dedicada ao futebol português. Partindo de um conjunto alargado de obras publicadas nas últimas décadas, este capítulo propõe uma análise organizada por eixos temáticos: futebol e política, identidade nacional, cidade e território, história de clubes e instituições, biografias, corrupção, adeptos e cultura emocional, migrações, media, género e, mais recentemente, os desafios colocados pelas humanidades digitais e pela inteligência artificial (IA). O objetivo não é proceder a um inventário exaustivo, mas compreender como estes temas foram integrados (ou marginalizados) na historiografia existente e de que modo podem contribuir para um aprofundamento da história social do futebol em Portugal. Deste modo, a continuidade entre capítulos reside

numa mesma preocupação epistemológica: compreender não apenas o que se escreveu sobre o futebol português, mas também como se escreveu e, sobretudo, o que permanece por problematizar. Se o futebol constitui, como sugerem Elias e Dunning (1992), uma via privilegiada para a compreensão das sociedades contemporâneas, então a expansão temática da sua historiografia não é apenas desejável, mas necessária para o amadurecimento do campo no âmbito das Humanidades e Ciências Sociais.

Recordamos as palavras do poeta português Alexandre O'Neill (2004, p. 157-158), que no texto “Neuropeu de futebol” sublinhou que “enfim, o país fica futebol. É grave? Não é grave? Sei lá. Verifico, apenas, que é assim por toda a parte”. Esta constatação da popularidade do futebol na sociedade portuguesa é reforçada, em grande medida, pela vasta produção historiográfica dedicada ao tema e compilada (em jeito de catálogo bibliográfico) na obra *Desportos & letras: exposição bibliográfica*, organizada pela Biblioteca Nacional em 2004, por altura do Campeonato da Europa de Futebol, disputado em Portugal. Não pretendemos aqui analisar as centenas de entradas sobre futebol referidas nesta obra, distribuídas por manuscritos e impressos (monografias e publicações periódicas). O objetivo aproxima-se de um exercício de meta-história temática, centrado na problematização dos eixos analíticos dominantes e na identificação de silêncios estruturais, mais do que de um inventário bibliográfico sistemático.

A análise privilegia uma leitura transversal das obras seleccionadas, procurando identificar tendências interpretativas, deslocamentos conceptuais e lacunas persistentes na abordagem ao futebol enquanto fenómeno social total. Não se trata apenas de mapear temas, mas de compreender como estes foram enquadrados, hierarquizados ou marginalizados no interior do campo historiográfico, bem como de sinalizar possibilidades de aprofundamento futuro. Como alerta Robert E. Rinehart (2006, p. 190), no artigo “Beyond Traditional Sports Historiography”, “os historiadores, como qualquer outro escritor, constroem os seus próprios universos narrativos”. Esses “modos de representação” dependem, em larga medida, da riqueza das fontes, do interesse do historiador, da profundidade das questões

que suscitam novas interrogações, da presumível audiência ou mesmo de certas restrições tidas como pseudológicas (Rinehart, 2006, p. 190).

A presente análise centra-se sobretudo nas narrativas tradicionais em torno do futebol português, produzidas maioritariamente nas últimas décadas (final do século XX e século XXI), afastando-se das chamadas narrativas “não tradicionais”, tal como definidas por Sparkes ao referir-se, por exemplo, às “representações poéticas”, aos “etnodramas” ou às “representações ficcionais” (Sparkes, *apud* Rinehart, 2006, p. 193). Os eixos temáticos que estruturam este capítulo – futebol e política, identidade nacional, cidade e território, clubes e instituições, biografias, corrupção, adeptos e cultura emocional, migrações, media, género e os desafios das humanidades digitais – não são apresentados como compartimentos estanques, mas como campos de interseção que permitem observar o futebol enquanto fenómeno social complexo. A sua análise procura evidenciar de que modo a historiografia portuguesa tem privilegiado determinadas dimensões – frequentemente institucionais e narrativas – em detrimento de abordagens mais centradas em dinâmicas sociais, culturais e transnacionais. Trata-se, assim, de um contributo para “a historiografia da ‘época contemporânea’” (Torgal, 2011, p. 12), enfocando-se em obras e estudos representativos do futebol português – não uma análise exaustiva (nem o poderia ser num capítulo de livro), mas representativa e exploradora de diferentes temáticas e preocupações epistemológicas.

Poder e nação

A relação entre futebol, poder político e construção da identidade nacional constitui um dos eixos mais recorrentes na historiografia do futebol português. Desde os estudos dedicados ao Estado Novo e à instrumentalização simbólica da modalidade, até as obras centradas na Seleção Nacional, na dimensão colonial ou nos escândalos de corrupção, o futebol surge frequentemente como espelho da nação e palco privilegiado das disputas de poder. Contudo, apesar da diversidade temática, verifica-se uma tendência

persistente para abordagens de carácter narrativo e episódico, centradas em figuras, momentos e casos mediáticos, em detrimento de análises estruturais que articulem instituições, dinâmicas culturais e processos de construção identitária em perspetiva comparada e de longa duração. É neste desfasamento entre abundância temática e insuficiente densidade analítica que importa situar criticamente este eixo “poder e nação”.

A produção académica mais recente tem procurado complexificar a relação entre futebol e Estado Novo, afastando-se da leitura linear da modalidade como mero instrumento de propaganda do regime. A tese doutoral de Rahul Kumar (2014), ao sublinhar a autonomia relativa do campo desportivo e ao questionar a ideia de que o desenvolvimento do futebol tenha sido promovido pelo poder político, desloca a análise para a dinâmica interna da institucionalização da modalidade e para a sua inscrição na cultura popular urbana. De igual modo, os trabalhos de Ricardo Serrado (2009; 2012) relativizam a tese da instrumentalização, defendendo que o regime, marcado por uma matriz ideológica ruralista e moralizante, terá antes procurado conter ou retardar a profissionalização e a massificação do futebol-espetáculo. Já a investigação biográfica realizada por Pedro Serra (2017), centrada na figura do guarda-redes internacional António Roquete – mais tarde agente da PIDE-Polícia Internacional e de Defesa do Estado –, introduz uma perspetiva distinta, evidenciando as interseções entre celebridade desportiva, aparelho repressivo e trajetórias sociais no interior do regime. De teor mais jornalístico, num registo de “reportagem do tempo presente”, na aceção de Torgal (2011, p. 12), surge a obra de António Simões, *Desporto com política* (2011), na qual o futebol ocupa lugar central na análise do período contemporâneo português. O livro congrega um vasto conjunto de episódios que evidenciam as interseções entre futebol, cultura popular e poder político, propondo uma leitura do fenómeno desportivo integrada numa realidade social e política mais ampla. Contudo, a abordagem privilegia a narrativa de casos e conjunturas, em detrimento de uma problematização estrutural das dinâmicas institucionais e dos mecanismos de poder que sustentam essas relações.

Em conjunto, estes estudos contribuíram para tornar menos simplista a leitura da relação entre futebol e poder político. Ainda assim, a análise permanece fortemente ancorada na questão da instrumentalização – ainda que para a negar ou relativizar – e tende a privilegiar figuras, casos e enquadramentos discursivos, deixando em segundo plano o exame das estruturas institucionais, dos modelos de governação desportiva e das continuidades de longa duração entre o período ditatorial e o pós-1974.

A dimensão colonial e racial tem igualmente vindo a ganhar maior densidade na historiografia do futebol português, introduzindo categorias analíticas que ultrapassam o eixo estritamente político-institucional. A tese de Pedro Sousa de Almeida (2019) desloca o debate para a articulação entre futebol, raça e construção da nação, demonstrando como as culturas futebolísticas em Portugal naturalizam fronteiras simbólicas da portugalidade e perpetuam a ideia de uma identidade nacional não multirracial. Por meio da análise crítica das narrativas associadas ao Sport Lisboa e Benfica e à Associação Académica de Coimbra, o autor evidencia a persistência de dispositivos ideológicos ancorados no passado colonial e na tese da excecionalidade portuguesa, sublinhando o papel dos media na reprodução desses discursos. Por seu lado, o trabalho de Nuno Domingos (2012), centrado no futebol em Lourenço Marques na primeira metade do século XX, inscreve a modalidade no quadro mais amplo das hierarquias coloniais, das dinâmicas urbanas e das clivagens raciais e sociais, revelando como o jogo se tornou espaço de negociação, distinção e conflito entre elites coloniais, mestiças e classes trabalhadoras africanas. Em conjunto, esses dois estudos representam um avanço significativo ao integrar o futebol na história colonial e pós-colonial portuguesa. Ainda assim, a incorporação sistemática das categorias de raça, racismo e colonialismo permanece relativamente circunscrita a investigações específicas, não tendo ainda produzido uma reconfiguração mais abrangente do campo historiográfico do futebol em Portugal.

A transição para o período democrático não significou uma rutura radical na articulação entre futebol, poder e identidade nacional. Pelo

contrário, o pós-1974 assistiu à reconfiguração das formas de instrumentalização simbólica da modalidade, agora inscritas num quadro mediático ampliado e numa economia desportiva progressivamente globalizada. Se o Estado Novo procurou enquadrar o futebol num discurso moralizante e disciplinador, a democracia mediatizada transformou-o em palco privilegiado de legitimação política, projeção internacional e mobilização emocional.

A Seleção Nacional constitui, neste contexto, um objeto historiográfico central. Obras dedicadas à equipa das “quinas” – como *Portugal, a equipa de todos nós* (Coelho, 2001); *A nossa Seleção em 50 jogos* (Coelho; Pinheiro, 2004); *Cinco escudos azuis* (Melo, 2021); *100 anos, 100 nomes, 100 momentos* (Madureira; Rodrigues, 2022) ou *Almanaque da Seleção* (Tovar, 2018), entre outros – tendem a inscrever a história da Seleção numa narrativa cumulativa, celebratória e frequentemente teleológica. O Mundial de 1966 surge como mito fundador moderno; o Euro 2004, como momento de afirmação organizativa; o Euro 2016, como consagração histórica. A estrutura narrativa privilegia campanhas, jogos e protagonistas, consolidando uma memória coletiva que associa sucesso desportivo a momentos de coesão nacional. Contudo, a problematização conceptual desta relação permanece limitada. A Seleção é frequentemente tratada como expressão natural da nação, e não como construção simbólica historicamente situada. A própria designação “equipa de todos nós” (popularizada pelo jornalista Ricardo Ornelas, nos anos 40 e 50 do século XX) revela um dispositivo discursivo que apaga tensões regionais, sociais e étnicas em nome de uma comunidade imaginada. A historiografia tende a reproduzir essa retórica agregadora, raramente interrogando quem fica fora dessa narrativa ou como se constroem os consensos identitários em torno da representação internacional. A universalização discursiva da Seleção enquanto comunidade indivisa apaga conflitos de classe, clivagens regionais e assimetrias raciais que atravessam o campo futebolístico português.

A dimensão da corrupção e dos escândalos mediáticos introduz outro ângulo relevante nesse eixo. Casos como o livro *Apito Dourado* (Melo,

2010), bem como as obras *Os senhores do futebol* (Catarro, 2008), *Rui Pinto: o hacker que abalou o mundo do futebol* (Pinto, 2023) ou *Mentiras Futebol Clube* (Santos, 2016), inscrevem o futebol português num quadro de suspeição estrutural. A narrativa centra-se, muitas vezes, em protagonistas específicos, revelações documentais e conflitos judiciais, aproximando-se do registo jornalístico. Ainda assim, esses episódios expõem redes de influência que atravessam clubes, autarquias, federação, agentes e media, evidenciando que o futebol constitui também espaço de reprodução de elites e de circulação de capitais simbólicos e económicos. A historiografia tem, porém, oscilado entre duas tendências: ou enfatiza o escândalo como exceção moral num sistema supostamente saudável, ou o trata como sintoma generalizado sem proceder à análise estrutural dos mecanismos de governação desportiva. Permanece relativamente pouco explorada a articulação entre modelo associativo, financiamento público, dependência mediática e concentração de poder nos clubes dominantes. A corrupção surge como episódio, mais do que como objeto de história institucional comparada.

O eixo “poder e nação” ganha ainda densidade quando articulado com processos de globalização. A projeção internacional de jogadores portugueses – de Eusébio a Cristiano Ronaldo – reforçou a dimensão diplomática e económica do futebol. A figura do atleta-celebridade global tornou-se embaixador informal do país, incorporando narrativas de mérito individual, mobilidade social e excelência nacional, conforme se verifica em obras como *Eusébio como nunca se viu* (Simões, 2014) ou *Cristiano Ronaldo: as histórias que faltavam* (Tovar, 2023). Todavia, essa personificação tende a obscurecer as estruturas formativas, os circuitos transnacionais de transferência e os interesses económicos subjacentes. A nação é representada por meio do indivíduo excecional, reforçando uma leitura meritocrática que raramente questiona as assimetrias do sistema.

A persistência da matriz narrativa, centrada em heróis, momentos decisivos e conflitos espetaculares, revela uma continuidade profunda na escrita da história do futebol português. Mesmo quando o objeto se desloca

para o Estado, a corrupção ou a Seleção, a lógica episódica mantém-se dominante. A análise estrutural – envolvendo economia política do desporto, modelos de governação federativa ou comparações internacionais – permanece incipiente. Assim, o eixo “poder e nação” evidencia uma tensão central: por um lado, o futebol é reconhecido como fenómeno político de primeira ordem; por outro, a historiografia tende a abordá-lo por meio de narrativas que privilegiam acontecimentos e protagonistas, em detrimento de processos e estruturas. A abundância temática contrasta, portanto, com uma relativa fragilidade conceptual. O desafio futuro consiste em deslocar o olhar da instrumentalização para a institucionalização, da metáfora nacional para os mecanismos concretos de produção de poder no interior do campo futebolístico.

Espaço e pertença

A relação entre futebol, espaço e pertença constitui um eixo fundamental para compreender a dimensão social e cultural da modalidade. Por “espaço” entende-se aqui não apenas a dimensão geográfica da implantação do futebol, mas também os contextos urbanos e institucionais que moldam a sua prática e organização; “pertença”, por sua vez, remete aos processos de identificação coletiva que ligam indivíduos e comunidades a clubes, cidades ou regiões. Nesse sentido, o futebol pode ser entendido como um dos dispositivos pelos quais se constroem comunidades imaginadas (Anderson, 1983) e se produzem formas de ligação simbólica aos lugares e territórios (Tuan, 1977). Desde as primeiras décadas do século XX, o desenvolvimento do futebol em Portugal esteve profundamente ligado às dinâmicas urbanas, aos processos de construção identitária local e à afirmação institucional dos clubes. A difusão da modalidade não se fez de forma homogénea pelo território, consolidando-se sobretudo em contextos urbanos, onde a densidade populacional, as redes associativas e a presença de imprensa desportiva favoreceram a sua expansão. A própria cronologia da institucionalização regional do futebol evidencia essas assimetrias:

distritos como Guarda (1940) e Viana do Castelo (1971)¹ foram os últimos a constituir associações de futebol, revelando a implantação mais tardia da modalidade em algumas regiões do interior e do noroeste do país. Neste contexto, cidade, clube e comunidade surgem frequentemente entrelaçados na produção de identidades coletivas e de fortes sentimentos de pertença que ultrapassam o mero fenómeno desportivo.

É neste quadro de relação entre espaço e pertença que a cidade assume um papel central na difusão e consolidação do futebol em Portugal. Desde as primeiras décadas do século XX, os principais centros urbanos funcionaram como polos de institucionalização da modalidade, concentrando clubes, infraestruturas, imprensa e públicos, tornando-se lugares privilegiados de construção de identidades futebolísticas locais. Obras como *História do futebol em Lisboa* (Dias, Marina, 2000), *O futebol no Porto* (Dias, Manuel, 2001) e *Uma cidade de futebol* (Catrica *et al.*, 2004) analisam precisamente essa relação entre futebol e espaço urbano. No caso de Lisboa, a evolução da modalidade é acompanhada desde o seu surgimento, em 1888, até a construção dos grandes estádios da década de 1950, evidenciando a transformação do futebol de prática inicialmente associada às elites num fenómeno progressivamente popular, em paralelo com o crescimento demográfico da cidade e a expansão suburbana. Para o Porto, o estudo da modalidade sublinha o pioneirismo da sua introdução no final do século XIX, destacando a influência da colónia inglesa, a rápida adesão da população portuense e o papel organizativo dos clubes – em particular do FC Porto – na consolidação do futebol como prática social urbana. Já *Uma cidade de futebol* propõe uma abordagem distinta, centrada na relação entre futebol e fotografia, tratando o jogo como “um campo intenso de emoções, de especulação, de teorias construídas ao momento e de fácil entendimento” (Catrica *et al.*, 2004, p. 17) e procurando captar, por

1 A Associação de Futebol de Viana do Castelo foi fundada em 1923, e durante 20 anos organizou o Campeonato Regional de Viana do Castelo. No entanto, suspendeu suas atividades em 1943, retomando somente em 1971.

meio da imagem, a presença do futebol na vida urbana lisboeta ao longo do século XX. Em conjunto, essas obras evidenciam a forma como o futebol se inscreveu profundamente no tecido urbano das principais cidades portuguesas, acompanhando transformações demográficas, sociais e culturais e contribuindo para a construção de identidades locais fortemente associadas aos clubes e aos espaços da cidade.

A relação entre futebol, espaço e pertença não se manifesta apenas na dimensão urbana, mas também nas estruturas institucionais que organizaram a modalidade. Muitos dos principais clubes portugueses surgiram profundamente ligados às cidades que os acolheram, tornando-se referências identitárias locais e regionais. Paralelamente, a criação das associações distritais de futebol – constituídas entre 1910 e 1971 – e da Federação Portuguesa de Futebol (fundada em 1914) contribuiu para estruturar territorialmente a prática da modalidade, consolidando redes organizativas que articularam clubes, competições e comunidades.

A historiografia institucional do futebol português é particularmente visível nas obras dedicadas à história dos grandes clubes nacionais. Estudos sobre SL Benfica, FC Porto ou Sporting CP tendem a privilegiar narrativas cronológicas centradas na evolução desportiva e institucional, frequentemente associadas a efemérides ou a celebrações comemorativas. Entre os trabalhos mais influentes destacam-se as fotobiografias de Rui Guedes sobre os “três grandes”, publicadas em 1987, bem como os estudos de Rodrigues Teles sobre o FC Porto (1933; 1954), a extensa obra de Eduardo Azevedo sobre o Sporting CP (1967) ou *Benfica, 90 anos de glória: 1904–1994*, assinada por quatro autores ligados ao clube (1994). Fora da esfera dos chamados “três grandes”, existe uma vasta produção historiográfica de perfil local e regional dedicada a diferentes clubes do futebol português. Ainda assim, poucas obras atingiram a profundidade investigativa de *Académica: história do futebol* (Santana; Mesquita, 2007) ou *AFC – Académico Futebol Clube* (Pacheco, 2011), que se destacam pelo recurso a fontes documentais diversificadas e por uma abordagem mais sistemática à história institucional dos clubes.

Para além da história dos clubes, a organização institucional do futebol português tem sido também abordada por meio de estudos dedicados às associações distritais e à Federação Portuguesa de Futebol (FPF). Estas estruturas desempenharam um papel decisivo na regulamentação das competições, na articulação entre clubes e na consolidação territorial da modalidade ao longo do século XX. Embora menos frequentes na produção historiográfica do que as obras de perfil clubístico, os estudos sobre essas instituições permitem compreender melhor os mecanismos organizativos que sustentaram a expansão do futebol em Portugal. Nesse âmbito, destacam-se os trabalhos sobre a FPF (Parreirão, 1989) e sobre as associações distritais de futebol de Lisboa (Correia, 2010), Porto (Sousa *et al.*, 2017) ou Coimbra (Pinheiro; Calado, 2022; 2023; 2024), entre outros.

A dimensão da pertença manifesta-se igualmente nas culturas de adeptos e nas formas de sociabilidade associadas ao futebol. A socióloga Salomé Marivoet, em *Aspetos sociológicos do desporto* (1998), aborda o fenómeno do futebol a partir da análise das práticas e comportamentos dos adeptos, sublinhando a centralidade do jogo enquanto espaço de sociabilidade e construção identitária. Por seu lado, o antropólogo Daniel Seabra, em *Claques de futebol: o teatro das nossas realidades* (2018), propõe uma abordagem etnográfica ao universo das claques em Portugal, tomando como ponto de observação privilegiado as claques da cidade do Porto. A investigação enquadra essas formas de apoio organizado na história das claques portuguesas, relacionando-as com influências internacionais como o movimento ultra italiano e o hooliganismo.

A dimensão transnacional do futebol português tem sido igualmente explorada por meio de estudos dedicados às migrações e às relações internacionais no universo futebolístico. A obra coletiva *A bola ao ritmo de fado e samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol* (2013), publicada por ocasião do centenário dos primeiros jogos entre Portugal e Brasil, reúne 25 autores portugueses e brasileiros em 22 capítulos que analisam diferentes dimensões destas relações históricas. Entre os temas abordados destaca-se a migração de futebolistas brasileiros para Portugal, analisada

por Carlos Nolasco, cuja investigação culminaria na tese de doutoramento *Fintar fronteiras: migrações internacionais no futebol português* (2013), dedicada precisamente ao estudo dos fluxos migratórios no futebol. A dimensão internacional do fenómeno é ainda aprofundada em *Seguindo a bola* (Cleveland, 2022), estudo que examina o papel social e desportivo dos futebolistas africanos no contexto do império colonial português e das suas ligações ao futebol metropolitano.

Em conjunto, esses estudos evidenciam como o futebol em Portugal se estruturou a partir de múltiplas escalas de espaço e pertença. Cidades, clubes, instituições e comunidades de adeptos contribuíram para consolidar identidades locais e regionais fortemente associadas à modalidade. Ao mesmo tempo, as migrações de jogadores e as relações internacionais mostram que essas pertenças se constroem em diálogo constante com dinâmicas transnacionais.

Representação, mediação e novos olhares

Para além das dimensões territoriais e institucionais que estruturam o futebol português, a historiografia da modalidade tem igualmente explorado as formas como o jogo é representado, narrado e mediado na esfera pública. Livros biográficos, estudos sobre a imprensa desportiva e investigações recentes dedicadas a novos objetos de análise revelam como o futebol é também um campo de produção simbólica, no qual se constroem narrativas, memórias e identidades coletivas. Por meio dessas diferentes formas de mediação – desde a figura do herói desportivo até a narrativa jornalística ou a emergência de novos temas como o futebol feminino – torna-se possível compreender de que modo o futebol ultrapassa o espaço estritamente desportivo, afirmando-se como fenómeno cultural e social de ampla ressonância.

Uma das formas mais recorrentes de representação do futebol na produção editorial portuguesa é a biografia desportiva. Por meio de figuras individuais – jogadores, treinadores ou dirigentes – essas obras narram

a história da modalidade, associando-a a trajetórias pessoais que se tornam emblemáticas de determinados clubes, épocas ou contextos sociais. Exemplos dessa tendência encontram-se em obras dedicadas a figuras como Fernando Peyroteo, Cândido de Oliveira, Eusébio, Pinto da Costa, Paulo Futre ou Jorge Jesus, bem como em biografias mais recentes de protagonistas do futebol globalizado, como Cristiano Ronaldo ou o empresário Jorge Mendes. Em muitos casos, essas narrativas estendem-se também a protagonistas internacionais ligados ao futebol português, como Jardel, Deco ou Luiz Felipe Scolari. Frequentemente estruturadas em torno de percursos individuais e momentos marcantes das carreiras desportivas, essas obras tendem a privilegiar narrativas cronológicas centradas na trajetória dos protagonistas, contribuindo para a construção de memórias públicas associadas ao futebol.

Para além das biografias desportivas, o futebol tem sido igualmente analisado por meio de estudos dedicados à imprensa desportiva, que durante grande parte do século XX funcionou como um dos principais mediadores entre o jogo e o público. Jornais especializados, como *A Bola* ou *Record* (fundados na década de 1940), desempenharam um papel central na construção das narrativas públicas do futebol, não apenas relatando acontecimentos desportivos, mas também contribuindo para a formação de memórias coletivas, rivalidades clubísticas e representações sociais associadas à modalidade. Precisamente estes dois jornais publicaram, por ocasião do cinquentenário da sua fundação (*A Bola*, em 1995; *Record*, em 1999), obras dedicadas à análise da sua própria trajetória e da relação histórica com o futebol e o desporto. Essa ligação entre imprensa e futebol foi igualmente analisada em *História da imprensa desportiva em Portugal*, obra de Francisco Pinheiro (2011), que estuda 940 jornais publicados entre 1875 e 2000, muitos deles dedicados ao futebol.

A historiografia do futebol português começou também, mais recentemente, a integrar abordagens centradas no género e na participação das mulheres na modalidade. A obra *História do futebol feminino: a grande aventura portuguesa* (Caiado, 2024) constitui uma das primeiras

abordagens sistemáticas à trajetória do futebol jogado por mulheres em Portugal, acompanhando a evolução da modalidade desde os seus primórdios – marcados por resistência social e institucional – até a sua progressiva consolidação no quadro competitivo nacional e internacional. Uma abordagem complementar pode ser encontrada em *Futebol português: política, género e movimento*, de Nina Clara Tiesler e Nuno Domingos (2012), obra que inclui vários capítulos dedicados à relação entre mulheres e futebol. Entre os temas analisados destacam-se os discursos mediáticos sobre os corpos das jogadoras, as tensões históricas que marcaram o desenvolvimento do futebol de mulheres em Portugal e as migrações de futebolistas portuguesas para contextos internacionais.

A incorporação de novas perspectivas analíticas – como os estudos de género – revela o progressivo alargamento temático da historiografia do futebol português, ainda relativamente tardio quando comparado com outros contextos internacionais de investigação nesse campo. Paralelamente, as transformações tecnológicas e a crescente digitalização de arquivos e bases de dados começam também a abrir novas possibilidades metodológicas para o estudo histórico da modalidade. Nesse contexto, o estudo histórico do futebol português enfrenta novos desafios e oportunidades. A digitalização crescente de arquivos, a sistematização de novos arquivos, a possibilidade de análise de grandes bases de dados da imprensa e o desenvolvimento das humanidades digitais abrem caminhos promissores para a investigação. Ao mesmo tempo, essas ferramentas colocam novos desafios metodológicos, nomeadamente no que respeita aos riscos de automatização interpretativa associados ao uso de inteligência artificial (IA). Paralelamente, persistem lacunas importantes na historiografia da modalidade, particularmente no estudo de temas como o racismo, as identidades de género, as comunidades LGBTQIAPN+ ou a presença e representação de jogadores negros no futebol português. A exploração dessas dimensões constitui um campo de investigação ainda em aberto e fundamental para o desenvolvimento da história do futebol português.

Considerações finais

A análise desenvolvida neste capítulo evidencia algumas tendências estruturais na historiografia do futebol português. Apesar do crescimento da produção editorial dedicada ao tema, persiste uma forte predominância de narrativas cronológicas e institucionais, frequentemente centradas em clubes, competições e protagonistas individuais, refletindo a influência duradoura da matriz jornalística na escrita da história da modalidade.

Ao mesmo tempo, observa-se um progressivo alargamento temático do campo, com a incorporação de abordagens dedicadas às relações entre futebol e poder político, às identidades coletivas, às dinâmicas urbanas, às culturas de adeptos ou às migrações internacionais. Mais recentemente, temas como o género ou o futebol praticado por mulheres começam também a ganhar visibilidade na investigação.

Persistem, contudo, lacunas importantes, nomeadamente no estudo de questões como o racismo ou as identidades LGBTQIAPN+, assim como na reflexão sobre o impacto da inteligência artificial neste campo epistemológico. Paralelamente, a digitalização de arquivos e o desenvolvimento das humanidades digitais abrem novas possibilidades metodológicas para a investigação histórica, ainda que coloquem igualmente desafios interpretativos. O aprofundamento da história social do futebol em Portugal dependerá, assim, da capacidade de ampliar temas, fontes e métodos de investigação.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Pedro Sousa de. *Futebol, raça e nação em Portugal*. Tese de Doutoramento (Democracia no Século XXI), Universidade de Coimbra, 2019.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983.

AZEVEDO, Eduardo. *História e vida do Sporting Clube de Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos do Sporting Clube de Portugal, 1967.

BIBLIOTECA NACIONAL (org.). *Desportos & Letras*: exposição bibliográfica. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2004.

CAIADO, Mary. *História do futebol feminino*: a grande aventura portuguesa. Lisboa: Cultura, 2024.

CATARRO, Paulo. *Os senhores do futebol*: nos bastidores do desporto rei. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008.

CATRICA, Paulo. O futebol joga-se no campo. In: CATRICA, Paulo *et al.* (orgs.). *Uma cidade de futebol*. Lisboa: Arquivo Fotográfico Municipal/Assírio & Alvim, 2004.

CATRICA, Paulo *et al.* (orgs.). *Uma cidade de futebol*. Lisboa: Arquivo Fotográfico Municipal/Assírio & Alvim, 2004.

CLEVELAND, Todd. *Seguindo a bola*: a importância dos futebolistas africanos no império colonial português. Lisboa: Livros FPF, 2022.

COELHO, João Nuno. *Portugal, a equipa de todos nós*. Porto: Afrontamento, 2001.

COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco. *A paixão do povo*: história do futebol em Portugal. Porto: Afrontamento, 2002.

COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco. *A nossa Selecção em 50 jogos*: 1921-2004. Porto: Afrontamento, 2004.

CORREIA, Fernando. *100 anos de futebol da Associação de Futebol de Lisboa*. Lisboa: Livros d'Hoje, 2010.

DIAS, Manuel. *O futebol no Porto*. Porto: Campo das Letras, 2001.

DIAS, Marina Tavares. *História do futebol em Lisboa*: de 1888 aos grandes estádios. Lisboa: Quimera, 2000.

DOMINGOS, Nuno. *Futebol e colonialismo*: corpo e cultura popular em Moçambique. Lisboa: ICS, 2012.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Difel, 1992.

GUEDES, Rui. *Fotobiografia do FC Porto*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

GUEDES, Rui. *Fotobiografia do SL Benfica*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

GUEDES, Rui. *Fotobiografia do Sporting CP*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

KUMAR, Rahul M. *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*. Tese de Doutoramento (Sociologia), Universidade de Lisboa, 2014.

MADUREIRA, Nuno; RODRIGUES, Berta. *100 anos, 100 nomes, 100 momentos: a história e as histórias da Seleção Nacional*. Lisboa: FPF, 2022.

MARIVOET, Salomé. *Aspetos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

MELO, Afonso de. *Apito Dourado: as entranhas do polvo*. Lisboa: Zebra, 2010.

MELO, Afonso de. *Cinco escudos azuis: – 100 anos de história da Seleção Nacional de Futebol*. Lisboa: Âncora, 2021.

MORAIS, António Manuel; PERDIGÃO, Carlos; LOUREIRO, João; SANTOS, José de Oliveira. *Benfica, 90 anos de glória: 1904–1994*. Lisboa: SLB, 1994.

NOLASCO, Carlos. *Fintar fronteiras: migrações internacionais no futebol português*. Tese de Doutoramento (Sociologia), Universidade de Coimbra, 2013.

O'NEILL, Alexandre. Neuropéu de futebol. In: O'NEILL, Alexandre; ROSA, Vasco (org.). *Coração Acordeão*. Lisboa: O Independente, 2004. p. 157–158.

PACHECO, Helder. *AFC – Académico Futebol Clube: um século na vida portuense, ao serviço do desporto*. Porto: Afrontamento, 2011.

PARREIRÃO, Henrique. 1989. *Os Anos de Diamante no 1.º Centenário do Futebol Português: 1914–1989*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 1989.

PINHEIRO, Francisco. *História da imprensa desportiva em Portugal*. Porto: Afrontamento, 2011.

PINHEIRO, Francisco; MELO, Victor Andrade (orgs.). *A bola ao ritmo de fado e samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol*. Porto: Afrontamento, 2013.

PINHEIRO, Francisco; CALADO, José. *Associação de Futebol de Coimbra: 100 anos de história*. v. 1 (1922–1950). Coimbra: AFC, 2022.

PINHEIRO, Francisco; CALADO, José. *Associação de Futebol de Coimbra: 100 anos de história*. v. 2 (1951–1990). Coimbra: AFC, 2023.

PINHEIRO, Francisco; CALADO, José. *Associação de Futebol de Coimbra: 100 anos de história*. v. 3 (1991–2022). Coimbra: AFC, 2024.

PINTO, Nuno Tiago. *Rui Pinto: o hacker que abalou o mundo do futebol*. Lisboa: Objectiva, 2023.

RECORD. *Livro do Cinquentenário: futebol*. Porto: ASA, 1999.

RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; BENÍTEZ, Liber; RIGO, Luiz Carlos (orgs.). *Ciencias Sociales y fútbol: intercambio y perspectivas sudamericanas – Ciências Sociais e futebol: intercâmbio e perspectivas sul-americanas*. Porto Alegre: ABA Publicações, 2025. (Série Futebol: cultura, política e sociedade).

RINEHART, Robert E. Beyond Traditional Sports Historiography. In: PHILLIPS, Murray G. (org.). *Deconstructing Sport History: A Postmodern Analysis*. Albany: SUNY Press, 2006. p. 181–202.

SANTANA, João; MESQUITA, João. *Académica: história do futebol*. Coimbra: Almedina, 2007.

SANTOS, Rui. *Mentiras Futebol Clube: esquemas, corrupção e interesses*. Lisboa: Matéria Prima, 2016.

SEABRA, Daniel Alves. *Claques de futebol: o teatro das nossas realidades*. Porto: Afrontamento, 2018.

SERRA, Pedro M. C. *António Fernandes Roquete (1906–1995): um “ídolo” do desporto nas polícias políticas do Estado Novo*. Tese de Doutoramento (História Contemporânea), Universidade Nova de Lisboa, 2017.

SERRADO, Ricardo. *O jogo de Salazar: a política e o futebol no Estado Novo*. Lisboa: Casa das Letras, 2009.

SERRADO, Ricardo. *O Estado Novo e o futebol: terá Salazar impedido Eusébio de sair do país?* Lisboa: Prime Books, 2012.

SIMÕES, António. *História de 50 anos do desporto português*. Lisboa: A Bola, 1995.

SIMÕES, António. *Desporto com política nos 100 anos da República*. Lisboa: INCM, 2011.

SIMÕES, António. *Eusébio como nunca se viu*. Lisboa: Dom Quixote, 2014.

SOUSA, Fernando; MONTEIRO, Isilda; FERREIRA, Diogo; ROCHA, Ricardo. *A Associação de Futebol do Porto: uma instituição centenária*. Porto: CEPES/AF, 2017.

TELES, Rodrigues. *História do Foot-ball Club do Porto: 1906-1933*. Porto: O Porto Desportivo, 1933.

TELES, Rodrigues. *História do Futebol Clube do Porto: 1906-1954*. Porto: FCP, 1954.

TIESLER, Nina Clara; DOMINGOS, Nuno (orgs.). *Futebol português: política, género e movimento*. Porto: Afrontamento, 2012.

TORGAL, Luís Reis. Nota de apresentação. In: TORGAL, Luís Reis (org.). *Fazer História Contemporânea. Estudos do Século XX*, 11, p. 9-13, 2011.

TOVAR, Rui Miguel. *Almanaque da Seleção*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 2018.

TOVAR, Rui Miguel. *Cristiano Ronaldo: as histórias que faltavam*. Lisboa: Manuscrito, 2023.

TUAN, Yi-Fu. *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

O perigo de uma história única sobre o País do Futebol

Aira F. Bonfim

*Pesquisadora independente e
fundadora da Repertório Cultural*

Resumo

O capítulo problematiza a ideia do Brasil como “país do futebol” a partir da crítica ao perigo de uma história única, conforme proposto por Chimamanda Ngozi Adichie. Argumenta-se que a narrativa hegemônica, masculina e institucionalizada produziu silenciamentos estruturais, especialmente em relação ao futebol praticado por mulheres. Com base em referenciais da história social, dos estudos de memória e da museologia, o texto analisa como processos de apagamento foram reforçados por práticas arquivísticas excludentes e pela ausência de políticas de preservação. Ao destacar a digitalização de coleções pessoais, a história oral e o papel do Museu do Futebol (SP) na incorporação dessas fontes, o capítulo demonstra que a ausência nos acervos institucionais não corresponde à inexistência de experiências. Ao tensionar dicotomias e hierarquias naturalizadas, propõe-se ampliar a narrativa histórica do futebol brasileiro como estratégia de reparação de gênero e democratização da memória.

Palavras-chave: futebol feminino; memória; gênero; museologia; história do esporte.

Abstract

This chapter challenges the idea of Brazil as the “country of football” through the lens of Chimamanda Ngozi Adichie’s critique of the danger of a single story. It argues that the hegemonic, male-centered and institutionalized narrative has produced structural silences, particularly regarding women’s football. Drawing on social history, memory studies, and museology, the text examines how archival practices and preservation policies contributed to the marginalization of these experiences. By highlighting the digitization of personal collections, oral history initiatives, and the role of the Football Museum (SP) in incorporating dispersed sources, the chapter demonstrates that absence from official archives does not imply absence from history. By questioning naturalized hierarchies

and binary divisions, it proposes expanding the historical narrative of Brazilian football as a strategy for gender reparation and democratization of memory.

Keywords: women's football; memory; gender; museology; sport history.

Introdução

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie alerta para o *perigo de uma história única*, capaz de reduzir pessoas, países e culturas a uma narrativa homogênea, apagando conflitos, contradições e complexidades. “As histórias únicas criam estereótipos. E o problema dos estereótipos não é que sejam falsos, mas que são incompletos” (ADICHIE, 2019, p. 22).

No caso brasileiro, a consagrada ideia do “país do futebol” foi construída por muito tempo a partir de uma história única: masculina, institucionalizada e orientada por valores de sucesso, profissionalização e reconhecimento internacional.

Essa narrativa hegemônica produziu não apenas esquecimentos, mas silenciamentos estruturais. Entre eles, o futebol praticado por mulheres ocupa lugar central. Embora as brasileiras tenham sido oficialmente autorizadas a jogar futebol apenas em 1983, com a regulamentação da modalidade pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e pela FIFA, a prática não surge apenas nesse momento. Ao contrário, trata-se de uma experiência esportiva de longa duração, presente no Brasil desde pelo menos as primeiras décadas do século XX (Bonfim, 2023).

“A proibição do futebol feminino não eliminou a prática, mas a empurrou para a marginalidade social e simbólica” (GOELLNER, 2003, p. 41). A proibição legal do futebol de mulheres – vigente entre 1941 e 1979 – não apenas interditou a prática e o sonho de “tornar-se jogadora”, mas contribuiu para a naturalização do afastamento das mulheres desse e de outros esportes, reforçando representações sociais sobre inadequação física, moral e simbólica de seus corpos. Como argumenta Joan Scott (1995, p. 86), o gênero opera como uma categoria histórica que estrutura relações de poder quando menciona que esse gênero é um elemento constitutivo das relações

sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos; no futebol, essa estruturação produziu desigualdades materiais e simbólicas que extrapolam o campo esportivo.

Se a história não é única, então onde estão elas?

O apagamento dessa memória não pode ser entendido como simples ausência de fontes, mas como resultado de processos sociais de esquecimento. Michael Pollak demonstra que o silêncio é parte constitutiva da memória coletiva, especialmente quando determinados grupos não encontram legitimidade para inscrever suas experiências nos espaços oficiais de registro. “O silêncio não é o oposto da memória, mas um de seus componentes” (POLLAK, 1989, p. 4).

No caso do futebol brasileiro, as mulheres foram sistematicamente excluídas das narrativas nacionais, dos acervos institucionais e das políticas de preservação até bem pouco tempo atrás. Confederações e Federações de Futebol, bem como os mais distintos e centenários clubes profissionais do Brasil, negligenciaram o protagonismo de mulheres nos seus arquivos ou objetos preservados em seus memoriais e sala de troféus. Nesses locais, quando indagadas que havia a representação de brasileiras entre seus acervos, a respostas costumava ser de indiferença e estranhamento, afinal, de acordo com a perspectiva do futebol masculino, a modalidade do futebol feminino era muito “recente” e “amadora” segundo tais interlocutores.

Somente em 2015 o Museu do Futebol, em São Paulo, reconheceu institucionalmente a relevância histórica do futebol praticado por mulheres, passando a desenvolver pesquisas, exposições e ações educativas dedicadas ao tema. Esse reconhecimento tardio evidencia o papel dos museus não como espaços neutros de conservação, mas como agentes ativos na construção – e na revisão – das narrativas históricas.

As fontes sobre o futebol de mulheres existem, mas estão dispersas. Muitas vezes encontram-se nos mesmos lugares que as fontes sobre o futebol masculino – clubes, federações, entidades esportivas – no entanto

sem catalogação, registros ou sistematizações que facilitem o encontro do pesquisador com tais fontes primárias. Estão também em espaços menos institucionalizados, como arquivos pessoais, casas de ex-jogadoras, clubes sociais e de bairro, sindicatos, processos policiais, registros de teatro, circo e imprensa popular, como menciona Bonfim (2023). Essa dispersão sobre as fontes do passado impõe desafios metodológicos e museológicos significativos para o presente e o futuro.

Grande parte dessas fontes apresenta sérias desvantagens informacionais: ausência de metadados, lacunas sobre autoria, datas, contextos e trajetórias. Em muitos casos, não é possível responder às perguntas básicas da pesquisa histórica – quando, onde, como, por que e quem são essas mulheres. Soma-se a isso o comprometimento do estado de conservação, tanto de materiais físicos quanto de acervos digitais, frequentemente produzidos e preservados sem suporte técnico adequado.

A construção de uma narrativa menos deficitária da história do futebol brasileiro também exige uma revisão profunda das práticas de preservação, pesquisa e difusão do conhecimento histórico. Nesse sentido, a digitalização de coleções históricas pessoais tem se revelado uma estratégia fundamental para enfrentar desigualdades estruturais no acesso à memória e no reconhecimento de experiências historicamente marginalizadas – uma estratégia de ampliar o escopo de coleções para consulta, e pesquisar cada vez mais coleções de origens mais populares e menos exclusivamente institucionais.

As coleções históricas pessoais são constituídas por materiais mantidos por pessoas comuns, fora dos circuitos tradicionais de guarda institucional. Incluem fotografias, negativos, cartões-postais, recortes de imprensa, álbuns familiares, bem como coleções documentais compostas por ingressos, anúncios, revistas, credenciais e programas de jogos. Também abrangem coleções de materiais tridimensionais, como medalhas, troféus, bolas e outros objetos relacionados à prática e à vivência do futebol. Para além dessas características, apresentam uma curadoria própria, além de maneiras instintivas do fazer museológico.

No caso do futebol de mulheres, essas coleções pertencem a uma ampla diversidade de sujeitos: jogadoras e ex-jogadoras, trabalhadoras do esporte em contextos profissionais ou amadores, integrantes de comissões técnicas, árbitras, jornalistas, repórteres, torcedoras e torcedores, dirigentes e pessoas que, de diferentes maneiras, estiveram envolvidas com essa prática esportiva, tanto no circuito profissional quanto no amador. A multiplicidade desses perfis evidencia que o futebol de mulheres não se restringe à categoria “futebol feminino”, mas extravasa o próprio ecossistema esportivo e comunicacional do futebol brasileiro.

Atualmente, o Museu do Futebol reúne mais de 80 acervos digitais relacionados ao futebol praticado por mulheres, formados majoritariamente a partir da digitalização de arquivos pessoais e contribuições de materiais digitais cedidos ao seu Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB). Esse conjunto expressivo de fontes reforça a compreensão de que a ausência dessas histórias nos museus e nos livros não decorreu da inexistência de registros, mas da falta de políticas, metodologias e disposições institucionais, inclusive acadêmicas, voltadas à sua incorporação.

Paralelamente à formação de acervos digitais, a realização sistemática de gravações de história oral e de depoimentos jornalísticos, realizados por diferentes atores e instituições, tem desempenhado papel central na ampliação do campo de fontes dessa natureza. As próprias ferramentas disponíveis pelas redes sociais, inclusive potencializadas após a quarentena causada pelo vírus da Covid-19, uma vez que pessoas comuns, sem necessariamente o compromisso de salvaguarda, passaram a fazer gravações de *lives*, *reels* e *podcasts* no ambiente da internet.

Esses registros não se limitam a ex-jogadoras ou a protagonistas reconhecidas publicamente, mas incluem mulheres que atuaram – e atuam – como treinadoras, dirigentes, médicas, árbitras, jornalistas, fotógrafas, torcedoras organizadas e trabalhadoras invisibilizadas como protagonistas da história do futebol. Ao ampliar o espectro de depoentes, os registros de história oral, bem como a gravação singela de depoimentos orais (em vídeos ou sonoros) contribuem para romper com hierarquias tradicionais

de relevância histórica e para revelar experiências que dificilmente seriam captadas por documentos oficiais ou projetos patrocinados.

Nesse contexto, o trabalho expositivo, ou seja, de criar curadorias e expor recortes desses conjuntos documentais, assume uma função estratégica na comunicação do conhecimento e no tratamento museológico dessas fontes. As exposições não apenas tornam visíveis histórias silenciadas, como também oferecem pistas sobre a existência de fontes primárias ainda em estado bruto, passíveis de aprofundamento e disponíveis gratuitamente ao público das instituições comprometidas com a pesquisa. No caso do Museu do Futebol, trata-se de uma instituição pública que articula preservação, investigação e difusão do conhecimento como dimensões indissociáveis de sua atuação.

Além disso, cada exposição, seja ela física ou virtual, é um espaço privilegiado para a elaboração da partilha de conhecimentos complexos com públicos amplos e diversos. Ao dialogar com crianças, jovens e adultos, com pessoas de diferentes níveis de escolaridade e repertórios culturais, tais exposições permitem traduzir debates historiográficos, conceituais, de gênero, raça, classe e políticos em narrativas acessíveis, sem abrir mão da complexidade. Trata-se de uma estratégia de democratização da história, que promove o intercâmbio entre o conhecimento do passado e as questões do presente.

Os esforços de reparação histórica de gênero, especialmente no caso das mulheres do futebol, conduzem à superação de uma verdadeira barreira historiográfica que, por décadas, polarizou o esporte em uma condição binária: um futebol para homens e outro para mulheres. Essa divisão, mais do que descritiva, operou – e ainda opera – como mecanismo de exclusão, hierarquização e deslegitimação, inclusive para quem pratica o futebol com identificações outras além do binarismo proposto.

Os esportes modernos, ainda que tenham sido historicamente organizados por homens e para homens – e não para quaisquer homens –, após mais de um século de existência, encontram-se diante da possibilidade de se reinventar. A ampliação de suas narrativas históricas, necessariamente

múltiplas e não únicas, permite desfazer dicotomias artificiais e reconhecer o esporte como uma cultura viva, diversa, inclusiva e profundamente democrática. Ao tensionar seus próprios fundamentos históricos, o futebol brasileiro amplia não apenas sua memória, mas também seu horizonte de futuro.

Conclusão

“A ausência de documentos não significa ausência de história” (PORTELLI, 1997, p. 20). A ampliação das narrativas históricas sobre o futebol brasileiro, com base nas experiências das mulheres, não se configura apenas como um gesto de inclusão tardia, mas como uma operação crítica capaz de reconfigurar os próprios fundamentos da história do esporte no país. Ao tensionar a ideia de um “país do futebol” sustentado por uma história única, masculina e institucionalizada, as pesquisas sobre o futebol de mulheres revelam os mecanismos de apagamento, silenciamento e hierarquização que estruturaram tanto o campo esportivo quanto seus regimes de memória.

O reconhecimento da longa duração do futebol praticado por mulheres, anterior à sua regulamentação oficial, desloca o eixo interpretativo da institucionalidade para a experiência social. Essa mudança permite compreender o futebol não apenas como prática esportiva, mas como fenômeno cultural atravessado por disputas de gênero, classe, raça e poder narrativo. Nesse sentido, o passado das mulheres no futebol não emerge como apêndice ou exceção, mas como parte constitutiva da história social brasileira.

As estratégias de digitalização de coleções pessoais, a valorização da história oral e a atuação museológica comprometida com a pesquisa e a comunicação pública do conhecimento demonstram que as fontes primárias existem, resistiram e continuam a produzir sentidos. O desafio contemporâneo reside menos em “descobrir” essas histórias e mais em criar condições institucionais, metodológicas e éticas para que elas sejam preservadas, interpretadas e compartilhadas.

Ao assumir a multiplicidade como princípio – recusando narrativas únicas, dicotomias artificiais e hierarquias naturalizadas –, a história do futebol brasileiro amplia seu campo de inteligibilidade e se afirma como espaço legítimo de reflexão crítica sobre a sociedade. A reparação histórica de gênero, nesse contexto, não se limita a corrigir lacunas do passado, mas projeta novas possibilidades de futuro para o esporte, para a memória e para a própria escrita da História.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BONFIM, Aira Fernandes. *Futebol feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915–1941)*. São Paulo: Edição da Autora, 2023.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003.

CHAGAS, Mário. *Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática dos museus sociais*. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2002.

CONTRA-ATAQUE! As mulheres do futebol. *Museu do Futebol* – página da exposição, 2019. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/contra-ataque/>. Acesso em: 27 jan. 2006.

COOK, Terry. What is past is prologue: a history of archival ideas since 1898, and the Future Paradigm Shift. *Archivaria*, n. 43, p. 17–63, 12 feb. 1997.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ERLL, Astrid. *Memory in culture*. London: Palgrave Macmillan, 2011.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na educação física brasileira*. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Futebol e mulheres no Brasil: uma história de longa duração. *Movimento*, v. 11, n. 1, p. 21-40.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios de história oral*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente: séculos XVIII-XXI*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

Narrativas em jogo: a produção da memória coletiva no futebol brasileiro¹

Marcelo Continelli

Museu do Futebol, Brasil

Resumo

O texto discute o futebol como um dos principais organizadores de memórias, identidades e experiências coletivas no Brasil. Argumenta como o esporte estrutura repertórios compartilhados que mobilizam emoções, pertencimentos e formas de sociabilidade expressas em rituais, símbolos e práticas de torcedores. A mídia desempenha papel central nesse processo, ao ampliar a visibilidade de acontecimentos, criar narrativas emocionais e consolidar ídolos e imagens que passam a integrar o imaginário social. O texto analisa ainda como o Museu do Futebol atua na mediação dessas memórias que ativam lembranças individuais e coletivas ao longo do percurso expositivo. Por fim, aponta-se que a memória do futebol brasileiro se torna mais plural ao incorporar trajetórias antes marginalizadas, como o futebol feminino e o futebol de várzea, contribuindo para um cenário de narrativas em disputa e para a ampliação dos sentidos atribuídos ao esporte.

Palavras-chave: memória coletiva; museologia; futebol; identidade; mídia.

1 Esse texto é fruto da participação do referido autor no III Colóquio Internacional INCT Futebol, intitulado *O futebol visto pelas ciências humanas – estudos e perspectivas ibero-americanas*, ocorrido em Lisboa, Coimbra e Porto. Faz-se justo e necessário agradecer ao convite para integrar o evento à Profa. Dra. Carmen Rial, coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Estudos do Futebol Brasileiro; ao Prof. Dr. Fábio Pinto, coordenador de Eventos Internacionais INCT Futebol; e à Profa. Ma. Marília Bonas, diretora técnica do Museu do Futebol. Os agradecimentos se estendem, da mesma forma, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entidade financiadora do INCT Futebol e à IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, organização social responsável pela gestão do Museu do Futebol.

Abstract

This text examines football as a key cultural force in Brazil, shaping collective memory, identity and shared social experience. It argues that the sport organizes emotional and symbolic repertoires expressed through rituals, supporter practices and everyday sociability. Media platforms play a central role in expanding football's visibility, producing emotional narratives, circulating iconic images and reinforcing its relevance in the national imagination. The article also explores how the Football Museum mediates these memories that activate individual and collective recollections throughout the exhibition. Finally, it highlights the growing diversification of football memory in Brazil, driven by the incorporation of previously marginalized histories such as women's football and grassroots/várzea football. These incorporations contribute to a landscape of competing narratives and broaden the cultural meanings attributed to the sport.

Keywords: collective memory; museology; football; identity; media.

Contextualização

O III Colóquio Internacional *O futebol visto pelas ciências humanas – estudos e perspectivas ibero-americanas*, organizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol), reconhece o futebol como fenômeno sociocultural de destaque no contexto nacional e, portanto, cumpre um papel absolutamente importante de incentivo e divulgação das pesquisas desse esporte. Ao mobilizar uma rede de estudiosos e pesquisadores do futebol brasileiro, o INCT Futebol conecta especialistas interessados no assunto, oriundos de diferentes partes do Brasil e do exterior, com o objetivo de fomentar e disseminar os estudos da área. Assim, o INCT realiza uma ação relevante ao valorizar o futebol e o esporte como elementos de destaque na vida contemporânea, motivo pelo qual constituem tema essencial de investigação acadêmica.

A existência do INCT Futebol, e de tudo que o congrega, é reflexo de um momento interessante em que o esporte se encontra atualmente em âmbito acadêmico. Do ponto de vista do histórico da temática enquanto objeto de pesquisa, o futebol foi lido e compreendido a partir de uma visão neomarxista que analisou o esporte conectado à disciplina e à alienação,

resultado da pós-revolução industrial do século XIX que o relegou a uma atividade de lazer do tempo livre (ou do não trabalho). Tal visão, predominante nos anos 1960, 1970 e 1980, posicionou o futebol como temática de pouco prestígio de pesquisa nas áreas da comunicação e das ciências humanas. Por esse motivo, o futebol demora a se desenvolver com seriedade nos círculos acadêmicos, ainda que possa ser considerado um esporte de massa desde os anos 1940. De acordo com José Carlos Marques (2020), a tradição crítica de análise marxista segue influenciando setores da academia brasileira.²

Tendo isso em vista, o presente texto insere-se na corrente teórica que compreende o futebol como objeto de investigação legítimo e profícuo no âmbito das ciências sociais, ao mobilizar aportes analíticos e referenciais de natureza histórica e sociológica e, no caso específico deste estudo, ao incorporar também as contribuições e metodologias próprias da museologia aplicada.

Este artigo está organizado em seis pontos que delineiam o percurso histórico de desenvolvimento do futebol e os elementos que sustentaram a constituição de uma memória coletiva sobre sua trajetória. Parte-se de uma abordagem da sociologia da memória e avança-se pelas noções de identidade, pertencimento e experiência social, a fim de compreender de que modo a exposição de longa duração do Museu do Futebol mobiliza esses referenciais para estabelecer uma conexão afetiva com seus públicos. O texto se encerra com uma reflexão sobre o legado de memória do futebol construído até o momento.

2 “A linguagem e o nível de complexidade do esporte permitem esse tipo de fácil acesso ao seu universo, não fechando suas portas nem aos informantes (jornalistas) nem aos informados. [...] Ao contrário de outros setores, como a economia e a política, onde não se permite às massas o acesso aos seus “bastidores”, no esporte isso é utilizado quase que de maneira compensatória” (Freitas Filho, 1985, *apud* Marques, 2020, p. 410).

Perspectivas sobre a memória coletiva e o futebol

Para a finalidade desse trabalho, as reflexões pioneiras feitas por Maurice Halbwachs no campo da sociologia da memória dialogam de maneira direta e objetiva com o que se propõe discutir aqui. O seu trabalho, *A memória coletiva*, publicado postumamente em 1950, apresenta a memória coletiva como tema fundamental dos processos históricos, ao mesmo tempo que fornece vitalidade para objetos culturais e preserva o valor do passado para grupos sociais: “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (Halbwachs, 1990, p. 16).

Halbwachs (1990) estrutura a memória coletiva a partir de quatro referenciais que dão subsídios para a relação que se busca estabelecer aqui. O primeiro deles são os eventos em grupo que, segundo ele, são as lembranças dos acontecimentos e experiências que se encontram no primeiro plano da memória de um grupo e que dizem respeito ao maior número de seus membros.³ Nesse sentido, a memória destaca os acontecimentos que se referem à maior parte do grupo. O segundo deles são os pensamentos inspirados, ou como ele mesmo intitula “a lembrança individual como limite das interferências coletivas” (Halbwachs, 1990, p. 31). Nesse caso, ocorre

3 Interessante observar que Halbwachs também aponta sobre as lembranças que dizem respeito a um número pequeno de pessoas do grupo ou mesmo de apenas uma pessoa. Para ele, tais lembranças, diferentes daquelas que são compartilhadas por muitas pessoas, ficam no último plano da memória (Halbwachs, 1990, p. 31). O mesmo vale, no âmbito do esquecimento, quando a relação com determinado grupo é efêmera ou fraca: há a possibilidade de, individualmente, o membro de um grupo não se lembrar de fatos e detalhes de um acontecimento em específico, ao mesmo tempo que outros membros do grupo conseguem recordar com exatidão os ocorridos: “De um modo talvez menos brusco e brutal, na ausência de perturbações patológicas quaisquer, pouco a pouco nos distanciamos e nos isolamos de certos meios que não nos esquecem, mas de que conservamos apenas uma lembrança vaga. Podemos definir ainda em termos gerais os grupos com os quais nos relacionamos. Mas não nos interessam mais, porque no presente tudo nos afasta deles” (Halbwachs, 1990, p. 21).

a atribuição das lembranças à individualidade, reconhecendo que parte delas de fato são oriundas do indivíduo, mas inspiradas pelo grupo. Há uma vibração da memória que se encontra tão alinhada com os membros do grupo a ponto de se perder de onde partiu sua origem, se do indivíduo ou do próprio grupo. O mais interessante, nesse aspecto, é que Halbwachs (1990) apresenta como exemplo desse processo a possibilidade de tomarmos como nossa e com total convicção opiniões que podem ter sido tiradas de um jornal, um livro ou uma conversa. O terceiro deles são os pontos de vista individuais. Para o autor, a memória individual constitui-se como um ponto de vista da memória coletiva, que eventualmente se transforma de acordo com o contexto e que, esse mesmo contexto, também muda a partir das relações que são estabelecidas. Com isso, a memória coletiva obtém sua força e longevidade do fato de se apoiar em um conjunto de indivíduos que exercem suas lembranças enquanto membros do grupo. Por último, a própria ideia de impressões compartilhadas, cujo conceito parte da noção de que a confiança na exatidão da memória será maior quando a evocação se apoia não apenas na lembrança individual, mas também na dos outros (Halbwachs, 1990). Dessa maneira, os elementos destacados pelo intelectual francês para a elaboração da memória coletiva, quais sejam, os eventos vividos em grupo, as lembranças individuais moldadas pela convivência, os pontos de vista que se articulam em relação ao coletivo e as impressões compartilhadas que reforçam a confiança na recordação, encontram plena correspondência nas práticas sociais que se estruturam em torno do futebol, como se verá a seguir.

A constituição de uma memória coletiva vinculada ao futebol pode ser situada historicamente no momento em que as ligas municipais passaram a se estruturar e os campeonatos estaduais foram organizados, processo que fomentou a emergência de quatro comportamentos compartilhados em diferentes localidades: o hábito de frequentar os estádios para torcer por uma equipe; o costume de comentar os jogos com colegas; a prática de rememorar lances decisivos das partidas; e a eleição dos ídolos que se destacavam em campo (Proni, 2000). Essa perspectiva encontra respaldo na

reflexão de Roberto DaMatta, para quem existe uma sabedoria específica associada ao universo esportivo capaz de acionar uma “memória extraordinária”, abrangendo jogadas, resultados e personagens marcantes de cada confronto (DaMatta, 2004). No mesmo sentido, Armando Nogueira enfatiza que o futebol se distingue de outras modalidades porque alimenta controvérsias que extrapolam os 90 minutos de jogo; as discussões se estendem às mesas-redondas de rádio e televisão, aos bares, às páginas dos jornais e ao ambiente de trabalho, configurando um circuito ampliado de circulação de narrativas e interpretações (Proni, 2000).

No âmbito do imaginário popular, o futebol produz marcas duradouras a partir das emoções mobilizadas tanto pelas vitórias quanto pelas derrotas, já que, em relação às primeiras, prevalece uma dimensão de espetacularidade, ao passo que, nas segundas, sobressai uma forte carga de dramaticidade (Marques, 2020). Essa relação entre experiência afetiva e elaboração mnemônica é amplamente reconhecida pelas ciências cognitivas, que demonstram como a emoção atua no fortalecimento da memória de longa duração, de modo que “as experiências dotadas de maior componente emocional serão mais bem consolidadas e rememoradas pelo sujeito [...]” (Bezerra; Gusmão; Fermoseli, 2017, p. 65).

No plano coletivo – particularmente no universo das torcidas – consolidou-se um repertório simbólico que reforça a identificação grupal, composto por uniformes, hinos, bandeiras e, como já mencionado, pelos próprios comportamentos associados ao “ser torcedor” (DaMatta, 2004, p. 32). Esse conjunto de práticas, códigos e rituais contribui para a sedimentação de uma memória compartilhada, na qual elementos afetivos, sociais e culturais se articulam para produzir sentidos duradouros sobre a experiência futebolística.

Futebol, identidade e pertencimento

Para se compreender a relação entre futebol e pertencimento coletivo, é necessário regressar à década de 1930, momento em que o esporte está

se profissionalizando⁴ e é compreendido como manifestação cultural pela rapidez e abrangência com que se desenvolvia. Marcelo Proni aponta que o futebol foi apropriado tanto por governantes quanto por intelectuais do período, com o objetivo de buscar uma resolução para a questão do choque de valores oriunda da revolução de 1930, que colocou modernistas e tradicionalistas em confronto. Nesse contexto, o futebol foi classificado como “portador de uma identidade nacional” e necessitava de organização, regramento e estímulo (Proni, 2000, p. 117). Dessa ideia, parte a demanda de alinhar a figura do esportista como o novo herói, aquele ligado agora à metrópole moderna, uma vez que a popularização do futebol fez com que a prática do esporte se tornasse um locus de valorização da masculinidade⁵ e da virilidade (Proni, 2000).

Os ídolos, escolhidos pelos torcedores, assumem esse papel heroico e se constituem como elemento importante da identificação coletiva (Helal, 1997).

Do ponto de vista global, Hobsbawm, por sua vez, classifica a Copa do Mundo de 1930 como o momento em que o futebol se tornou verdadeiramente universal, ao reconhecer que o mundo havia tomado o esporte como seu, resultante da presença massiva dos britânicos no globo, que introduziram os clubes com nomes de empresas do seu local de origem ou compostos por expatriados britânicos. Para ele, a elegância e a simplicidade do esporte, aliadas às regras simples e à ausência de equipamentos, somadas à

4 Proni também afirma que, ainda que a profissionalização tenha representado uma abertura importante de portas, isso não se estendeu à emancipação das pessoas pretas (Proni, 2000, p. 118).

5 Édison Gastaldo, em seu texto *O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares* (2011) recupera um termo utilizado por Carmen Rial referente ao tipo de sociabilidade que os torcedores homens exercem como performance na interação com outros homens a partir de cenários de provocação, desafios e piadas na reação de um resultado de partida, especialmente as derrotas, denominado como “homossociabilidade” (Gastaldo, 2011, p. 152). Dessa forma, a afirmação da masculinidade e da virilidade se estende também aos torcedores, de modo particular, os homens, em uma dramaticidade teatral que se constitui e se reforça a cada experiência coletiva que participam.

possibilidade de prática em espaços abertos razoavelmente planos fizeram com que o futebol ganhasse merecido espaço no planeta (Hobsbawm, 1995). DaMatta reafirma esses pontos ao comparar o futebol com o basquete e com o futebol americano: em relação ao primeiro, não é necessário que os jogadores apresentem altas estaturas ou uma constituição física predefinida; ao passo que, em relação ao segundo, a ausência de capacete, ombreiras, protetor bucal e uma série de acolchoados ao longo do corpo reforçam o viés democrático que o futebol assume, uma vez que a bola está presa ao chão (DaMatta, 2004). DaMatta converge, da mesma forma, com a análise de Hobsbawm ao destacar que a força social do futebol também reside na simplicidade e na facilidade de compreensão de suas regras, bem como no fato de que tais normas são conhecidas previamente e preservadas ao longo da partida. Essa previsibilidade normativa, ao estabelecer um quadro regulatório estável e compartilhado, confere ao jogo um caráter horizontal entre os participantes, de modo que todos se submetem às mesmas condições de disputa. Por consequência, o futebol adquire um traço intrinsecamente democrático, na medida em que a igualdade formal perante as regras constitui um princípio estruturante de sua prática (DaMatta, 2004).

Do ponto de vista das agremiações, a questão da identidade tem relação direta com a modernidade uma vez que os nomes dos clubes, no contexto britânico, apresentavam de maneira enfática a relação com a cidade e sua dimensão associativa, como *United*, por exemplo, ou faziam referência à questão da mobilidade geográfica ainda presente no período, como é o caso de *Wanderers*, *Rovers*, *Rangers* (Giulianotti, 2002). Nesse sentido, os clubes acabavam se constituindo como um dos elementos da modernidade que emulavam a vida europeia, uma vez que a sua propagação se dá no contexto das mudanças complexas advindas da revolução industrial, da edificação dos estados nacionais além do fluxo migratório da Europa para a América do Sul. No contexto sul-americano, os clubes também desempenharam um papel central na articulação de identidades coletivas, operando como núcleos simbólicos de referência para as comunidades de imigrantes. Assim como ocorria no cenário europeu analisado por Giulianotti (2002),

em que a nomenclatura das agremiações expressava vínculos diretos com a cidade, a mobilidade ou o associativismo, os clubes criados por diferentes grupos nacionais na América do Sul funcionavam como extensões culturais da pátria-mãe, preservando a língua, os costumes e as tradições trazidas do país de origem. Dessa forma, tais agremiações não apenas salvaguardavam um sentido de continuidade comunitária, mas também estabeleciam uma correspondência simbólica entre a estrutura do clube e a noção de nação ou de identidade local, articulando, em seu interior, elementos próprios das experiências migratórias e dos processos de formação social no continente⁶ (Hollanda, 2004). Tal relação direta com a nação fomentou o surgimento de exemplos de heroísmo e histórias míticas que passaram a integrar as histórias de origem dos próprios clubes, transformando-os em um “indivíduo coletivo” (Hollanda, 2004). Ary José Rocco Jr. contribui com esse aspecto ao dizer: “O futebol se converteu, então, em um elemento útil para estimular a integração simbólica, tão necessária para a conformação das identidades que estão na base dessas comunidades imaginadas que são as nações” (Rocco Jr., 2005, p. 180).

Por fim, no contexto brasileiro, a associação que foi realizada com o estado-nação⁷ remete diretamente para a concepção de identidade nacional surgida na década de 1930, resultado do processo de industrialização e urbanização do Brasil (Hollanda, 2004).

6 Arlei Sander Damo, em sua tese de doutorado, buscar realizar uma distinção entre o torcer e o pertencer. Para ele, são ações diferentes: “a ideia do pertencimento clubístico serviu para especificar um segmento de público militante e emocionalmente engajado a ponto de estender as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele. Pertencer se refere a uma modalidade de envolvimento que é, ao mesmo tempo intensa e ilusória” (Damo, 2005, p. 66).

7 Proni, por sua vez, ressalta que o pertencimento clubístico incentiva o desejo do compartilhamento de códigos, valores e costumes com um grupo em comum. Nesse sentido, a torcida se transforma no lugar de expressão de sentimentos e emoções, configurando-se com o *status* de nação, pois se reconhecem mutuamente e colocam em prática uma dialética do evento do jogo (Proni, 2000, p. 130).

Experiência social e emoção

No Brasil, o futebol mobiliza um amplo espectro de emoções, configurando-se como um espetáculo dotado de forte dimensão performativa. Sua estrutura narrativa permite o acesso do homem comum a diferentes regimes expressivos que emulam sentimentos e experiências coletivas: o drama, centrado na intensidade dos conflitos; a comédia, que incorpora o riso e a leveza como formas de sociabilidade; a fantasia, sustentada pela elaboração imaginativa de feitos extraordinários; e o suspense, marcado pela tensão, pelo mistério e pela expectativa que permeiam o desenrolar das partidas. (Proni, 2000). Nesse sentido, o futebol se apresenta como um campo privilegiado de elaboração simbólica, no qual emoções diversas se articulam para produzir significados compartilhados na cultura brasileira.⁸

Sendo um teatro elaborado tal como se apresentou, cabe a comparação interessante realizada por Arlei Sander Damo, em sua tese de doutoramento. Para ele, o futebol pode ser apreendido como configuração social singular, pois seus três principais agentes, quais sejam, os futebolistas, o futebol de espetáculo e os torcedores devem ser constituídos como “produtos e produtores de uma trama social e simbólica” (Damo, 2005, p. 30). Ao assumir o futebol como espetáculo, Damo busca uma equiparação de apreciação estética das artes plásticas ao relacionar os artistas, a obra e o público com os jogadores, os jogos e os torcedores, respectivamente. A admiração do espetáculo depende desses três agentes envolvidos. Já no âmbito performativo, por sua vez, há uma diferença de contextos entre aquele futebol praticado nos estádios e, por conseguinte, com o *status* de espetáculo, e aquele praticado por crianças na rua: enquanto no primeiro há uma demanda de atores bem preparados, no segundo, não. No entanto, ambos

8 Anatol Rosenfeld vai mais longe: “O futebol é uma expressão simbólica de energias primitivas, até destruidoras: é sua representação organizada. [...] o futebol leva a uma catarse das massas, a uma descarga do ser animal [...] e a uma sublimação de tensões que, como se mostrou, contam, no Brasil, com uma abundância extraordinária de pontos de cristalização e condensação” (Rosenfeld, 2020, p. 105-106).

possuem em comum o fato de que irão entregar performances que não poderão ser reproduzidas e nem ensaiadas e são, portanto, únicas (Damo, 2005). Nesse sentido, ainda que o futebol exija estrutura para se classificar como espetáculo, o esporte é, em sua essência, performativo da mesma maneira e, não por isso, deixa também de mobilizar emoções.

Dessa maneira, mais do que um fenômeno esportivo ou cultural, o futebol configura-se como uma forma de organização da experiência coletiva, capaz de condensar sensibilidades, produzir significados compartilhados e sustentar sociabilidades específicas. Importa reconhecer, contudo, que parte decisiva dessa configuração resulta dos processos de espetacularização fomentados pela mídia, cuja apropriação estratégica desse repertório emocional ampliou a visibilidade do futebol e o consolidou como produto cultural e comercial. Ao transformar emoções em narrativa e consumo, os meios de comunicação contribuíram para intensificar a dimensão pública do esporte, reforçando tanto seu alcance simbólico quanto sua centralidade no imaginário social brasileiro.⁹ Cabe ressaltar como a mídia especializada atuou como ferramenta de reforço do nacionalismo, propagando ideais de sentimentos de amor desinteressado pelas cores das camisas da seleção nacional (Rocco Jr., 2005).

A mídia como formadora de memória

“Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo.” É com esse bordão que o famoso locutor de rádio Fiori Gigliotti iniciava as suas transmissões de rádio.

9 Arlei Sander Damo aponta que “A compreensão do futebol como espetáculo deveria considerar, em quaisquer de suas variantes teóricas e metodológicas, a possibilidade de articular ao menos quatro processos que o caracterizam—no [...]: a) a constituição do público, que demarca—o enquanto espetáculo, incluindo—se a sensibilidade dos torcedores (como, por que e por quem excitam—se?); b) os dispositivos usados na preparação dos profissionais do e para o espetáculo [...]; c) a mediação especializada que, além da comunicação entre os profissionais propriamente ditos e o público, recria o espetáculo; d) as agências e os agentes que controlam política, administrativa e economicamente esta matriz futebolística, desde os clubes até a FIFA—IB, passando pelas interseções com o Estado, frequentes em toda a parte” (Damo, 2005, p. 41).

A alusão clara às cortinas do teatro e a menção explícita ao espetacular configuram exatamente os elementos dos quais se valeu a mídia para encampar o futebol enquanto produto mercadológico e palco de emoções.

Valendo-se exatamente do grande interesse que o esporte causava na audiência de modo geral, os veículos de comunicação se utilizaram desse produto para formatar uma relação muito específica de produtos e consumidores. José Carlos Marques fala de uma relação simbiótica entre o futebol e a imprensa brasileira: para ele, à medida que os eventos esportivos ocupam espaço privilegiado nas coberturas de jornais, rádio e TV, é a visibilidade midiática responsável por expandir o alcance do esporte, ampliando a audiência, estimulando o interesse público e criando uma demanda contínua por novos eventos, partidas e competições (Marques, 2020, p. 423). Nesse sentido, ao promover campeonatos, divulgar resultados e elaborar narrativas em torno de clubes, atletas e bastidores, os meios de comunicação posicionam o futebol enquanto conteúdo estratégico com potência de atração de leitores, ouvintes e telespectadores, fortalecendo sua lógica comercial.¹⁰

Por outro lado, a imprensa cumpre um papel não apenas de comunicação, mas de instituição do futebol enquanto fenômeno social, dando ao esporte relevância e formatando a maneira como é percebido pela sociedade. Esse movimento, resultado de uma monocultura esportiva que prevaleceu nos meios de comunicação por muito tempo, é fruto das parcerias das emissoras de TV com as entidades organizadoras do esporte que fez com que, por conta dos direitos de transmissão adquiridos dos campeonatos, a modalidade assumisse uma “hegemonia midiática” e ditasse a maneira como o fato esportivo fosse abordado nos programas de televisão (Marques, 2020, p. 420).

10 No processo de divulgação das partidas e dos campeonatos, a mídia também realiza a publicização indireta das entidades organizadoras e de seus patrocinadores (Marques, 2020, p. 423), reforçando ainda mais o caráter comercial do espetáculo esportivo.

É interessante observar, nesse sentido, como a imprensa também se tornou responsável pela projeção dos ídolos e dos eventos esportivos de maneira abertamente parcial, buscando a vinculação emocional do público a partir de narrativas que folclorizam os atores do futebol com o objetivo de construir imagens e hipóteses de seus acontecimentos. Isso não se dá por acaso. Uma vez que os atores brasileiros passam a integrar campanhas vitoriosas nos campeonatos, o trabalho desenvolvido pela imprensa ganha maior destaque, ensejando a produção de conteúdos em torno do campeonato, dos ídolos ou do próprio time. Não à toa, a parcialidade adotada a favor da seleção brasileira ou do time brasileiro que disputa um torneio internacional está alinhada a esta cobertura esportiva presa à campanha dos atletas ou a equipes nacionais:

Trata-se de um procedimento de anestesia coletiva, na qual as equipes brasileiras costumam ser cantadas e decantadas em verso e prosa por agentes midiáticos sempre que o início de uma competição se aproxima e logo que ela tem início (Marques, 2020, p. 420).

Exatamente sob o aspecto da mobilização nacional que: “A fusão de nacionalismo e futebol na indústria ‘mass-mediática’ permitiu aos meios de comunicação aumentarem a sua audiência e aos patrocinadores o aumento de suas vendas” (Rocco Jr., 2005, p. 180). Soma-se a isso o fato de as narrações, tanto pela TV quanto pelo rádio, recorrerem fortemente ao apelo emocional, principalmente nos grandes eventos, de modo particular a Copa do Mundo. Nessas oportunidades, tendo em vista o alto investimento não apenas nos direitos de transmissão, mas também em toda a infraestrutura de equipe e equipamentos para a exibição das partidas, os agentes midiáticos convergem para a narrativa da busca heroica pela taça. Esse relato foca na jornada de enfrentamentos com os adversários, visando sagrar a seleção brasileira campeã mundial mais uma vez.

Entendendo, por outro lado, a mobilização da própria torcida em torno das Copas, a mídia lança mão de dispositivos de captação de atenção

para engajar cada vez mais os telespectadores, tais como: vinhetas e chamadas especiais; quadros temáticos em telejornais e em programas esportivos; transmissões personalizadas centradas em histórias individuais de jogadores e suas trajetórias familiares, buscando identificação afetiva; grafismos e recursos visuais como tabelas interativas, simulações táticas, mapas de calor e outras estatísticas; interação direta com o espectador por meio de *hashtags*, enquetes e votações ao vivo, fazendo com que o público se sinta parte dessa programação e também coprodutor de seus conteúdos; séries documentais e minidocumentários que abrem a possibilidade de aprofundamento paralelo de histórias emocionantes e depoimentos exclusivos, complementando a transmissão tradicional; e, por último, as inserções publicitárias tematizadas que desenvolvem campanhas comerciais associando as marcas ao patriotismo e à emoção do evento, mantendo o torcedor/cliente imerso no clima de Copa.

Além disso, eventos como a Copa do Mundo são caros para se testemunhar presencialmente, e a televisão passa a ser o principal meio de se acompanhar o campeonato. Ary José Rocco Jr. traz uma contribuição interessante nesse sentido: em um estádio de futebol, duas pessoas não assistem ao mesmo jogo, exatamente porque não ocupam o mesmo lugar dentro da arena e, portanto, somam visão distintas da partida. Pela televisão, o jogo é exatamente o mesmo para todos os espectadores (Rocco Jr., 2005). Assim, a memória criada a partir da televisão não compartilha apenas os momentos marcantes; são precisamente as mesmas imagens que circulam na lembrança, aumentando exponencialmente o compartilhamento de referências visuais e afetivas entre os espectadores.

Com isso, a mídia ampliada acaba por exercer um papel fundamental de criação de signos compartilhados que não se prendem apenas ao tempo cronológico do evento futebolístico. Tais referências consolidam afetos, símbolos e episódios no imaginário social, de modo que os eventos esportivos passam a integrar o repertório de lembranças em comum que podem ser reconstruídas a cada edição.

O museu opera a memória coletiva do futebol

Inaugurado em 29 de setembro de 2008, o Museu do Futebol e sua exposição principal possuem uma linguagem predominantemente audiovisual e fortemente apoiada em recursos tecnológicos. O projeto museográfico assumiu um caráter inovador ao propor uma abordagem que articula pesquisa, comunicação e preservação do patrimônio futebolístico. Nesse sentido, o Museu do Futebol inaugurou no país uma perspectiva expositiva orientada pela experiência do visitante, elemento que se consolidou como diferencial estruturante de todo o circuito. O acervo museológico da instituição caracteriza-se majoritariamente por itens de natureza digital, incluindo materiais audiovisuais, fotográficos, textuais e iconográficos, provenientes tanto da produção interna do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) quanto de contribuições de terceiros. No caso destas últimas, a incorporação dos itens requer formalização de autorização, por meio de licença ou de cessão. A política de aquisição contempla tanto a produção quanto o recebimento de conteúdo para o acervo, sendo que os materiais textuais integram especificamente a Biblioteca do CRFB. Dessa forma, a constituição do acervo reflete a vocação contemporânea do museu, fundada na articulação entre memória, tecnologia e práticas documentais voltadas à salvaguarda da cultura futebolística (Museu do Futebol, 2021, p. 19-20).

Recentemente, sua exposição de longa duração passou por um intenso processo de renovação, que se configurou de maneira institucional transversal, planejado com base em avaliações internas e externas e pactuado no contrato de gestão e que redefiniu premissas curatoriais e operacionais do circuito expositivo. O percurso, com cerca de dois anos e meio, dos primeiros exercícios curatoriais à reabertura, resultou na ampliação da representatividade (com centralidade para o futebol de mulheres e o protagonismo negro), na atualização tecnológica dos suportes, na criação de recursos de acessibilidade multissensoriais e na revisão de salas e módulos, sem romper com a identidade sensorial do museu. Mais do que uma

intervenção de infraestrutura, a atualização mobilizou todos os núcleos do museu, reforçando a ideia de exposição como processo contínuo de preservação e comunicação e consolidando diretrizes que já vinham sendo formuladas desde o *Plano museológico 2021/2025* (Museu do Futebol, 2021), centradas no uso de recursos audiovisuais e digitais, na experiência do visitante e na articulação entre pesquisa, preservação e comunicação.

O Museu do Futebol foi instalado no avesso da arquibancada norte do Estádio do Pacaembu, agora sob gestão privada, com o claro objetivo de integração com um local que é repositório de memória do futebol brasileiro. Inaugurado em pleno Estado Novo, com a presença de Getúlio Vargas, o Pacaembu foi tombado pela prefeitura e pelo estado de São Paulo, de modo a preservar as características originais de sua fachada:

Por ser um local de memória do futebol brasileiro, o museu ali se agrega a outras camadas de interpretação e significado, o que se evidencia pela escolha do conceito de arquitetura brutalista, que, ao deixar à mostra as estruturas das arquibancadas do estádio, procura trabalhar um olhar sobre o futebol que alcance para além do aparente, procurando revelar aspectos subjacentes ao tema (Museu do Futebol, 2021, p. 16-17).

O Estádio do Pacaembu, onde se localiza o Museu do Futebol, é, por excelência, um lugar de memória. Pierre Nora (1993) define o lugar de memória como aquele que carrega três dimensões: a material, a simbólica e a funcional. Enquanto artefato urbano e arquitetônico, a materialidade do estádio persiste como suporte tangível de rememoração; no plano simbólico, o Pacaembu articula experiências afetivas e narrativas de modernização e identidade nacional que o excedem como simples arena; e, quanto à funcionalidade, mais do que abrigar eventos esportivos, ativa rituais, práticas e dispositivos que mantêm e renovam a memória social do futebol. A própria instalação do museu dentro do estádio é representativa desse processo de manutenção da memória do esporte.

Entre as quinze salas temáticas que compõem a exposição de longa duração do Museu do Futebol, sete foram selecionadas para a análise, por constituírem os pontos em que a narrativa expositiva mais claramente articula os elementos da memória coletiva do futebol apresentados ao longo deste estudo.

A primeira é a Grande Área, *hall* de entrada que reúne 487 imagens de origens diversas: flâmulas, bonecos, *pins*, discos, selos, entre outros, materializando a paixão do torcedor por seu clube em um conjunto de símbolos concretos de vínculo. Essa configuração dialoga diretamente com a noção de pertencimento clubístico, ao ancorar códigos compartilhados por um mesmo grupo de pessoas. Em termos curatoriais, opera-se aqui uma “musealização do pertencimento”: o arranjo iconográfico evoca de imediato a busca do visitante pelo emblema do próprio clube, ativando reconhecimentos afetivos e memórias partilhadas.

A segunda é a sala Pé na Bola, que apresenta uma videoarte organizada em seis televisores com pés infanto-juvenis jogando em solos variados (tais como rua, grama, praia, terra batida, entre outros), sem áudio, sugerindo que “tudo é campo” e que o jogo nasce nos pés das crianças, dando ênfase à acessibilidade e à simplicidade do jogar futebol. Paulo Henrique do Nascimento dialoga com essa proposição ao afirmar que:

Ao utilizar-se do espaço público para se realizar, o futebol produz uma série de memórias, que marcam e demarcam as lembranças das pessoas, transformando assim o futebol em um intenso marcador de tempo e de memória, não só de cada indivíduo como também do coletivo (Nascimento, 2014, p. 39).

Aqui, a prática amplamente difundida no país de se jogar “peladas” ou “jogar na rua” (ao se referir a ambientes externos que não quadras de futebol) remete diretamente ao viés democrático e à horizontalidade de normas que o esporte possui, possibilitando sua prática em qualquer espaço, dando acesso às crianças e adolescentes numa dimensão de experiência precoce com o futebol e fecundando memórias de longa duração.

A terceira é a sala Anjos Barrocos. Onze telas com projeções de 29 jogadores e jogadoras (em tamanho natural) que passaram pela seleção brasileira e um som ambiente com batuques transformam a atmosfera da sala em um local de santificação desses personagens, quais sejam, Bebeto, Carlos Alberto, Didi, Djalma Santos, Falcão, Garrincha, Gerson, Gilmar, Jairzinho, Julinho Botelho, Nilton Santos, Pelé, Rivaldo, Rivelino, Roberto Carlos, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Sócrates, Taffarel, Tostão, Vavá, Zagallo, Zico, Zizinho, Marta, Sissi, Cristiane e Formiga. Estas últimas, adicionadas na renovação:

As fotografias originais foram tratadas e recortadas, de modo que a projeção tomasse apenas o corpo do jogador, sem os elementos que sugerem os contextos de onde a imagem foi tirada. As cores foram uniformizadas em tons de azul (duotone azul). Esse tratamento visou criar um ambiente em que o jogador é “santificado”, tal como as representações de anjos no movimento artístico conhecido como Barroco, marcado, entre outras coisas, pelo rebuscamento das formas. A beleza e sinuosidade dos movimentos de cada jogador em ação remetem a isso. Daí o nome da sala ser Anjos Barrocos (Museu do Futebol, 2008, p. 5).

A canonização museal do ídolo, ao reforçar a dimensão de idolatria atribuída aos jogadores, atua como um marcador de memória. Isso porque integra o próprio ritual do torcedor, que elege craques e os transforma em referências simbólicas de seu time ou da seleção nacional, fortalecendo o sentimento de pertencimento e mobilizando personagens que sustentam narrativas coletivamente compartilhadas.

A quarta é a sala Rádios, que apresenta quinze trechos de narrações de locutores esportivos que marcaram época entre 1934 e 2006. São eles: Antonio Cordeiro, Armando Pamplona, Ary Barroso, Edson Leite, Fiori Gigliotti, Gagliano Neto, Geraldo José de Almeida, Jorge Cury, José Carlos de Araújo, José Silvério, Oduvaldo Cozzi, Osmar Santos, Pedro Luiz, Rebello Jr. e Waldir Amaral. Nove cabines possibilitam ao visitante acessar cada uma das narrações por meio de um dial. Em cada cabine, além do áudio, uma

tela apresenta o *lettering* animado com a transcrição das locuções. Tal como acontece com a TV, o rádio possui a capacidade de unificar lembranças a partir da memória em comum da voz e dos bordões dos narradores radiofônicos. Nesse sentido, o ato da escuta, ainda que seja totalmente individual, opera uma cadeia de memória coletiva, uma vez que um grupo grande acessa a mesma narração, estabelecendo uma unificação do quadro social da memória por meio de um suporte comum. Os bordões, de modo especial, mobilizam repertórios simbólicos compartilhados, que dizem menos respeito ao conteúdo da partida e mais sobre como as partidas são narradas. Conjugam-se a isso o tom de emoção que os narradores imprimem nas locuções, visando, exatamente, o engajamento da audiência em uma tentativa de transparecer, pela voz, as sensações daquilo que está sendo observado ao vivo, reforçando o aspecto dramático das narrações. Não é incomum, ainda hoje em dia, que torcedores presentes no estádio de futebol carreguem um rádio para acompanhar as narrações em detalhes e com emoção.

A quinta sala é a Exaltação. Esta sala se aproveita das estruturas de sustentação do estádio para exibir, em sete telões, imagens e sons de torcidas de 30 clubes brasileiros: América-RN, Atlético Mineiro, Atlético Paranaense, Bahia, Botafogo, Ceará, Corinthians, Coritiba, Cruzeiro, Figueirense, Flamengo, Fluminense, Fortaleza, Goiás, Grêmio, Guarani, Internacional, Náutico, Palmeiras, Paraná, Paysandu, Ponte Preta, Portuguesa, Remo, Santa Cruz, Santos, São Paulo, Sport, Vasco e Vitória. Arquitetonicamente falando, é uma sala de grande impacto (visual e sonoro) para os visitantes, à medida que é possível adentrar uma área do estádio que não se encontra às vistas e que, somada ao volume alto dos gritos, hinos e batuques das torcidas ali representadas, projeta uma experiência semelhante à de estar presente em um estádio de futebol. No âmbito da ativação da memória, a sala atua com dispositivos de uma sociabilidade performativa que se dá dentro dos estádios de futebol, ativando repertórios simbólicos em comum do ato de torcer¹¹: os uniformes da torcida, seus hinos, ritos e bandeiras, tal como

11 Ato esse que, nos estádios de futebol, é coletivo por excelência.

já defendido por DaMatta. Em termos de experiência do visitante, a sala articula uma imersão audiovisual com a massa sonora e a verticalidade do próprio espaço para recrutar sensações do corpo torcedor, a fim de reforçar traços de uma memória sinestésica do ato de torcer nos estádios. Há ainda uma amplificação do pertencimento clubístico, aberto na Grande Área, que se consolida com a apreciação das torcidas em ação representadas na sala.

A sexta sala é a Rito de Passagem. Inserida em um contêiner com um telão ao fundo, possui entrada e saída fechadas com cortinas para abafar o som e bloquear a luz com o objetivo de imergir o público no vídeo que,

[...] acompanhado pelo som de batidas de coração, retrata um dos momentos mais trágicos e silenciosos que já houve nesse país nas últimas décadas: a derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1950, no Maracanã, diante do Uruguai (Museu do Futebol, 2008, p. 18).

A narração feita por Arnaldo Antunes agrega ainda mais densidade ao momento retratado na sala. Na proposta dessa sala, a emoção está em primeiro plano: há suspense, drama e derrota juntos. Do ponto de vista mnemônico, Rito de Passagem funciona como rememoração e potencialização do lugar da memória de longa duração. A derrota de 1950 foi acompanhada no rádio pelo país inteiro e por mais de 200 mil torcedores no Estádio do Maracanã, causando grande impacto na torcida brasileira e marcando seu lugar na história do futebol no Brasil. Inegável lembrar como Halbwachs (1990) trabalha esse aspecto: trata-se de um evento compartilhado por um grande grupo de pessoas no qual a memória do acontecimento é passível de recordação em conjunto. Assim, ao sincronizar as percepções do evento em um mesmo dispositivo, o visitante participa do silêncio de 1950 e se inscreve na memória coletiva, ainda que não tenha sido testemunha ocular do fato. Nesse sentido, é importante considerar que a memória coletiva também se organiza por perdas e lutos. Se, de um lado, Grande Área e Exaltação ativam o pertencimento do visitante por meio da celebração e da festa, Rito de Passagem compartilha a tristeza de uma derrota. Nesse caso, a emoção que emerge do evento também é socializada entre seus partícipes.

A sétima sala é Copas do Mundo. Organizada com um percurso em nove totens (estruturas metálicas em formato de troféu), inclui vídeos sobre cada edição e trilhas sonoras que ambientam a época. Os totens articulam informações esportivas (competição, lances, personagens) bem como contextos político-sociais e culturais (Brasil e mundo), deixando explícito que a memória das Copas excede o campeonato e se ancora em referências que circulam socialmente. Ao associar cada edição a imagens de marcos históricos da época, os eventos das Copas passam a ativar uma memória que não se circunscreve apenas ao campeonato, mas a um *zeitgeist*¹² de cada período. Desse modo, os fatos são lembrados com o grupo e pelo grupo, ativando um mecanismo potente de autoidentificação do visitante, que reconhece, nessas imagens, acontecimentos que testemunhou no momento em que ocorreram. Essa reatualização do passado é ainda mais intensa diante de episódios de grande impacto público, como a morte do piloto Ayrton Senna, que se inscrevem de maneira profunda no repertório emocional e na memória coletiva do país. Além disso, “completando o conteúdo, há trechos de músicas que marcam as épocas que sonorizam cada estrutura” (Museu do Futebol, 2008, p. 19); dessa maneira, reforçam ancoragens afetivas que atuam como gatilhos de memória, fortalecendo a durabilidade da lembrança.

Por uma memória mais diversa do futebol brasileiro

É inegável que, na história do futebol brasileiro, a modalidade masculina de campo se constitui como aquela em que se produziu mais lembranças compartilhadas no plano da memória coletiva. Isso não se dá aleatoriamente: historicamente, foi a primeira modalidade a se institucionalizar, organizando ligas, campeonatos e uma seleção nacional. Já nos anos 1930, estava presente em campeonatos de ordem internacional, como a Copa do Mundo

12 O termo alemão é utilizado aqui apenas como categoria descritiva, ajudando a qualificar contextos que ancoram memórias individuais em marcos coletivos.

no Uruguai, e, no decorrer dos anos, não sofreu nenhum tipo de interrupção estrutural no âmbito de sua prática divulgação. Como foi demonstrado também, o futebol masculino de campo se inseriu em um contexto de projeto de nação, carregando consigo esse elemento de identificação nacional. Somam-se a isso duas participações do Brasil em Copas do Mundo que imprimiram forte impacto emocional na memória coletiva brasileira: o trauma da derrota de 1950 e o tricampeonato de 1970, que consolidou, nacional e internacionalmente, a ideia do Brasil como o país do futebol. Do ponto de vista midiático, foi também essa modalidade que mais recebeu atenção da imprensa, desde os anos 1930, com a difusão do rádio e das narrações esportivas pelo país e, com mais força desde o final dos anos 1960, a televisão, que passou a transmitir e consolidar imagens icônicas das jogadas e das partidas. A mídia impressa, por sua vez, colaborou com o discurso narrativo de criação e fortalecimento de mitos e heróis no contexto dos clubes e da seleção nacional. Além desses fatores, é importante ressaltar o papel que a economia do futebol – enquanto produto – assume no reforço e na exposição da modalidade, movimentando a construção de grandes arenas, engajando marcas em ações de patrocínio e negociando direitos bilionários de transmissão, além de possuir um circuito internacional altamente midiático. Nesse sentido, quanto maior o investimento econômico, maior também a capacidade de se registrar, documentar, narrar e dar visibilidade aos acontecimentos de seu entorno. Isso também fez com que a memória institucional documental do futebol privilegiasse, historicamente, a modalidade masculina de campo. Os campeonatos (estaduais, nacionais e internacionais) e os clássicos, além da própria Copa do Mundo, reforçam um rito cíclico de repetição, mobilizando um calendário emocional coletivo e fortalecendo a memória em torno desses eventos.

Michael Pollak resalta a importância de entender como os fatos sociais se tornam coisas e quem participa de sua consolidação: “Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (Pollak,

1989, p. 4). Nessa perspectiva, o futebol masculino de campo apresenta um longo histórico de institucionalização, que permite, com mais facilidade, a criação de rituais recorrentes, marcos históricos e o surgimento de ídolos. A associação do esporte com eventos políticos, como a Copa de 1970, faz com que a modalidade esteja presente na memória política e cultural do país. A mídia acaba por produzir e selecionar uma memória do esporte, escolhendo aquilo que deve ser lembrado ou esquecido. Dessa forma, é possível afirmar que o futebol masculino de campo foi o único autorizado, institucionalmente, a produzir uma memória própria por décadas.

Tendo isso em vista, é absolutamente imprescindível tornar a memória do futebol brasileiro mais plural e diversa. É Pollak, novamente, quem aborda a temática dos silenciamentos da memória a partir da seguinte provocação:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (Pollak, 1989, p. 8).

Sendo o futebol masculino de campo a memória coletiva organizada, qual(is) seria(m) a(s) memória(s) coletiva(s) silenciada(s) do futebol brasileiro? Dois exemplos serão abordados aqui. Em uma primeira camada, mais óbvia, estaria o próprio futebol feminino. Legalmente proibido entre 1941 e 1979, a sua prática clandestina no Brasil não possibilitou ampla cobertura midiática, além de ter produzido pouco registro histórico e documental. Suas memórias existem e foram, durante muito tempo, impedidas de se tornarem públicas e legítimas. Sobre isso, Aira Bonfim aponta:

Ainda hoje, organizações internacionais e federações nacionais de futebol justificam sua negligência em relação às mulheres atletas com base numa suposta falta de tradição no esporte. Estas instituições tratam-nas como recém-chegadas [...] (Bonfim, 2023, p. 299).

Em um outro lugar está o próprio futebol de várzea e das periferias que, apesar de ser praticado massivamente, por seu carácter extraoficial, possui memórias ligadas às comunidades com arquivos fragilizados e um nível mais baixo de institucionalização. Ainda que se trate de memórias vivas, são pouco reconhecidas como parte da história oficial do futebol.

Se Pollak (1989), de um lado, ajuda a identificar os silêncios estruturais, o presente, do outro, permite observar como esses silêncios começam a ser tensionados. Nesse sentido, é possível dizer que essas memórias, tanto a do futebol feminino quanto a do futebol de várzea/periférico, estão em um processo de disputa no espaço de narrativas a partir do momento em que passam a se tornar temas de pesquisa, produtos de documentários, matérias jornalísticas, transformando-se em objetos de políticas de memória, operando uma transição do subterrâneo para o institucional. Soma-se a isso o fato de que os agentes produtores de memória se diversificaram nos últimos anos com as redes sociais, os coletivos de memória, uma produção acadêmica ampliada e a visibilidade dessas modalidades em projetos participativos (tanto de exposições quanto museológicos) alterando, dessa forma, a estrutura hegemônica da memória, uma vez que há mais narradores e meios de divulgação das suas histórias relacionadas.

O Museu do Futebol, a partir da renovação de sua exposição de longa duração, cumpre um papel importante de revisão historiográfica da memória tradicional, atuando como um mediador entre a memória oficial e as memórias emergentes. No âmbito do futebol feminino, por exemplo, a sala das Origens, dedicada a apresentar a evolução histórica do esporte desde o século XIX até a década de 1930, foi reformulada para conferir maior centralidade à trajetória do futebol praticado por mulheres. O novo percurso expositivo incorpora conteúdos inéditos provenientes de coletas e cessões realizadas por jogadoras, treinadoras e jornalistas esportivas, incluindo imagens raras que registram a prática do futebol por mulheres brasileiras a partir da década de 1920, atualmente reconhecidas como os registros visuais mais antigos conhecidos sobre o tema. A sala Copas do Mundo, por sua vez, passou a dedicar quatro módulos, quais sejam Defesa, Drible,

Contra-ataque e Gol, à trajetória do futebol feminino, destacando sua história e processos de resistência entre meados do século XX e a consolidação da modalidade no cenário internacional a partir de 1988, com o Torneio Experimental na China. O percurso expositivo também passou a integrar todas as edições da Copa do Mundo Feminina desde 1991, apresentadas em articulação com as Copas masculinas (Museu do Futebol, 2026). Sobre o futebol de várzea, é em 2024 que o tema ganha sua primeira exposição temporária, intitulada *Vozes da várzea*, reconhecendo o importante papel articulador territorial que exerce, mobilizando economias locais, fortalecendo práticas culturais e promovendo vínculos comunitários que refletem dinâmicas de sociabilidade e resistência na cidade. A exposição apresentou um panorama sintético da história, das memórias e das expressões comunitárias que caracterizam o futebol de várzea em São Paulo (Museu do Futebol, 2026).¹³

Esses exemplos demonstram como o museu busca atuar na ruptura de silêncios estruturais, desenvolvendo uma política de memória aplicada. Ao promover essa atualização de caráter contemporâneo, ressalta-se que não se trata de um apagamento da memória hegemônica, mas de uma reconfiguração de seus significados e proporções no conjunto narrativo. Ainda que o futebol masculino de campo continue central, a modalidade não escapa de tensionamentos e questionamentos, complexificando sua narrativa e realizando um exercício de ampliação, e não de substituição. Dessa maneira, se antes havia uma narrativa dominante que organizava a memória, hoje é possível observar o que Pollak chama de “memória em disputa” (Pollak, 1989, p. 4), com múltiplos agentes que buscam reconhecimento, visibilidade e legitimidade. Por último, há uma questão importante para se pensar: a internet pode ser considerada hoje como o principal meio

13 Nesse aspecto, é importante destacar que ambas as temáticas aqui apresentadas como exemplo são objeto de pesquisa e resultado de uma busca contínua por acervos que compatibilizam as histórias ali expostas, em um papel fundamental de resgate e preservação dessas memórias que se desenvolveram ao longo da trajetória do museu.

de democratização da produção da memória. No entanto, os seus algoritmos acabam por criar “bolhas de visibilidade”. Há um risco iminente aqui: os silêncios estruturais do passado poderiam ser substituídos por silêncios algorítmicos.

Referências bibliográficas

BEZERRA, Mirna Gabrielle Chaves Ernesto; GUSMÃO, Joyce Elisama de Lima Silva de; FERMOSELI, André Fernando de Oliveira. A importância da emoção no processo de consolidação da memória e da aprendizagem. *Ciências Biológicas e da Saúde*, v. 4, n. 2, p. 57-68, 2017. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cdgsaude/article/download/4065/2604/14789>. Acesso em: 8 abr. 2026.

BONFIM, Aira. *Futebol feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)*. São Paulo: Edição da Autora, 2023.

DAMATTA, Roberto. O esporte e o jogo como formadores de comportamentos sociais. In: ROSA, Alexandre Machado (org.). *Esporte e sociedade: ações socioculturais para a cidadania*. São Paulo: IMK Relações Públicas, 2004.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

GASTALDO, Édison. O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (orgs.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do*

esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

MARQUES, José Carlos. Esporte e os meios de comunicação no Brasil: vícios e virtudes de um matrimônio secular. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). *O futebol e as ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

MUSEU DO FUTEBOL. *Guia geral da exposição de longa duração*. São Paulo: Museu do Futebol; IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, 2008.

MUSEU DO FUTEBOL. *Plano Museológico 2021/2025*. São Paulo: Museu do Futebol; IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, 2021.

MUSEU DO FUTEBOL. *Novo Museu do Futebol*. São Paulo, [2024-]. Exposição de longa duração. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/novo-museu-do-futebol/>. Acesso em: 26 fev. 2026.

MUSEU DO FUTEBOL. *Vozes da Várzea*. São Paulo, [2024-2025]. Exposição temporária. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/novo-museu-do-futebol/>. Acesso em: 26 fev. 2026.

NASCIMENTO, Paulo Henrique do. A dificuldade do torcedor brasileiro em lidar com derrotas nas Copas do Mundo. In: GIGLIO, Sérgio Settani (org.); SILVA, Diana Mendes Machado da (coord.). *O Brasil e as Copas do Mundo*. São Paulo: Zagodoni, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Autores Associados, 2000.

ROCCO JR., Ary José. Novas tecnologias e as torcidas virtuais (a transformação da cultura do futebol no século XXI). In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina Toledo (orgs.). *Comunicação e esporte: tendências*. Santa Maria: Pallotti, 2005.

VAZ, Alexandre Fernandes. Esporte e sociedade em escritos de Roberto DaMatta. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). *O futebol e as ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

Futebol e a produção da subjetividade de jovens trans em situação de acolhimento

Lóry da Silveira Ribeiro

*Secretária de Educação do Estado do Tocantins;
Secretária de Educação do Município de Palmas*

Luiz Carlos Rigo

*Universidade Federal de Pelotas, Escola Superior de Educação Física,
Programa de Pós-graduação em Educação Física*

Resumo

Situando no contexto das reconfigurações das instituições de acolhimento brasileiras, esse artigo teve como objetivo analisar o papel do futebol e do lazer na sociabilidade e na produção de subjetividade de dois jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional, na cidade de Pelotas (RS). A metodologia do estudo seguiu alguns princípios da perspectiva etnográfica contemporânea de Wacquant (2002). Além de problematizar a transfobia e a passabilidade, o estudo concluiu que as práticas esportivas e o futebol ocupavam um lugar de destaque na sociabilidade e na produção de subjetividade dos jovens trans em situação de acolhimento.

Palavras-chave: futebol; subjetividade; lazer; transfobia; práticas esportivas.

Abstract

Situated within the context of the reconfiguration of Brazilian residential care institutions, this article aimed to analyze the role of football and leisure in the sociability and in the production of subjectivity of two transgender youths living in institutional care in the city of Pelotas (RS). The study's methodology followed some principles of Wacquant's (2002) contemporary ethnographic perspective. In addition to problematizing transphobia and passability, the study concluded that sports practices, particularly football, occupied a prominent place in the sociability and in the production of subjectivity of transgender youths in institutional care.

Keywords: football; subjectivity; leisure; transphobia; sports practices.

Introdução

Roda dos Expostos e as instituições de acolhimento

As instituições de acolhimento para crianças e jovens são casas que fazem parte dos serviços de alta complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), nas quais recebem sujeitos “em situação de abandono, ameaça ou violação de direitos [que] estejam afastados temporariamente de seu núcleo familiar, com os vínculos familiares rompidos ou fragilizados”, atendendo de modo extensivo as famílias para que consigam se reestabelecer e criar um ambiente estável para a reinserção das crianças e jovens acolhidos (Brasil, 2023, n.p.).

Uma das marcas constituintes da história das instituições de acolhimento é a Roda dos Expostos. Segundo o Museu de Misericórdia de Salvador (BA) (s.d.), “a primeira Roda dos Expostos foi implantada em 1726 pela Santa Casa de Misericórdia da Bahia, [...] com o propósito de acolher crianças”. Com isso, as primeiras instituições voltadas ao recolhimento de crianças no Brasil, remontam ao séc. XVIII.

Segundo Ariza (s.d.), a roda dos expostos era formada por uma caixa dupla, de formato cilíndrico, inserida nos muros de instituições de caridade, como os hospitais. A roda ficava aberta para o exterior, com um espaço para receber a criança; ao rodar o cilindro, esta era conduzida ao interior da instituição – tal mecanismo garantia o anonimato de quem a deixava.

Desde a sua emergência até os dias atuais, essas instituições passaram por uma série de reconfigurações, inclusive com outras nomeações tais como: orfanato, abrigo, Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) e correlata Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem)¹. Situando nesse contexto sócio-histórico de emergência e recon-

1 Desde o século XV, o abandono de crianças e a sua posterior morte provocavam insatisfação em líderes da Igreja Católica, que entendiam que essa imagem não condizia com o progresso da sociedade, fazendo com que na Europa acontecesse o surgimento de instituições voltadas ao recolhimento desses sujeitos. No Brasil, esse tipo de espaço

figurações dessas instituições no cenário brasileiro, esse artigo tem como objetivo analisar a produção de subjetividade² de dois jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional na cidade de Pelotas (RS).

A pesquisa foi realizada com alguns pressupostos da perspectiva etnográfica contemporânea, mais especificamente inspirada na etnografia feita por Wacquant (2002) em que se ressalta o princípio da “participação observante”, objetivando:

[...] capturar e restituir essa dimensão carnal da existência, [...] partilhada, em graus diversos de visibilidade, por todos e por todas, através de um trabalho metódico e minucioso de detecção e de registro, de decodificação e de escritura capaz de capturar e transmitir o sabor e a dor da ação, o som e a fúria do mundo social que as abordagens estabelecidas das ciências do homem colocam tipicamente em surdina, quando não os suprimem completamente (Wacquant, 2002, p. 11).

De março de 2022 a dezembro de 2023, realizamos uma imersão com intervenções semanais na casa de acolhimento que foi objeto dessa pesquisa. Os jovens eram acompanhados em passeios, nas idas ao campo de futebol, em festas de Natal ou de aniversário, nos treinos da escolinha de futsal/futebol e, em algumas ocasiões, no deslocamento até a escola. Como ferramentas utilizamos um aplicativo para gravar os encontros e, posteriormente, confeccionar os registros no diário de campo. Nesse período de imersão com intervenção na instituição foi possível conhecer o cotidiano

foi surgindo a partir do século XVIII, importando-se da Europa a arquitetura da roda dos expostos. Para mais considerações sobre a genealogia histórica dessas instituições, ver: *Adoção tardia: manifestações do cotidiano de uma casa de acolhimento de Pelotas/RS* (Ribeiro; Goellner; Rigo, 2024). Sobre a emergência no contexto europeu, ver: *Roda dos expostos: deslocamentos do livro ao jornal* (Porto, 2011).

2 Neste estudo, foi utilizado o conceito de subjetividade de Foucault, ou seja, a forma como as práticas discursivas e não discursivas constituem os sujeitos. Para mais considerações sobre o conceito de subjetividade, ver *Ditos e escritos: estratégia poder-saber* (Foucault, 2006) e *História da sexualidade: o uso dos prazeres* (Foucault, 1998).

desses jovens, dialogar com eles, observar os modos pelos quais foram produzindo a si mesmos em meio à convivência com outros jovens em situação de vulnerabilidade que coabitavam o mesmo espaço³.

Durante o período da nossa intervenção, cerca de treze jovens moravam nessa instituição. Entretanto, nesse artigo, optamos por problematizar questões referentes à constituição da subjetividade desses dois jovens somente, que se percebem como jovens trans. Essa análise particular deu-se, principalmente, por identificarmos que eles são constituídos por questões diferentes dos demais, em virtude das particularidades de sua sexualidade/subjetividade⁴.

Junto com as intervenções no campo também foi utilizada uma “entrevista compreensiva” com uma das jovens trans acolhidas. Ferreira (2014, p. 984) ressalta que no uso da entrevista compreensiva “o entrevistador não se limita a recolher informações e/ou discursos sobre experiências, vivências e opiniões do entrevistado”; ela corresponde a “construções intersubjetivas, ou seja, descrições e posições discursivas que são construídas a partir de uma situação de interação”.

3 Além dos dois anos de imersão na casa de acolhimento pesquisada, a primeira autora desse estudo possui uma significativa experiência de pesquisa e intervenção em outras casas de acolhimento. Durante os anos de 2016 e 2017, a autora realizou intervenção, voltada a perceber a produção dos corpos de meninas em situação de acolhimento, em uma casa na cidade de Pelotas. Pesquisa feita como trabalho de conclusão de curso em Educação Física (FURG), intitulada: *A produção de corpos de meninas em uma instituição de acolhimento* (2017). No período de 2018 a 2020, a pesquisadora atuou como voluntária em outra instituição, atuação que deu origem ao seu trabalho final em nível de especialização em Educação Física escolar (UFPEL), como o estudo: *Que escola é essa? Um olhar de crianças e adolescentes moradores de uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas (RS)* (2019). Posteriormente realizou sua dissertação de Mestrado em Educação (FURG), intitulada: *Juventudes contemporâneas em instituições de acolhimento: uma análise do canal do YouTube Adoção Tardia* (2020).

4 Em outro estudo, problematizamos a constituição da subjetividade dos demais jovens que estavam acolhidos na casa no período que realizamos a intervenção/pesquisa. Para mais considerações sobre esse estudo, ver: *O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de acolhimento da cidade de Pelotas/RS* (Ribeiro; Rigo, 2025).

Dos dois jovens que se compreendem como trans no período de intervenção na casa, (Victória e Endrick) ⁵, foi possível entrevistar apenas Victória, que está acolhida há mais tempo que Endrick. No transcorrer da escrita traremos fotos e alguns fragmentos de narrativas, oriundas de nossa estada no campo. Agregados aos componentes empíricos que serviram de suporte para a realização desse artigo, também lançamos mão da contribuição de algumas referências teóricas, que contribuíram para melhor compreendermos, problematizarmos e analisarmos as questões tratadas pelo estudo. Assim, o suporte teórico/metodológico desse estudo foi constituído por autores como: Foucault (1979; 1998; 2006), Butler (2003; 2019), Preciado (2014; 2022;) e Wacquant (2002).

Victória e Endrick: os protagonistas do estudo

Victória tem 16 anos, é negra, alta, de olhos castanhos; reclama do tamanho de seus pés e mãos, que acha grandes demais e entende que isso a masculiniza. É uma adolescente transgênero, que ama maquiagens e música. Escuta Gloria Groove e Pablo Vittar, relata que se inspira nessas divas pop. Ela se queixa de passar por diversas situações de transfobia no cotidiano. Por outro lado, sente-se acolhida e é defendida, tanto na rua quanto na escola, pelos outros jovens que moram na casa de acolhimento. É muito romântica, ama postar registros com seu namorado e sempre que possível está com ele. Bastante amigável, tem muitas amizades na escola, apesar de não gostar de frequentá-la.

Endrick é um jovem trans, tem 17 anos, é branco de olhos castanhos. Ama jogar futebol, sempre que pode está treinando ou jogando. Muito estiloso e galanteador, ele costuma ter namoradas nos diferentes espaços por onde transita. Além disso, é bastante vaidoso, gosta de fazer cortes estilizados no cabelo e anda sempre arrumado e perfumado. É marrento, diz ser essa uma marca sua. Tem uma grande amizade com um dos meninos que

⁵ Nomes fictícios escolhidos pelos jovens.

é acolhido com ele. Relata que o futebol os une, pois sempre que possível saem para jogar juntos. Afirma que nunca passou por situações de transfobia e que, se passasse, “cairia na porrada com os otários”. Escolheu jogar em um time feminino por se sentir mais bem aceito e por já ter integrado outras equipes femininas anteriormente. Para Endrick, o time é a melhor coisa que lhe aconteceu desde o acolhimento; ele diz que só não foge da casa por esse motivo.

Construção da sexualidade em jovens trans de uma casa de acolhimento

Para Crenshaw (2004), as discriminações raciais e de gênero operam juntas, dificultando o sucesso de mulheres e meninas negras. Essas discriminações representam barreiras sociais impostas de forma ainda mais violenta a meninas e mulheres não cisgênero, como é o caso da Victória⁶. Enquanto Victória enfrenta constantes episódios de transfobia em seu cotidiano, Endrick diz não vivenciar tais situações. Os relatos da jovem explicitam uma rotina marcada por diversas formas de violência de gênero:

— Tia Lóry, lá na escola hoje aconteceu uma coisa horrível, eu passei por bullying. (Victória)

— Como assim? (Pesquisadora)

— Um menino que era meu melhor amigo. Nós brigamos, e ele ficou dizendo que eu era homem. Aí eu disse pra ele que isso era crime, que era transfobia, e ele nem se importou. Eu sei dos meus direitos né, tia? Mas fiquei com raiva, com vontade de partir pra agressão. (Victória)

— Ninguém pode mexer com a nossa [nome da acolhida]. Se ele se meter com ela de novo, nós vamos lá pegar ele. (Alessandro) (Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 1º set. 2022).

6 Alves (2017, p. 1) explica que: “Mulheres cisgênero são aquelas em consonância entre o sexo anatômico e a expressão de gênero, enquanto mulheres transgênero são aquelas em dissonância entre o sexo anatômico e a expressão de gênero”.

Apesar das diversas situações de transfobia que a jovem sofre, os outros jovens que também estão em situação de acolhimento parecem tentar protegê-la de tais violências. Durante a festa de Natal proporcionada para as crianças e jovens em situação de vulnerabilidade – juntando os moradores de todas as casas de acolhimento e aquelas crianças e jovens que são contempladas com políticas de assistência social na cidade de Pelotas (RS) –, Victória passa por mais uma situação de transfobia:

– *Tia Lóry, eu vou ficar aqui contigo, não vou mais no banheiro.* (Victória).

– *Claro, pode ficar. Mas, aconteceu alguma coisa? Vai te divertir na festa.* (Pesquisadora)

– *Ai tia, uma mulher falou que não gostou que eu tava no mesmo banheiro que ela. E no dos meninos, eu não vou.* (Victória)

– *Como assim? Que mulher? Queres que eu vá falar com ela? Queres que eu vá ao banheiro contigo?* (Pesquisadora)

– *Não tia Lóry, deixa aquela cobra transfóbica, eu não quero confusão.* (Victória)

(Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 14 dez. 2022).

Apesar de Endrick estar no mesmo ambiente, na mesma festa, ele não relatou ter sofrido algum tipo de violência, como a impossibilidade de utilizar o banheiro; pelo contrário, falou: “*Tia Lóry, o pai aqui pegou toda a festa, as gurias tudo me queriam*” (Endrick, 14 dez. 2022, fala retirada do Caderno de campo). Por ter uma passabilidade maior, o jovem relata que não passa por situações como as vivenciadas por Victória.

Endrick, por vezes, passa por jovem cisgênero, não sendo questionado o seu gênero, enquanto Victória não tem a mesma passabilidade. A passabilidade constitui-se como a capacidade da pessoa transgênero ser reconhecida socialmente pelo gênero a que pertence sem ser questionada, garantindo, com isso, a possibilidade de ir e vir em quaisquer espaços sem ser excluída por discriminação. Assim, quanto mais a pessoa consegue passar-se enquanto cisgênero, maior é a sua passabilidade (Cunha, 2023).

Em algumas vezes, como em seu aniversário de 15 anos (Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 28 dez. 2023), Victória explicita a sua expectativa por essa passabilidade. Ao estar maquiada, de vestido e salto alto em uma pizzaria com a pesquisadora, as amigas e o namorado, ela fala: “Tia Lóry eu tô me amando hoje! Olha pra mim, eu tô muito cis, ninguém diz que eu não sou cis”. A fala da jovem demonstra o quanto a passabilidade é algo desejável e importante para ela.

Victória, em entrevista, explicita como é necessário lutar mais para conseguir os mesmos espaços que outras pessoas, por ser negra e trans:

[. . .] A gente tem uma luta, a gente tem uma história. A gente merece o nosso espaço, sabe? A gente merece estar ali convivendo. Eu, como pessoa trans, eu tenho que ser melhor que uma pessoa cis para eu não ser desmerecida. Pessoas negras têm que ser melhores que pessoas brancas para também não serem desmerecidas, entendeu? Para não ser colocada em... Como é que se diz? Sabe, como... Como é que se... Eu não sei a palavra certa para usar, sabe? Para ser jogada de escanteio, sabe? As pessoas é que deviam ser menos preconceituosas, né? Porque apontar o dedo, falar... É isso, é aquilo, todo mundo fala, né? Mas só a gente sabe a nossa luta. Só a gente sabe o que a gente passou. E não vai ser essas pessoas que vão falar isso e que vai fazer a gente deixar de ser quem a gente é. A gente vai continuar sendo. E as pessoas vão ter que engolir. Porque é a nossa história (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

A entrevistada demonstra a necessidade de se sobressair para conseguir ultrapassar as barreiras impostas a ela. Crenshaw (2004) explica que é imprescindível que a discriminação racial e a de gênero sofridas por mulheres e meninas negras não seja vista de forma separada, já que ambas se interseccionam. O conceito de interseccionalidade “aborda diferenças dentro da diferença” (Crenshaw, 2004, p. 9), explicitando a sobreposição de discriminações que alguns grupos de pessoas sofrem. Consolida-se, assim, o entrelaçamento de opressões experienciadas por mulheres, jovens, negras, pobres e trans, como a Victória, acrescentando que, no caso dela, trata-se

de uma jovem que está em uma casa de acolhimento. Uma singularidade, geralmente, não contemplada nem pelos discursos da interseccionalidade.

A jovem entrevistada também reivindica o direito de existir e de poder expressar a sua história ao ressaltar que: “*A gente também é gente, né? A gente tem uma luta, a gente tem uma história. A gente merece o nosso espaço, sabe? A gente merece estar ali convivendo*”.

Preciado (2022, p. 281) destaca a imprescindibilidade de ser visto e poder falar de sua própria existência: “Eu, como um corpo trans, como um corpo não binário, ao qual nem a medicina, nem a lei, nem a psicanálise, nem a psiquiatria reconhecem o direito de falar com conhecimento [...] sobre minha própria condição”.

O autor acrescenta que, segundo os discursos médicos e jurídicos instituídos e, inclusive, pela maioria dos “diagnósticos psicanalíticos”, ele é classificado como “sujeito de uma ‘metamorfose impossível’”. Ou, em uma perspectiva mais inquietante, como “o monstro que vos fala”. E denuncia: “O monstro que vocês construíram com seus discursos e suas práticas clínicas. Eu sou o monstro que se levanta do divã e fala, não como paciente, mas como cidadão, como seu monstruoso igual (Preciado, 2022, p. 280).

Preciado (2022) enfatiza que vivemos em uma sociedade que fabrica um regime de diferença sexual, produzindo os modos de ser feminino ou masculino; com isso, afirma que a origem natural dos gêneros é apenas uma crença. E aqueles que escapam dessa naturalização – na qual só são entendidos como possíveis os gêneros feminino e masculino – são questionados, violentados e, muitas vezes, mortos. Na cena exposta a seguir, retirada do Caderno de campo, Victória conta sobre a dor da perda de uma amiga que foi assassinada por pessoas transfóbicas:

Chego na casa, e Caio conta que Victória tinha voltado (a menina havia fugido na última vez que estive na casa). Me direciono até o quarto das meninas para encontrá-la:

– *[Nome da menina], fiquei triste que tu fugiu bem no meu aniversário, tu fez falta.* (Pesquisadora)

— É que aconteceu uma coisa que eu não pude ficar, tia. Eu tava lá na escola, né? No computador, tava no Facebook e uma amiga minha me avisou que tinham matado outra amiga nossa e pediu pra eu ir encontrar ela, pra nós irmos no velório. (Victória)

— Que horror [nome da menina], sinto muito, o que aconteceu? (Pesquisadora)

— Uns caras transfóbicos que saíam com ela, né tia? Ela se prostituía, aí eles pegaram e espancaram ela. Aí minha amiga disse que pagava minha passagem, que eu não tinha vale, pra gente ir no velório. (Victória)

— Que coisa triste, eu imagino o quanto tu tá triste, sinto muito. (Pesquisadora)

— É tia, tu sabe que eu não sou de fugir, mas dessa vez eu tive que ir. Tinha que ir no velório dela, tô muito triste por ela ter morrido, ainda mais dessa forma que mataram ela. Além de tudo dá um medo na gente, sabe? (Victória)

(Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 11 set. 2023).

Em alguns momentos Victória conta sobre essas violências que já sofreu em vários ambientes:

Eu estava no banheiro da escola [nome da escola] e chegou uns meninos do nada, assim, entraram no banheiro e começaram a me bater. Assim, me bater, me bater do nada. E aí eu sangrei, né? Foi por isso que eu comecei a parar de frequentar aulas escondida, sabe? E a diretora falou que a culpa era minha. Que eu estava errada. Que eu não estava no lugar certo. Que eu não estava certa. Sabe? Que eu sou errada (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Na sequência, Victória descreve outro acontecimento, dessa vez fora da escola:

[. . .] eu saí de noite para dar uma volta, espairecer a cabeça, e um homem me parou. E começou a falar, ah, é um homem, né? Eu olhei para ele e falei: não. Só que era de noite, né? Eu estava sozinha, não tinha como eu me defender. Eu estava usando as minhas tranças ainda, né? E ele falou, não, então é um homem

sim. E ele veio, me empurrou e me bateu. E ele passou um canivete e ia cortar o meu cabelo. Ele disse que, segundo ele, né? Homem tem que ter cabelo curto. E tentou cortar o meu cabelo. Aí, nisso, eu consegui me levantar e fugir, né? Mas eu sei que vai ser a minha vida toda, né? Não tem o que fazer (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Victória usa o momento da entrevista para explicitar as estratégias que costuma utilizar para enfrentar as múltiplas situações de violência às quais ela é frequentemente exposta. Apesar da sua pouca idade, Victória demonstra ter clareza dos seus direitos e maturidade para avaliar os riscos que corre, optando por se esquivar de certos enfrentamentos: *“Na escola, tudo bem. Ali, eu procuro os meus direitos. Mas agora na rua eu sozinha, de noite, ou pode ser de dia, não importa. Não tem como eu querer me impor, entendeu? Eu tenho que ficar quieta e seguir meu caminho. Porque eu posso acabar sendo morta. Entendeu? (Victória, entrevista, 15 maio 2024).*

Com lucidez, ela demonstra conhecimento da violência constante que sofrem as pessoas trans, principalmente em nosso país:

Inclusive, o Brasil é considerado o país que mais mata mulheres transexuais e travestis. Então, tu pensa. Uma mulher a cada... sabe? Mulher trans que morre de um jeito trágico, sabe? Só por ser quem é. Então, eu fico com medo, né? Por isso que eu não saio sozinha. (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Mesmo quando Victória acredita ter razão, acaba tendo que fugir, calar-se para continuar viva. O fato de não ser uma pessoa cisgênero e branca torna seu corpo um alvo, reduzindo suas chances de sobrevivência em uma sociedade fundamentada no binarismo, que a constitui como um “ser abjeto”. Butler (2019, p. 22) explicita que se produz uma matriz excludente na qual, para que sejam formados sujeitos, se constituam também os seres abjetos, que não alcançam o estatuto de sujeito. “Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo, para ele um exterior abjeto que é, afinal, ‘interior’ ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional”.

Preciado (2022) utiliza-se da metáfora de “jaula” para exemplificar a designação de gêneros; o autor explicita que ao sair da “jaula” do sexo feminino e entrar em outra redesenhada de homem trans de corpo não binário, sabe que não deixou de estar “enjaulado”, mas que entrou em uma jaula escolhida, não imposta e que reconhece o seu mérito de “gaiola”. Victória conta que antes desconhecia outras possibilidades para além da binariedade de homens e mulheres e, com isso, por mais que percebesse que não se “encaixava” nessas “jaulas”, não sabia que poderia estar em outras.

Na verdade, eu nunca percebi que eu fosse uma menina. [. . .] tipo, a minha sexualidade, eu sentia que tinha alguma coisa errada. Mas no início, a minha mãe, sabe, sempre me falou assim, [Nome da entrevistada], tu não pode dizer que tu não gosta disso, sendo que tu nunca experimentou, entendeu? Foi assim que eu aprendi. Aí eu fui, sabe, viver minha vida, experimentei, vivi coisas novas. E ainda tava percebendo que tinha alguma coisa que tava muito errada. Isso já faz uns 5 anos. Tinha alguma coisa muito errada comigo. E eu não sabia que existiam pessoas trans. Até que um dia eu conversei com uma amiga minha, que era mulher trans, né, uma adolescente trans. E eu realmente percebi que era aquilo que eu era, sabe? Era aquilo que tava faltando em mim. E aí eu resolvi me aceitar. Claro, né, que tinha a função da família, da aceitação, mas eu não pensei nos outros em si. Eu pensei em mim, em ficar bem comigo mesma, sabe? Porque eu não estava me encontrando com o meu corpo, sabe?
(Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Quando conheci Victória, ela ainda utilizava o nome masculino, porém ao questioná-la como desejaria ser descrita e qual nome teria na pesquisa, a jovem explicitou que gostaria de ser descrita como uma menina trans e escolheu o nome aqui utilizado. Durante a transição, Victória foi procurando aprender cada vez mais sobre esse processo, assistindo a palestras, seguindo influenciadoras trans. Em audiência para a perda do pátrio poder pelo pai, questionou a juíza sobre a possibilidade da mudança de nome nos documentos, ao que a magistrada explicou que era um direito acessível à menina.

A jovem então passou a utilizar o nome feminino, o qual foi respeitado pelos outros acolhidos e pela maioria das pessoas que trabalhavam na instituição – Victória reclamava que somente um dos servidores não respeitava o seu novo nome. Aos poucos, a menina foi tendo a possibilidade de modificar o seu guarda-roupa, usando também roupas femininas que iam chegando como doação e ela solicitava. Diferentemente de Victória, Endrick já se nomeava e se descrevia enquanto um menino trans quando eu o conheci. Utilizava roupas masculinas e já tinha se inserido no quarto do meninos.

Preciado (2022, p. 283) explica as dificuldades desse momento de descoberta, já que é necessário “desaprender” tudo o que foi ensinado desde a infância, pautado em um gênero normativo. Passando a formar-se a partir de “novas fronteiras administrativas e políticas, barreiras invisíveis, mas efetivas, se erguem diante de você, e o dia a dia se torna uma corrida de obstáculos”.

Futebol e outras práticas corporais⁷ dos jovens trans em situação de acolhimento

O acesso às práticas de lazer ainda são restritas para os jovens trans. A participação das pessoas transgênero no esporte é uma discussão latente, que necessita de avanços e da desconstrução de diferentes preconceitos.

7 O termo práticas corporais foi utilizado nesse estudo inspirado no conceito de práticas culturais, utilizada por Michel de Certeau, (1994; 1995) para se referir às invenções e às práticas culturais de resistência que fazem parte do cotidiano de sujeito das classes populares. No campo da Educação Física o conceito de “práticas corporais” constituiu-se como um conceito em construção, em disputa, que está sendo utilizado com certa heterogeneidade para designar significados distintos, (Manske, 2022). Nessa pesquisa ele foi utilizado como “expressões individuais ou coletivas do movimento corporal, advindas do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, construídas de modo sistemático (na escola) ou não sistemático (tempo livre/lazer)” (Brasil, 2012, p. 28). Mais considerações sobre o uso do conceito de práticas corporais no campo da Educação Física em: Manske (2022); Knuth e Antunes (2021); Damico e Knuth (2014).

Algumas questões – como o nome – são pautas para essas pessoas, já que nem sempre elas têm o novo nome respeitado.

Endrick, ao passar por uma seletiva de um time de futsal, se emociona com a possibilidade de ser chamado pelo novo nome (nome social)⁸, demonstrando a importância que isso tem em sua vida, nesse processo de transitoriedade.

Depois do “peneirão” do time de futsal feminino [nome do time], o menino entra no carro e chora:

– Tia Lóry, achei que não ia conseguir, essas gurias são boas demais. E tia, ele disse que vou poder ser chamado pelo meu nome masculino, que vou ter camiseta e tudo com o meu nome (Endrick se emociona mais e começa a chorar compulsivamente). (Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 15 jul. 2023).

O nome configura-se como parte constitutiva da subjetividade desses jovens. Alves e Moreira (2015, p. 60) explicitam que o nome antecede o sujeito já que o anuncia, “o nome revela um papel no mundo, papel subjetivo, social, profissional, afetivo, sexual, familiar, entre muitos outros. Ele faz parte dos atos performáticos do cotidiano, reiterando narrativas e discursos do sujeito e do social sobre o sujeito”.

Preciado (2014, n.p.), explica que toda pessoa trans já teve ou tem dois ou mais nomes. O nome intitulado no nascimento e o escolhido com base no processo de subjetivação dissidente, denotando um processo de identificação, constitui-se como um signo intencional de “uma travestilidade político-sexual. E isso acontece não a partir do verdadeiro sexo ou do autêntico nome: mas sim através da construção de uma ficção viva que resiste à norma”. Para Le Breton (2014, n.p.) assim como o corpo é mutável, o nome também pode ser: “O corpo é um rascunho, será que o nome também não

8 Para Alves e Moreira (2015, p. 60) o conceito de nome social pode ser compreendido como “o nome escolhido pelo próprio sujeito trans, uma vez que existe uma incongruência entre seu nome civil e sua identidade de gênero”.

seria? [...] poderíamos dizer que transexuais escolhem um novo nome para um corpo ou um novo corpo para um nome?”.

Preciado (2022) compara a vida após a transição com um novo nascimento; com isso novas cores começam a se formar, e as mãos pela primeira vez passam a conseguir agarrar, a garganta passa a aprender uma nova voz, um novo nome surge, novas experiências acontecem quando sozinho em sua nova “jaula”; se vai a médicos, juízes, sem mais ser “esmagado entre as duas paredes da masculinidade e da feminilidade”, as quais, o autor expõe que inevitavelmente o matariam. Evidencia, ainda, que livros lésbicos o ajudaram a renascer e a sobreviver, e não os especialistas que produzem as “jaulas”. Assim como Preciado, Victória se inspira em figuras públicas, como as cantoras Gloria Groove e Pablo Vittar e a política Erika Hilton, para sobreviver e aprender sobre a sua nova “jaula”. Além disso, por passar por tantas situações de violência, a jovem conta que se utiliza do esporte como um espaço de “escape” da pressão do dia a dia.

Ah, eu não sou muito de falar isso, mas eu vou falar agora, entendeu? Eu sou uma pessoa que gosto muito de... Sabe? Esquecer os problemas e pensar em alguma coisa que me deixa feliz. E eu gosto muito de jogar vôlei. Entendeu? E aí, eu chamo as minhas amigas, sabe? Eu vou no colégio ou quando eu tô na casa do meu namorado, a gente paga a quadra, a gente vai jogar vôlei, sabe? Vôlei é o que eu mais jogo. Futebol eu jogava antes da minha transição. Só que nessa época eu comecei a ter aquele pensamento, vai, futebol não é coisa de menina, sabe? Aí eu parei. Mas eu gostava muito do futebol (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

A narrativa de Victória explicita que para ela, e para muitos, o futebol ainda é concebido como uma prática reservada para meninos e para homens. Em parte, isso pode estar associado à ressalva feita por Leonardo Peçanha, homem trans, que em entrevista ao *site Ig Queer* ressaltou que “[...] o lazer, é muito caro às pessoas trans porque a gente se preocupa mais com estar vivo, direito ao nome e ao banheiro, ter um trabalho, se

alimentar ou ter um lugar para morar. Ou seja, questões sociais primárias e essenciais” (Peçanha, 2022).

Victória muitas vezes passa por diferentes violências, somente por ser quem é. Geralmente, os espaços de lazer ainda perfazem uma solicitação um pouco mais branda pelas pessoas trans, já que são alijados de direitos básicos, como o de ir e vir, utilizar o nome social ou utilizar um banheiro público. Meninos e meninas trans enfrentam diferentes barreiras socioculturais, tais como a exclusão escolar, a marginalização social e a violência física e emocional por serem quem são.

Há uma imposição hegemônica na sociedade que traduz em regras, símbolos e ações humanas, nomeando o que é feminino ou masculino dentro de cada cultura. Assim, impõem-se um modelo de pensamento que se traduz em objetos e atitudes mandatórias para designar o masculino/feminino ao nascer, considerando apenas o corpo biológico. Não se nega a materialidade do corpo, porém problematiza-se a noção de que existem normas regulatórias que regem esse corpo e os modos como ele deve ser (Butler, 2019). Gênero se produz nos fatores sócio-históricos e culturais de cada pessoa, sendo assim as subjetividades de gênero são mutantes e mutáveis. Ademais, o que é visto como padrão de feminilidade ou de masculinidade, não se enquadra em uma delimitação biológica, é uma produção social que varia entre as sociedades e dentro de uma mesma sociedade, com o transcorrer do tempo. (Nunes *et al.*, 2021).

Victória conta que conseguiu participar de uma competição de atletismo na escola e foi a melhor entre todos os estudantes com a sua mesma idade. Porém, ao passar para a próxima etapa dos jogos municipais escolares, não pôde ser inscrita, pois os organizadores não conseguiam contemplar pessoas trans, e ela só poderia ser inscrita na competição masculina – algo que ela não aceitou:

É babado, eu pulei 4 metros e alguma coisa. E aí, eu ia me inscrever no Japel. Só que eles falaram que eu não podia competir junto com as meninas. Aí eu já pensei assim, por quê? Isso tem

que mudar, né? É, tem que mudar. Porque hoje em dia, isso é um crime, né? Essa transfobia. Não é porque eu tenho uma genética diferente, eu não deixo de ser uma mulher como qualquer outra. E aí eu fiquei um pouco chateada por esse período, por isso que eu não me inscrevo mais no Jepel. (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Pelas práticas esportivas serem pautadas no caráter binário, geralmente, excluem os que são considerados desviantes, “aquelas pessoas cujos corpos e performances desestabilizam a matriz heterossexual expressa no suposto alinhamento entre corpo, gênero e desejo” (Anjos; Goellner, 2017, p. 56). Com isso, Victória não se sente aceita em nenhuma das possibilidades binárias esportivas ofertadas, reiterando um caráter de possível exclusão por suas características físicas.

Alves e Moreira (2015) ponderam que as (trans)subjetividades constituem-se como resistências dentro dos ambientes escolares, e nós percebemos essas resistências também no âmbito dos esportes e do lazer, questionando e desconstruindo o caráter binário dessas práticas.

Pesquisadora chega na casa de acolhimento e encontra um menino que ainda não conhecia. Pergunta seu nome, e o menino questiona se pode ser chamado pelo nome masculino, a pesquisadora responde afirmativamente, ele se apresenta como Endrick. O jovem então questiona:

— Oh tia, todo mundo fala que tu consegue time. Consegue um time feminino para eu entrar, eu já joguei nas [nome do time]. (Endrick)

— Vou ver com o coordenador se você pode e vou tentar. (Pesquisadora)

— Tia Lóry, ela é boa, joga melhor que os meninos aqui da casa. No time das meninas vai passar por cima. (Educador da instituição)

(Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 7 jul. 2023).

Apesar da identificação como menino, Endrick solicita a participação em um time feminino, provavelmente, por entender que seria mais bem aceito em tal espaço, necessitando ficar nesse lugar de transitoriedade para conseguir jogar. Além disso, o educador, ao falar sobre as habilidades do menino, traz a noção hegemônica de que o futebol é algo masculino, e já que Endrick se destaca entre os meninos da casa, teria ainda mais destaque ao jogar em um time feminino. O futebol de várzea ou amador⁹, majoritariamente praticado como lazer, assim como ocorre no futebol profissional, praticado por homens, tende a ser um espaço, predominantemente, cisnormativo.

O futebol possui uma importância significativa para Endrick e para os outros meninos acolhidos, que se constituem como cisgênero. Inclusive vários deles relataram, por mais de uma vez, que não fugiam da instituição porque na casa eles tinham a oportunidade de jogar futebol.

Endrick é o único dos acolhidos que tem torcida durante os jogos e treinamentos, a participação de seus amigos é facilitada pela proximidade da casa com o local onde ocorre as práticas futebolísticas. Endrick faz questão de convidar os outros acolhidos para assistirem aos jogos e treinos, principalmente a sua namorada. Sobre isso ele comentou: *“Ah tia, sei que me queima com as outras gurias do time, mas gosto de mostrar que tenho mulher”* (Endrick, 29 jul. 2023). A assistência aos jogos e treinos por parte de amigos e familiares é algo frequente nas práticas futebolísticas de lazer. Endrick reforça essa tradição convidando seus colegas de instituição para lhe prestigiarem nos treinos e jogos.

Em um dos dias que a pesquisadora, junto com outros quatro jovens acolhidos, foram assistir a um treino de Endrick, Victória comentou:

É tia Lóry, o Endrick é muito bem aceito em um time feminino, mas o meu caso seria diferente, né? (Victória)
Como assim? (Pesquisadora)

9 Mais considerações sobre as diferentes nomenclaturas utilizadas para definir o futebol não profissional em: *Futebol popular* (Ribeiro; Spaggiari; Almeida, 2024).

Eu nunca seria aceita em um time masculino e nem em um feminino. (Victória)

Por que você acha isso? (Pesquisadora)

Sei lá tia, é muito preconceito. (Victória)

Você quer que eu tente uma vaga para você em um time feminino ou masculino? (Pesquisadora)

Não, eu nem gosto de futebol. Não quero, não. (Victória)

(Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 29 jul. 2023).

A narrativa de Victória demonstra que existem espaços e possibilidades diferentes entre os jovens trans acolhidos, sendo o gênero uma das formas de produção da subjetividade desses sujeitos. Com isso, Victória problematiza se a sua aceitação seria tão positiva quanto a de Endrick em espaços de lazer como o futebol de várzea ou amador. No documentário denominado *Quem pode jogar?* (2019), um atleta do fisioculturismo evidencia que percebe essa diferença entre a aceitação de homens e de mulheres trans, apontando a percepção de obstáculos maiores para as atletas trans, porém explica que isso não ameniza a necessidade de lutas para os homens trans ultrapassarem as barreiras ainda existentes para a prática esportiva.

Considerações finais

Para Foucault (1979), vivemos em uma sociedade em que a produção de verdades fabricam discursos. Assim circulam práticas discursivas que são referendadas como verdades, por exemplo, as produções de feminilidades e masculinidades cisgênero. Consequentemente aqueles que não fazem parte das invenções binárias de gênero, sexo e sexualidade, ainda hegemônicos em nossa sociedade, tendem a ser classificados pelos discursos transfóbicos como anormais, como desviantes, ou como alertou Preciado (2022), como um monstro, que não se enquadra nas classificações dos discursos biopsicológicos aceitos como verdadeiros.

Compreendemos que todas as experiências que atravessam os jovens trans aqui pesquisados produzem suas subjetividades nos diferentes

espaços em que transitam, a partir das inter-relações sociais constituídas. Em uma sociedade orientada pelo falocentrismo e heterossexualidade, as subjetividades também “são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos” (Butler, 2003, p. 10).

Especificamente na instituição em que os jovens aqui pesquisados residem (ou residiam, no caso de Endrick), existe um acolhimento enquanto as suas demandas de gênero. A casa tem quartos e banheiros separados entre meninos e meninas acolhidos e os jovens trans ficam nos espaços que combinam com a forma como se compreendem. Victória divide o quarto e o banheiro com as outras meninas que não são trans, e Endrick, da mesma forma, fica junto com os meninos cisgênero. Talvez a instituição seja o espaço socialmente habitado de maior inclusão para esses jovens, na qual são respeitadas as suas idiossincrasias.

Dentro da casa, os jovens e crianças que se compreendem como cisgênero não têm demonstrações de preconceito quanto aos jovens trans. Respeitando os seus nomes e gêneros, inclusive durante o processo de transição de Victória, os acolhidos que a conheceram enquanto menino e com um nome masculino modificaram a forma como a chamavam assim que a jovem passou a ter outro nome. As relações de amizade se estabelecem conforme interesses em comum, por exemplo, o futsal e o videogame proporcionam muitos momentos de descontração, principalmente, entre os meninos da casa, e Endrick se inclui sem dificuldades nessas vivências. Victória gosta muito de passear junto com as outras acolhidas, com uma ajudando a outra a se arrumar, fazendo penteados e maquiagens. Além disso, os outros acolhidos são solidários e não aceitam com passividade quando Victória sofre transfobia em outros espaços, como a escola.

O esporte e o lazer são parte importante da vida desses jovens, principalmente de Endrick, para quem o futsal é um lugar de autoestima e empoderamento; estar em um time faz com que o jovem tenha um lugar de destaque na casa tanto para os outros acolhidos quanto para aqueles que trabalham na instituição. Assim, o esporte constitui-se como parte da sua subjetividade, como espaço em que se formam diferentes sentimentos,

para além da demonstração de habilidades, mas também de sociabilidade, de afetos, de aprendizados, e de uma maior autonomia, pois lhe possibilita participar de treinos e competições fora da instituição.

Para Endrick, toda ida à quadra representa um momento singular para a constituição de sua subjetividade trans. Nos jogos e nos treinos, Endrick lança mão de seu “capital futebolístico”¹⁰ para mostrar o quanto ele joga. O jovem costuma comemorar com euforia cada gol que faz e mostra ira toda vez que erra uma jogada. Para ele, o futebol é um momento de empoderamento que eleva sua autoestima e atua positivamente na construção de sua subjetividade, que se processa, diariamente, na convivência com outros jovens que se assumem como não trans e que também gostam de futebol.

Victória também é atravessada pelas questões de esporte e lazer, seja em uma negação ao futebol, por entender que é um esporte masculino, seja pelas idas às quadras de vôlei para aliviar o estresse, ou ainda pela instigante vontade de competir e não poder, por estarmos em uma sociedade pautada em normas binárias. Victória, que costuma reivindicar seus direitos, traz questionamentos e se interessa em participar dos espaços esportivos e de lazer, problematizando se o universo do futebol a aceitaria ou não.

Esse estudo problematizou questões que tratam da passabilidade e da transfobia que afetam jovens trans. A pesquisa concluiu que as práticas esportivas e especificamente o futebol ocupavam um lugar de destaque na sociabilidade e na produção de subjetividades de Victória e Endrick, dois jovens trans em situação de acolhimento.

10 O conceito de capital futebolístico é uma apropriação da problematização que Bourdieu (1984; 1992) faz do conceito de capital. Bourdieu alarga o conceito de capital “econômico”, acrescentando a existência de um “capital cultural”; um “capital social” e um “capital simbólico”. Que funcionam se entrecruzando uns com os outros.

Referências bibliográficas

ALVES, Cláudio Eduardo Resende; MOREIRA, Maria Ignez Costa. Do uso do nome social ao uso do banheiro: (trans)subjetividades em escolas brasileiras. *Quaderns de Psicologia*, v. 17, n. 3, p. 59–69, 2015.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Mulheres cisgênero e mulheres transgênero: existe um modelo legítimo de mulher? SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11 & WOMEN'S WORLD CONGRESS, 13. *Anais eletrônicos*, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1518011872_ARQUIVO_Mulherescisgeneroemulherestransgenero-ClaudioEduardoResendeAlves.pdf. Acesso em: 13 abr. 2026.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ilena; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (org.). *Educação Física e sexualidade: desafios educacionais*. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 51–72. v. 1.

ARIZA, Marília Bueno de Araujo. Roda dos expostos (1825–1961). In: *Santa Casa de Misericórdia de S. Paulo*, [s.d.]. Disponível em: <https://santacasasp.org.br/museu-curiosidades/>. Acesso em: 13 abr. 2026.

BOURDIEU, Pierre. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Glossário temático: promoção da saúde*. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Acessar a unidade de acolhimento: “serviço de acolhimento”, “unidade de acolhimento”. In: *gov.br*, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-unidade-de-acolhimento>. Acesso em: 13 abr. 2026.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: I. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.

CERTEAU, Michel de. *A cultura do plural*. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento*: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004. p. 7-16.

CUNHA, Leandro Reinaldo da. Passabilidade como fator de inclusão e acesso para pessoas transgênero. *Migalhas*, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/direito-esexualidade/392338/passabilidade-como-fator-de-inclusao-e-acesso-para-pessoas-transgenero>. Acesso em: 13 abr. 2026.

DAMICO, José; KNUTH, Alan Goularte. O (des)encontro entre as práticas corporais e a atividade física: hibridizações e borramentos no campo da saúde. *Movimento*, v. 20, n. 1, p. 329-350, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/39474>. Acesso em: 13 abr. 2026.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. *Saúde e Sociedade*, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 979-992, set. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902014000300020>. Acesso em: 13 abr. 2026.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. v. 15.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV*: estratégia poder-saber. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KNUTH, Alan G.; ANTUNES, Priscilla de Cesaro. Práticas corporais/atividades físicas demarcadas como privilégio e não escolha: análise à luz das desigualdades brasileiras. *Saúde e Sociedade*, v. 30, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200363>. Acesso em: 13 abr. 2026.

LEBRETON, David. Ocorponas pesquisas atuais. SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO E TEOLÓGICO, 10. Faculdade Jesuíta, Belo Horizonte, 2014.

MANSKE, George Saliba. Práticas corporais como conceito?. *Movimento*, [s. l.], v. 28, p. e28001, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.118810. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/118810>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MUSEU DA MISERICÓRDIA. Roda dos Expostos. Salvador, [s.d.]. Disponível em: <https://www.museudamisericordia.org.br/>. Acesso em: 14 abr. 2026.

NUNES, Tainá *et al.* “Coisa de menina” e “coisa de menino”? Uma leitura do preconceito de gênero pela perspectiva dos praticantes de balé clássico masculino e futebol feminino. *Sociologias Plurais*. Curitiba, v. 7, n. 3, 2021.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Desinformação e falta de respostas impactam acesso de trans ao esporte. [Entrevista concedida a] Camila Cetrone e Miguel Trombini. *Ig Queer*, 6 jun. 2022. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-06-06/transformando-o-esporte-inclusao-atletas-trans-brasil.html>. Acesso em: 15 abr. 2026.

PORTO, Rosane de Albuquerque. *Roda dos expostos: deslocamentos do livro ao jornal*. 2011. 226 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira e Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/130857/322023.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 13 abr. 2026.

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

QUEM pode jogar? Direção: Marcos Ribeiro. Produção: Cavi Borges e Verônica Solti. Brasil: TV Imaginária/GNT-Globosat, 2019. Documentário (76 min).

RIBEIRO, Lóry da Silveira Ribeiro; RIGO, Luiz Carlos. *Caderno de campo: imersão e intervenções com o objetivo de analisar o papel do futebol e do*

lazer na sociabilidade e na produção de subjetividade de jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional. Pelotas, mar. 2022/dez. 2023. Material não publicado.

RIBEIRO, Lóry da Silveira; GOELLNER, Silvana Vilodre; RIGO, Luiz Carlos. Adoção tardia: manifestações do cotidiano de uma casa de acolhimento de Pelotas/RS. *Revista Caderno Pedagógico*, Curitiba, v. 21, n. 10, p. 1-21, 2024.

RIBEIRO, Lóry da Silveira Ribeiro; RIGO, Luiz Carlos. O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de acolhimento da cidade de Pelotas/RS. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, [s. l.], v. 11, 2025. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2619>. Acesso em: 13 abr. 2026.

RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (org.). *Futebol popular*. 1. ed. São Paulo: Ludopédio, 2024. v. 7 (Coleção Campo de Jogo).

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Da proibição à pesquisa: outros caminhos para estudar mulheres no futebol brasileiro¹

Caroline Soares Almeida

*Universidade São Judas Tadeu, Universidade
Federal de Pernambuco e INCT-Futebol*

Resumo:

Este capítulo discute caminhos metodológicos para a pesquisa sobre mulheres no futebol brasileiro com base em um conjunto documental pouco explorado: processos da Divisão de Censura de Diversões Públicas. A reflexão parte de investigações realizadas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional, nas quais documentos de censura sobre músicas, programas humorísticos e outras produções culturais revelaram disputas simbólicas em torno da presença de mulheres no futebol entre 1941 e 1979. O material evidencia um padrão recorrente: representações que conferiam protagonismo esportivo às mulheres eram frequentemente vetadas, enquanto narrativas ridicularizantes circulavam com maior facilidade. Ao discutir esse achado, o capítulo propõe que arquivos de censura podem ser mobilizados como fontes relevantes para compreender não apenas mecanismos institucionais de controle, mas também os regimes de visibilidade que moldaram a trajetória do futebol de mulheres no Brasil. A análise contribui para ampliar o repertório metodológico das pesquisas sobre futebol, gênero e cultura no país

Palavras-chave: futebol de mulheres; gênero; censura cultural; regimes de visibilidade; resistência.

Abstract:

This chapter explores methodological approaches to researching women's football in Brazil using a relatively unexplored body of documents: records

¹ Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Edital INCT 58/2022, no âmbito do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro.

from the Division of Public Entertainment Censorship (Divisão de Censura de Diversões Públicas). Based on investigations conducted at the National Library's Hemeroteca and the Brazilian National Archives, the analysis reveals symbolic disputes surrounding women's presence in football between 1941 and 1979, as evidenced by censorship files related to songs, humour programmes, and other cultural productions. The documents reveal a recurring pattern: depictions of women as competent athletes or protagonists in football were more likely to be restricted, whereas caricatured or mocking portrayals circulated more easily. Through the examination of these materials, the chapter demonstrates that censorship archives can serve as valuable sources for not only understanding the institutional mechanisms of cultural control, but also for analysing the regimes of visibility that have shaped the historical trajectory of women's football in Brazil. In doing so, the study contributes to the expansion of the methodological repertoire for researching football, gender and culture in Brazil.

Keywords: women's football; gender; cultural censorship; regimes of visibility; resistance.

Introdução

Este capítulo tem origem na conferência apresentada na mesa-redonda “Estudos e pesquisas sobre futebol: balanço, panorama e perspectivas”, realizada no auditório do Museu Cosme e Damião, do Clube Lisboa e Benfica, em 29 de setembro. Na ocasião, tive a oportunidade de compartilhar o debate com os colegas Pedro Amorim, Ricardo Ferreira e António Pinto, vinculados ao Centro de Documentação e Informação e à Direção de Património do clube, bem como com João Tiago Lima, do Departamento de Filosofia da Universidade de Évora.

A proposta da mesa orientou minha intervenção para uma reflexão sobre os percursos metodológicos que venho mobilizando em minha pesquisa sobre trajetórias de mulheres que, de diferentes maneiras, estiveram envolvidas com o futebol no Brasil ao longo do século XX. Trata-se de experiências frequentemente ausentes das narrativas dominantes sobre o esporte. Como observa Michelle Perrot (2005), a história das mulheres é marcada por silêncios produzidos pelos próprios regimes de produção do arquivo e da historiografia, que historicamente privilegiaram sujeitos,

espaços e práticas associados ao universo masculino e a formas socialmente legitimadas de masculinidade, frequentemente articuladas à ideia de masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2005). Nesse sentido, investigar a presença de mulheres no futebol implica enfrentar lacunas documentais e narrativas, mobilizando estratégias de pesquisa capazes de rastrear vestígios dispersos em fontes muitas vezes marginais ou fragmentárias.

A crescente digitalização de acervos documentais e hemerográficos tem desempenhado um papel importante ao ampliar as possibilidades de acesso a materiais antes pouco consultados ou de difícil circulação. A disponibilização desses documentos não apenas amplia o repertório empírico disponível, como também abre espaço para revisões historiográficas e analíticas acerca da presença e das formas de atuação de mulheres no futebol brasileiro ao longo do século XX.

Ao abordar a temática proposta para a mesa, duas autoras me pareceram particularmente fecundas para pensar a relação entre mulheres e futebol no Brasil e as formas como essa relação tem sido construída como objeto de investigação. A primeira é a antropóloga Marilyn Strathern (1995), que chama atenção para o modo como transformações sociais – muitas vezes impulsionadas por novos hábitos, reivindicações políticas ou mudanças tecnológicas – podem produzir deslocamentos nas formas de nomear e descrever a realidade. No contexto das sociedades de língua inglesa, por exemplo, debates feministas a partir dos anos 1970 problematizaram o caráter androcêntrico de certas convenções linguísticas, levando à revisão de usos considerados universais ou neutros, como o emprego genérico de *man* ou de pronomes masculinos para designar sujeitos indeterminados.

Para Strathern (1995), mudanças desse tipo revelam como as categorias linguísticas participam da organização simbólica das relações sociais. Em outras palavras, as formas de nomeação não apenas descrevem o mundo social, mas também contribuem para delimitar aquilo que pode ser reconhecido, pensado e representado dentro de determinado sistema cultural.

Essa reflexão se torna particularmente instigante quando pensamos o universo do futebol no Brasil. Até relativamente pouco tempo, por exemplo, a palavra “zagueira” praticamente não aparecia em registros escritos ou digitais, enquanto o termo “goleira” era frequentemente associado à gola de roupas, e não à posição esportiva. Esse hiato semântico revela mais do que uma lacuna lexical: ele indica as limitações históricas para imaginar mulheres ocupando determinadas posições no campo esportivo. Como sugere Strathern (1995), aquilo que não é nomeado tende a permanecer fora do horizonte simbólico de uma sociedade. Nesse sentido, a ausência ou rarefação da flexão de gênero na linguagem do futebol aponta também para os limites históricos de reconhecimento da presença de mulheres nesse universo.

A segunda autora que orienta essa reflexão é a historiadora da arte Linda Nochlin (1971), em seu célebre ensaio *Why Have There Been No Great Women Artists?*. Ao formular essa pergunta, Nochlin demonstra que ela não é neutra: já carrega implicitamente uma resposta, a de que as mulheres seriam incapazes de alcançar genialidade ou grandeza artística. O argumento central da autora, entretanto, é outro. Para Nochlin, o problema não reside nas capacidades individuais das mulheres, mas nas estruturas institucionais e nas formas de organização social que historicamente limitaram suas oportunidades de formação, reconhecimento e consagração.

Um exemplo recorrente em sua análise é o caso das academias de arte na França. Mesmo quando mulheres passaram a ser admitidas nessas instituições, na segunda metade do século XIX, elas eram impedidas de frequentar aulas com modelos humanos nus – elemento fundamental para a formação em pintura histórica e figurativa. Em seu lugar, eram frequentemente direcionadas a temas considerados apropriados, como paisagens ou natureza-morta. Nesse sentido, a ausência de “grandes artistas mulheres” não resulta de incapacidade individual, mas das condições estruturais que moldaram suas trajetórias.

O argumento de Nochlin (1971) é particularmente produtivo porque desloca o foco da busca por figuras excepcionais para a investigação dos

mecanismos institucionais que produziram desigualdades. Como a própria autora sugere, esse deslocamento metodológico pode ser estendido a outras áreas do conhecimento. No caso do futebol, isso nos permite reformular perguntas frequentemente naturalizadas. Em vez de perguntar por que não teríamos tido mulheres “geniais” no futebol brasileiro ao longo de grande parte do século XX, torna-se mais produtivo questionar: quais condições sociais, políticas e institucionais limitaram o desenvolvimento e a visibilidade de suas trajetórias?

Por que não surgiram, nesse período, jogadoras amplamente reconhecidas por suas habilidades, como Leônidas da Silva, Garrincha ou Pelé? Ou cronistas esportivas com projeção semelhante à de Nelson Rodrigues ou João Saldanha? Este último, inclusive, foi treinador da seleção brasileira antes da Copa do Mundo de 1970. A ausência dessas figuras no imaginário esportivo nacional não deve ser interpretada como evidência de incapacidade das mulheres no universo futebolístico, mas como resultado de processos históricos que restringiram o acesso das brasileiras a esse campo.

Nesse sentido, a chamada “questão da mulher”, tal como formulada por Nochlin, não é um problema periférico, mas um ponto de partida privilegiado para interrogarmos aquilo que frequentemente aparece como natural nas disciplinas acadêmicas e nas instituições sociais.

Embora provenientes de campos distintos, as reflexões de Perrot, Strathern e Nochlin convergem ao evidenciar que a ausência de mulheres em determinados registros históricos, linguísticos ou institucionais não deve ser interpretada como evidência de inexistência, mas como resultado de processos sociais que regulam aquilo que pode ser visto, nomeado e reconhecido

É a partir dessa perspectiva que tenho conduzido pesquisas nos últimos anos, sobretudo utilizando os materiais disponibilizados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional, buscando compreender as estruturas institucionais e os mecanismos de controle que historicamente restringiram o espaço futebolístico aos homens. Inicialmente, procurei documentos como processos judiciais ou relatórios policiais que

pudessem indicar eventuais prisões de mulheres pela prática do futebol durante o período de proibição da modalidade no Brasil (1941-1979), lembrando que a regulamentação oficial do futebol feminino de campo só ocorreu em 1983.

Durante essa investigação, deparei-me com um conjunto significativo de processos produzidos pela Divisão de Censura de Diversões Públicas, órgão responsável pela regulação de espetáculos culturais durante a ditadura civil-militar brasileira. Esses documentos se referiam a produções culturais e formas de entretenimento que, de diferentes maneiras, abordavam a temática do futebol feminino ou a relação entre mulheres e futebol. Esse achado revelou que o futebol de mulheres também foi objeto de censura cultural, um elemento que contribuiu para moldar as condições de visibilidade e as trajetórias de mulheres no futebol brasileiro nesse período. É a partir dessa perspectiva que se orienta a reflexão apresentada neste capítulo.

Diante disso, este capítulo analisa documentos produzidos no âmbito da Divisão de Censura de Diversões Públicas, buscando compreender de que maneira a união entre futebol e mulheres foi enquadrada no campo da censura cultural e quais os efeitos desse enquadramento sobre as formas de visibilidade, circulação e representação das mulheres no universo futebolístico.

Censura cultural e regimes de visibilidade: gênero e representação no futebol de mulheres

Não é dissenso que o futebol no Brasil é atravessado por uma lógica de gênero masculino cis-heteronormativo, construída historicamente e responsável por definir quem pode ou deve ocupar o espaço futebolístico, seja na prática esportiva, seja na produção de conhecimento sobre o tema. Para pensar essa dinâmica, mobilizo o conceito de “gênero da bola”, desenvolvido pela antropóloga Mariane Pisani (2018), que evidencia como o futebol

se consolidou como um território simbólico e institucional marcado pela masculinidade (Rial; Almeida, 2024).

Nesse sentido, recorro também às contribuições de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) para refletir sobre relações de poder que operam de forma interseccional, moldando comportamentos, oportunidades e trajetórias individuais e coletivas. Essas dinâmicas articulam diferentes marcadores sociais – como gênero, raça, classe social, geração e sexualidade – e ajudam a compreender como determinadas presenças são legitimadas enquanto outras permanecem marginalizadas no universo do futebol. Para compreender como a presença de mulheres no esporte foi historicamente regulada no Brasil, é necessário considerar os mecanismos institucionais e simbólicos que produziram regimes de visibilidade (Foucault, 1987) – sistemas que definem quem pode ser reconhecido e sob quais condições.

A institucionalização da censura ao longo do século XX constitui um elemento central desse processo. Durante o Estado Novo (1937–1945), o controle da produção cultural foi centralizado no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Posteriormente, durante a ditadura civil-militar instaurada em 1964, esses mecanismos tornaram-se ainda mais capilarizados. Órgãos censores passaram a avaliar peças teatrais, músicas, programas de rádio e televisão, autorizando ou vetando conteúdos considerados ofensivos à moral ou potencialmente subversivos.

A noção foucaultiana de regimes de visibilidade ajuda a compreender essa dinâmica (Foucault, 1987). A censura não operava apenas como supressão de conteúdos, mas como um dispositivo que organizava as formas legítimas de representação social. Ao autorizar determinados discursos e interditar outros, delimitava quais imagens de mulheres no futebol poderiam circular publicamente. Como indicam os documentos analisados, representações que reforçavam estereótipos de gênero – como a ridicularização ou a desqualificação da presença mulheres nesse esporte – tendiam a ser toleradas, enquanto narrativas que apresentavam mulheres como atletas competentes ou protagonistas encontravam maiores obstáculos de circulação.

Esse controle institucional se somava a um contexto de longa exclusão das mulheres do universo futebolístico. A cronologia de sua presença no futebol brasileiro revela uma trajetória marcada por avanços e retrocessos (Mourão; Morel, 2008). Há registros de mulheres jogando desde pelo menos 1913, mas o marco institucional decisivo ocorreu em 1941, quando um decreto do Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiu oficialmente a prática de determinadas modalidades esportivas por mulheres, entre elas o futebol (Almeida, C., 2019; Almeida, C.; Almeida, T., 2020).

A prática não desapareceu, mas passou a ocorrer em condições frequentemente marginais ou clandestinas. Jogos eram organizados em formatos festivos ou espetaculares, muitas vezes associados a apresentações de vedetes, partidas beneficentes ou eventos de entretenimento. Em outras palavras, havia uma espécie de tolerância condicionada: o futebol de mulheres podia existir como espetáculo, mas não como prática esportiva legitimada.

Apesar dessas restrições, mulheres continuaram a organizar equipes e disputar partidas em diferentes espaços. Nas décadas de 1960 e 1970, multiplicam-se registros de jogos em praias, quadras improvisadas, campos de várzea e periferias urbanas, frequentemente fora do circuito esportivo oficial. Pesquisas como as de Rigo et al. (2008) e Bonfim (2019) mostram como essas iniciativas se expandiram em diversas regiões do país.

Um exemplo significativo vem do Recife, com a equipe Coisinha do Pai, liderada por Carminha Nóbrega (Capucim e Silva, 2015; Almeida; Pisani; Gomes, 2024). O grupo desenvolveu estratégias variadas de inserção no universo futebolístico: ocupação de espaços alternativos de jogo, como praias e preliminares de partidas de homens; mobilização de discursos que enfatizavam o caráter amador e “gracioso” da prática de mulheres; e pressão por reconhecimento institucional. Em 1980, essas mulheres chegaram a organizar o I Congresso de Futebol Feminino.

Essas iniciativas mostram como as jogadoras negociaram e tensionaram os limites impostos pelo regime esportivo e moral da época. A regulamentação oficial do futebol para mulheres no Brasil só ocorreria em

1983, com a realização da primeira Taça Brasil de Futebol Feminino, mas esse marco foi precedido por múltiplas experiências locais e estratégias de resistência – de Copacabana a Araguari (MG), das periferias recifenses ao interior do Rio Grande do Sul, passando por eventos como o I Festival de Mulheres nas Artes, em São Paulo (Almeida, 2013; Almeida; Pisani; Gomes, 2024).

Nesse contexto, a análise dos documentos produzidos pela Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) permite observar como o futebol de mulheres foi tematizado no campo da cultura e do entretenimento durante o período de vigência da proibição formal. O corpus examinado inclui as canções “Gol anulado”, de Aldir Blanc e João Bosco; “Futebol feminino”, de José Timóteo Filho, Antonio Pereira da Silva e Gilberto Silva de Almeida; “Mulher no futebol”, de Antonio Sousa Lima, além do quadro humorístico “Loucura de futebol”, apresentado por Jô Soares em 1971. A hipótese que orienta a análise é que a censura não avaliava apenas conteúdos considerados impróprios, mas também regimes de representação que reafirmavam hierarquias de gênero.

A canção “Gol anulado”², lançada em 1976, narra um episódio de violência doméstica desencadeado por rivalidade clubística: “Quando você gritou mengo no segundo gol do Zico, tirei sem pensar o cinto e bati até cansar” (Bosco; Blanc, 1976). O eu lírico relata ter agredido a companheira após ela comemorar um gol do Flamengo. Apesar da referência explícita à agressão, a música foi liberada sem cortes. Nela, o futebol aparece como mediador das emoções masculinas, articulando rivalidade esportiva, honra e autoridade doméstica. Essa dinâmica dialoga com o conceito de masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2005), que descreve padrões culturais que legitimam relações de poder entre homens e mulheres.

A liberação da canção torna-se compreensível nesse contexto. A narrativa não questiona as estruturas de gênero que sustentam a violência nem desloca o futebol de sua posição como território simbólico da

2 Agradeço à Carmen Rial por me chamar a atenção para a letra desse clássico da MPB.

masculinidade. Representações desse tipo, que reiteravam padrões já naturalizados, eram mais facilmente admitidas na esfera pública. O contraste com outros materiais analisados é ilustrativo. Produções que ridicularizavam a presença de mulheres no universo futebolístico eram autorizadas com facilidade, enquanto aquelas que sugeriam protagonismo ou competência esportiva encontravam maiores obstáculos.

O quadro humorístico “Loucura de futebol”, apresentado por Jô Soares em 1971, segue essa lógica. Na cena, uma mulher atua como comentarista esportiva, mas demonstra desconhecimento das regras do jogo, confundindo nomes de times e concentrando-se em aspectos estéticos dos uniformes. O humor se constrói pela desqualificação cognitiva da narradora, reforçando a ideia do futebol como domínio masculino.

Entre as canções analisadas, duas foram liberadas e uma, vetada. Em “Mulher no futebol”, submetida à censura em 1984, a prática de mulheres aparece como motivo de escárnio, com versos que afirmam que “futebol feminino é uma gozação” (Lima, 1984). A canção foi autorizada após análise da gravação, indicando que a desqualificação da presença de mulheres nesse esporte não representava ameaça à ordem simbólica vigente.

Já o carimbó “Futebol feminino”, submetido em 1975, destacava a habilidade das mulheres em campo. Os censores alegaram que a expressão “mulher que chuta bem” (Timóteo Filho; Silva, A.; Silva, G., 1975) poderia sugerir duplo sentido, fundamentando o veto no artigo 41 do Decreto nº 20.493/1946. Mesmo após alterações na letra e nova submissão, a obra permaneceu proibida.

Paradoxalmente, enquanto produções que ridicularizavam a relação entre mulheres e futebol eram autorizadas, a canção que reconhecia a competência das jogadoras foi considerada inadequada para circulação pública. Tomados em conjunto, esses casos indicam um padrão consistente: representações que reafirmavam estereótipos de gênero eram toleradas, enquanto narrativas que valorizavam a presença de mulheres no futebol enfrentavam maior resistência institucional. A censura operava, assim, não apenas como instrumento de controle político, mas também como um

dispositivo que regulava as formas legítimas de representação das mulheres no esporte. É com base nessa articulação entre censura, linguagem e regimes de visibilidade que se torna possível refletir sobre as condições históricas que moldaram – e muitas vezes limitaram – a presença das mulheres no futebol brasileiro.

Considerações finais

Retomando as provocações apresentadas na introdução, as reflexões de Strathern (1995) e Nochlin (1971) ajudam a compreender que a ausência de mulheres em determinados campos sociais não deve ser interpretada como evidência de incapacidade ou inexistência, mas como resultado de processos históricos que regulam aquilo que pode ser nomeado, representado e reconhecido. No caso do futebol brasileiro, os documentos analisados mostram que, além da proibição formal da prática esportiva, operou também um conjunto de mecanismos de controle cultural que restringiu as formas legítimas de imaginar e representar mulheres no universo futebolístico.

Os pareceres da Divisão de Censura de Diversões Públicas indicam um padrão consistente: representações que ridicularizavam ou deslegitimavam a presença de mulheres no futebol eram frequentemente autorizadas, enquanto narrativas que atribuíram competência técnica ou protagonismo esportivo às mulheres enfrentavam maior resistência institucional. A censura, portanto, não atuou apenas como instrumento de controle político, mas também como um dispositivo que organizou regimes de visibilidade, delimitando as imagens socialmente aceitáveis das mulheres no esporte.

Ao mesmo tempo, os exemplos discutidos neste capítulo evidenciam que essas restrições não impediram a emergência de múltiplas formas de resistência. Em praias, campos de várzea, eventos culturais e iniciativas associativas, mulheres continuaram a jogar, organizar equipes e reivindicar reconhecimento para a prática do futebol. Essas experiências mostram

que a história do futebol de mulheres no Brasil foi marcada por disputas contínuas entre mecanismos de exclusão e estratégias de permanência.

A análise dos arquivos de censura revela, portanto, não apenas os limites impostos à presença de mulheres no futebol, mas também as disputas simbólicas que moldaram sua visibilidade pública. Ao mobilizar esse tipo de documentação como fonte de pesquisa, abre-se um caminho metodológico promissor para investigar como gênero, cultura e poder se articularam na construção histórica do futebol no Brasil. Nesse sentido, estudar o futebol de mulheres não significa acrescentar um capítulo marginal à história do esporte, mas ampliar as possibilidades analíticas para compreender as relações entre gênero, linguagem, instituições e regimes de visibilidade na sociedade brasileira.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Caroline Soares. *Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

ALMEIDA, Caroline Soares. Mulheres futebolistas: debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro. *Lusotopie*, v. 18, n. 1, p. 95-118, 2019.

ALMEIDA, Caroline Soares; PISANI, Mariane S.; GOMES, Maria C. S. Do futebol clandestino à resistência: a luta de mulheres para a prática do futebol no Recife. In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline S. (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 179-217.

ALMEIDA, Caroline Soares; ALMEIDA, Thaís R. Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?: histórias do futebol de mulheres no Brasil. *ICSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 31, p. 168-191, 2020.

BONFIM, Aira Ferreira. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (Mestrado em História), Fundação Getúlio Vargas, 2019.

BOSCO, João; BLANC, Aldir. Gol anulado. In: *Galos de briga*. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1976.

BRASIL. *Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941*. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [1941]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 7 mar. 2022.

CAPUCIM E SILVA, Giovana. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, 2015.

CAPUCIM E SILVA, Giovana. *Futebol: substantivo masculino – disputas acerca do futebol de mulheres na imprensa do Rio de Janeiro e Recife durante sua interdição (1941-1983)*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, 2025.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2008.

NOCHLIN, Linda. Why Have There Been No Great Women Artists? *ARTnews*, v. 69, n. 9, p. 22-39; 67-71, 1971.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

PISANI, Mariane. *Sou feita de chuva, sol e barro: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 2018.

RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline Soares de. O gênero da bola: mulheres e futebol na mídia. *Alceu*, v. 24, n. 52, p. 84-119, 2024.

RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia G.; THEIL, Larissa Z.; AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 29, n. 3, p. 73-86, 2008.

STRATHERN, Marilyn. Necessidade de Pais Necessidade de Mães. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 303, 1995.

Parte II

MIGRAÇÃO, MOBILIDADE E RACISMO



Mobilidade, precariedade e desigualdade no futebol global

Carlos Nolasco

Universidade de Coimbra (Portugal), Centro de Estudos Sociais

Resumo

A migração internacional de trabalho desportivo constituiu um campo privilegiado de observação das desigualdades que estruturam a globalização contemporânea. Para além da imagem glamorosa dos atletas de elite que fluem mediaticamente, coexistem circuitos migratórios de atletas em situação de grande vulnerabilidade. A circulação profissional regulada e visível convive com trajetórias aspiracionais marcadas pela informalidade, vulnerabilidade jurídica e elevado risco de fracasso. Estas duas dimensões não são opostas, mas complementares: integram uma mesma dinâmica de mobilidade que proporciona oportunidades, direitos e riscos de forma assimétrica entre centros, periferias e semiperiferias. A partir da análise do futebol português e da mobilidade de jovens jogadores africanos, evidencia-se o papel estratégico de Portugal enquanto plataforma intermédia de valorização e redistribuição de atletas. O futebol revela, assim, dinâmicas contemporâneas de colonialidade, economia política global e profunda desigualdade entre indivíduos e países.

Palavras-chave: migrações de trabalho desportivo; futebol; governança desportiva; Portugal; globalização.

Abstract

International migration in sport is a key area for observing the inequalities that underpin contemporary globalisation. Beyond the glamorous image of elite athletes portrayed in the media, there are also migratory circuits involving athletes in situations of great vulnerability. Visible, regulated professional circulation coexists with informal, risky and legally vulnerable aspirational trajectories. These two dimensions are complementary, forming part of the same mobility dynamic that distributes opportunities, rights and risks unevenly between centres, peripheries and semi-peripheries. An analysis of Portuguese football and the mobility of young African players reveals Portugal's strategic

role as an intermediate platform for the valuation and redistribution of athletes. Football thus reveals the contemporary dynamics of coloniality, the global political economy, and the profound inequality between individuals and countries.

Keywords: sports labour migration; football; sports governance; Portugal; globalisation.

Introdução

As migrações internacionais configuram um dos fenómenos marcantes das sociedades contemporâneas, suscitando significativos desafios políticos e sociais, colocando às ciências sociais e humanas relevantes questões analíticas (Castles; Haas; Miller, 2014; Sassen, 1991). Neste contexto, o desporto e, de forma particularmente expressiva o futebol, integra plenamente essas dinâmicas, promovendo uma expressiva mobilidade transnacional de trabalho e, conseqüentemente, originando novas configurações competitivas, composições de equipas, lógicas de mercado, que requerem um novo olhar reflexivo. A liberalização do mercado de trabalho desportivo no espaço europeu, impulsionada por decisões jurídicas como o Caso Bosman, contribuiu para intensificar e institucionalizar os fluxos internacionais de atletas (Parrish, 2015). Paralelamente, a reorganização das competições em ligas altamente capitalizadas, como a inglesa Premier League ou a UEFA Champions League, reforçou a centralidade da Europa como destino privilegiado de jogadores oriundos de África, da América Latina e de outras regiões do Sul Global, configurando circuitos migratórios marcadamente seletivos (Poli; Ravenel; Besson, 2019). Ainda assim, a figura do atleta profissional tende a ser percecionada como condição de exceção, um jogador estrangeiro altamente qualificado e privilegiado, frequentemente dissociado das categorias analíticas aplicadas a outros trabalhadores migrantes (Nolasco, 2013; Agergaard; Ryba, 2014).

Apesar da centralidade empírica e simbólica do desporto, as migrações que daí decorrem têm ocupado uma posição relativamente periférica

no campo acadêmico dos estudos migratórios (Magee; Sugden, 2002; Poli, 2010). Tal desfasamento revela-se especialmente paradoxal no futebol, tendo em consideração o impacto mediático da modalidade, a sua expressividade social e a sua condição de se constituir como um “lugar estratégico de investigação” (Merton, 1973, p. 372), funcionando como um laboratório privilegiado para observar processos mais amplos de mobilidade global, regulação, precarização laboral e tráfico de pessoas, entre outras dinâmicas estruturantes do mundo contemporâneo. Nesse sentido, a observação das migrações de futebolistas é reveladora de outras dinâmicas migratórias.

Tendo como fundamento trabalhos de investigação anteriormente realizados,¹ este texto parte da premissa de que as migrações de trabalho no futebol constituem fenómenos complexos e não lineares, moldados por múltiplas condições estruturais e circunstanciais, assumindo expressões diversas. Para tal, analisam-se duas formas diferenciadas de mobilidade migratória de jogadores de futebol. A primeira corresponde à migração profissional consagrada, caracterizada por trajetórias reguladas, contratos formais, reconhecimento institucional e plena inserção no mercado global do futebol, dimensão que domina as representações mediáticas e sustenta a narrativa meritocrática da modalidade. A segunda refere-se à migração aspiracional e informal, protagonizada sobretudo por jovens africanos que recorrem ao futebol como estratégia de saída de contextos de precariedade estrutural, frequentemente à margem dos enquadramentos legais e institucionais. Essas trajetórias distinguem-se pela invisibilidade, pela informalidade e por elevados riscos de fracasso. Ao propor a articulação dessas duas realidades, argumenta-se que a mobilidade profissional no futebol masculino e a vasta reserva de trabalho aspiracional não constituem fenómenos dissociados, mas dimensões complementares de um mesmo sistema

1 O primeiro desses trabalhos consistiu na investigação de doutoramento (Nolasco, 2013); o segundo resultou da participação de um projeto internacional sobre a chegada à Europa de jovens jogadores de futebol provenientes de países africanos (Oliveira; Nolasco, 2024).

económico e simbólico que produz e reproduz desigualdades na distribuição de oportunidades, direitos e riscos.

Pretende-se contribuir para uma compreensão mais abrangente das mobilidades contemporâneas, evidenciando como o futebol, longe de constituir um domínio autónomo, reproduz e intensifica as assimetrias que caracterizam o sistema migratório global. Portugal surge, neste quadro, como uma realidade relevante, enquanto país que desempenha um papel intermédio na receção, valorização e redistribuição de jogadores migrantes. A sua dependência económica das transferências internacionais, aliada a laços históricos, linguísticos e pós-coloniais, tornam Portugal num espaço-chave para a compreensão de como as semiperiferias participam ativamente na reprodução das desigualdades globais.

O texto que se segue estrutura-se em quatro momentos. Inicialmente, apresenta-se o enquadramento teórico, situando as migrações no futebol no debate mais amplo sobre economia política global, colonialidade e regimes desiguais de mobilidade. Em seguida, explicita-se a fundamentação conceptual da análise, ancorada em investigação empírica prévia que sustenta a problematização desenvolvida. A terceira parte divide-se em dois eixos analíticos: por um lado, a mobilidade no futebol português, destacando o papel semiperiférico de Portugal como plataforma de circulação e valorização de talento; por outro, a migração de jovens futebolistas africanos, evidenciando dinâmicas de esperança, informalidade e vulnerabilidade. Por fim, as considerações finais articulam estas dimensões como expressões complementares de um mesmo sistema que produz e reproduz desigualdades globais.

Dinâmicas e tendências das migrações de trabalho desportivo

As narrativas heroicas que celebram feitos memoráveis no futebol tendem a ocultar a existência de outras histórias da modalidade, feitas das migrações de jogadores e dos seus percursos entre diferentes países e contextos

futebolísticos. Esta dimensão, quase nunca tida em consideração, é igualmente relevante para compreender a forma como o futebol foi acontecendo à escala global. Tal mobilidade migratória de trabalho futebolístico não é um fenómeno exclusivo do futebol ou do desporto, mas a expressão de uma dinâmica transversal a toda a humanidade. Desde o século XIX, milhões de pessoas migraram em busca de melhores condições de vida, num processo em que praticamente todos os países foram envolvidos, ou como países de origem ou de destino, alterando significativamente a composição da população mundial. No desporto sucederam processos idênticos, inicialmente por meio da mobilidade cosmopolita de alguns indivíduos que contribuíram para a dispersão do jogo no mundo e, depois, pela migração internacional de atletas em resposta a exigências competitivas, numa dinâmica que se intensificou e complexificou à escala global nas últimas décadas (Maguire; Falcous, 2011, p. 2).

As primeiras referências não acidentais à mobilidade de atletas e à sua interpretação como movimentos migratórios foram realizadas nos anos de 1970, no âmbito da geografia, inicialmente pelo americano John Rooney e depois pelo britânico John Bale. Só nos anos 1990 é que uma obra organizada por John Bale e Joseph Maguire (1994), *The Global Sports Arena: athletic talent migration in an interdependent world*, se estabelece como a referência no estudo das migrações de trabalho desportivo ao reunir diversas perspetivas disciplinares e de diferentes países, que afirmam o fenómeno como um segmento intrínseco às migrações contemporâneas e à globalização. Segundo os autores, a mobilidade laboral de atletas não é um fenómeno autónomo, mas sim um reflexo das dinâmicas sociais e geográficas das sociedades industriais modernas, sendo profundamente condicionada pela mercadorização do desporto, pela standardização de regras e pela emergência de um sistema desportivo global (Bale; Maguire, 1994, p. 5). Esta circulação migratória ocorre em paralelo com outros fluxos, nomeadamente tecnológicos, económicos e ideológicos, alinhando-se com as “paisagens globais” propostas por Appadurai (1990) e refletindo as tendências de globalização dominantes nos anos 1990, que sugerem uma

normalização de processos através de molduras teóricas como a teoria da dependência ou o sistema-mundo de Wallerstein (2004). Posteriormente, Maguire *et al.* (2002, p. 4) reforçaram esta visão ao descreverem a “arena desportiva global” como um campo competitivo marcado por relações de poder, onde a circulação de diversos atores, desde atletas a agentes, manifesta-se em cinco dimensões fundamentais (migratória, económica, tecnológica, comunicacional e ideológica), consolidando a ideia de que o desporto é um elemento indissociável das paisagens globais de circulação de pessoas, bens e ideais liberais.

Trinta e dois anos passados desde a publicação de *The Global Sports Arena*, constata-se que a produção académica sobre a migração de atletas diversificou as abordagens conceptuais. As abordagens iniciais enfatizaram explicações económicas de tipo *push-pull*, segundo as quais atletas migram motivados por diferenciais salariais, qualidade de infraestruturas, visibilidade mediática e possibilidades de progressão profissional (Magee; Sugden, 2002). Contudo, a literatura rapidamente problematizou esta leitura funcionalista ao demonstrar que tais decisões individuais estão inseridas em estruturas históricas e geopolíticas desiguais. Desde logo, assumiu-se que os fluxos de atletas migrantes não ocorre como consequência das forças da globalização. Essas migrações, longe de serem determinadas por uma globalização sem fronteiras, são consequência de relações entre Estados, relações históricas, culturais, políticas, económicas e jurídicas que obrigam a uma interpretação relacional entre espaços de origem e de destino (Poli, 2010).

A investigação passou a assumir como dimensão analítica as desigualdades entre países, realçando mecanismos políticos e económicos de dominação. O facto de muitos trabalhos dedicarem particular atenção aos fluxos migratórios Sul/Norte, com origem em África ou na América Latina e destino na Europa ou na América do Norte (Darby, 2000; Darby; Akindes; Kirwin, 2007; Poli; Besson, 2011), motivou interpretações de pendor crítico/marxista, em que esses fluxos são vistos como formas de exploração do Sul pelo Norte global. Raffaele Poli (2010), ao analisar o futebol profissional

européu, propôs a noção de uma “nova divisão internacional do trabalho desportivo”, caracterizada pela centralidade dos campeonatos europeus e pela periferização de mercados exportadores de talento. Nesta perspetiva, os fluxos migratórios resultam da articulação entre clubes centrais, agentes intermediários e mercados formadores situados em contextos economicamente subordinados. Neste âmbito, emergiram interpretações com base na teoria do sistema-mundo e do desenho conceptual de Immanuel Wallerstein (2004). Em muitos desportos, a observação das migrações de atletas tem o sentido periferia/centro, ou seja, das zonas mais carenciadas para as mais desenvolvidas. Carmen Rial (2008, p. 47), a propósito das migrações de futebolistas brasileiros, diz que mesmo quando o movimento os leva para uma cidade vizinha maior, ou para outro Estado, seguem uma orientação no sentido da periferia para o centro.

Contributos oriundos do Sul Global aprofundaram esta dimensão crítica e descentralizaram o debate. Paul Darby, em colaboração com Gildas Akindes e Matthew Kirwin (2007), mostrou como as academias de futebol na África Ocidental se inserem em redes transnacionais que combinam promessa de mobilidade social com precariedade contratual e assimetrias informacionais. Chuka Onwumechili (2017) reforçou esta leitura ao evidenciar como os circuitos mediáticos e empresariais moldam a representação e a circulação do jogador africano, muitas vezes reduzido a ativo económico. Estes contributos do Sul Global ampliam o campo ao revelar que a divisão internacional do trabalho desportivo encontra paralelos nas desigualdades regionais internas e nas dinâmicas históricas de dependência económica. Estudos como os de Carmem Rial (2008) mostram que a circulação internacional de futebolistas brasileiros integra uma economia moral do “rodar”, na qual a mobilidade constante é simultaneamente estratégia de ascensão social e mecanismo de precarização laboral.

Assumindo a complexidade desta mobilidade, migração de atletas não deve ser entendida apenas por meio de determinismos macroeconómicos ou da teoria do sistema-mundo, pois cada fluxo possui especificidades que transcendem as leis de oferta e procura (Meyer, 2001; Maguire, 2004).

As relações entre centro e periferia são dinâmicas e influenciadas por variáveis históricas, políticas e culturais, resultando num processo seletivo no qual os clubes europeus recrutam jogadores com base em afinidades específicas (Poli, 2010). Este fenómeno é visível nas preferências dos clubes ingleses por atletas de outras nações do Reino Unido e de países vizinhos do Norte Europeu, na inclinação alemã para a Europa de Leste, na matriz africana do recrutamento francês, na predominância de sul-americanos nos campeonatos espanhol e italiano, bem como jogadores brasileiros em Portugal (Poli; Besson, 2011; Nolasco, 2013). Estes fluxos tendenciais revelam a manutenção de vínculos que determinam a circulação do trabalho desportivo em nível global (Maguire; Stead, 1998). Já a seletividade migratória reflete a “colonialidade global” (Grosfoguel, 2008), evidente na forma como as instituições que gerem o desporto mundial promovem o recrutamento de talentos das periferias e semiperiferias, as quais investem recursos na formação de atletas que acabam por ser atraídos para os centros económicos e desportivos (Magee; Sugden, 2002; Connor; Griffin, 2009). Esta dinâmica é interpretada como um neocolonialismo simbólico que se traduz numa fuga de recursos humanos, um “*muscle drain*” (Andreff, 2009) ou “fuga de pés” (Rial, 2006).

Darby, Esson e Ungruhe (2022) apresentam uma análise crítica incisiva sobre a forma como o mercado global do futebol permanece organizado a partir de desigualdades históricas, heranças coloniais e marcadas assimetrias de poder. O mérito central da sua contribuição não se limita à exposição dessas disparidades, mas reside sobretudo na construção de um enquadramento analítico consistente, que articula teoria crítica, evidência empírica e uma apurada atenção às dimensões epistemológicas. Nesse contexto, a mobilidade desportiva é compreendida como um espaço de disputas materiais e simbólicas, configurando-se como um campo privilegiado para interpretar as dinâmicas mais amplas do capitalismo global contemporâneo. Os autores evidenciam que muitos jovens atletas africanos vivem situações de insucesso migratório, sendo abandonados por agentes ou compelidos a sobreviver em condições de informalidade e clandestinidade,

permanecendo num verdadeiro limbo jurídico e social. Essa abordagem questiona as narrativas hegemônicas de sucesso desportivo e problematiza a racionalidade neoliberal que apresenta o desporto como via quase automática de ascensão social. Observando a mobilidade de jogadores africanos para a Europa, e partindo do conceito de mobilidade diferencial de Mimi Sheller e John Urry (2006), os autores demonstram que a circulação de jogadores africanos está longe de ser livre ou equitativa. Ao contrário, trata-se de uma mobilidade seletiva e frequentemente precária, profundamente condicionada por fatores estruturais, como as redes de intermediários, as políticas migratórias, a regulamentação desportiva e a atuação de academias e clubes. Por fim, destaca-se a incorporação das dimensões emocionais e subjetivas na análise da migração desportiva. Recorrendo ao conceito de “trabalho aspiracional”, Katleen Kuehn e Thomas Corrigan (2013) mostram como os jovens africanos, as suas famílias e comunidades, investem afetivamente num futuro incerto, alimentado por representações midiáticas e promessas de êxito. A esperança surge, assim, simultaneamente como força mobilizadora e como mecanismo de captura subjetiva, mantendo os migrantes vinculados a uma estrutura global de exploração mesmo perante a evidência da experiência do fracasso. Sine Agergaard (2008; 2018) amplia esta perspetiva argumentando que os atletas mantêm vínculos multilocais que desafiam concepções lineares de integração. Pesquisas em psicologia cultural do desporto (Ryba *et al.*, 2016; Schinke *et al.*, 2021) acrescentam que o bem-estar, o suporte social e a competência intercultural são dimensões cruciais para compreender o sucesso ou o fracasso das trajetórias migratórias.

Em síntese, o quadro teórico contemporâneo sobre migrações de trabalho desportivo aponta para uma abordagem multinível e relacional. A mobilidade atlética deve ser compreendida simultaneamente como expressão de uma economia política global marcada por desigualdades históricas, como processo regulado por dispositivos institucionais transnacionais e como experiência biográfica situada.

Fundamentação conceptual da análise

A análise crítica realizada neste texto fundamenta-se em dois trabalhos de investigação anteriormente realizados pelo autor. Esses trabalhos permitiram delimitar o objeto de análise, como também aprofundar o enquadramento conceptual e identificar problemáticas centrais que aqui são consideradas e refletidas. Por meio da revisão sistemática da literatura, da recolha e interpretação de dados e da discussão dos resultados então obtidos, foi possível construir um corpo de conhecimento consistente que sustenta a argumentação aqui apresentada.

Assim, esta reflexão não se configura como um exercício isolado ou meramente opinativo, mas como o resultado de um percurso investigativo estruturado, fundamentado em evidências e em diálogo crítico, com contributos teóricos relevantes. Ao integrar e reinterpretar as conclusões anteriormente alcançadas, este texto procura não apenas consolidar conhecimento, mas também aprofundar a compreensão das migrações de trabalho desportivo, oferecendo uma análise crítica rigorosa e devidamente sustentada.

Sobre os trabalhos referidos, o primeiro, realizado em 2013, consistiu na tese de doutoramento intitulada “Fintar fronteiras. Migrações internacionais no futebol português” (Nolasco, 2013), onde se argumenta que o futebol profissional, enquanto atividade laboral, suscita migrações internacionais de trabalho desportivo que, apesar da sua especificidade, se inserem na dinâmica da “idade das migrações”. Por meio do trabalho empírico constatou-se que as migrações do futebol português inserem-se nas dinâmicas migratórias da arena desportiva global, com a particularidade de serem em simultâneo movimentos de entrada e de saída de jogadores, e os clubes portugueses serem espaços de origem e de destino de fluxos migratórios. Estes movimentos seguem duas tendências: por um lado, as características do mercado de trabalho futebolístico, que funcionam simultaneamente como fator de atração e repulsão de jogadores; por outro,

afinidades históricas e sociais, que inserem as migrações de jogadores no amplo sistema migratório lusófono.

O segundo trabalho resulta da participação num projeto internacional sobre a chegada e integração de jogadores africanos à Europa, *Social Integration of African Athletes in Europe (Sinafe)*.² Este projeto teve como pressuposto o desporto como um direito humano, visando promover a inclusão social e apoiar a igualdade de oportunidades no futebol para todas as pessoas, em especial os jovens jogadores africanos. No caso português, entre outras dimensões, analisou-se o processo migratório de jovens jogadores da Guiné-Bissau para Portugal, nomeadamente as suas motivações, as redes de mobilidade e inserção, as circunstâncias, as limitações e os desafios dessa mobilidade (Oliveira; Nolasco, 2024).

É com base nas evidências, nos conceitos e nos resultados apresentados em ambos os estudos que se problematizam as diferentes dinâmicas das migrações no trabalho desportivo, permitindo uma leitura comparativa e aprofundada das suas múltiplas dimensões.

Mobilidade no futebol português

De acordo com o primeiro desses trabalhos de Carlos Nolasco (2013; 2018), a migração de jogadores no futebol português revela um cenário de intensa mobilidade, moldado pelos processos de globalização e pela transformação dos clubes em entidades orientadas para o lucro. No contexto da indústria do futebol, os atletas tornaram-se ativos escassos e intensamente procurados, gerando fluxos migratórios que refletem as dinâmicas da economia global. Em Portugal, este fenómeno não sendo novo, intensificou-se drasticamente: desde a época de 2006–2007, com o número de jogadores estrangeiros na Primeira Liga Nacional a ultrapassar o de portugueses, tornando o futebol uma das atividades económicas com maior emprego de mão de obra imigrante no país.

2 Website do Projeto Sinafe: <https://migrantathlete.com/>.

A análise empírica incidiu sobre cinco épocas desportivas (2007-2008 a 2011-2012). Do total de 1.150 jogadores em análise, os dados demonstram que a mobilidade é a característica dominante da profissão: 75,3% desses jogadores possuía experiência migratória na carreira. Entre os estrangeiros (667 atletas), a concentração geográfica era evidente, com 66,3% provenientes da América do Sul, 15,7% de África e 14,9% da Europa. O Brasil destacava-se como o principal fornecedor de jogadores, representando 55,1% dos imigrantes, o que fazia e faz da rota Brasil-Portugal a maior das rotas migratórias de trabalho desportivo no mundo. Esta predominância é sustentada por um intenso lastro de afinidades linguísticas, culturais e pela existência de tratados de cooperação entre os dois países que facilitam processos de regularização dos imigrantes.

A tendência central identificada é a do funcionamento do futebol português como uma plataforma giratória de talentos. O mercado nacional especializou-se na importação de “matéria-prima” bruta de periferias desportivas (América do Sul e África) para a sua reexportação aos grandes centros do futebol europeu. A elevada rotatividade de jogadores é, portanto, uma componente estrutural deste modelo de negócio, no qual Portugal atua como um *hub* que recebe e redistribui mão de obra qualificada.

Esta dinâmica estratégica sintetiza a posição de Portugal no sistema-mundo do futebol como uma existência semiperiférica. O país posiciona-se como um centro face às periferias que recruta, mas assume um papel periférico em relação às ligas mais ricas, para onde exporta os seus melhores ativos. Observa-se uma simetria de fluxos: Portugal importa imigrantes para os mesmos segmentos laborais onde os seus próprios nacionais se inserem quando emigram, numa dinâmica que espelha as tendências migratórias da economia geral portuguesa.

Em última análise, a paisagem do futebol nacional é descrita como uma Legião Estrangeira em movimento contínuo. A especialização de Portugal na transformação de talento desportivo tira partido de vantagens comparativas, nomeadamente as ligações históricas com o Brasil, para garantir a sobrevivência e a competitividade dos clubes num mercado

globalizado e neoliberal. O sucesso deste modelo depende da porosidade das fronteiras e da capacidade de gerir fluxos incessantes de entradas e saídas, consolidando o papel de Portugal como um intermediário vital na circulação mundial de jogadores. Apesar de ter sido realizado há mais de 10 anos, o trabalho referido mantém plena atualidade. As análises e reflexões apresentadas conservam a sua pertinência, sem que surjam variações significativas que alterem a interpretação dos resultados, consolidando uma base sólida para futuras investigações na área.

A migração de jovens futebolistas africanos, entre o sonho e a vulnerabilidade

O trabalho com jovens jogadores guineenses imigrados em Portugal, realizado no âmbito do Projeto Sinafe, detalhado em publicação posterior (Oliveira; Nolasco, 2024), revela que os processos migratórios de jovens futebolistas oriundos de países africanos devem ser compreendidos de forma integrada, ultrapassando a leitura redutora que descreve esses processos como mero projeto desportivo. Com efeito, a migração destes atletas configura, sobretudo, um projeto de vida, no qual se articulam expectativas individuais, estratégias familiares, constrangimentos estruturais e dinâmicas económicas globais. A decisão de partir é tomada isoladamente, inscrevendo-se num contexto social, económico e cultural que a condiciona e a legitima.

No futebol, tal como na sociedade em geral, na Guiné-Bissau, verifica-se uma enorme fragilidade organizacional manifesta na debilidade das entidades clubistas e federativas, na fragilidade das infraestruturas, na precaridade dos vínculos contratuais e na inexistência de processos formais de recrutamento de atletas. Esta ausência de enquadramento institucional consistente traduz-se numa integração precária dos jogadores, tanto no país de origem quanto nos de destino, expondo-os a trajetórias marcadas pela informalidade e pela instabilidade. As condições sociais de partida são, frequentemente, caracterizadas por precariedade extrema. Muitos

destes jovens crescem em contextos de pobreza estrutural, com acesso limitado a educação, saúde e oportunidades de emprego. As suas vivências quotidianas funcionam como fator de pressão para a mobilidade, sendo o futebol percecionado como via privilegiada de emancipação das condições de pobreza em que esses jovens se encontram. A exposição mediática de jogadores africanos que alcançaram sucesso internacional alimenta imaginários de fama, reconhecimento e riqueza, reforçando a ideia de que o desporto pode constituir uma alternativa viável à exclusão socioeconómica. Neste quadro, a carreira futebolística surge como mais glamorosa, financeiramente mais atrativa e socialmente mais reconhecida, tornando-se, assim, uma escolha sedutora num contexto de escassez de oportunidades.

Neste contexto, o papel da família revela-se central e incontornável. Longe de constituir um obstáculo à saída, a família tende a assumi-la como estratégia de sobrevivência e de mobilidade social. Tratam-se, em muitos casos, de famílias com baixos recursos económicos e reduzido capital cultural, que veem na migração do jovem uma potencial fonte de rendimento futuro, seja por via da atividade futebolística, seja por via de outra atividade laboral – se o projeto desportivo não tiver sucesso. O desejo do jogador de melhorar as condições de vida dos seus familiares reforça este entendimento, consolidando um verdadeiro “triângulo de decisão”, no qual interagem jogador, família e agente. O jogador projeta-se para além das fronteiras nacionais movido pelo sonho de experimentar outras realidades e de alcançar reconhecimento profissional. A família, por seu turno, alimenta a esperança de que o sucesso desportivo do jovem possa significar a superação da miséria em que frequentemente se encontra. Nesse processo, a família não apenas legitima a decisão, como negocia os termos da saída, financia a viagem e os custos associados, e procura assegurar-se de que o agente garantirá proteção e acompanhamento. A despesa inicial, frequentemente significativa, é encarada como investimento estratégico no filho e, por extensão, na família alargada, cuja lógica de solidariedade ultrapassa o núcleo doméstico restrito. Importa ainda sublinhar a dimensão transnacional destas dinâmicas familiares. A existência de parentes já inseridos

em sistemas migratórios no país de destino pode funcionar como rede de apoio e segurança, facilitando a integração inicial. Assim, articulam-se laços entre a família no país de origem e a família no país de acolhimento, reforçando a densidade das redes migratórias.

O terceiro vértice deste triângulo é ocupado pelos agentes ou *managers*, que promovem e organizam a saída dos jogadores. Estes atores, que são autênticos agentes de emigração, tendem a auferir benefícios económicos imediatos, sendo frequentemente comissionados pelas famílias logo no início do processo. Para além disso, recebem montantes destinados a custear viagens, registos e demais procedimentos. Em muitos casos, encaram o jogador como mercadoria transacionável num mercado desportivo globalizado. Embora se comprometam a protegê-lo e a acompanhá-lo, numa relação que assume contornos tutelares, estabelece-se frequentemente uma relação de dependência que, não raras vezes, culmina no abandono do atleta quando este não corresponde às expectativas de valorização económica.

As motivações para emigrar são, portanto, múltiplas e interligadas: o desejo de ajudar economicamente a família; a influência e o incentivo de familiares e amigos; a falta de condições estruturais no país de origem, tanto no plano desportivo quanto no socioeconómico; a sedução simbólica da Europa e dos seus clubes; e a expectativa de rendimentos significativamente superiores. Em Portugal, país de destino, clubes como o Benfica, o Sporting e o Porto constituem referências nos imaginários de muitos jovens africanos, em parte sustentadas por uma memória histórica marcada pelo colonialismo e pelas relações privilegiadas estabelecidas ao longo do tempo. A promessa de apresentação a estes clubes e, eventualmente, de transferência para outras ligas europeias, constrói um universo simbólico de grandiosidade que reforça a decisão de partir. Todavia, a dimensão legal do processo revela-se profundamente problemática. Frequentemente, nada é formalizado de modo transparente e conforme à lei, existindo apenas acordos tácitos entre as partes. Muitos jogadores entram em Portugal com visto de turismo ou com uma suposta oferta de trabalho noutro setor, encontrando-se

numa situação de legalidade apenas aparente. Rapidamente, porém, ficam em situação de irregularidade por ausência de autorização de residência, o que os impede de celebrar contratos de trabalho ou de aceder a serviços essenciais, gerando um ciclo vicioso de exclusão. Paralelamente, verifica-se uma segunda dimensão de ilegalidade, desta feita no plano desportivo. A ausência de cumprimento dos regulamentos das instâncias internacionais e nacionais que tutelam o futebol, como a FIFA, a UEFA e a Federação Portuguesa de Futebol, traduz-se na inexistência de certificado internacional de transferência e no não registo formal da saída do atleta do país de origem. Consequentemente, o jogador não pode ser inscrito em competições oficiais, permanecendo à margem do sistema formal.

O resultado deste conjunto de fatores é a colocação do jovem numa posição de extrema vulnerabilidade. Sem enquadramento legal, sem contrato desportivo e, muitas vezes, abandonado pelo agente que anteriormente assumira compromisso de proteção, o jogador confronta-se com um dilema difícil de resolver. Caso não consiga integrar-se no futebol, é frequentemente pressionado pela própria família, que inicialmente fomentou o sonho, a procurar trabalho em setores como a construção civil ou a agricultura. Contudo, ao enveredar por essas atividades, reduz significativamente as suas possibilidades de manter o nível competitivo necessário para uma eventual oportunidade no desporto. Assim, entre a necessidade imediata de garantir a sobrevivência própria e familiar e a persistência do sonho de uma carreira futebolística, o jovem migrante vive uma tensão permanente. O projeto desportivo transforma-se, não raras vezes, num percurso marcado pela precariedade, pela informalidade e pela dependência, revelando que os processos migratórios destes atletas não podem ser analisados de forma isolada, mas antes como expressão complexa de desigualdades estruturais, estratégias familiares e dinâmicas globais do mercado do futebol.

Em síntese, a migração destes jovens futebolistas revela-se como um projeto coletivo de sobrevivência e mobilidade social, em que o sonho desportivo se entrelaça com expectativas familiares, fragilidades estruturais e

assimetrias globais. Contudo, quando as promessas não se concretizam, o que emerge não é apenas o fracasso de uma carreira, mas a exposição frustrante de trajetórias marcadas pela vulnerabilidade, pela informalidade e pela reprodução das desigualdades que inicialmente se pretendia superar.

Considerações finais

As migrações de trabalho desportivo, em particular as migrações no futebol, revelam-se uma dimensão privilegiada para observar as dinâmicas estruturais do fenómeno desporto e, de forma ampla, da globalização contemporânea. Como sugerido pela literatura sobre migrações internacionais, os fluxos não decorrem num espaço vazio de ações e intenções, nem decorrem de uma abstração chamada mercado global, mas são determinadas por relações históricas e geopolíticas concretas que articulam Estados, instituições e atores económicos em posições desiguais (Castles; Haas; Miller, 2014). No futebol, essas desigualdades materializam-se numa divisão internacional do trabalho desportivo que concentra capital, visibilidade e poder regulatório nos campeonatos centrais europeus, as designadas “*big five leagues*”, ao mesmo tempo que transforma periferias e semi-periferias em espaços de extração e circulação de talento, em contexto de profundas relações de proximidade entre países (Poli, 2010).

A distinção entre mobilidade profissional consagrada e mobilidade aspiracional precária, ilustradas neste texto, evidencia duas faces de um mesmo processo. A primeira corresponde à circulação regulada de atletas plenamente integrados na “arena desportiva global” descrita por Bale e Maguire (1994), cuja mobilidade encontra-se juridicamente enquadrada e economicamente valorizada. A segunda inscreve-se num regime de mobilidade diferencial (Schiller; Salazar, 2013), no qual a circulação é seletiva, condicional e frequentemente precária. A promessa de ascensão social por meio do futebol funciona como dispositivo ideológico que legitima a exposição ao risco, deslocando para o indivíduo a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso. O conceito de “trabalho aspiracional” (Kuehn; Corrigan, 2013)

ajuda a compreender como a esperança se converte num recurso económico e mecanismo de recrutamento subjetivo, capturando num compromisso os jovens jogadores e as suas famílias em projetos de grande incerteza.

A posição de Portugal num pretenso sistema-mundo futebolístico ilustra de forma particularmente expressiva estas dinâmicas. À luz da análise do sistema-mundo de Wallerstein (2004), Portugal ocupa uma posição semiperiférica, sendo que no âmbito do futebol esse lugar permite mediar fluxos entre periferias exportadoras de talento e centros acumuladores de capital. Esta função, metaforicamente concebida como plataforma giratória, que é comum a outras migrações laborais (Baganha, 2001) confirma a existência de circuitos migratórios estruturados por afinidades históricas e culturais, que reproduzem padrões de colonialidade do poder (Grosfoguel, 2008). A ilustrar esta circunstância, a forte presença de jogadores brasileiros e africanos no futebol português não é mero acaso cultural, mas a consequência de laços históricos e de uma economia política que transforma essas conexões em vantagens comparativas num mercado global competitivo (Nolasco, 2013). Portugal constitui-se, assim, como ator importante na reprodução das hierarquias globais do futebol, beneficiando-se da importação de talento futebolístico a baixo custo e das suas posteriores valorização e exportação.

A análise das trajetórias de jovens futebolistas africanos evidencia, por sua vez, o lado menos visível deste sistema. Em consonância com os estudos de Darby, Akindes e Kirwin (2007) e de Darby, Esson e Ungruhe (2022), observa-se que muitos destes percursos sucedem num espaço de ambiguidade legal e institucional, onde a fragilidade contratual, a intermediação informal e a ausência de proteção efetiva produzem situações de enorme vulnerabilidade. A expressão do fracasso migratório enquanto futebolista não representa uma anomalia, mas constitui uma componente estrutural de um modelo que depende da produção contínua de candidatos ao sucesso. A ideia de “fuga de pés” ou *muscle drain* (Rial, 2006; Andreff, 2009) não traduz apenas perda de recursos humanos nas periferias, mas também a consolidação de um sistema que externaliza riscos e concentra

benefícios. Neste âmbito de migrações futebolísticas, o sucesso do processo migratório não está exclusivamente na componente do sucesso desportivo, mas essencialmente no êxito da mobilidade para o exterior do país de origem, com a consequente emancipação ou fuga das precárias condições de vida desses espaços.

O futebol confirma, deste modo, que a globalização não implica mobilidade universal, mas mobilidade hierarquizada. As fronteiras não desaparecem; tornam-se seletivas, permitindo a circulação de determinados corpos e restringindo outros, conforme a sua utilidade económica. A mercadorização do talento desportivo, articulada com dispositivos jurídicos e redes transnacionais de intermediação, inscreve-se nas mesmas lógicas que estruturam outros mercados de trabalho flexibilizados e precarizados (Mezzadra; Neilson, 2013). O campo desportivo não escapa às dinâmicas do capitalismo contemporâneo, pelo contrário, torna-as particularmente visíveis, ao articular espetáculo, nacionalismo simbólico e circulação transnacional de trabalho. A coexistência entre trajetórias de consagração e percursos de vulnerabilidade não constitui paradoxo, mas ilustra a engrenagem central de um sistema que necessita tanto do sucesso exemplar quanto do fracasso invisível. Ao abordar esta articulação, este texto pode contribuir para deslocar o olhar do mito meritocrático para as estruturas que produzem e reproduzem desigualdades na circulação global de trabalho desportivo, afirmando que a mobilidade no futebol deve ser compreendida como regime desigual que articula economia política, heranças coloniais e dispositivos regulatórios transnacionais.

Referências bibliográficas

AGERGAARD, Sine. Elite Athletes as Migrants in Danish Women's Handball. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 43, n. 1, p. 5-19, 2008.

AGERGAARD, Sine. *Rethinking sports and integration: Developing a transnational perspective on migrants and descendants in sport*. London: Routledge, 2018.

AGERGAARD, Sine; RYBA, Tatiana V. Migration and career transitions in professional sports: Transnational athletic careers in a psychological and sociological perspective. *Sociology of Sport Journal*, v. 31, n. 2, p. 228-247, 2014.

ANDREFF, While. Globalization of the sports economy. *Rivista di Diritto ed Economia dello Sport*, v. 5, n. 1, p. 13-32, 2009.

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and difference in the global cultural economy. In: FEATHERSTONE, Mike (ed.). *Global culture*. London: Sage, 1990. p. 295-310.

BAGANHA, Maria Ioannis. A cada Sul o seu Norte: dinâmicas migratórias em Portugal. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (ed.). *Globalização, fatalidade ou utopia?*. Porto: Edições Afrontamento, 2001. p. 135-159.

BALE, John; MAGUIRE, Joseph (eds.). *The global sports arena: Athletic talent migration in an interdependent world*. London: Routledge, 1994.

CASTLES, Stephen; HAAS, Hein de; MILLER, Mark. *The age of migration: International population movements in the modern world*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

CONNOR, James; GRIFFIN, Amy. The muscle trade: international track and field athlete mobility, colonialism and development. In: *The Future of Sociology*, presented at The Australian Sociological Association (TASA) Annual Conference, Canberra, Australia, 1-4 dec., 2009.

DARBY, Paul. Africa's place in FIFA's global order: a theoretical frame. *Soccer & Society*, v. 1, n. 2, p. 36-61, 2000.

DARBY, Paul; ESSON, James; UNGRUHE, Christian. *African football migration*. Manchester: Manchester University Press, 2022.

DARBY, Paul; AKINDES, Gerard; KIRWIN, Matthew. Football academies and the migration of African football labor to Europe. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 31, n. 2, p. 143-161, 2007.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 115-147, 2008.

KUEHN, Kathleen; CORRIGAN, Thomas. Hope labor. *Journal of Communication Inquiry. The Political Economy of Communication*, v. 37, n. 1, p. 9-25, 2013.

MAGEE, Jonathan; SUGDEN, John. The world at their feet: Professional football and international labor migration. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 26, n. 4, p. 421-437, 2002.

MAGUIRE, Joseph; STEAD, David. Border crossings: soccer labour migration and the European Union. *International Review for the Sociology of Sports*, v. 33, n. 1, p. 59-73, 1998.

MAGUIRE, Joseph *et al.* *Sport Worlds: A Sociological Perspective*. Champaign: Human Kinetics, 2002.

MAGUIRE, Joseph; FALCOUS, Mark. Introduction. Borders, boundaries and crossings: sport, migration and identities. In: MAGUIRE, Joseph; FALCOUS, Mark (eds.). *Sport and migration: Borders, boundaries and crossings*. London: Routledge, 2011. p. 1-12.

MERTON, Robert K. *The Sociology of Science: Theoretical and Empirical Investigations*. Chicago: University of Chicago Press, 1973.

MEYER, Jean-Baptiste. Network approach versus brain drain: lessons from the diaspora. *International Migration*, v. 39, n. 5, p. 91-110, 2001.

MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett. *Border as method, or, the Multiplication of Labor*. Durham: Duke University Press, 2013.

NOLASCO, Carlos. *Fintar fronteiras: migrações internacionais no futebol português*. Tese de Doutorado (Sociologia), Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, 2013.

NOLASCO, Carlos. Player migration in Portuguese football: a game of exits and entrances. *Soccer & Society*, v. 20, n. 6, p. 795-809, 2018. Available at: <https://doi.org/10.1080/14660970.2017.1419470>. Accessed on: 15 apr. 2026.

OLIVEIRA, Nuno; NOLASCO, Carlos. Navigating between mobility and immobility: precarious sporting trajectories of young Guinea-Bissauan footballers in Portugal. *Sport in Society*, v. 28, n. 9, p. 1284-1289, 2024. Available at: <https://doi.org/10.1080/17430437.2024.2424554>. Accessed on: 15 apr. 2026.

ONWUMECHILI, Chuka. *Sport Communication: An International Approach*. London: Routledge, 2017.

PARRISH, Richar. *Sports law and policy in the European Union*. Manchester: Manchester University Press, 2015.

POLI, Raffaele. Understanding globalization through football. The new international division of labour, migratory channels and transnational trade circuits. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 45, n. 4, p. 491–506, 2010.

POLI, Raffaele; BESSON, Roger. From the south to Europe: a comparative analysis of African and Latin American football migration. In: MAGUIRE, Joseph; FALCOUS, Mark (eds.). *Sport and migration: Borders, boundaries and crossings*. London: Routledge, 2011. p. 15–30.

POLI, Raffaele; RAVENEL, Luc; BESSON, Roger. World football expatriates: global study 2019. *CIES Football Observatory*, n. 45, 2019.

QUIJANO, Anibal. Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America. *Nepantla: Views from South*, v. 1, n. 3, p. 533–580, 2000.

RIAL, Carmen. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém... *Antropologia em Primeira Mão*, n. 87, p. 163–190, 2006. RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 21–65, 2008.

RYBA, Tatiana; STAMBULOVA, Natalia; RONKAINEN, Noora. The work of cultural transition: An emerging model. *Frontiers in Psychology*, v. 7, p. 33–54, 2016.

SASSEN, Saskia. *The global city*: New York, London, Tokyo. Princeton: Princeton University Press, 1991.

SCHILLER, Nina Glick; SALAZAR, Noel B. Regimes of mobility across the globe. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 39, n. 2, p. 183–200, 2013.

SCHINKE, Robert *et al.* International society of sport psychology position stand: mental health through occupational health and safety in high performance sport. *Journal of Sport Psychology in Action*, v. 12, n. 1, p. 1711–1733, 2021.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The New Mobilities Paradigm. *Environment and Planning A: Economy and Space*, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006.

STANDING, Gay. *The precariat: The new dangerous class*. London: Bloomsbury Academic, 2011.

WALLERSTEIN, Immanuel. *World-Systems Analysis: An introduction*. Durham: Duke University Press, 2004.

Lesões, migração esportiva e racismo: o caso de atletas brasileiros

José Hildo de Oliveira Filho

*Pesquisador do Programa Internacional
de Pós-Doutorado do Cebrap*

Resumo

Gostaria de inicialmente discutir como “raça” figura nos debates sobre futebol e nacionalidade no Brasil. Depois da discussão sobre “raça” e “nacionalidade”, este capítulo se divide em três partes. Na primeira, eu falo sobre o papel das “lesões” e do “racismo” na vida de atletas migrantes brasileiros. Ao contrário dos trabalhos clássicos de Gilberto Freyre, argumento que as lesões abrem a possibilidade para questionar como o racismo está presente na vida de atletas brasileiros. Para tal, analiso duas histórias de lesões de atletas brasileiros na República Tcheca. E, posteriormente, analiso o papel de Portugal nos futuros estudos de migração de atletas brasileiros profissionais.

Palavras-chave: futebol; futsal; migração; racismo; lesões.

Abstract

I would like to begin by discussing how “race” figures in Brazil’s debates about football and nationality. After discussing “race” and “nationality,” this chapter is divided into three parts. In the first, I discuss the role of “injuries” and “racism” in the lives of Brazilian migrant athletes. Contrary to the classic works of Gilberto Freyre, I argue that injuries open the possibility of questioning how racism is present in the lives of Brazilian athletes. To this end, I analyse two stories of injuries involving Brazilian athletes in the Czech Republic. Subsequently, I examine the role of Portugal in future studies on the migration of professional Brazilian athletes.

Keywords: football; futsal; migration; racism; injuries.

Introdução

Em 1938, Gilberto Freyre publicou uma crônica esportiva, no *Diário de Pernambuco*, em que faria uma relação entre “raça”, os usos do corpo na capoeira e no futebol e os estilos de jogo europeu e brasileiro. Nessa crônica, a tentativa de branqueamento da seleção brasileira é rechaçada, e, em seu lugar, Freyre celebra a mistura racial brasileira, assim como o seu estilo de jogo.

Essa crônica esportiva vive nos imaginários global e brasileiro sobre o futebol até hoje. Publicações recentes em língua inglesa, por ocasião da Copa do Mundo de 2014, são incapazes de construir análises sobre o racismo contemporâneo no futebol. Livros como *The Country of Football*, de Roger Kittleson (2014), e *Football Nation*, de David Goldblatt (2014), também celebram a mistura racial e nos dizem que as tentativas de branqueamento do futebol brasileiro estão restritas ao início do século XX e que, portanto, parece não haver lugar para análises do racismo presente no futebol contemporâneo.

Ainda que as análises de Gilberto Freyre tenham sido submetidas ao escrutínio crítico nas ciências sociais brasileiras (Fernandes, 2008), essas críticas não são usualmente mobilizadas para a compreensão da relação entre racismo e futebol. Neste capítulo, buscarei discutir como o racismo está presente na trajetória de atletas migrantes na Europa Central e Oriental. Para tanto, pretendo analisar o impacto das lesões no percurso profissional desses jogadores. Segundo a minha perspectiva, as lesões são momentos de crise que nos mostram a agência dos atletas diante da possibilidade de término prematuro de suas carreiras. Além disso, esses episódios nos ajudam na compreensão do racismo no futebol contemporâneo.

O capítulo está dividido em três partes. Na primeira, eu falo sobre o impacto das lesões na vida de atletas migrantes brasileiros. A seguir, eu analiso duas histórias de atletas brasileiros migrantes na Europa Central e Oriental e, posteriormente, analiso o papel de Portugal nos futuros estudos de migração de atletas profissionais.

O papel das lesões

Durante o trabalho de campo¹, quando busquei ser aceito como investigador e ganhar a confiança dos meus interlocutores, o fato de sermos homens cis, além de partilharmos a condição de “migrante” e a mesma identidade nacional, nos fez falar de discriminação, racismo e futebol de forma mais ou menos indireta, por meio de histórias de lesões. Quando perguntados sobre histórias de discriminação na Europa Central e Oriental, muitos atletas se referiram ao tratamento médico recebido nos clubes como marcas da discriminação que enfrentavam.

Eu deixava normalmente as discussões sobre lesões para o fim das entrevistas; e ouvi de muitos jogadores que o cuidado médico era precário, pois não havia um fisioterapeuta ou um departamento médico nos clubes de futsal. Esse atendimento precário os fazia estar sujeitos aos médicos dos serviços públicos de saúde locais, e estes, segundo os jogadores, muitas vezes, atrasavam a sua recuperação para os jogos seguintes. Nesse sentido, muitos jogadores consultavam com fisioterapeutas amigos próximos, no Brasil, através da internet, para poder se recuperar mais rapidamente das lesões.

As lesões foram instrumentais para falar sobre discriminação e racismo. Elas serviram para entender como o atleta profissional, exposto a uma atividade física intensa, pensa sobre os limites de seu corpo. Essa rotina deixava os jogadores sujeitos não somente a contusões, como também a um suporte médico distante de suas necessidades. Ademais, o tratamento médico recebido na Europa Central e Oriental fazia com que os jogadores,

1 Realizei trabalho de campo com 16 jogadores brasileiros profissionais que então atuavam na República Tcheca, na Hungria, em Israel, no Líbano e na Áustria. Todos os jogadores envolvidos nos meus estudos tiveram passagens pela Europa Central e Oriental. A minha amostra não é representativa da diversidade étnica e cultural do Brasil. A maior parte desses 16 jogadores se considerava branca e era originária das regiões Sul e Sudeste do Brasil. O trabalho de campo foi realizado com apoio das bolsas de doutorado pleno no exterior da Capes.

principalmente no futsal, relativizassem os ganhos materiais recebidos nessas regiões (contratos mais longos e melhor pagamento). Dessa forma, jogar na Europa Central e Oriental se apresentava de forma ambígua, muitas vezes: uma experiência enriquecedora, por um lado, mas que poderia ter consequências graves para o corpo dos atletas por outro².

O caso de Roberto³

Encontrei Roberto depois de um dos treinos de seu então clube. Ele havia tido uma extensa experiência internacional, incluindo uma breve passagem pela seleção brasileira e um caso no Azerbaijão, em que o atleta se lesionou antes de a liga nacional começar. Por essas circunstâncias, ele fora demitido antes que pudesse atuar no Azerbaijão. Roberto possuía cidadania italiana, o que facilitava a sua circulação pela Europa, e havia atuado em seis países: Espanha, Itália, República Tcheca, Brasil (diversos clubes e estados), Catar e Romênia. Na entrevista, chegou a se referir a si próprio como “cigano”. Ao utilizar essa metáfora, Roberto aludia tanto às suas relações de trabalho e carreira quanto à cidade onde vivia então, no noroeste da República Tcheca, pois essa cidade tem uma forte presença “cigana” (rom). Dizer-se “cigano”, dessa forma, significava manter-se aberto às novas ofertas de outros clubes e preservar sua mobilidade, apesar de sua família morar na República Tcheca, por um lado; e, por outro, era uma forma de interpretar as relações raciais locais.

2 Chamei, em minha tese e livro, o treinamento dos jogadores profissionais em ambos os esportes, futebol e futsal, de *continuum* etnográfico. Esse *continuum* etnográfico se caracteriza por uma série de instituições envolvidas na profissionalização dos atletas: famílias, federações esportivas locais, regionais e nacionais, clubes de futebol e futsal, além dos diversos incentivos aos jogadores de ambos os esportes para que se profissionalizem numa ou noutra modalidade. Meu trabalho de campo revelou que, quando chegam aos 16 anos, os jogadores profissionais enfrentam uma crescente pressão para que se especializem e sigam carreira no futebol ou no futsal, por exemplo (Oliveira Filho, 2024).

3 Mudei o nome dos jogadores para preservar a sua identidade.

Roberto é fluente em tcheco e tinha uma família, mulher e filho, no país. Por isso, creio que sua autorreferência como “cigano” não era simplesmente uma metáfora inocente, mas uma forma de se referir tanto à sua carreira nômade quanto ao trabalho realizado por ele e pelos ciganos (rom) do país. Na República Tcheca contemporânea é comum que os rom se desloquem para trabalhar em outros países europeus em busca de salários mais altos e mais benefícios. Dessa forma, apesar de “branco” no Brasil, Roberto, ao afirmar “ser cigano”, fazia uma crítica ao tratamento médico e social que recebia em seu clube de então e às relações raciais na República Tcheca. Com essa crítica, Roberto reunia as relações de trabalho no futsal, as possíveis lesões que poderia sofrer em seu clube e o *status* subalterno⁴ tanto dos “ciganos” (rom) quanto dos jogadores de futsal.

Como o exemplo de Roberto demonstra, eu, um investigador negro, tive de lidar com o fato de que a maioria dos jogadores que entrevistei seria considerada branca no Brasil. Mesmo assim, eles se diziam vítimas de discriminação na Europa Central e Oriental. A discriminação, ou o “racismo” enfrentado na indústria dos esportes, de acordo com meus entrevistados, independe da cor da pele e está mais associado à condição de “migrante”. Assim, os atletas migrantes (principalmente no futsal) podem ser vistos, num mundo em que Gaza está a ser destruída, como exemplos de uma “comunidade imaginada” (Anderson, 2003), em que a sua “brasilidade” está incorporada na sua capacidade de seguir fazendo com que seus corpos sejam produtivos.

Em sua entrevista, Roberto detalhou ainda que consultava fisioterapeutas no Brasil para curar-se de lesões menores e que mantinha o seu equipamento de fisioterapia em casa para que pudesse “se cuidar” e seguir com a sua carreira. Dessa forma, Roberto encarava parcialmente a responsabilidade de “se cuidar”, ou “manter-se saudável”, ao mesmo tempo que criticava os clubes na República Tcheca por não disponibilizarem,

4 Eu uso “subalterno” como Patricia Hill Collins (2019) utiliza o termo, uma terminologia crítica, parte de uma tradição de conhecimentos resistentes.

aos atletas migrantes, médicos especializados e fisioterapeutas em tempo integral. E, com 36 anos, Roberto já planejava o fim de sua carreira. Um desses planos era ser treinador, no Brasil ou na República Tcheca. Roberto e eu mantivemos contato por uma mídia social e, três anos após realizarmos nossa entrevista, Roberto estava de volta ao Brasil e era treinador em uma academia de futebol em São Paulo. Ele se disse realizado em seu novo trabalho.

O caso de Joaquim

Joaquim foi o primeiro jogador de futebol cujos contatos obtive por meio de seu clube. Quando falamos por um aplicativo de mensagem, ele me disse que não estava na República Tcheca, mas sim no Brasil, onde passava por uma cirurgia. Foi dessa forma que ele inadvertidamente abriu meus olhos para o tema das lesões na vida dos atletas migrantes. Marcamos para nos encontrar em dois meses, prazo que o próprio Joaquim estipulou.

Após esse prazo, voltamos a nos falar e marcamos uma entrevista num restaurante que ele frequentava na pequena cidade tcheca em que vivia então. Joaquim mostrou-se mais ou menos surpreso com o meu projeto, mas ele foi aberto e falou de sua trajetória e de seus planos durante a conversa de quase uma hora. Ele contou-me que um problema em sua tireoide o tinha impedido de correr. Sem poder correr, o jogador havia sido demitido de um dos grandes clubes de Minas Gerais, o Atlético Mineiro. Ele somente pôde seguir carreira no futebol depois que um amigo, estudante de Medicina, junto com seus professores, conseguiram chegar a um diagnóstico sobre a sua condição. A cirurgia feita no Brasil tinha como objetivo chegar a uma solução mais permanente para o seu caso.

Joaquim é negro, mas em nenhum momento da entrevista ele falou abertamente sobre racismo no futebol. Foi somente quando Joaquim me abriu as portas para um jogo amistoso entre um clube da segunda divisão e outro da primeira divisão tchecas que compreendi melhor a visão da indústria do futebol sobre os atletas brasileiros. Esse jogo amistoso serviria

para testar a possível ascensão de jogadores da segunda divisão para a primeira. E ao redor do campo havia vários empresários. Por sorte, encontrei um empresário estadunidense, que dizia representar alguns dos jogadores que estavam jogando no mesmo clube em que Joaquim atuava. Esse empresário me disse que Joaquim jogava um futebol “bem brasileiro”. Segundo ele, Joaquim era um jogador distinto, e seu “estilo de jogo” se caracterizava por ter sempre a bola próxima dos pés, ser “versátil”, conseguir ter uma boa leitura do jogo, atacar e defender bem. Assim, ele marcava a distinção entre Joaquim e os jogadores que ele mesmo dizia representar.⁵

Embora Joaquim não tenha falado abertamente sobre racismo no futebol, o seu “jogo característico” e a sua história com as lesões, assim como a busca de tratamento no Brasil, me fizeram entender como a indústria do futebol objetificava e exotizava as suas habilidades. Essa objetificação projetava uma imagem de “brasilidade”. Essa imagem, como vi também entre os jogadores de futsal, resultava em uma exotização por parte dos empresários. E por parte dos jogadores, em um receio sobre as possíveis lesões a que estavam sujeitos nas ligas da Europa Central e Oriental. Nesse sentido, em alguns casos de lesões mais graves, os jogadores de futsal e de futebol brasileiros que atuavam na Europa Central e Oriental preferiam interromper os seus contratos e mudar-se para Portugal, ou voltar ao Brasil, em busca de tratamento médico e de fisioterapeutas em tempo integral. Assim, Portugal adquiriu certa importância em meu trabalho de campo – e é sobre esse país que vamos falar agora.

Apontamentos para o futuro e o lugar de Portugal

Além de Roberto e Joaquim, em meu período de trabalho de campo, conheci Antônio. Antônio não conseguiu, na República Tcheca, o tratamento que necessitava para a sua lesão. Ele então rompeu o seu contrato e viajou

5 Embora eu tenha conseguido enviar os meus textos a Joaquim, nós perdemos contato depois que ele foi transferido para um clube de segunda divisão na Polônia.

a Portugal com a família – mulher e filha. Embora Antônio incorporasse de alguma forma a responsabilidade de “se cuidar”, ele não se via como responsável pela gravidade de sua lesão. Assim, ele foi obrigado a aceitar a oferta de um clube de futsal português em que ganharia menos, já que seu novo clube em Portugal “investiria” em sua recuperação, para poder seguir sua carreira e prover o sustento de sua família (Besnier *et al.*, 2018).

Dessa forma, e por fim, gostaria de encorajar mais investigações em Portugal com atletas migrantes brasileiros. Há os importantes trabalhos de Paul Darby (Darby; Cabral, 2006), e até Carmen Rial já fez esse apelo. Além disso, eu gostaria de dizer que os futuros investigadores podem tentar realizar pesquisas tanto no futebol quanto no futsal e compreender o universo dessas duas modalidades esportivas, a partir do ponto de vista dos atletas migrantes. Assim, teríamos um esporte europeu, o futebol, e um “pós-colonial”, uruguaio em sua origem, o futsal. Ao reunir esses dois esportes, poderemos avaliar melhor a importância de Portugal como rota migratória para atletas (sobretudo brasileiros) de diferentes modalidades. Já posso adiantar que Portugal é uma rota importante tanto para os futebolistas quanto para os futsalistas brasileiros.⁶ Assim, seria muito benéfico para o campo de estudos das migrações esportivas que Portugal ganhasse mais proeminência, especialmente quando os agentes envolvidos na investigação são atletas brasileiros.

Não somente a adição de Portugal⁷ e pesquisas mais sistemáticas sobre os migrantes no futebol e no futsal são bem-vindas a esse campo de

6 Em seu mais recente livro, Darby, Esson e Ungruhe (2022) realizam um esforço de investigação que inclui as variadas formas de migração utilizadas por atletas, além dos usuais processos de “produção” de talentos esportivos. Esses investigadores incluem, por exemplo, as universidades como instituições importantes na migração esportiva. Esse esforço recente que o campo de estudos da migração esportiva pode expandir seu escopo de análise para uma compreensão das interseções entre diversos processos de migração, produção de talentos e indústrias esportivas.

7 O último relatório do CIES Football Observatory revela que os brasileiros constituem a principal mão de obra global do futebol contemporâneo, sendo Portugal a rota migratória mais importante desses atletas. O número total de atletas brasileiros migrantes, nas

estudos, mas essas investigações podem utilizar diversas teorias e metodologias para a compreensão das migrações esportivas. A teoria crítica da raça, que embora tenha a sua origem em estudos do direito, pode nos dar novos *insights* sobre as interseções entre raça, classe e gênero nos processos de migrações esportivas (Crenshaw, 1991). Os estudos de gênero e os estudos críticos sobre homens e masculinidades podem nos dar ferramentas para compreender os universos simbólicos dos esportes e dos atletas profissionais (Connell, 1987; Besnier *et al.*, 2018). E a teoria pós-colonial têm o potencial para descentrar o eurocentrismo usualmente presente na sociologia dos esportes (Said, 1994). Somente assim teremos de fato uma visão mais crítica de duas das mais importantes indústrias esportivas no universo do esporte contemporâneo.

Essas teorias e metodologias críticas podem nos ajudar não somente a produzir inovações em nossos textos acadêmicos. Elas podem nos fazer cruzar linhas raciais, religiosas e culturais, construir *rapport* com diversas comunidades de atletas migrantes e, assim, produzir coalizões que transformem o nosso entendimento sobre raça e esportes, além de combater o racismo nas arenas esportivas.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 2003.

BESNIER, Niko *et al.* Rethinking Masculinity in the Neoliberal Order: Cameroonian Footballers, Fijian Rugby Players, and Senegalese Wrestlers. *Comparative Studies in Society and History*, v. 60, n. 4, p. 839–872, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. *Interseccionalidade as a Critical Social Theory*. Durham: Duke University Press, 2019.

ligas pesquisadas, chegou a 3.020, entre 2020 e 2025. Destes, um total de 643 atletas brasileiros migraram a Portugal para atuar nas diversas ligas do país, no mesmo período (CIES Report, 2025).

CONNELL, R. W. *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*. Cambridge: Polity Press, 1987.

CRENSHAW, Kimberle W. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DARBY, Paul; CABRAL, Rui. Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial. *Análise Social*, v. 41, n. 179, p. 417-433, 2006.

DARBY, Paul; ESSON, James; UNGRUHE, Christian. *African Football Migration: Aspirations, Experiences and Trajectories*. Manchester: Manchester University Press, 2022.

FERNANDES, Florestan. *A introdução do negro na sociedade de classes* (o legado da raça branca). Rio de Janeiro: Globo, 2008. v. 1.

FOOTBALL Expatriates: 2020-2025. *CIES Football Observatory* – Monthly Report 100, 2025. Available at: <https://football-observatory.hflip.co/MonthlyReport100>. Accessed on: 17 Apr. 2026.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, 17 jun. 1938, p. 4.

GOLDBLATT, David. *Futebol Nation: The Story of Brazil Through Soccer*. New York: Nation Books, 2014.

KITTLESON, Roger. *The Country of Football: Soccer and the making of modern Brazil*. Berkeley: University of California Press, 2014.

OLIVEIRA FILHO, José Hildo. *Sport Migrants, Precarity and Identity: Brazilian Footballers in Central and Eastern Europe*. London: Routledge, 2024.

SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books, 1994.

As provas desportivas na integração do Ultramar português: perspectivas nos casos do futebol, hóquei em patins e basquetebol feminino¹

**António Pinto
Pedro Amorim
Ricardo Ferreira**

*Centro de Documentação e
Informação do Sport Lisboa e Benfica*

Resumo

O intercâmbio desportivo esporádico entre Metrópole e Ultramar, por meio de digressões ou transferência de jogadores, despertou o desejo de uma ligação mais estreita. Em meados da década de 1950, a Lei n.º 2.083 veio fomentar e intensificar esse intercâmbio. Ao mesmo tempo, os clubes de futebol portugueses apostaram de forma ostensiva na contratação de jogadores do Ultramar, entusiasmo partilhado também na receção das equipas de basquetebol feminino de Angola na Europa e no desenvolvimento técnico das equipas de hóquei em patins africanas. Enquanto, por um lado, o futebol nunca chegou a uma inclusão concretizada, as outras duas modalidades viram os seus praticantes do Ultramar sobreporem-se à Metrópole, num contexto de dificuldades financeiras advindas do cenário de guerra que pautou o final do Estado Novo.

Palavras-chave: Portugal; Ultramar; inclusão; desporto; intercâmbio.

¹ Os autores querem deixar um agradecimento às colegas Carina Santos, Marisa Manana e Lídia Jorge pelas leituras, sugestões e apoios na tradução.

Abstract

Sporadic sporting interchanges between the metropolis and Overseas territories, through tours or player transfers, sparked a desire for closer ties. In the mid-1950s, Law No. 2083 encouraged and intensified this exchange. At the same time, Portuguese football clubs invested heavily in signing players from Overseas, an enthusiasm that was also shared in the reception of Angolan women's basketball teams in Europe and in the technical development of African rink hockey teams. Whilst football never achieved concrete inclusion, the other two sports saw their Overseas practitioners surpass the metropolis, in a context of financial difficulties arising from the war that marked the end of the Estado Novo political regime.

Keywords: Portugal; Overseas; inclusion; sport; interchange.

A nova conjuntura internacional do pós-Segunda Guerra passou a condenar o colonialismo, levando a mudanças radicais no mapa geopolítico africano. Para manter o *status quo* em África, o regime português teve de reformular-se e apresentar-se perante a opinião pública com uma nova face. Para tal, apropriou-se das teorias integracionistas do luso-tropicalismo, defendidas por Gilberto Freyre, de modo a afirmar a singularidade da presença portuguesa no mundo (Castelo, 1999). Em 1953, ao substituir o Acto Colonial pela Lei Orgânica do Ultramar Português, afirmou que o Ultramar, apesar da descontinuidade geográfica existente, era parte integrante do território português, sendo constituído por parcelas tão portuguesas com o Minho ou o Algarve.

Foi nesta vaga de mudanças profundas que se fomentaram alterações no domínio desportivo, modernizando e impulsionando a sua prática por meio da reorganização de instituições como a Direcção Geral dos Desportos e o Instituto Nacional de Educação Física. Avançou-se ainda com a construção de instalações e centros de medicina desportivos e a melhoria das instalações de educação física escolar.

Este ímpeto reformador foi complementado, em junho de 1956, com a Lei n.º 2.083 (Portugal, 1956). Além de novas bases para o desporto ultramarino, como a criação dos Conselhos Provinciais de Educação Física, a lei abria, pela primeira vez, a participação de grupos ou desportistas

ultramarinos nos campeonatos nacionais, conforme o 5.º artigo da Lei, e a integração desses elementos nas comitativas nacionais em competições internacionais. Outra das exigências era a obediência às leis metropolitanas, sempre que grupos ou desportistas ultramarinos participavam em provas nacionais. Por último, todas as transferências de desportistas entre os clubes do Ultramar da Metrópole passavam a ser da competência das federações nacionais, reguladas pela legislação de transferências entre clubes metropolitanos (Portugal, 1956).

O presente estudo é o resultado de uma pesquisa efetuada pela equipa de investigação histórica do Centro de Documentação e Informação do Sport Lisboa e Benfica e procura mostrar os resultados e as consequências da aplicação da Lei n.º 2.083 mediante a análise de três modalidades, as mais expressivas no ambiente colonial português: futebol, hóquei em patins e basquetebol.

Por meio da análise e recolha de dados dos periódicos desportivos, considerando todas as dificuldades que esse tipo de fonte abarca (Pinheiro, 2019; Coutinho, 2024), permitiu-se uma noção das equipas, dos atletas e de suas prestações. Privilegiou-se, ainda, a consulta de documentação institucional e governamental. À data da redação deste documento, aguarda-se ainda o contacto da Federação Portuguesa de Basquetebol (FPB) para consulta do seu arquivo.

O tema não é novo, e a conexão entre política e desporto é bastante vasta (Costa, 2009; Pinheiro, 2012; Drumond, 2013; Serapiglia, 2016; Kumar, 2017), especialmente, em pesquisas relacionadas com o futebol (Domingos, 2009; 2011; 2012; 2015; Melo; Bittencourt, 2012; Melo, 2017). Nas outras modalidades há um mundo por desvendar, o que se denota nas menções superficiais que se encontram, além-mar, nos trabalhos sobre o desporto ultramarino (Melo, 2009; 2013; Nascimento, 2013).

A integração ultramarina nas provas nacionais de futebol: da qualidade dos seus jogadores à falta de competitividade das suas equipas

A década de 1950 marca a aproximação do futebol português com as suas províncias africanas. Os clubes portugueses passaram a contratar mais jogadores provenientes dessas regiões, motivando o interesse das pessoas locais pela carreira dos atletas na Metrópole. As entidades ultramarinas viram, ainda, a possibilidade de o futebol se desenvolver por meio de uma maior aproximação com a Metrópole, aguçando o desejo de integração dos representantes africanos nas provas portuguesas.

Em 1953, dez dos catorze clubes do Campeonato Nacional contavam com jogadores provenientes das províncias africanas nos seus plantéis. A opção por esses atletas era justificada pela facilidade de adaptação, afirmando-se de forma célere. Ao se destacarem nas suas equipas, naturalmente entraram nas escolhas do seleccionador nacional. Ao longo dessa e da década seguinte, Portugal foi alcançando feitos notáveis.

Em julho de 1955, Manuel Quadros Raposo, presidente da Liga Angolana de Desportos, deslocou-se a Lisboa para promover a criação de uma Inspeção de Desportos, à semelhança e com autoridade idêntica à da Direcção Geral dos Desportos. Desta forma, esse órgão poderia solucionar alguns problemas prementes, melhorar as instalações, promover medidas de proteção à educação física e ao preenchimento dos quadros técnicos com elementos habilitados. Algumas destas medidas tinham sido implementadas tanto em Angola como em Moçambique através do apoio financeiro de empresários, contudo, quando essa ajuda deixou de existir, as equipas não tiveram capacidade de suportar os custos, travando o desenvolvimento que estava em marcha, como adiante se verá.

O *Mundo Desportivo* associou-se a essa intenção e divulgou artigos em que referia os benefícios que traria para o desporto nacional, mas também alertou para a cobiça dos países vizinhos por esses jogadores, sendo

apreciados de perto nos vários jogos que as equipas ultramarinas disputavam na África do Sul, Rodésia e no Congo Belga.

Após a promulgação da Lei n.º 2.083, a inclusão das equipas ultramarinas no futebol aconteceu através da Taça de Portugal, num processo moroso, gradual e desigual na admissão dos representantes das províncias. Apesar de testados vários formatos, ficou a sensação da inexistência de uma integração efetiva dessas equipas, parecendo ter mais o estatuto de convidados do que de integrantes.

Em dezembro de 1957, quando tudo fazia crer que os clubes ultramarinos iriam estreiar-se na edição dessa época da prova-rainha, os dirigentes ultramarinos são apanhados de surpresa com a notícia da sua não inclusão.

As manifestações de desagrado surtiram efeito. A 8 de fevereiro de 1958, realizou-se o Congresso da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), no qual foi divulgada a alarmante situação financeira que a instituição enfrentava (A Bola, 1958a, p. 1; 4). Nessa mesma reunião, foi avançada a possibilidade da participação de um representante de Angola ou de Moçambique, ficando ainda a hipótese, da presença de ambos. Em situação deficitária, a FPF referiu que as despesas de deslocação e estadia seriam suportadas pela Agência do Ultramar, pelos Governos Gerais de Angola e Moçambique e, talvez, pelo próprio Ministério Ultramarino. A ideia agradou a vários delegados.

Em maio de 1958, SL Benfica e FC Porto eliminaram, respetivamente, o Barreirense e o Sporting nas meias-finais da Taça de Portugal, vindo a alinhar, em seguida, numa segunda meia-final frente aos clubes ultramarinos. O Ferrovia de Nova Lisboa e o Desportivo de Lourenço Marques tornaram-se nas primeiras equipas africanas a disputar a Taça de Portugal. Porém, quer benfiquistas quer portistas não sentiram dificuldade e golearam os adversários ultramarinos nas duas mãos.

O novo modelo mereceu algumas críticas, por se considerar injusta a participação das equipas ultramarinas numa fase tão adiantada da competição, pois, em caso de vitória, os conjuntos africanos conseguiam apurar-se para a final depois de terem disputado apenas dois jogos. Em

comparação, as equipas insulares não necessitaram de duplicar nenhuma eliminatória aquando da sua integração na prova-rainha (A Bola, 1958b, p. 6). No entanto, ao nível financeiro, a nova estrutura foi um sucesso, permitindo à FPF arrecadar “uma receita que desde há anos se não conhecia” (FPF, 1958, p. 95). Perante esta experiência, a edição seguinte sofreu uma remodelação, com os representantes ultramarinos a entrarem na prova nos quartos-de-final como o representante das ilhas da Madeira e dos Açores.

Na temporada de 1959/60, o Sports Portugal Clube, de Benguela, foi o representante ultramarino. Integrados nos quartos de final, o conjunto angolano foi goleado pelo Belenenses nos dois jogos. Ao contrário do que sucedeu nas duas últimas edições, os adeptos pareceram mais desinteressados, gerando menos público nos estádios, o que levou a que o Fundo de Prejuízos apresentasse um saldo negativo de 122.388\$30 (FPF, 1960, p. 113).

O formato permaneceu inalterado nas épocas seguintes e a prestação das equipas africanas também se manteve sofrível, sendo constantemente goleadas. A imprensa tentava desmistificar as razões para o insucesso, defendendo que as eliminatórias a duas mãos favoreciam as equipas, teoricamente, mais fortes. Além disso, quando “prejudicados porque se lhes nega a oportunidade, concedida aos demais, de efetuarem um dos jogos da sua eliminatória na cidade de onde provêm” (A Bola, 1963, p. 7). Ambas as partidas realizavam-se na Metrópole, sem que as equipas ultramarinas pudessem dispor do “fator casa”.

Em abril de 1964, Alberto Câmara Manuel, presidente da Associação Provincial de Futebol da Guiné-Bissau esteve em Portugal, reuniu-se com os dirigentes da FPF, e insistiu que essa Província também deveria ter um representante na prova-rainha (A Bola, 1964a, p. 3). As diligências foram bem-sucedidas e, no Congresso da FPF, que se realizou em agosto desse ano, foi aprovado o aumento do número de representantes ultramarinos: do campeão angolano, o de Moçambique e o vencedor do encontro entre os campeões da Guiné e de Cabo-Verde – das ilhas, um da Madeira e um dos Açores (A Bola, 1964b, p. 7).

Desta forma, na edição de 1964/65, o União de Bissau tornou-se no primeiro representante guineense a disputar a Taça de Portugal, sendo o Sports Clube de Portugal o outro representante ultramarino, dado que o de Moçambique desistiu. Na temporada seguinte, a prova teve como novidade a primeira participação de uma equipa cabo-verdiana, após o Mindelense ter garantido o acesso ao vencer o campeão provincial da Guiné. Seria o único representante do Ultramar, devido às desistências dos representantes de Angola e de Moçambique, por falta de verbas.

Na temporada de 1968/69, o novo regulamento da Taça de Portugal veio responder a essas necessidades, com “as deslocações de e para o Ultramar e as Ilhas a serem suportadas pelo Fundo Especial de Deslocações, criado especialmente para esse fim” (Diário de Lourenço Marques, 1968, p. 8). A outra novidade foi a participação de um representante de São Tomé e Príncipe na disputa, frente ao campeão angolano pelo acesso à Taça de Portugal. Dessa forma, o campeão cabo-verdiano defrontava o guineense, enquanto o angolano jogava frente ao de São Tomé e Príncipe e o de Moçambique tinha acesso direto à prova-rainha. O Atlético Sport Aviação (ASA) recebeu o Benfica em Angola, fazendo com que se cumprisse o desejo dos clubes ultramarinos de disputarem uma eliminatória no seu recinto, volvida uma década da sua inclusão nas competições nacionais.

Na edição seguinte, todos os clubes ultramarinos receberam os adversários nos seus recintos e a 5.^a eliminatória foi disputada a uma mão. Embora desde cedo se registassem solicitações de dirigentes e da imprensa nesse sentido, tais apelos apenas encontraram resposta no final da década de 1960. Tratava-se de uma iniciativa que visava projetar a imagem de Portugal como Estado uno e indivisível: ao receberem nos seus próprios recintos clubes metropolitanos encenava-se uma normalidade política e social que procurava transmitir a ideia de plena estabilidade e controlo. Não por acaso, alguns desses encontros tiveram lugar em Angola e Moçambique, transformando os jogos em instrumentos de afirmação simbólica da unidade nacional.

O Independente de Porto Alexandre teve um sorteio duplamente favorável, por jogar em casa e por defrontar o União de Coimbra, do Campeonato Nacional da II Divisão. Os angolanos superiorizaram-se e venceram por 1-0, tornando-se a primeira equipa ultramarina a ganhar uma eliminatória. Este seria o melhor resultado dos conjuntos africanos na Taça de Portugal. Para se perceber as razões do insucesso é fundamental analisar a evolução do futebol ultramarino através das duas principais províncias: Moçambique e Angola.

O futebol moçambicano viveu um período de fulgor durante a década de 1930, em que os clubes se apetrecharam de treinadores e jogadores provenientes da Metrópole, a aposta surtiu efeito, com a qualidade dos jogos a melhorar exponencialmente.

Na década de 1950, Lourenço Marques era considerada a segunda cidade do território português com maior atividade desportiva. Eclética, tinha associações regionais de várias modalidades estabelecidas. No entanto, o insucesso das suas equipas na Taça de Portugal de futebol pode ser explicado por “existir um abismo entre a capacidade do futebol metropolitano, ultraprofissionalizado, e o carácter ainda amador das equipas ultramarinas. Esta diferença não deixaria de pesar, severamente, nos cotejos [...] entre conjuntos ultramarinos e as fortes formações metropolitanas – sobretudo quando estas últimas ocupem, no panorama do futebol nacional, uma posição destacada” (Diário de Lourenço Marques, 1969, p. 11).

Na segunda metade da década de 1940, o futebol angolano teve um enorme desenvolvimento motivado pelo patrocínio dos comerciantes e das indústrias. Após a II Guerra Mundial, a economia angolana beneficiou do encarecimento das matérias-primas e do aumento das exportações de café, sisal, diamantes e algodão. Com maior poderio financeiro, os clubes puderam contar com “elevado número de bons praticantes” ultramarinos, ao “recrutar na Metrópole um certo número de bons jogadores (Salvador, do Olhanense; Miguel e Luciano, do Vitória de Guimarães; Nunes e Vasco, do Vitória de Setúbal; Morgado, da Académica – sem mencionar o famoso Castela, do Belenenses)” (A Bola, 1967, p. 2).

Durante a década de 1950, houve uma expansão do futebol em Angola, o que levou à criação de várias equipas. O interesse pela modalidade proporcionou a existência de uma imprensa especializada, que acompanhava não só o futebol local e as carreiras dos conterrâneos, como também os da Metrópole.

O crescimento do futebol na Província aconteceu não só ao nível federativo e corporativo, como nos musseques. Nestes, o crescente interesse e a proliferação das equipas aconteceu de forma espontânea, acompanhando o crescimento do número de habitantes, enquanto o futebol corporativo foi incentivado pelas instâncias governamentais como forma de cativar e controlar os trabalhadores. O crescimento dos clubes não foi acompanhado pelo aumento de número de campos, tornando-se um dos principais problemas do futebol angolano (O Norte Desportivo, 1958, p. 8). Jacinto João era visto como um exemplo por ter começado a jogar nos musseques, transitado para o futebol federado, ao serviço do FC Luanda, e ter alcançado o estatuto de ídolo na Metrópole, ao serviço do Vitória de Setúbal.

No entanto, apesar da imensa qualidade individual que existia na Província, a nível coletivo as equipas não conseguiram ser bem-sucedidas na Taça de Portugal. A falta de campos, as condições precárias de preparação e o facto de as equipas estarem dependentes dos horários pós-laborais dos seus jogadores, tendo-os de conjugar com a disponibilidade dos campos, condicionavam o desenvolvimento dos trabalhos, para além de que as épocas desportivas do Ultramar e da Metrópole estavam desfasadas.

Assimetrias na prática do hóquei em patins em Angola e Moçambique

No que concerne ao hóquei em patins, esta modalidade expandiu-se, essencialmente, para os territórios de Moçambique, na década de 1910, e para Angola nos inícios da década de 1930. Porém, o seu desenvolvimento processou-se de forma desigual, refletindo as diferenças socioculturais existentes entre os dois territórios.

A fulgurante atuação da seleção nacional de hóquei na sua deslocação a Lourenço Marques, em 1949, impulsionou decisivamente os moçambicanos para uma prática mais intensa da modalidade. Tais reflexos cedo deram os seus frutos e em meados da década seguinte, Moçambique apresentava equipas de boa qualidade técnica: veja-se o caso do SNECI e da sua digressão à Metrópole em 1955. As suas exhibições encantaram o público português e foram determinantes para demonstrar e afirmar a qualidade e capacidade técnicas do hóquei moçambicano, que daí por diante passou a ter representantes na seleção das quinas. Entre essas figuras destacam-se Francisco Velasco, António Souto, Fernando Adrião e Bouçós, os quais muito contribuíram para a classe e supremacia da seleção portuguesa ao longo das décadas de 1960 e 70. Registe-se, ainda, o curioso facto de a seleção que se apresentou em 1958, no Torneio de Montreux, ser toda originária de Moçambique, o que demonstra a extraordinária evolução e valorização que a modalidade sofreu, num curto espaço de tempo, neste território.

No que se refere a Angola, apesar do crescimento e da expansão da prática da modalidade, especialmente para cidades com algum poder económico – Luanda, Benguela, Nova Lisboa, Moçâmedes e Lobito, a Província nunca conseguiu atingir a qualidade do hóquei moçambicano. Nem mesmo a importação de hoquistas metropolitanos, originada pelo deflagrar da guerra colonial, e o crescimento económico verificado neste território, conseguiram alterar as debilidades do hóquei angolano.

Desde a década de 1950, começaram a desenhar-se projetos com vista a uma maior participação do Ultramar no horizonte desportivo. Em 1955, lançou-se o mote para a realização dos Jogos Desportivos Imperiais, de modo a reforçar os laços entre a Metrópole e o Ultramar. No início da década de 1960, surgiu a ideia da criação dos Jogos Desportivos do Mundo Português e dos Jogos Desportivos de Angola, votados rapidamente ao esquecimento com o deflagrar da guerra colonial. De todos estes projetos, apenas os Jogos Desportivos Luso-Brasileiros viram a luz do dia, tendo sido realizadas cinco edições entre 1960 e 1972. O objetivo, neste caso, passava pelo reforço das relações com o Brasil no âmbito da construção de uma

grande comunidade luso-brasileira, na qual o Ultramar português se encontrava inserido.

No caso particular de Moçambique, esta integração foi efetuada em duas camadas, resultantes do crescimento exponencial da qualidade técnica do hóquei ali praticado. A primeira prende-se com o início da presença de hoquistas moçambicanos na seleção das quinas, cujos exemplos mais proeminentes já foram referidos anteriormente. Se, num período inicial, se assiste a uma forte presença de moçambicanos na seleção, a partir da década de 1960, esta viria a ser reduzida para um ou dois elementos, devido aos fracos recursos que a Federação Portuguesa de Patinagem (FPP) dispunha para o pagamento de deslocações, estadias e salários. A segunda camada refere-se à participação das equipas moçambicanas, tanto em provas nacionais (Campeonato Nacional e Taça de Portugal), como internacionais (Taça dos Campeões Europeus). Com vista a uma maior integração das equipas ultramarinas nas provas nacionais, a FPP reformulou a estrutura do Campeonato Nacional, com o alargamento da participação dos clubes oriundos da Madeira, dos Açores e do Ultramar. No caso particular das equipas africanas, haveria a necessidade de disputar-se uma eliminatória, a duas mãos, entre os campeões provinciais de Angola e Moçambique, para o apuramento da equipa que iria representar o Ultramar na competição. Numa primeira fase, este modelo de prova acabou por eclipsar a presença de equipas angolanas na prova, uma vez que, como já foi referido, a sua qualidade técnica era bastante inferior à moçambicana. Apesar das constantes dificuldades de financiamento, os grupos moçambicanos foram marcando presença no Campeonato Nacional. Nos campeonatos de 1960 e 1961, apresentou-se o SNECI, que terminou ambas as provas num honroso 4.º lugar, frente aos poderosos grupos do SL Benfica, Paço de Arcos, CACO e HC de Sintra. No ano seguinte, o Ferroviário de Lourenço Marques ficou na história como o primeiro clube ultramarino a conquistar o título nacional da modalidade.

Nos dois anos seguintes, diferendos entre a Direção Geral dos Desportos e as associações de hóquei, relativos à falta de meios financeiros e

logísticos, levaram à anulação do Campeonato Nacional e à sua substituição pela Taça de Portugal. Do novo modelo de prova, fazia parte um conjunto de seis clubes representativos de Portugal continental, insular e ultramarino. Na edição de 1964, o hóquei moçambicano voltou de novo à ribalta, com a conquista da Taça de Portugal pelo Clube Desportivo de Malhangalene.

Em 1965, voltou a disputar-se o Campeonato Nacional com a presença de uma equipa ultramarina, na fase final. Contudo, a equipa do Clube Desportivo de Malhangalene foi obrigada a desistir, por motivos profissionais dos atletas. Na época, vivia-se ainda um clima de amadorismo em muitas modalidades desportivas e o afastamento, por mais de um mês, das atividades profissionais, para participarem na prova, poderia levar ao despedimento. Entre os anos de 1966 e 1973, assistiu-se a um conjunto variado de equipas moçambicanas no Campeonato Nacional: Ferroviário de Lourenço Marques, Malhangalene, Académica de Moçambique e o Desportivo de Lourenço Marques.

Foi também neste período que, finalmente, foram ouvidas as pretensões angolanas, quando, em 1967, a Federação Provincial de Hóquei Angolana ameaçava não participar no Campeonato Nacional, enquanto este não sofresse uma reestruturação. Porém, mesmo com as mudanças impostas pela FPP, permitindo a entrada direta dos campeões provinciais de Angola e Moçambique na competição, uma vez mais, verificou-se o fosso entre a qualidade técnica das equipas angolanas e moçambicanas.

Contudo, não deixa de ser interessante que, a partir de finais da década de 1960 até 1974, assistiu-se a uma disputa muito renhida entre o SL Benfica e o Desportivo de Lourenço Marques, revezando-se na posse do título nacional. Feitas as contas, os moçambicanos conquistaram três títulos e o SL Benfica os outros dois, o que evidencia a qualidade do hóquei praticado, sobretudo em Lourenço Marques.

Basquetebol feminino ultramarino em perspetiva (1961-1970)

Durante dez épocas, entre 1960/61 e 1969/70, o Campeonato Nacional de Basquetebol feminino foi disputado entre as equipas vencedoras da Metrópole e das províncias de Angola e Moçambique, sendo que esta última esteve integrada apenas entre 1961/62 e 1966/67.

Enquanto na Metrópole, onde a vertente feminina tinha dado entrada há 30 anos, o basquetebol feminino se encontrava num “marasmo”, com apenas cinco clubes em atividade, no Ultramar português, como atestou José Esteves em 1962, “em qualquer das pequenas cidades, de Sá da Bandeira a Moçâmedes, havia já meia dúzia de equipas” (Mundo Desportivo, 1962a, p. 2).

O futebol e o hóquei em patins não tinham equipas do Ultramar a competir com as da Metrópole no Campeonato Nacional. Em 1961, o Campeonato Nacional de Basquetebol feminino, realizado no final de maio, em Coimbra, contou pela primeira vez com uma equipa de fora do limite geográfico da Metrópole: o Sport Lubango e Benfica, filial do clube de Lisboa – Sport Lisboa e Benfica –, em Sá da Bandeira, Angola, cidade-viveiro de basquetebolistas portugueses (A Província de Angola, 1974, p. 23).

O coletivo angolano chegou a Lisboa “como prenúncio de bom tempo qual bando de andorinhas, vindas antecipadamente” (A Bola, 1961a, p. 2). O termo foi uma feliz escolha, conquanto que a prematuridade era clara. Na verdade, nem sequer as equipas masculinas de basquetebol integravam competições de carácter nacional. O Campeonato Nacional masculino só congregou as equipas ultramarinas e metropolitanas depois de 1962, aquando da aprovação em Assembleia Geral da Federação Portuguesa de Basquetebol de 27 de outubro de 1962. Albano Fernandes avaliou a ideia como “utópica” (Fernandes, 1997, p. 169), apesar do consenso generalizado que “os campeonatos nacionais sem a participação, em igualdade de condições, das equipas do Ultramar, não passarão nunca de campeonatos regionais” (Mundo Desportivo, 1962b, p. 2).

Em maio de 1961, já decorriam conflitos intensos no território angolano, onde se lutava “pela continuação de Portugal” (O Benfica, 1961, p. 8). Este discurso sobre o fenómeno belicista, presente nos jornais desportivos, acabou, mais tarde, por ser camuflado em elogios às terras ultramarinas, como quando as atletas de Sá da Bandeira chegaram a Lisboa trazendo consigo “toda a luminosidade e encanto da terra onde nasceram” (Mundo Desportivo, 1961a, p. 2).

A presença destas equipas, sobretudo as de Angola, com um valor basquetebolístico superior ao de Moçambique, ajudou na promoção e estímulo da modalidade em Portugal continental, criando-lhe maior interesse e competitividade (Mundo Desportivo, 1962c, p. 7; Mundo Desportivo, 1964a, p. 9). O número de clubes que promoveram a criação de uma secção feminina de basquetebol cresceu na Metrópole nos anos seguintes. Alguns deles eram de grande relevância no panorama desportivo nacional, como o Sporting CP, o SL Benfica e o CIF (que se veio a afirmar como a grande equipa de Portugal nos anos de 1970). O *marasmo* denunciado por José Esteves no início da década ia se sanando.

No entanto, a partir de 1967/68, a ausência das equipas ultramarinas foi-se acentuando. Enquanto as equipas masculinas permaneciam na competição, as femininas foram progressivamente saindo de cena do Campeonato Nacional. Vários pontos o justificam.

No verão de 1962, com a guerra em África a pulsar, foram necessárias semanas de diligências para que a deslocação da equipa vencedora da Metrópole – CDUP – para Angola se concretizasse, entre reuniões com o Exército, a Direção Geral dos Desportos e o subsecretário de Estado da Aeronáutica (Mundo Desportivo, 1962d, p. 2; Mundo Desportivo, 1962e, p. 3; Mundo Desportivo, 1962f, p. 2; Mundo Desportivo, 1962g, p. 7). Ainda em 1962, Botelho de Melo, jornalista do *Diário de Lourenço Marques*, foi castigado pelo Conselho Provincial de Educação Física de Moçambique por haver denunciado “as difíceis condições económicas que atravessam os clubes moçambicanos, em parte devido à atual orgânica desportiva” (Mundo Desportivo, 1962h, p. 2).

As deslocações avultavam os orçamentos. Embora a imprensa não o justifique, a raiz do problema derivava muito de questões financeiras. A deslocação do Lubango e Benfica à Europa para disputar a Taça dos Clubes Campeões Europeus, em janeiro de 1963, custou 250 contos. Em termos comparativos, no mesmo ano, a secção de basquetebol do Sport Lisboa e Benfica despendeu 320 contos em encargos anuais (CDI-SLB, 1963, p. 249). A fadiga acumulada nas deslocações, bem como as diferenças de clima, faziam-se acusar nas equipas (Mundo Desportivo, 1964b, p. 2).

Está por estudar a diferença entre o basquetebol das províncias e a comunicação desportiva entre estas. No tocante ao basquetebol feminino, reconhecem-se alguns casos de atletas que mudaram de província, como Glória Lousado que, em 1969/70, depois de representar o CD Universitário de Angola, passou a representar o SC Lourenço Marques, afirmando conhecer pouco o basquetebol moçambicano (Diário de Lourenço Marques, 1970a, p. 9). Este detalhe coaduna-se com o que expôs Kathleen Binda, do CD Beira (Moçambique), afirmando saber pouco do basquetebol da Metrópole e nada do de Angola (A Bola, 1967b, p. 2). A mesma equipa de Binda, que se deslocou ao Porto para disputar o Campeonato Nacional feminino em 1964, era um coletivo desconhecido para alguma imprensa da Metrópole (A Bola, 1964c, p. 2).

Isto refletia-se na crise evidenciada pelas equipas moçambicanas. As campeãs provinciais, até 1967, eram equipas da cidade da Beira. A partir daí, a hegemonia passou para Lourenço Marques, que nunca chegaram a competir no Campeonato Nacional, que desde 1968 passou a contar apenas com as campeãs metropolitanas e angolanas. A crise, negada no ano seguinte pelo presidente da Associação de Basquetebol de Lourenço Marques (Diário de Lourenço Marques, 1967, p. 4), era patente.

A inferioridade das equipas moçambicanas, denunciada nos primeiros anos da sua participação no Campeonato Nacional, devia-se à falta de atualização de conhecimentos e aspetos táticos de jogo (Mundo Desportivo, 1963a, p. 2; 7), o que se traduziu no facto de nunca terem atingido o título de campeãs nacionais em seis épocas.

Conforme dito, Angola tinha preponderância no jogo da bola-ao-cesto. Nos primeiros anos de contacto com a Metrópole, sobretudo na sequência do Campeonato Nacional, foram sempre superiores, visível no tricampeonato do Lubango e Benfica, em 1962/63. Em 1963/64, a conquista coube à equipa mais forte de Portugal continental, a Académica de Coimbra. Em 1964/65, o título voltou para Angola nos *dribles* do Sport Luanda e Benfica e com a reconquista do Lubango e Benfica em 1965/66, encerrando assim o ciclo de títulos para as equipas de África. No total, as duas equipas de Angola acumularam metade dos títulos da competição nacional que lhes era possível almejar (5 em 10).

Apesar de não ter fomentado a instrumentalização política do desporto (Nascimento, 2013, p. 15), ao Estado português interessava a atividade de coletivos como o Lubango e Benfica, ao buscar um espírito de união entre Metrópole e províncias ultramarinas, alinhando-os como uma continuidade territorial e política.

Compreenda-se: durante cinco edições ao longo da década de 1960, eram de origem angolana as representantes de Portugal na Taça dos Clubes Campeões Europeus de basquetebol feminino. As “rainhas do cesto” (O Benfica, 1963a, p. 3) eram a “única excepção ao panorama desfavorável da actividade basquetebolística portuguesa” (Mundo Desportivo, 1962i, p. 5), tidas como “primado” da modalidade (A Bola, 1966, p. 2). Está por fazer uma investigação aprofundada da equipa de Lubango, importante no panorama basquetebolístico nacional e para a história da modalidade e do género no desporto.

Em 1962, há uma onda de interesse por parte da imprensa desportiva portuguesa que não aconteceu com as campeãs da Académica de Coimbra na época transata. As universitárias pouca atenção receberam por parte dos periódicos, que pouco passaram da apresentação dos resultados dos jogos (Mundo Desportivo, 1961, p. 2). Pelo contrário, em 1962, as lubanguenses estiveram em grande destaque nos jornais desportivos (Mundo Desportivo, 1962i, p. 1; 1962i, p. 2), fazendo capa. Saliente-se a transmissão direta e integral pela televisão do jogo da 2.^a mão da Taça dos Clubes

Campeões Europeus femininos frente ao CREFF de Madrid, campeão feminino de Espanha, no Pavilhão dos Desportos em Lisboa (O Benfica, 1963b, p. 3). Jogando contra a equipa campeã de Marrocos, o treinador elogiou a equipa angolana e indicou que na equipa estariam cinco das melhores executantes internacionais (O Benfica, 1962, p. 4).

Foi também desta equipa que surgiram as primeiras árbitras de basquetebol, pois Ernestina Coimbra e Paula Peyroteo frequentaram o primeiro curso português para o género feminino, que se realizou em Angola (Amorim, 2025). Este fenómeno de liberalização do género feminino na arbitragem acompanhou o período de emancipação da mulher que corria nas décadas de 1960 e 1970 (Ferreira, 2009, p. 66). Jornais como o *Diário de Lisboa* (1962, p. 19) tinham separatistas dedicada a promover os direitos das mulheres. Para o desporto, era fundamental mitigar comportamentos misóginos que se traduziam em comentários do público como “vão para casa coser meias!” (Diário de Lourenço Marques, 1970b, p. 13). Em 1963, o Mundo Desportivo (1963b, p. 1) registava com entusiasmo a jovem de 17 anos, Sylvia Gregoria, que arbitrava jogos de futebol masculino em Praga.

À publicidade da equipa ajudou o facto de esta ter, no plantel, as irmãs Regina, Paula e Conceição Peyroteo, sobrinhas da antiga glória de futebol do Sporting CP, Fernando Peyroteo, que vinha à Europa integrado na comitiva do Lubango e Benfica e em cuja atenção os jornais se centravam (A Bola, 1961b, p. 2). Refira-se a importância que Regina Peyroteo assumiu na modalidade em Portugal, pois a atual Taça de Portugal feminina disputou-se nas suas primeiras edições sob o nome “Taça Regina Peyroteo” (Amorim, 2022). Uma biografia sobre esta figura também está em falta nas prateleiras da história desportiva.

É curioso ter em conta o afastamento das equipas das províncias africanas (em especial as moçambicanas) quando, nos inícios da década de 1970, era a equipa da Associação Académica de Moçambique, organismo de desporto universitário que privilegiava a emancipação feminina, quem ocupava lugar cimeiro no “basquetebelo” e em 1971 se sagrou campeã nacional universitária feminina (Pereira; Gonzalez, 2016, p. 438-439).

Quer no sentido de uma integração pluricontinental/identitária das equipas, quer no fomento da emancipação feminina, que se reconhece ter existido pelos apontamentos deixados acima e pelo que se lê sobre o desporto na política colonial portuguesa no Boletim Geral do Ultramar (Melo; Bittencourt, 2013, p. 77), a teorização deste fenómeno sociopolítico e desportivo deve concentrar-se em análises dos sinais e da linguagem, que fazem espelhar essa integração em afirmações como “as raparigas de Angola a sua classe europeia” (Mundo Desportivo, 1963c, p. 7).

Conclusão

Todas as equipas sentiram as dificuldades inerentes às fracas instalações, a pouca disponibilidade financeira das instituições desportivas e o parco orçamento dos clubes. Estes fatores, comuns às três modalidades, impediam muitas vezes as deslocações ao espaço europeu, para a regular disputa das provas nacionais, a mais das vezes cumpridas de forma muito custosa ou sob um apoio benemérito, esbarrando num desequilíbrio do desenvolvimento físico e técnico dos atletas do Ultramar face aos metropolitanos. Esta era a realidade que se evidenciava no panorama desportivo ultramarino português. Com a promulgação da Lei n.º 2.083, as necessidades das coletividades de Angola e Moçambique ficaram mais expostas pela obrigatoriedade das suas participações. O contrário também foi visível. No caso do futebol, as equipas do Ultramar nunca integraram o Campeonato Nacional, apenas a Taça de Portugal, e as dificuldades financeiras das coletividades revelaram-se um entrave constante. O hóquei em patins, custosa modalidade, teve um Campeonato Nacional pluricontinental, mas os elevados custos impediram a sua realização durante duas épocas. No caso do basquetebol feminino, as primeiras aparições das “andorinhas” do Lubango e Benfica foram ideais para as intenções político-desportivas por trás da Lei de 1956, mas a efémera carreira das atletas da geração tricampeã impediu o prolongar desse processo, fazendo com que a presença das equipas de

África no Campeonato Nacional durasse apenas uma década, com a decadência primeira da província moçambicana.

O espaço aqui consagrado ao tema é demasiado curto, mas abrem-se badanas para futuras investigações: compreender as proveniências sociais, raciais e culturais dos atletas; no caso do basquetebol feminino, há ainda que verificar a relação género-desporto e a sua relevância na emancipação da mulher. Há ainda a relevar as relações desportivas entre as províncias angolana e moçambicana, o que se deve fazer através de um levantamento exaustivo dos clubes e a movimentação desportiva dos seus atletas, bem como as transformações, no pós-independência, na morfologia da atividade física e no percurso dos atletas.

Referências bibliográficas

A BOLA. Lisboa, 10 fev. 1958a, p. 1; 4.

A BOLA. Lisboa, 25 maio 1958b, p. 6.

A BOLA. Lisboa, 27 maio 1961a, p. 2.

A BOLA. Lisboa, 25 maio 1961b, p. 2.

A BOLA. Lisboa, 13 jun. 1963, p. 7.

A BOLA. Lisboa, 11 abr. 1964a, p. 3.

A BOLA. Lisboa, 10 ago. 1964b, p. 7.

A BOLA. Lisboa, 21 mar. 1964c, p. 2.

A BOLA. Lisboa, 21 abr. 1966, p. 2.

A BOLA. Lisboa, 9 fev. 1967a, p. 2.

A BOLA. Lisboa, 15 abr. 1967b, p. 2.

A PROVÍNCIA DE ANGOLA. Luanda, 21 jan. 1974, p. 23.

ALMEIDA, João Mendes. *Lourenço Marques: a mais bonita cidade africana do seu tempo*. Madeira: Edição do Autor, 2017.

AMORIM, Pedro S. À terceira foi de vez. *O Benfica*, 13 maio 2022, p. 30.

AMORIM, Pedro S. As primeiras árbitras de basquetebol em Portugal. *O Benfica*, 17 out. 2025, p. 31.

BNP. Biblioteca Nacional de Portugal. *Boletim Geral do Ultramar*. v. 38, n. 443, maio 1962.

CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

CDI-SLB. Centro de Documentação e Informação do Sport Lisboa e Benfica. *Relatório e Contas da Gerência*, 1963.

CDI-SLB. Centro de Documentação e Informação do Sport Lisboa e Benfica. *Relatório e Contas da Gerência*, 1976.

CONSELHO PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO. *Fundo de Fomento Gimnodesportivo de Moçambique*. Lourenço Marques, 1969.

COSTA, António da Silva. Desporto e política: dois fenómenos estruturalmente idênticos. In: BENTO, Jorge; CONSTANTINO, José Manuel (coord.). *O desporto e o Estado: ideologias e práticas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

COUTINHO, Manuel Carvalho. Sports Journalism at the height of Portugal's dictatorship: bureaucracy and censorship (1935-1960). *Historia Contemporânea*, n. 76, p. 959-985, 2024.

DIÁRIO DE LOURENÇO MARQUES. Lourenço Marques, 11 set. 1967, p. 4.

DIÁRIO DE LOURENÇO MARQUES. Lourenço Marques, 18 ago. 1968, p. 8.

DIÁRIO DE LOURENÇO MARQUES. Lourenço Marques, 14 maio 1969, p. 11.

DIÁRIO DE LOURENÇO MARQUES. Lourenço Marques, 1.º mar. 1970a, p. 9.

DIÁRIO DE LOURENÇO MARQUES. Lourenço Marques, 11 mar. 1970b, p. 13.

DOMINGOS, Nuno. As políticas desportivas do estado colonial em Moçambique. *Lusotopie*, v. 16, n. 2, p. 84-104, 2009.

DOMINGOS, Nuno. O desporto e o Império Português. In: NEVES, José; DOMINGOS, Nuno (coord.). *Uma história do desporto em Portugal: Nação, império e globalização*. Vila do Conde: QuidNovi, 2011. p. 51-107. v. II.

DOMINGOS, Nuno. *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

DOMINGOS, Nuno. Uma sociedade vista do campo de futebol. In: CARDÃO, Marcos; CASTELO, Cláudia (org.). *Gilberto Freyre: novas leituras do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Edusp, 2015. p. 179-197. (Coleção Ensaios de Cultura).

DRUMOND, Maurício. Ao bem do desporto e da Nação: relações entre esporte e política no Estado Novo português (1933-1945). *Estudos Políticos*, v. 7, n. 2, p. 298-318, 2013.

FPF. Federação Portuguesa de Futebol. *Relatório e Contas da Gerência de 1957/58*, 1958.

FPF. Federação Portuguesa de Futebol. *Relatório e Contas da Gerência de 1959/60*, 1960.

FERNANDES, Albano Lopes. *História do basquetebol em Portugal: 1913-1997*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 1997.

KUMAR, Rahul. *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*. Lisboa: Paquiderme, 2017.

MELO, Victor Andrade de. O esporte e a construção da nação: apontamentos sobre Angola. *Afro-Ásia*, n. 40, p. 9-49, 2009.

MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo. Sob suspeita: o controle dos clubes esportivos no contexto colonial português. *Tempo*, v. 18, n. 33, p. 191-215, 2012.

MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo. O esporte na política colonial portuguesa: o Boletim Geral do Ultramar. *Tempo*, v. 19, n. 34, p. 69-80, 2013.

MELO, Victor Andrade de. Jogando no olho do furacão: o desporto na Casa dos Estudantes do Império (1944-1965). *Análise Social*, v. 52, n. 223, p. 280-304, 2017.

- MUNDO DESPORTIVO. 26 maio 1961a, p. 2.
- MUNDO DESPORTIVO. 23 jan. 1961b, p. 2.
- MUNDO DESPORTIVO. 9 set. 1962a, p. 2.
- MUNDO DESPORTIVO. 28 mar. 1962b, p. 2.
- MUNDO DESPORTIVO. 1.º jun. 1962c, p. 7.
- MUNDO DESPORTIVO. 6 jul. 1962d, p. 2.
- MUNDO DESPORTIVO. 16 jul. 1962e, p. 3.
- MUNDO DESPORTIVO. 1.º ago. 1962f, p. 2.
- MUNDO DESPORTIVO. Lisboa, 3 ago. 1962g, p. 7.
- MUNDO DESPORTIVO. Lisboa, 22 jan. 1962h, p. 2.
- MUNDO DESPORTIVO. Lisboa, 3; 5; 10 jan. 1962i, p. 5; 1; 2.
- MUNDO DESPORTIVO. Lisboa, 21 mar. 1963a, p. 2; 7.
- MUNDO DESPORTIVO. Lisboa, 19 jun. 1963b, p. 1.
- MUNDO DESPORTIVO. Lisboa, 27 mar. 1963c, p. 7.
- MUNDO DESPORTIVO. Lisboa, 20 mar. 1964a, p. 9.
- MUNDO DESPORTIVO. Lisboa, 23 mar. 1964b, p. 2.
- NASCIMENTO, Augusto. *Desporto em vez de política no São Tomé e Príncipe colonial*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- O BENFICA. Lisboa, 8 jun. 1961, p. 8.
- O BENFICA. Lisboa, 18 jan. 1962, p. 4.
- O BENFICA. Lisboa, 12 jan. 1963a, p. 3.
- O BENFICA. Lisboa, 24 jan. 1963b, p. 3.
- PINHEIRO, Francisco. Futebol e política na Ditadura: factos e mitos. In: TIESLER, Nina Clara; DOMINGOS, Nuno (coord.). *Futebol português: política, género e movimento*. Porto: Edições Afrontamento: 2012. p. 47-82.

PINHEIRO, Francisco. O “lápiz azul” no *sport* português: política, desporto e media. *FuLLIA*, v. 4, n. 3, p. 97-114, 2019.

PORTUGAL. *Lei n. 2.083, de 15 de junho de 1956*. Promulga as normas relativas às actividades gimnodesportivas nas províncias ultramarinas. Diário da República: I série, Lisboa, n. 284, p. 1827-1830, 15 jun. 1956. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/2083-231539>. Acesso em: 22 abr. 2026.

RINK Hockey. Available at: <https://rinkhockey.net/index.php>. Accessed on: 22 abr. 2026.

SERAPIGLIA, Daniele (org.). *Tempo libero, sport e fascismo*. Bologna: BraDypUS Editore, 2016.

Futebol e racismo: mobilidade e castas nas sociedades de classe

Antonio Jorge Gonçalves Soares¹

Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRJ

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Programa de Pós-Graduação em Educação – UFBA

Resumo

Este artigo analisa episódios contemporâneos de racismo no futebol envolvendo jogadores brasileiros – Grafite, Daniel Alves e Vinícius Júnior – interpretando-os como expressões de uma gramática racial persistente nas sociedades de classe. Argumenta-se que tais agressões não se reduzem a provocações esportivas, mas operam como mecanismos simbólicos de reinscrição hierárquica, aproximando-se metaforicamente da lógica de castas. Mesmo em um campo regulado por princípios formais de igualdade, como o futebol, a mobilidade econômica e o reconhecimento midiático não eliminam a vulnerabilidade de jogadores negros à deslegitimação racial. O texto sustenta que a tensão entre redistribuição e reconhecimento evidencia a permanência de desigualdades de *status*. A recorrência desses episódios confirma que o racismo no futebol integra dinâmicas mais amplas de hierarquização racial e nacional no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: racismo; futebol; casta; reconhecimento; hierarquias raciais.

Abstract

This article analyzes contemporary episodes of racism in soccer involving Brazilian players – Grafite, Daniel Alves, and Vinícius Júnior – interpreting them as expressions of a persistent racial grammar within class-based societies. It argues that such aggressions cannot be reduced to mere sporting provocation; rather, they function as symbolic mechanisms of hierarchical reinscription,

¹ Agradecimentos: à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) – Programa Cientista do Nosso Estado e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

metaphorically approximating a caste-like logic. Even in a field regulated by formal principles of equality, such as soccer, economic mobility and media recognition do not eliminate the vulnerability of Black players to racial delegitimation. The article contends that tensions between redistribution and recognition reveal enduring status inequalities. The recurrence of these incidents confirms that racism in soccer reflects broader dynamics of racial and national hierarchization in contemporary societies.

Keywords: racism; soccer; caste; recognition; racial hierarchies.

Introdução

Nas últimas décadas, o futebol se consolidou como mais uma das arenas de enfrentamento das desigualdades raciais quando atos racistas surgem no calor da disputa das partidas. Como fenômeno globalizado, espetáculo midiático e como canal de circulação e acumulação de capitais de diferentes naturezas, esse esporte carrega consigo as contradições presentes em sua gênese na modernidade, no seu processo de difusão e apropriação em diferentes sociedades. Embora o futebol tenha se desenvolvido numa sociedade de classes, amplamente louvado como um espaço de mobilidade social e reconhecimento simbólico para jovens oriundos das classes populares, especialmente negros, esse esporte, por vezes, continua a reproduzir, aqui e acolá, a gramática das hierarquias raciais, como confirmam os casos exemplares de racismo vividos pelos jogadores Vinícius Júnior, Daniel Alves e Grafite. Entre eles, em comum, o fato de serem brasileiros e terem sido chamados de “macacos” em estádios de futebol. Tais eventos revelam uma das faces do racismo ainda presente na gramática social (Abrahão; Soares, 2011) e, ao mesmo tempo, um forte movimento antirracista que se nutre desses casos para empunhar a bandeira de igualdade de *status* das pessoas, independentemente da cor da pele, etnia ou nacionalidade. Vamos apresentar três casos exemplares, a seguir, para desenvolver nosso argumento.

Um caso de grande repercussão foi o sofrido por Vinícius Júnior, agredido verbalmente com insultos racistas por torcedores do Valencia em 2023, em pleno campeonato espanhol, na partida Valencia *versus* Real

Madrid. Sua reação provocou um movimento antirracista global de protestos e solidariedade. A comparação simbólica com macacos, a gestualidade corporal dos agressores imitando símios, as tentativas de deslegitimação da denúncia do jogador – reação inicial das autoridades esportivas espanholas – e a grande divulgação na mídia das imagens e falas de protesto do jogador, demonstraram que, para além da rivalidade esportiva, tais insultos tratam de uma reafirmação de hierarquias associadas à cor da pele que ainda persiste – talvez como resíduo – nas sociedades contemporâneas.

Outra agressão racista se deu no episódio envolvendo Daniel Alves, em 2014, quando o jogador descascou e comeu uma banana atirada em sua direção durante partida na Espanha. Sua atitude ganhou notoriedade na mídia global com a campanha antirracista #somostodosmacacos. Apesar da repercussão positiva em muitos círculos sociais, a reação revelou fissuras entre o movimento negro e essa campanha antirracista. O argumento crítico dizia que o combate simbólico ao racismo não basta, pois se deve exigir reformas profundas nas estruturas sociais, econômicas e, no caso específico, no próprio esporte (Martins, 2014). Mais uma vez temos, nesse caso, a hierarquia marcada pela cor da pele e pela origem nacional do referido jogador.

O caso mais distante, ocorrido em 2005, envolveu o jogador brasileiro Grafite e o argentino Leandro Desábato, que desferiu agressões racistas no decorrer do jogo. Mais uma vez esse caso revela que estamos diante de velhas representações que associam o corpo negro à animalidade e à inferioridade moral, além do fato da agressão se dirigir a um jogador brasileiro no seu próprio território. A reação institucional da prisão do jogador argentino em solo brasileiro, com ampla repercussão na mídia, foi inédita. Devemos destacar que essa e outras injúrias raciais atravessam o campo de jogo com uma gramática pregnant da dominação simbólica da hierarquia das raças e, por extensão, dos estados nacionais. Todavia, a resposta institucional a esse caso se tornou marco do movimento antirracista em curso no Brasil.

O que pretendemos ressaltar é que tais episódios selecionados não se restringem a estratégias de provocação ou de desestabilização psicológica

em um jogo de alta competitividade – seja por parte de torcedores, seja por parte de jogadores –, como tentaram relativizar alguns jornalistas e dirigentes esportivos. A reação do movimento antirracista no futebol levou as entidades esportivas como CBF, FIFA e outras² a adotarem uma agenda política institucional de combate ao racismo. O argumento é que tais manifestações contemporâneas com base na gramática racista acabam por indicar que a estrutura de classes ou os ideais de mobilidade social das sociedades liberais não apagou totalmente as hierarquias originadas pelo racismo científico, das ordens hierárquicas ou das castas na modernidade. É como se ainda subsistisse vestígios no mapa cultural de imagens de castas e/ou ordens que definem as posições sociais e o *status* de indivíduos, grupos e etnias a partir do nascimento e/ou do território (Dubet, 2020; Wilkerson, 2021). Cabe esclarecer que não estamos utilizando a noção de castas no sentido do trabalho pioneiro de Dumont (1997), como sistema de hierarquias sociais ordenadas sem mobilidade na sociedade indiana analisada na época, no qual os grupos eram estritamente classificados segundo critérios de pureza/impureza, e não apenas econômicos, produzindo uma ordem social relativamente estável e legitimada culturalmente. Estamos, na mesma direção de Dubet (2020), argumentando que a imagem de castas ou ordens pode estar presente e em conflito com os ideais de mobilidade da sociedade de classes na qual ainda mantém clivagens sociais e econômicas que definem a posição social e o *status* a partir do nascimento, da raça, da etnia e do território. Assim, o objetivo deste texto é analisar episódios contemporâneos de racismo no futebol envolvendo jogadores brasileiros, interpretando-os não como fatos isolados, mas como expressões de uma gramática racial que opera metaforicamente como lógica de castas, reinscrevendo desigualdades de *status* mesmo em contextos marcados por mobilidade social e reconhecimento simbólico.

2 CBF: Confederação Brasileira de Futebol; FIFA: Fédération Internationale de Football Association.

O texto está organizado com base nos movimentos seguintes. Num primeiro momento, trabalhamos com a noção de racismo como categoria de denúncia. Entendemos os atos racistas como resíduos profundos e emocionais (no sentido paretiano) da permanência da gramática das hierarquias raciais – assemelhadas a uma estrutura de ordens ou castas – que convivem com a estratificação de classes e suas respectivas distinções, ainda presentes no contraditório e contestado mapa cultural da modernidade nas sociedades ocidentais. Num segundo momento, argumentamos que a hierarquia racial acionada nos espaços de conflito constitui uma metáfora mais ampla da noção de castas. Isto é, os negros e negras fariam parte da espécie de uma “casta inferior”, vistos como sujos ou impuros, não confiáveis, e, ainda, preteridos no mercado afetivo pela casta superior, isto é, aqueles que se autoneameiam “brancos”. Lembremos da relação inter-racial entre a artista Xuxa Meneghel, loira de olhos azuis, e Pelé, chamado Rei do Futebol: o romance da então modelo com um homem negro, rico e bem-sucedido foi alvo de comentários maliciosos, preconceituosos e racistas na época. No terceiro momento, analisaremos os casos de Grafite, Daniel Alves e Vinícius Júnior para refletir sobre os significados desses atos racistas no espaço das competições de futebol, o qual dialoga invariavelmente com uma forte reação antirracista.

Raça, racismo, igualdade e hierarquias

Sem adentrarmos uma discussão densa, do ponto de vista histórico, devemos situar brevemente a noção de raça. A constituição do conceito moderno de raça no século XIX deve ser compreendida no interior de um cenário marcado por uma tensão fundamental: de um lado, os ideais universalistas – liberdade, fraternidade e igualdade –; de outro, as profundas desigualdades sociais, econômicas e políticas entre as sociedades europeias, os países coloniais e pós-coloniais. Como observa Malik (1996), não foram as antigas distinções entre povos que produziram a negação da igualdade, mas os limites concretos para universalizá-la que impulsionaram a categorização

racial da humanidade. A noção moderna de raça surge, assim, como uma resposta ideológica para justificar a exclusão e sustentar hierarquias entre povos, raças, grupos e classes, sobretudo em relação às populações negras e aos povos colonizados.

Nesse contexto, Stocking (1982) identifica o papel decisivo da antropologia e das chamadas “ciências do homem” na produção de narrativas que conferiam estatuto científico às diferenças raciais. Por meio de métodos como a craniometria, a mensuração corporal e a elaboração de tipologias anatômicas, essas ciências passaram a associar características biológicas a supostas capacidades civilizatórias de indivíduos, seus grupos étnicos e Estados-nação. Essa construção dialogava diretamente com as necessidades políticas e econômicas da Europa na modernidade, período ainda marcado pela exploração colonial, pela formação dos Estados nacionais, pela industrialização e pela reconfiguração das elites burguesas. Nesse cenário, a ciência racial passou a legitimar a ideia de uma superioridade europeia natural, estabelecendo escalas de desenvolvimento humano que posicionavam africanos, ameríndios e populações negras no nível mais “atrasado” do progresso material e cultural. Ao final do século XIX, esse conjunto de narrativas adquiriu *status* científico e se incorporou ao senso comum, tornando-se um mecanismo eficaz para sustentar exclusões, hierarquias e políticas de segregação.

Malik (1996) aprofunda essa análise ao destacar a ambiguidade do Iluminismo. Se, por um lado, consolidou o princípio de uma humanidade única e difundiu ideais universalistas, por outro, revelou sua face excludente ao criar mecanismos para restringir o acesso pleno a direitos. A igualdade foi proclamada como valor transcendental, mas, diante das desigualdades sociais e econômicas, elites europeias teriam mobilizado a noção de raça para naturalizar fronteiras internas e externas às suas sociedades. O discurso racial, portanto, não antecede o discurso da igualdade; ao contrário, ele emerge após sua difusão, como tentativa de explicar por que a igualdade não podia ser realizada. Essa matriz discursiva produziu uma ciência racial, que articulou teorias evolucionistas, interesses coloniais e a

lógica do capitalismo industrial. O racismo moderno consolidou-se como dispositivo ideológico para justificar tanto a dominação de povos colonizados quanto a marginalização de populações negras e classes subalternas dentro da própria Europa e fora dela, vistas como “primitivas” e “perigosas” (Hall, 2003; Wacquant, 2008). A partir daí, o conceito moderno de raça passou a articular ciência, poder e ideologia, operando como ferramenta central para manter a subalternização sistemática dos povos de pele preta e estruturar as desigualdades sociais no capitalismo emergente.

No caso brasileiro há uma extensa literatura local que trata do debate racial no país. Aqui faremos um sintético apontamento com base em Jessé de Souza (2021) para o que nos interessa em termos analíticos dos casos selecionados no futebol. Souza (2021), entende, tal como explicitado anteriormente, que o racismo surge como um dispositivo de hierarquização entre pessoas, povos e nações, articulado à colonização e à expansão do capitalismo europeu. No caso brasileiro, ainda argumenta que o racismo se manifesta na estreita ligação entre raça e classe, seguindo os rastros sociológicos de Florestan Fernandes. Assim, para ele, o racismo contra a população negra é o eixo que organiza a dominação no Brasil. Ao naturalizar a condição subalterna dos negros, o sistema cultural legitima a exploração econômica. Simultaneamente, oferece às camadas brancas pobres, também exploradas, e às medianamente favorecidas um sentimento de superioridade simbólica diante de uma massa negra estigmatizada. Souza dedica-se a investigar como a dominação calcada na racialização dos negros subsiste mesmo entre as camadas populares não pretas. Resta a questão: essa estrutura de sensibilidades é uma singularidade brasileira ou expressão de dinâmicas globais, marcadas por intensas migrações e pela reconfiguração do trabalho no capitalismo contemporâneo?

Como mostram Elias e Scotson (2000) em *Os estabelecidos e os outsiders*, mesmo entre grupos de semelhante condição socioeconômica, os “estabelecidos” produzem estigmas e distinções que inferiorizam os “forasteiros”, posicionando-os na base da hierarquia social. Esse tipo de contradição interessa para pensar como torcedores ou jogadores, para além

da competição futebolística, acionam hierarquias raciais em situação de igualdade perante as competições esportivas. Em termos sintéticos, o que nos interessa desse debate para analisar os casos de racismo contemporâneos no futebol é a tensão entre os valores da igualdade formal entre os indivíduos, as possibilidades de mobilidade social e a permanência de uma gramática de hierarquia racial que estigmatiza as pessoas negras em situação de conflito. Apesar do racismo científico ter sido superado, sobretudo após as experiências com o holocausto nazista na Segunda Grande Guerra, temos que reconhecer a permanência de uma gramática que organiza estigmas, distribui lugares simbólicos e legitima desigualdades de *status* no edifício da hierarquia racial. Esse nefasto legado histórico se reflete, ainda hoje, nas dinâmicas de acesso a direitos, oportunidades e reconhecimento (Fraser, 2007; 2012).

Quando a gramática da hierarquia racista é acionada objetivamente como “argumento *ad hominem*”, diante de qualquer contenda no esporte, no trânsito ou no supermercado, temos dois movimentos – a reiteração e permanência da gramática racista e, ao mesmo tempo, uma forte onda antirracista em reação à divulgação do fato. A noção de “argumento *ad hominem*” se justifica quando a desqualificação do “outro” – seja pela cor da pele, pelo gênero, pela orientação sexual, raça, religião, seja por qualquer outro marcador corporal ou cultural – é acionada sem relação alguma com o objeto do conflito.

No contexto contemporâneo, a noção de racismo opera como categoria de denúncia frente a práticas discursivas e institucionais que produzem inferiorização e exclusão. Mesmo sob valores de igualdade formal, hierarquias de valor entre grupos persistem como resíduos culturais. Assim, a acusação de racismo tende a acionar, de imediato, respostas e mobilizações antirracistas.

No Brasil, o racismo como crime está previsto em nossa Constituição Federal e regulamentado pela Lei n.º 7.716/1989, conhecida como Lei do Racismo (Brasil, 1989). O racismo também se tornou objeto de estudo nos campos sociológico e antropológico, como uma categoria analítica que

permite examinar os modos pelos quais se manifesta nas relações sociais, nas instituições e nas práticas culturais e econômicas, revelando a sua permanência mesmo diante dos valores das sociedades que assumiram a luta contra esse comportamento segregador, violento e excludente. Quais mecanismos levam indivíduos ou grupos a se posicionarem como superiores em contextos de igualdade formal? O que aciona uma gramática racial hierarquizada em sociedades que, embora estratificadas, afirmam a igualdade jurídica e aderiram a pactos antirracistas como a ICERD, adotada em 1965?³

Casta como metáfora do racismo

Do ponto de vista teórico, a noção de castas poderia parecer algo fora de lugar por ser pensada para um sistema social baseado numa hierarquia fixa e axiológica, distinta das diferenciações funcionais e econômicas da sociedade de classes, liberais, democráticas, estratificadas e capitalistas. Esta última, apesar de apresentar estratificação econômica, permite a mobilidade ascendente ou descendente dos indivíduos. Louis Dumont (1997), em sua obra *Homo Hierarchicus*, toma a casta como uma instituição social que ordena o universo social Hindu. A noção de casta pressupõe: hierarquia como princípio ordenador da sociedade, das funções e dos espaços sociais; visão holística na qual o indivíduo se submete às regras e permanência no mesmo lugar social de seu grupo de referência; ideologia de pureza, pois há uma série de interdições entre castas relativas ao matrimônio, contato físico e alimentação; desigualdade legítima; fechamento social, não há mobilidade e uma série outras regras. De fato, a noção de castas tal como conhecida no campo das Ciências Sociais não seria, à primeira vista, adequada para pensar as relações raciais e étnicas, preconceito e racismo,

3 Sigla em inglês para International Convention on the Elimination of All Forms of Racial Discrimination (Convenção Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial). Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/international-convention-elimination-all-forms-racial>. Acesso em: 26 abr. 2026.

nas sociedades liberais e democráticas. Sociedades nas quais o princípio da igualdade entre as pessoas e o valor do mérito possibilitariam, em tese, mobilidade individual. Apesar disso, estamos argumentando que a noção de castas, que se baseia num tipo de hierarquia, pode funcionar como uma espécie de metáfora ou sombra da noção de estratificação nas sociedades liberais.

Todavia, o de conceito de casta fornece analogias e metáforas para analisar como o racismo opera em estruturas que, embora formalmente igualitárias, mantêm hierarquias rigidamente racializadas. Em uma sociedade de classes, como a capitalista, a diferenciação social se dá, em tese, por critérios econômicos e pela posição dos indivíduos na estrutura social e/ou produtiva. No entanto, o racismo introduz um princípio de hierarquia não econômica, semelhante ao princípio da pureza/impureza das castas, fundado na cor da pele, na origem étnico-racial e em marcadores culturais atribuídos aos sujeitos racializados. Dessa forma, há um deslocamento: a estrutura formalmente baseada no mérito e na mobilidade social passa a operar também com mecanismos de exclusão, violência e estigmatização racial que funcionam, de forma metafórica, como uma gramática de castas.

Para Wilkerson (2021), a noção de casta é utilizada para compreender como a sociedade norte-americana construiu uma hierarquia rígida e persistente, na qual as pessoas negras foram sistematicamente posicionadas na base da estrutura social após a abolição da escravidão (1865); e mesmo quando possuem mobilidade econômica, a sociedade mantém, até certo ponto, apartada a relação inter-racial. Para a autora, essa organização não se restringe apenas a preconceitos individuais, discriminações e violências pontuais, mas representa um sistema de classificação racial e social profundamente institucionalizado, sustentado por normas, costumes, práticas culturais e leis. A permanência da Lei de Jim Crow (1877-1965), por quase um século na democracia mais durável no mundo, é uma prova disso. Essa legislação, por exemplo, consolidou a segregação racial em escolas,

transportes, espaços públicos e até no acesso a direitos civis fundamentais, criando barreiras que mantiveram a população negra em um *status* prescrito de subalternidade e inferiorização.

Embora Wilkerson (2021), como jornalista e escritora, não esteja preocupada em articular teoricamente a noção de casta, podemos depreender que ela assume o entendimento contextual dessa noção também como de ordenamento social baseado na oposição pureza/impureza. Ela identifica que nos Estados Unidos a segregação se fundamentava em uma concepção simbólica de “pureza racial”, que demarcava os brancos como “superiores e puros” e os negros como “poluídos” ou “impuros”. Tal princípio seletivo e discriminatório contra a população negra conviveu com os valores caros à democracia norte-americana como igualdade, liberdade, mérito individual e terra de realização dos sonhos e de oportunidades. A lógica da segregação não operava apenas no campo jurídico, mas também no imaginário social, legitimando interdições explícitas, como a proibição de casamentos inter-raciais, e exclusões simbólicas e concretas que naturalizam desigualdades e violências de diferentes naturezas. A filmografia norte-americana tem um imenso portfólio de obras que tematiza a violência racial naquele país.

De fato, sua narrativa baseada em fatos e episódios de violência e segregação contra a população negra evidencia como o racismo nos EUA estruturou uma gramática de castas amalgamada à noção de classe que transcende a lógica da hierarquia econômica. A leitura de Wilkerson (2021) indica que o racismo moderno funciona como um dispositivo de controle social, cuja lógica, podemos dizer, pode se aproximar metaforicamente da noção de castas, tal como pontuado por Dubet (2020). Wilkerson argumenta que há combinação de elementos simbólicos, jurídicos e institucionais para sustentar a supremacia branca no Estados Unidos da América. Esse enquadramento permite compreender como, mesmo após o fim da escravidão e a derrubada formal da segregação legal, as hierarquias raciais continuam a moldar oportunidades, acessos e formas de reconhecimento social. A promessa de igualdade formal, embora consagrada nos marcos legais,

permanece limitada por barreiras simbólicas e institucionais persistentes, evidenciando a permanência de um sistema que reproduz desigualdades históricas sob novas formas.

A partir dessa perspectiva, que complexifica as interações entre raça, classe e casta, analisaremos os casos selecionados de racismo no futebol, envolvendo dois jogadores brasileiros vítimas de ofensas no exterior e um brasileiro agredido por estrangeiro em solo nacional. Entendemos que o racismo contemporâneo, embora tensionado pelos valores universais de igualdade e liberdade que estruturam parte das sociedades ocidentais, ainda se manifesta como um resíduo cultural persistente, um tipo de gramática racial acionada em contextos de conflito e de competição. Essa gramática racista, quando mobilizada para subalternizar, humilhar ou desumanizar indivíduos negros ou mestiços, atualiza práticas simbólicas que remetem a um imaginário próximo ao de castas. Mesmo com o avanço dos movimentos antirracistas e com a ampla circulação de narrativas em defesa da diversidade e da equidade, tais manifestações evidenciam a persistência de estruturas mentais e sociais que reproduzem distinções hierárquicas naturalizadas pela história da escravidão e da segregação pós-escravocrata.

Casos exemplares

O episódio envolvendo o atacante brasileiro Edinaldo Batista Libânio, conhecido como Grafite, e o zagueiro argentino Leandro Desábato tornou-se um marco na história recente do futebol ao evidenciar a face explícita do racismo nos gramados. Em 14 de abril de 2005, durante a partida entre o São Paulo e o Quilmes, no estádio do Morumbi, câmeras de transmissão flagraram o momento em que o defensor argentino dirigiu a Grafite a frase ofensiva: “*enfia la banana en el culo*”⁴ (Abrahão; Soares, 2007; Cavalcanti; Capraro, 2009). A reação das autoridades brasileiras foi imediata e sem precedentes: policiais civis entraram em campo, algemaram Desábato diante

4 Essa expressão foi publicada no dia seguinte ao fato, no jornal *O Lance*.

das câmeras e o conduziram à delegacia, onde permaneceu detido durante a noite, sendo liberado apenas no dia seguinte após o pagamento de fiança.

O evento foi uma performance antirracista midiática. O fato adquiriu contornos históricos, pois tratou-se da primeira prisão de um jogador de futebol em decorrência de ofensa racial, configurando-se como uma ruptura simbólica em relação à tolerância até então naturalizada com esse tipo de violência no esporte e no Brasil. O simbolismo é ainda mais relevante por ter ocorrido no Brasil, país que, ao longo do século XX, construiu uma narrativa oficial em torno da chamada “democracia racial”, segundo a qual as relações entre brancos e negros teriam se estruturado de maneira cordial e harmoniosa. Tal fato é um indício da ruptura com a ideologia da cordialidade racial e a materialidade do racismo.

Abrahão e Soares (2007), ao analisarem as repercussões do caso, observaram que as falas de autoridades políticas e esportivas convergiram no sentido de legitimar a atitude das autoridades policiais, vista como exemplar e pedagógica frente a outros países que também enfrentavam manifestações racistas em arenas esportivas nos primeiros anos do novo milênio. A prisão de Desábato parecia afirmar que, no país que proclamou a “terra da democracia racial”, o racismo não era mais tolerado ou pensado como inexistente. Por outro lado, a agressão racista de Desábato não apenas expressava racismo contra alguém de pele preta. Sua agressão insere-se em uma gramática de hierarquização entre Estados-nação que, desde o colonialismo e ao longo do século XX, estruturou a ordem internacional com base em categorias como civilizado, bárbaro, desenvolvido, em desenvolvimento e subdesenvolvido – classificações carregadas de forte valor simbólico de superioridade civilizacional (Wallerstein, 2007; Souza, 2021).

Tal hierarquia não apenas organizou fluxos de capitais, mercadorias, pessoas, corpos e bens culturais no mercado dos Estados-nação, mas também instituiu gramáticas de distinção, inclusão, exclusão e localização social que se manifestam em diversos planos de interação entre pessoas, sejam eles culturais, esportivos ou comerciais (Archetti, 1999). Desábato reproduziu uma representação que remete à década de 1920, quando o

jornal argentino *Crítica* publicou uma matéria racista e xenófoba a respeito da visita da seleção brasileira a Buenos Aires. A manchete trazia a expressão “*Monos en Buenos Aires*” e ilustrava os jogadores como macacos uniformizados e dirigentes de cartola. O texto descrevia os brasileiros como “elementos de cor” que, embora se vestissem como os argentinos, buscariam se confundir com a “raça americana”, apresentada como genuína herdeira de tradições gloriosas. Esse discurso reforçava uma distinção simbólica entre a identidade rioplatense (argentinos e uruguaios) e o Brasil. O episódio teve consequências práticas: parte dos jogadores brasileiros se recusou a entrar em campo, e a partida acabou disputada de forma atípica, com apenas sete atletas de cada lado (Schwartz, 2015).

Atentos aos desdobramentos do caso, recorremos às análises de Cavalcanti e Capraro (2009), que examinam as repercussões do episódio Grafite-Desábato na imprensa brasileira e argentina. Os autores evidenciam o caráter multifacetado do racismo no futebol, presente em diferentes esferas – mídia, jogadores e torcedores – e condicionado à visibilidade midiática. No caso brasileiro, destacam que “o que se percebe nitidamente é que as opiniões dos brasileiros [...] repudiam a atitude de Leandro Desábato, porém o discurso politicamente correto esconde a realidade vivenciada no cotidiano da sociedade brasileira”. Já no contexto argentino, prevaleceu a leitura de que “o jogador foi vítima de exagero e de que o caso não passava de marketing da imprensa brasileira”, inserida na lógica do esporte-espetáculo, em que o insulto é interpretado como estratégia competitiva – uma “tentativa (sempre impessoal) de provocar o adversário visando à redução do seu rendimento” (Cavalcanti; Capraro, 2009, p. 4). Nesse enquadramento, o erro de Desábato teria sido desconhecer as diferenças legais entre os países, uma vez que, na Argentina, “o racismo não é considerado ilegal, apenas um agravante se cometido outro delito”. Por fim, os autores apontam interpretações divergentes entre os especialistas: enquanto Manolo Florentino relativiza o episódio como efeito da rivalidade esportiva, Enrique Oteiza o compreende como oportunidade de conscientização,

qualificando-o como ato “repudiável e indesejável”, tratado com “irresponsabilidade pela imprensa” (Cavalcanti; Capraro, 2009, p. 6).

Embora o caso tenha sido encerrado no plano jurídico ainda naquele ano – não tendo sido levado adiante, em parte, pela decisão de Grafite de não dar continuidade ao processo, possivelmente diante do receio de retaliações no mercado do futebol –, sua constante rememoração indica que seus efeitos simbólicos persistem. A cada poucos anos, novas matérias retomam o episódio, enfatizando a natureza da ofensa, a exemplaridade da prisão e seus desdobramentos.^{5 6 7} Essa recorrência sugere uma função pedagógica: o caso passa a operar como referência pública sobre o tratamento do racismo em um país que se louvou a “democracia racial” e hoje tenta se confrontar com essa ideologia. Ao mesmo tempo, a repetição de episódios de discriminação no futebol evidencia como a gramática racial associada a noção de castas está disponível no espaço cultural. As ofensas raciais – especialmente aquelas que animalizam jogadores negros – não podem ser reduzidas a provocações esportivas, mas revelam a ativação de uma gramática hierárquica persistente, reiterada ao longo do tempo, como indicam os registros de denúncias nos estádios. Ao analisarem o monitoramento das denúncias compiladas pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Oliveira *et al.* (2021) identificaram a persistência dessas ofensas nos anos posteriores em estádios brasileiros.

5 Relembre o caso de racismo envolvendo Grafite e Desábato. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/libertadores/relembre-o-caso-de-racismo-envolvendo-grafite-e-desabato,44b9348659efd310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 26 abr. 2026.

6 Racismo e prisão em campo. Caso Grafite e Desábato completa 10 anos. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/04/13/racismo-e-prisao-em-campo-caso-grafite-e-desabato-completa-10-anos.htm>. Acesso em: 26 abr. 2026.

7 Pela Libertadores, prisão de zagueiro argentino por racismo contra Grafite completa 15 anos. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/6850317/prisao-de-zagueiro-argentino-por-racismo-contra-grafite-completa-15-anos-relembre. Acesso em: 26 abr. 2026.

Essa demarcação das posições na estrutura social pode ser observada também no caso de Daniel Alves, que guarda semelhanças com o caso anterior, mas com desfechos diferentes. Um torcedor do Villarreal, em 2014, arremessou uma banana na direção de Daniel Alves, que se posicionava para bater o escanteio. Ele pegou a banana, olhou para a torcida, descascou e ironicamente comeu. Mais uma vez temos a animalização do negro se manifestando de forma simbólica e performática, reiterando a herança escravocrata, o lugar nacional que o jogador pertence a partir do imaginário racial e hierárquico que o colonialismo e o imperialismo europeus nos legou.

O futebol europeu, apesar de integrado por atletas de diversas origens nacionais, com a forte presença de africanos, negros europeus (filhos da diáspora pós-colonial), de sul-americanos (brasileiros, uruguaios, bolivianos, argentinos etc.), ainda apresenta resíduos do imaginário racista e eurocêntrico. Claro que não podemos afirmar de forma irresponsável e generalizada que a Europa é racista quando temos tantos heróis negros e estrangeiros que foram elevados à condição de astros e heróis de grandes clubes. Todavia, o que devemos marcar é que a gramática racista, a noção de castas, está disponível no âmbito cultural e é reproduzida e atualizada no plano cultural e se expressa nessas competições esportivas.

O gesto de Daniel Alves, comendo banana em ato de resistência e ironia, suscitou reação de apoio e, ao mesmo tempo, revelou os limites do discurso sobre diversidade e inclusão quando não se enfrenta a permanência de processos de racialização. Sua reação teve repercussão ambivalente na campanha #somostodosmacacos⁸, evidenciando que o debate público ainda resiste a reconhecer plenamente as estruturas que sustentam o racismo. As críticas à campanha por parte de movimentos antirracistas demonstram que, embora atos simbólicos sejam importantes, eles podem obscurecer a profundidade do problema quando não vinculados a uma crítica e a

8 Ver matéria “Para movimento negro, campanha ‘#somostodosmacacos’ reproduz racismo” (MARTINS, 2014).

uma luta mais ampla e incisiva sobre as desigualdades raciais, de classe e de *status* presentes em nossas sociedades.

Daniel Alves afirmou que vinha enfrentando episódios semelhantes há anos, indicando que tais agressões não constituem casos isolados, mas integram uma rotina silenciosa, frequentemente tolerada e, por vezes, institucionalmente encoberta no meio esportivo. Nesse contexto, Santos (2016), ao analisar as formações discursivas em torno da campanha #somostodosmacacos, argumenta que seus desdobramentos diluem a gravidade do racismo ao universalizar a ofensa, reforçando o mito da democracia racial. A autora ainda aponta a ambivalência da figura pública de Neymar – como promotor da campanha nas redes sociais –, que oscila entre a solidariedade à luta antirracista e a negação de sua própria identidade negra e da experiência do racismo.

Vinícius Júnior foi alvo da mesma operação simbólica atuando pelo Real Madrid. Sua visibilidade global e sua performance atlética não foram suficientes para impedir que torcedores e comentaristas reativassem este-reótipos raciais. Os gritos de “*mono*”, os gestos imitando macacos e a tentativa de culpabilizar o próprio jogador por suas reações, denunciam uma lógica perversa que transfere a responsabilidade do agressor para a vítima, nesse episódio ocorrido no estádio do Valencia, em maio de 2023. A repercussão destaca a fala de Vinícius Júnior:

“Não foi a primeira vez, nem a segunda, nem a terceira. O racismo é normal em La Liga”, publicou o brasileiro nas mídias sociais após o jogo. “A competição acha que é normal, a Federação [Espanhola de Futebol] também, e os adversários incentivam isso. Eu sinto muito. O campeonato que já pertenceu a Ronaldinho, Ronaldo, Cristiano Ronaldo e Lionel Messi, hoje pertence aos racistas”⁹ (Kirkland, 2024, s.p.).

9 Mais informações em “Vinicius Jr. no Real Madrid: os casos de racismo contra o brasileiro na linha do tempo” (Kirkland, 2024).

Essa declaração viralizou nas redes sociais e forçou uma resposta das autoridades do futebol espanhol e da própria FIFA. A pressão internacional mostra que houve punição legal e concreta (prisão, multa, proibição de ir aos estádios etc.), embora em alguns casos as penas tenham sido suspensas ou mitigadas mediante acordos. Tamanha mobilização impactou o cenário brasileiro. Em apoio ao atleta, diversos estados brasileiros apresentaram projetos de lei para combater o racismo no futebol. A Lei n.º 10.053/2023, pioneira pelo estado do Rio de Janeiro, ficou popularmente conhecida como “Lei Vini Jr.” (Rio de Janeiro, 2023). No dia 5 de julho, quando a lei foi sancionada, um evento foi organizado no estádio do Maracanã para homenagear o jogador que se tornou um símbolo do antirracismo. Mesmo no auge da performance esportiva e do capital simbólico e financeiro acumulado por Vinícius Júnior, em situações de competição em que todos em tese estão regulados pelo mesmo status de igualdade no jogo, o do corpo negro é lembrado para além da competição em si, como alvo de tentativas de rebaixamento ontológico das pessoas com cor da pele preta.

Ao final da redação desse texto, Vinícius Júnior voltou a denunciar agressão racista. Em 17 de fevereiro de 2026, durante a vitória do Real Madrid por 1 a 0 sobre o Benfica, em Lisboa, o jogador acusou o argentino Prestianni de tê-lo chamado de “macaco” após uma troca de ofensas em campo.¹⁰ O árbitro acionou o protocolo antirracista e paralisou a partida por oito minutos, mas não houve punição pela suposta ofensa; apenas Vinícius recebeu cartão amarelo por comemoração considerada provocativa. Diante da ausência de confirmação por leitura labial, o caso passou a depender de testemunhos, entre eles o de Kylian Mbappé, que afirmou ter ouvido reiteradamente a expressão ofensiva. Ainda no mesmo episódio, Mourinho, afamado treinador europeu, declarou que a forma de

¹⁰ Ver “Vini Jr. denuncia racismo, e árbitro aciona protocolo após golaço contra o Benfica na Champions League”. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2026/02/17/protocolo-antirracismo-e-ativado-em-benfica-x-real-madrid-apos-gol-de-vini-jr.ghtml>. Acesso em: 26 abr. 2026.

comemoração de Vinícius Júnior seria excessiva e provocativa. Tal leitura pode ser interpretada como parte de um enquadramento moral que busca regular gestos, emoções e expressões corporais, frequentemente associando jogadores negros a um lugar de contenção e disciplina simbólica – isto é, delimitando fronteiras implícitas sobre como devem se comportar e celebrar. Como assinalou o professor João Batista Freire¹¹, em diálogo informal entre amigos, esses episódios encerram uma dimensão paradoxal: ao afirmar-se por meio de uma celebração expressiva e visível, Vinícius Júnior tensiona limites simbólicos implícitos, provocando a emergência do racismo que, em condições ordinárias, permanece latente. Ao fazê-lo, expõe publicamente sua permanência nas subjetividades e nas na sociedade.

A leitura desse episódio demonstra como o futebol funciona como um espelho privilegiado dos dilemas causados pelas desigualdades. O corpo negro, mesmo no auge da performance técnica e da visibilidade pública, é constantemente lembrado de seu lugar subalterno numa hierarquia racial simbólica, como casta inferior. É precisamente quando o jogador negro ameaça romper com esse lugar simbólico – ao se destacar, ao ocupar centralidade na cena pública – que a linguagem do insulto racial emerge como tentativa de reinscrição. A desigualdade racial é aqui ontológica. Trata-se de reinscrever os negros em uma gramática social que ordena o valor humano a partir da centralidade da branquitude e da europeização como topos da hierarquia axiológica.

Considerações finais

Keith Thomas (1988) destaca que a distinção entre “homem” e “mundo natural” foi historicamente construída com base na ideia de que a humanidade exerce domínio sobre a natureza e os demais seres, considerados inferiores.

11 Professor Livre-docente da Unicamp (aposentado) e consultor do Instituto Esporte Educação, IEE, Brasil. Disponível em: <https://esporteeducacao.org.br/equipe/>. Acesso em: 26 abr. 2026.

Essa hierarquia se fundamenta na atribuição de superioridade intelectual ao “homem” em oposição ao “animal/natural”. À luz dessa perspectiva, a lógica das castas pode ser compreendida como um princípio que naturaliza e estabiliza hierarquias sociais, apresentando-as como ordens legítimas de dominação. Nesse sentido, o racismo pode ser interpretado não apenas como reação aos processos de igualdade, mas também como expressão de um ressentimento que busca reinscrever diferenças hierárquicas, projetando uma imagem de castas que ordena as distinções raciais.

A análise dos casos de Grafite, Daniel Alves e Vinícius Júnior permite deslocar a reflexão do plano factual das agressões racistas para uma questão teórica, pois, mesmo jogadores altamente bem-sucedidos, detentores de capital econômico, simbólico e midiático e inseridos nas principais equipes do futebol, permanecem vulneráveis à ativação de uma gramática racial que tenta reposicioná-los simbolicamente em lugares de subalternidade, de inferioridade. Em situações de competição – quando todos estão, em tese, submetidos às mesmas regras –, a agressão racista emerge como mecanismo de reinscrição hierárquica, acionando distinções para além do campo esportivo.

Nesse ponto, a contribuição de Roberto DaMatta (1982) é elucidativa: o futebol constitui uma experiência social singular ao produzir, mesmo em sociedades profundamente desiguais, um espaço regulado por regras universais que instituem, ainda que provisoriamente, uma igualdade formal entre os participantes. Essa condição permite que os jogadores reivindiquem reconhecimento (Honneth, 2009) e *status* em bases aparentemente equivalentes; em outras palavras, o futebol permite uma experiência pedagógica de igualdade. No entanto, é precisamente nesse espaço de igualdade ritual que a gramática racista se torna mais visível, operando como um dispositivo de indicação do “devido lugar” dos corpos negros na escala humana, a despeito da ascensão e do prestígio conquistados por estes (Abrahão; Soares, 2011).

Aqui os três casos convergem: a agressão racial deve ser compreendida como mecanismo de reforço de uma ordem social que articula racialização,

hierarquias nacionais, xenofobia e exclusão. Nessa perspectiva, o racismo não se reduz a um desvio individual, mas opera como tecnologia de poder (Mbembe, 2017; Souza, 2021). O racismo entre nações se vincula à produção histórica de uma hierarquia civilizatória europeia global, na qual países da América Latina e da África são frequentemente representados como atrasados, bárbaros ou exóticos (Souza, 2021; Wallerstein, 2007). Essa geopolítica organiza o modo como corpos racializados são percebidos e tratados no espaço transnacional do futebol. Os gritos de “*mono*” e os gestos imitativos dirigidos a jogadores brasileiros evidenciam a interseção entre racismo e xenofobia, indicando que, mesmo em um futebol globalizado – que transforma atletas negros oriundos de ex-colônias em ídolos internacionais –, persistem fronteiras simbólicas herdadas do colonialismo e de teorias racialistas que hierarquizam povos, nações e indivíduos.

À luz de Fraser (2002; 2007; 2012), essa tensão pode ser compreendida como expressão do descompasso entre redistribuição e reconhecimento. Se, por um lado, o futebol possibilita formas de redistribuição – acesso a renda, prestígio e mobilidade social –, por outro, as possibilidades de reconhecimento permanecem marcadas por padrões culturais que inferiorizam e deslegitimam determinados grupos étnicos e raciais. A agressão racial, nesse sentido, constitui uma forma de injustiça de *status*, que impede a plena participação social em condições de paridade. Assim, a persistência dessas práticas indica que a mobilidade econômica e o sucesso profissional não são suficientes para superar hierarquias racializadas profundamente enraizadas. A metáfora da casta reaparece quando a agressão racial atua como mecanismo de reposicionamento simbólico, reafirmando uma ordem que associa valor humano à branquitude e à europeidade. Mesmo quando ocupam posições de destaque, os jogadores negros permanecem suscetíveis a processos de deslegitimação que operam para além da lógica de classe. A recorrência do episódio envolvendo Vinícius Júnior, em fevereiro de 2026, confirma que o racismo no futebol não é fato isolado, mas expressão reiterada de uma gramática hierárquica persistente, que reinscreve simbolicamente lugares mesmo sob a promessa de igualdade formal.

A visibilidade desses episódios revela uma tensão constitutiva das sociedades contemporâneas: de um lado, o fortalecimento do antirracismo como gramática pública de denúncia e de reconhecimento (Honneth, 2009); de outro, a persistência de gramáticas que reproduzem desigualdades raciais no mapa cultural. O futebol, nesse contexto, não apenas reflete essas contradições, mas as intensifica, funcionando como um espaço privilegiado para observar os limites das promessas modernas de igualdade, de paridade, de representação e as disputas em torno do reconhecimento e da justiça social.

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Uma análise do caso Grafite × Desábato à luz do “racismo à brasileira”. *Esporte e Sociedade*, Niterói, ano 2, n. 5, p. 1-17, mar/jun. 2007.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. *Movimento*, [s. l.], v. 17, n. 4, p. 265-280, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/20590>. Acesso em: 23 abr. 2026.

AGUIAR, Liana. Daniel Alves: é hipocrisia negar racismo e criticar campanha. *BBC Brasil*, 30 abr. 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140430_entrevista_daniel_alves_la_an. Acesso em: 6 maio 2026.

ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinities: Football, Polo and the Tango in Argentina*. Oxford/New York: Berg, 1999.

BRASIL. *Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989*. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília, DF: Presidência da República, 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm. Acesso em: 26 abr. 2026.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. O racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite *versus* Desábato: *Motriz*, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 741-748, out./dez. 2009.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DUBET, François. *O tempo das paixões tristes*. São Paulo: Vestígio, 2020.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1997.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 7-20, 2002.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? *Lua Nova*, São Paulo, n. 70, p. 101-138, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452007000100006>. Acesso em: 23 abr. 2026.

FRASER, Nancy. *Escalas de justicia: La reimaginación de la justicia en un mundo globalizado*. Barcelona: Herder, 2012.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv Rebecca (ed.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2009.

KIRKLAND, Alex. Vinicius Jr. no Real Madrid: os casos de racismo contra o brasileiro na linha do tempo. *ESPN Brasil*, 21 maio 2024. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/laliga/artigo/_/id/13686329/vinicius-jr-real-madrid-racismo-casos-linha-do-tempo. Acesso em: 23 abr. 2026.

MALIK, Kenan. *The Meaning of Race: Race, History and Culture in Western Society*. London: Macmillan, 1996.

MARTINS, Helena. Para movimento negro, campanha “#somostodosmacacos” reproduz racismo. *Agência Brasil*, Brasília, 29 abr. 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-04/para-movimento-negro-campanha-somostodosmacacos-reproduz-racismo>. Acesso em: 26 abr. 2026.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2017.

OLIVEIRA, George Roque Braga *et al.* O que dizem as denúncias de discriminação racial no futebol brasileiro? *Licere*, Belo Horizonte, v. 24, n. 4, p. 238-261, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37727>. Acesso em: 19 set. 2025.

RIO DE JANEIRO (Estado). *Lei n. 10.053, de 5 de julho de 2023*. Institui a Política Estadual “Vini Jr.” de combate ao racismo nos estádios e nas arenas esportivas do Estado do Rio de Janeiro. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 6 jul. 2023. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rj/lei-ordinaria-n-10053-2023-rio-de-janeiro-institui-a-politica-estadual-vini-jr-de-combate-ao-racismo-nos-estadios-e-nas-arenas-esportivas-do-estado-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 26 abr. 2026.

SANTOS, Alice dos. “#Somos todos macacos”. O preconceito racial no futebol: discurso e memória. 2016. 83 f. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SCHWARTZ, Christian Luiz Melim. Futebol em tradução: língua nacional e estilo de jogo em relatos da imprensa argentina nos anos 20. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 15, n. 1, p. 93-108, 2015.

SOUZA, Jessé. *Como o racismo criou o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

STOCKING, George W. *Race, culture, and evolution: Essays in The History of Anthropology*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WACQUANT, Loïc. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo, 2008.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILKERSON, Isabel. *Casta: as origens de nosso mal-estar*. São Paulo: Zahar, 2021.

Parte III

ESTÁDIOS, TORCIDAS E TERRITÓRIO



O percurso das claques em Portugal: da espontaneidade à crise de identidade¹

Daniel Seabra

*Universidade Fernando Pessoa, Centro Interdisciplinar de Ciências
Sociais – CICS NOVA, Observatório da Violência Associada ao
Desporto, Observatório Permanente Violência e Crime.*

Resumo

O texto analisa a evolução das claques em Portugal – entendidas como torcidas organizadas no Brasil – desde sua origem espontânea, após a ditadura, até a atual crise de identidade. Em 1976, as claques surgiram pela influência do Movimento Ultra italiano e das torcidas brasileiras. A transição para modelos organizacionais mais complexos e a profissionalização das lideranças geraram tensões que resultaram em cisões importantes, das quais resultaram novas claques que marcaram a história do Movimento Ultra português. A tragédia do *very light* em 1996 teve um impacto devastador, levando mesmo a uma resposta legislativa do Estado português. Combinada com a profissionalização das lideranças, esta resposta criou condições para a fragmentação dos grupos. Atualmente, o crescimento do estilo *Casual* e o afastamento de membros históricos das claques levaram à degradação da qualidade artística do apoio aos clubes e à incerteza quanto à preservação dos valores fundacionais do Movimento Ultra português.

Palavras-chave: claques de futebol; Movimento Ultra; estilo *casual*; violência no desporto; legislação.

Abstract:

The text analyzes the evolution of football supporter groups in Portugal – known in Brazil as organized supporter groups – from their spontaneous emergence after the dictatorship to the current identity crisis. In 1976, these groups emerged under the influence of the Italian Ultra movement and Brazilian organized

¹ Investigação financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

supporter groups. The transition to more complex organizational models and the professionalization of leadership generated tensions that led to significant splits, from which new groups emerged that would mark the history of the Portuguese Ultra movement. The very light tragedy in 1996 had a devastating impact, leading to a legislative response from the Portuguese state. Combined with the professionalization of leadership, this response created conditions that contributed to the fragmentation of the groups. Currently, the growth of the Casual style and the departure of historical members from the supporter groups have led to a decline in the artistic quality of support for clubs and to uncertainty regarding the preservation of the founding values of the Portuguese Ultra movement.

Keywords: ultra groups; ultra movement; *casual* style; violence in sports; legislation.

Introdução

O presente texto resulta da comunicação apresentada no III Colóquio Internacional do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Estudos do Futebol Brasileiro e tem como objetivo central apresentar uma história das claques em Portugal, destacando, sobretudo, os pontos de viragem no percurso destes grupos organizados. As claques são, como definiu Pereira (2002, p. 41), grupos simpatizantes de uma determinada equipa, com nome próprio, que se concentram na mesma zona do estádio incentivando os jogadores por meio de cânticos próprios, bandeiras e cartazes, palmas sincronizadas, ondas, claxons, tochas, potes de fumo etc.

É certo que a generalidade do público que se desloca aos estádios de futebol apoia um clube e estabelece um agregado que pode ser denominado “claque”. No entanto, as claques que este texto abordará são bem mais do que isso. Elas distinguem-se dos demais adeptos que frequentam os estádios, sobretudo pela visibilidade das suas coreografias, adereços, cânticos e símbolos que utilizam (Lago; Biasi, 1994, p. 80–81; Marques; Manuel; Maia, 1988, p. 7). Para a prossecução do objetivo enunciado será considerado o surgimento desses grupos, bem como os principais traços da sua evolução e pontos de mudança.

Importa destacar que este tipo de manifestação organizada de jovens em apoio aos seus clubes só foi possível consolidar-se em Portugal nos anos posteriores a 25 de Abril de 1974, data na qual se pôs fim a uma ditadura de 48 anos. Esta proibia o direito de reunião. As forças policiais afirmavam a impossibilidade de ajuntamentos de mais de três pessoas como expressão grosseira de tal proibição, com o intuito de evitar concentrações de protesto. Por isso, davam a ordem para “circular” aos que se juntavam nas ruas (Santos, 2019, p. 193-194). Se assim era nas vias públicas, e considerando ainda a grande e célebre manifestação pública de protesto levada a cabo pelos estudantes da Universidade de Coimbra no Estádio Nacional, aquando da disputa da Final da Taça de Portugal no ano de 1969 (Coelho; Pinheiro, 2002, p. 484-486), parece evidente que o regime ditatorial instituído nunca permitiria claque, tal como as conhecemos hoje, como grupos organizados de adeptos.

Não surpreende, face ao exposto, que as claque, no seu modelo atual, tenham surgido em Portugal apenas no final dos anos 1970. É um aparecimento tardio, quando comparado com as claque italianas que emergiram logo no final da década de 1960, ou ainda com os Hooligans, já consolidados em Inglaterra durante a mesma década.

Se assim foi com o seu surgimento, também o foi com a investigação sobre elas no âmbito das Ciências Sociais. Salomé Marivoet, bem como Margarida Marques, Fátima Manuel e Paula Maia parecem ter sido pioneiras na análise deste “objeto” de estudo.

O autor deste capítulo procurou dar continuidade à investigação sobre claque de futebol portuguesas, e o texto que agora se apresenta da mesma resulta. O leitor encontrará no presente texto os pontos marcantes do crescimento desses grupos no país, desde a sua espontaneidade até à sua organização complexa. Identificará também os grandes momentos de mudança, geralmente concretizados por cisões, aumento do número e gravidade de incidentes e ainda por períodos de grande retrocesso, mas também de respostas resilientes desses grupos. Por fim, o texto também permitirá ao leitor conhecer sucintamente o processo de profissionalização que

perpassou as claques e o enquadramento legislativo que sobre elas impende. Estes foram fatores conducentes à fragmentação das claques e à crise do Movimento Ultra, assim como ao crescimento do estilo *Casual*, ambos marcantes e característicos do atual panorama das claques em Portugal. Importa, porém, saber como tudo começou.

O surgimento das claques em Portugal

As claques começaram a ser visíveis nos estádios portugueses logo no ano de 1976, quando grupos de jovens começaram a assistir aos jogos de futebol dos seus clubes num mesmo setor da bancada (Marivoet, 1992, p. 145). Foi, pois, a 18 de março de 1976 que se fundou a Juventude Leonina, mais conhecida por Juve Leo. Esta foi a primeira claque portuguesa a surgir sob influência do Movimento Ultra italiano.²

O nascimento dessa claque, apoiante do Sporting Clube de Portugal, é atribuído a João e Gonçalo Rocha, filhos do então presidente do clube, João Rocha, e ainda a um grupo de jovens amigos estudantes no Colégio São João de Brito, em Lisboa (Marivoet, 1992, p. 145). Curiosamente, alguns destes jovens regressaram do Brasil, após terem emigrado com as suas famílias na sequência do contexto sociopolítico posterior ao já aludido 25 de Abril de 1974. Receberam, por isso, a influência das torcidas organizadas brasileiras e isso revelou-se fundamental para a mentalidade inicial desta claque. Esta

2 O Movimento Ultra surgiu em Itália no final da década de 1960, definindo-se por um apoio militante, radical e incondicional aos clubes de futebol (Adan, 2004, p. 87; Podaliri; Balestri, 1998, p. 88; Roversi; Balestri, 2002, p. 134). Diferencia-se do hooliganismo pela sua organização estruturada e hierarquizada, focada na militância dos membros e na estética do espetáculo (Lago; Biasi, 1994, p. 80-83; Podaliri; Balestri, 1998, p. 91). As suas principais marcas são as coreografias elaboradas ("tifos"), o uso de bandeiras, pirotecnia e cânticos ininterruptos, combinando influências das torcidas brasileiras e do estilo inglês. Enraizado num contexto de forte politização juvenil, o movimento expandiu-se pela Europa do Sul, consolidando uma subcultura que privilegia a defesa do território e a identidade coletiva em torno das cores do clube (Lago; Biasi, 1994, p. 80-81).

influência também se fez sentir pela presença nos estádios de um grupo de jovens estudantes brasileiros denominados Vapores do Rêgo. Os membros deste grupo levavam batuques para apoiar o clube (Costa, 2018). Um dos membros da Juventude Leonina sublinhou explicitamente esta influência, afirmando: “Eu garanto que as claques do Sporting são baseadas nas ideias das claques brasileiras. Era essa a ideia, o fumo que usávamos, os pós na cara, pó de talco e farinha, as bandeiras de bambu...” (Marivoet, 2002, p. 167).

Os objetivos iniciais desta claque passavam pela promoção de uma forma diferente de estar no futebol. Uma participação alegre e um ambiente de festa, dando grande ênfase à dimensão espectacular no apoio à equipa. Este primeiro objetivo foi rapidamente alcançado. Desde o início, a Juve Leo empregou materiais típicos do Movimento Ultra, como bandeiras gigantes, tochas e potes de fumo, utilizando-os em coreografias que constituíam “um espetáculo exuberante de cores, movimento e luz” (Marques; Manuel; Maia, 1988, p. 12).

Foi, contudo, a década de 1980 que registou o surgimento de muitas claques em Portugal. Algumas nasceram a partir de grupos de escola, e isso foi um denominador comum a vários destes grupos. A claque Dragões Azuis, fundada em 1982 para apoiar o Futebol Clube do Porto, nasceu entre colegas que estudavam no Colégio Universal (Azevedo; Bondoso, 2021, p. 31-32). Um dos participantes lembrou assim o momento da fundação: “Começamos a levar umas bandeiras e aí é que se fundou o Dragões Azuis. Mais tarde [...] com o pessoal da Escola Rodrigues de Freitas”. A Fúria Azul, criada em 1984 para apoiar o Clube de Futebol “Os Belenenses”, também surgiu em contexto escolar: “Conhecíamos-nos da escola, da vizinhança... e de ir aos jogos todos os domingos. Eu fui um dos fundadores. O meu objetivo era oficializar a claque [...] para que toda a gente soubesse da existência” (Marivoet, 2002, p. 167).

As muitas claques que surgiram nos anos 1980 marcaram, como referiu Almeida (2006, p. 8), “uma ruptura com a forma tradicional, pois

privilegiam a componente espetáculo do jogo, no qual pretendem ser es-
pectadores/actores através do apoio que prestam à sua equipa”.

Da espontaneidade à organização formal

Este crescimento foi acompanhado por uma maior organização dos grupos, sendo esse o primeiro elemento relevante na evolução das clagues em Portugal. Elas passaram a adotar modelos de gestão semelhantes aos dos próprios clubes, com a constituição de direcções e a repartição de responsabilidades por setores específicos, como a organização de viagens, a produção de materiais ou a gestão financeira.

Um elemento crucial nesta estruturação foi a criação de “núcleos”, os quais tornaram-se uma forma de organização de base que assegurava notável capilaridade territorial. Os núcleos eram subgrupos das clagues organizados por laços de vizinhança ou amizade. Essa estrutura facilitava a expansão do grupo e otimizava a comunicação entre as lideranças e os membros de diferentes regiões, sendo mediada diretamente pelos chefes de cada núcleo (Marivoet, 1992, p. 147).

A busca por reconhecimento e apoio das direcções dos clubes foi outro passo para a organização e institucionalização das clagues. No caso da Juve Leo e dos Dragões Azuis, a presença dos filhos dos respectivos presidentes facilitou esse processo.

Mas o relacionamento entre clagues e as direcções dos clubes não foi fácil. Durante os períodos eleitorais dos clubes, as clagues tornaram-se um importante trunfo, empenhando-se ativamente no apoio a candidatos em troca de promessas de apoios como bilhetes ou transporte. Contudo, por vezes, os eleitos “esqueciam” as suas promessas. Um dos líderes de uma claque deu conta disso nos seguintes termos: “Nas eleições e durante o período da campanha, deram-nos apoio, carrinhas e até bilhetes. Não tínhamos que pagar nada... Depois, após terem ganho as eleições, deixaram de nos apoiar. Eu acho que nos usaram um bocado” (Marivoet, 2002, p. 168).

As claques Juve Leo, Dragões Azuis e Diabos Vermelhos (fundada em 1982 para apoiar o Sport Lisboa e Benfica) foram reconhecidas e apoiadas pelos clubes a partir de 1982. Mas desde 1985 assistiu-se a um aumento muito significativo no número de claques em Portugal. Quase todos os clubes do principal campeonato de futebol português eram apoiados por uma claque, e alguns deles por mais de uma. A expansão desses grupos foi de tal forma significativa que se chegou ao ponto de ter sido fundada, em 1989, uma Federação de Claques, tendo a direção sido eleita em assembleia geral ocorrida em Coimbra (Marivoet, 1992, p. 148).

No entanto, não há consenso sobre os relacionamentos que à época se estabeleciam entre as claques. Alguns fundadores destacam as boas relações que possibilitavam, até, o convívio desses grupos e a realização de jogos de futebol, os quais recordam com saudade. Outros, porém, ressaltam que as relações de amizade eram estabelecidas apenas entre alguns membros das diferentes claques, não resultando na convivência generalizada dos grupos. Ao invés, recordam antes confrontos graves ocorridos nessa época, com alguns a considerar que a violência, ainda na década de 1980, era bem mais intensa do que atualmente. Atente-se às palavras de um fundador de uma claque: “As situações que eu vejo hoje em dia não têm nada a ver. Era muito pior. Mas muito, muito, muito pior.” Este fundador relatou assim uma situação de violência vivida por ele:

Foi das cenas mais difíceis que eu passei. Nós estávamos para vir embora e, de repente, o viaduto estava cheio, e nós metidos sempre na camioneta. Não havia polícia. [...] E então eles começaram a partir os vidros da camioneta. E eu viro-me para o pessoal e digo: vamos ficar aqui? E eu estava a dizer isto, e um deles sai de pistola em punho da camioneta e pum pum pum. E era quem mais fugia. Nós, cerca de 20 a 30 gajos atrás de 400 ou 500 gajos. E eles a fugirem (Seabra, 2019, p. 69).

O crescimento das claques em Portugal

O nascimento da claque Super Dragões é ilustrativo de um ponto fulcral na evolução das claques em Portugal. Se é certo que, da segunda metade da década de 1980 ao início da década de 1990, algumas das claques acabaram por se extinguir, outras emergiram em consequência de cisões nas claques já existentes. O Super Dragões, fundado a 30 de novembro de 1986, e mais tarde a claque No Name Boys, apoiante do Sport Lisboa e Benfica, cuja fundação é apontada para 4 de março de 1992, são disso os exemplos mais significativos. Estas cisões são muito importantes, não apenas por ocorrerem em claques apoiantes de dois dos principais clubes de Portugal, mas também porque, das mesmas, nasceram duas que marcaram, indelevelmente, a história das claques em Portugal. As cisões continuaram, como se mencionará no presente texto, a ser marca do percurso das claques em Portugal.

Sobre o nascimento dos Super Dragões e dos No Name Boys, importa referir que foram fundados, respetivamente, por dissidentes das claques Dragões Azuis e Diabos Vermelhos. Discordâncias relacionadas com a gestão das finanças das claques, mas também com a forma como estas apoiavam o clube, foram as razões apontadas para a rutura. Destaque-se que o apoio financeiro dos clubes, bem como dos patrocinadores, conferiam aos grupos verbas avultadas. Surgiram, então, suspeitas e acusações de aproveitamento pessoal de dinheiro por parte de alguns elementos relevantes nos grupos. A cisão que conduziu ao surgimento dos No Name Boys foi explicada nos seguintes termos por um líder dos Diabos Vermelhos: “Foi uma questão de dinheiro. Falando bem e depressa, foi. Houve desconfiança que alguém metia dinheiro ao bolso” (Seabra, 2019, p. 71).

No que diz respeito ao apoio ao clube, alguns daqueles que vieram a liderar as novas claques explicaram que os apoios e os patrocínios permitiram bilhetes e viagens mais baratas – por vezes com gratuidade – o que foi aproveitado por alguns que integravam a claque. Mas estes não tinham depois a militância e o desempenho de apoio ao clube no estádio consentâneo

com o que se espera de um membro de claque que se rege pelos princípios do Movimento Ultra. Exemplo disso foi a dissidência de alguns membros da claque Dragões Azuis (a primeira que apoiou o Futebol Clube do Porto) para os Super Dragões. Um deles lembrou que os Dragões Azuis “viviam sob a capota da direção e não faltava dinheiro para nada. Ou não parasse por lá o filho do presidente do clube durante vários anos”. Outro membro desta claque recordou as pessoas “com mais de 50 anos no meio de malta jovem”. Quando questionado se tal presença tinha como objetivo o mero aproveitamento dos descontos, respondeu: “Exactamente. E depois não passava de ‘malhão malhão’, e não deixavam os jovens implementar novas formas de apoio, similares às claques italianas, onde nasceu o Movimento Ultra”.³

Na verdade, o surgimento dos Super Dragões em 1986 e dos No Name Boys em 1992 potenciou o crescimento do Movimento Ultra em Portugal, mas não apenas na sua dimensão quantitativa já aludida. Para além de congregarem mais membros, os grupos procuraram melhorar bastante a qualidade das suas coreografias – e nisso tiveram sucesso. Os extintores anteriormente usados para provocar nuvens de fumo colorido com as cores do clube foram substituídos pelas tão desejadas tochas, agora já presentes em Portugal, emulando-se assim as manifestações coreográficas tão comuns em Itália.

O conhecimento acerca da forma como as claques de outros países – sobretudo de Itália e Espanha – atuavam, vinha de revistas como a *Super Tifo* e a *Super Hincha*, que circulavam nos estádios portugueses. Estas revistas publicavam também anúncios de nome e morada de membros de claques estrangeiras interessados em trocar correspondência e materiais, como cachecóis e outros, para coleções. Com essas trocas circulavam, obviamente, informações sobre o desempenho das mais importantes claques da Europa.

3 Sobre esta cisão e sobre a fundação dos Super Dragões, consulte-se Seabra (2019, p. 93-99).

Voltando às duas principais claques que por esta época nasceram como resultado de cisões, importa referir que se os Super Dragões já tinham constituído um passo relevante na evolução do desempenho coreográfico destes grupos, os No Name Boys concorreram para um novo ponto de viragem do Movimento Ultra em Portugal. Um dos líderes da claque Diabos Vermelhos destacou assim a relevância do surgimento dos No Name Boys:

Eu lembro-me da estreia dos No Name contra o Sparta de Praga, em que nessa semana sai uma notícia deles com uma bruta to-chada e a dizer aí estão os No Name Boys. Era o melhor cartão de visita. Quem gostava de claques comprava o *Record* naquele dia só para ter acesso a isso. Os No Name, quando apareceram, apareceram mesmo em força e com bom material (Seabra, 2019, p. 71-72).

A qualidade das coreografias apresentadas por esta claque foi conducente a uma competição com Super Dragões e Juve Leo, com estas a procurar melhorar o seu desempenho no apoio aos seus clubes.

O aumento do número de incidentes

Mas esta competição contribuiu também para um aumento das confrontações entre membros das claques que apoiavam o Sport Lisboa e Benfica, o Sporting Clube de Portugal e o Futebol Clube do Porto. Um dos líderes dos Super Dragões nestes anos recordou que “houve uma melhoria global no movimento, mas também aumentaram os incidentes”. Isto é confirmado por um líder da claque Diabos Vermelhos nos seguintes termos: “Havia rivalidades entre os Diabos e qualquer dos grupos. Mas as coisas tinham uns certos limites que eram naturalmente impostos. E parece-me que os No Name, quando surgiram, vieram quebrar esses limites” (Seabra, 2019, p. 72).

Estas duas vertentes da evolução das claques refletiu-se também na comunicação social. O jornal desportivo *Record* publicava à época, uma

vez por semana, uma página que designava como “A Voz das Claques”. Mais tarde, seria o jornal *Norte Desportivo* a publicar a página “Tribuna das Claques”. Ambas as publicações apresentavam notícias e fotografias das claques. Muitos membros das claques reconheceram que compravam sempre o jornal naquele dia, pois estas páginas funcionavam como um veículo de divulgação que colaborava para o crescimento do movimento. Para tal contribuiu também a criação da *Super Ultra*, revista muito semelhante às publicações estrangeiras já mencionadas.

No entanto, o teor das notícias potenciava, simultaneamente, as rivalidades e a competição entre os grupos. Do aumento de tensão resultou uma série de incidentes violentos que dominaram as notícias e chocaram a opinião pública. A transmissão televisiva, a 3 de janeiro de 1993, de um jogo entre o clube de futebol Os Belenenses e o Sport Lisboa e Benfica, disputado no estádio do Restelo, deu a ver aos portugueses incidentes chocantes. Durante o intervalo do jogo, elementos das claques benfiquistas dirigiram-se ao marcador do jogo (à época ainda manual) e alteraram-no, colocando placas que indicavam uma vantagem expressiva do seu clube. Quando o funcionário do Belenenses se aproximou para intervir, foi agredido por alguns desses integrantes, ainda que outros membros do mesmo grupo tenham tentado proteger a vítima. Tais factos provocaram a indignação dos adeptos belenenses e a reação da sua claque. Um confronto entre os grupos foi evitado graças à intervenção policial. Durante estes acontecimentos, foi exibida, por membros das claques benfiquistas, uma bandeira com a cruz suástica. Apenas dois dias depois desses incidentes⁴, a direção do Sport Lisboa e Benfica decidiu cessar o apoio às suas claques.

Grande impacto, porque também transmitidos em direto pela televisão, tiveram os confrontos que se verificaram a 2 de abril de 1995, em jogo disputado em Guimarães entre o Vitória Sport Clube e o Futebol Clube

4 Estes incidentes ainda podem ser observados no vídeo disponível em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/disturbios-entre-claques-desportivas/?utm_source=chatgpt.com (acessado em 30 abr. 2026).

do Porto. Já depois de terem ocorrido distúrbios fora do estádio, membros da claque Super Dragões, aproveitando uma bancada em obras, invadiram o relvado, no qual exibiram cachecóis do clube, em clara provocação aos adeptos vitorianos. Em consequência, membros das claques do clube visitado entraram também no relvado, e os confrontos sucederam-se, atrasando mesmo o início do jogo.⁵ Após este, os confrontos continuaram, dentro e fora do estádio (Barbosa; Brandão; Tadeu, 1995, p. 16-17).

Estes incidentes geraram um período de grande turbulência no seio dos Super Dragões, da qual resultou a mudança de direção do grupo, mas também a fratura da claque em duas partes. O mau ambiente levou a que os Super Dragões migrassem para outra bancada, para se afastarem de outros que decidiram permanecer no mesmo setor do estádio. Os que se mantiveram neste setor passaram a ser os Ultras Porto (Azevedo; Bondoso, 2021, p. 41). Esta cisão pouco durou, e o reagrupamento aconteceu. No entanto, três membros dos Super Dragões, não vendo evolução no mau ambiente (registavam-se furtos dentro do próprio grupo) nem no desempenho da claque, decidiram formar uma nova claque. Surgiu, então, a 6 de julho de 1995, o Colectivo Curva Norte, que mais tarde alterou o nome para Colectivo Ultras 95 (Azevedo; Bondoso, 2021, p. 44). Esta claque viria a ter um papel significativo no panorama do Movimento Ultra português do século XXI, sobretudo pela qualidade das suas coreografias, reconhecida até por membros de claques apoiantes de clubes adversários.

Voltando aos incidentes sumariamente relatados, importa considerar que eles dão informação bastante para que se perceba o contexto que as claques viviam durante a primeira metade da década de 1990. Entenderam então as claques ser necessário um debate sobre os caminhos futuros do Movimento Ultra. Em maio de 1994 realizou-se um congresso de claques, destinado a analisar os problemas e a propor soluções. Testemunhos deste encontro são mais reveladores de atos criticáveis (fala-se de consumo

5 Estes incidentes podem ser vistos no vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jQc8xy1G9xw> (acessado em 30 abr. 2026).

excessivo de álcool e pratos partidos durante um jantar) que de conclusões pertinentes. Um elemento dos Diabos Vermelhos recordou esses tempos afirmando:

Eu hoje olho para os congressos há 10 anos, e hoje temos os mesmos problemas: a polícia e a comunicação social a descascarem em nós. E nós passávamos muito tempo a falar nisso e pouco se decidia. Ao fim e ao cabo os congressos valiam mais pelo convívio e pela troca de experiências do que pela própria discussão em si (Seabra, 2019, p. 73).

No ano seguinte, em Ílhavo, decorreu outro congresso de claques considerado mais proveitoso, porque “falaram de coisas mais concretas”. O elemento dos Diabos Vermelhos que proferiu estas palavras acrescentou o seguinte: “O congresso de Ílhavo foi mais proveitoso. Para já foi mais calmo e um pouco mais responsável. Já tínhamos a experiência do primeiro e já se falaram de coisas mais concretas e na altura, embora, se calhar, a nível de ações não houvesse nada visível exteriormente” (Seabra, 2019, p. 73–74).

Mas apesar das boas intenções enunciadas nos congressos pelos líderes das claques, a escalada de incidentes violentos (dos quais se referiram apenas os principais) continuou e atingiu o seu momento mais grave em 1996, num evento trágico que forçaria, de forma definitiva, uma intervenção estatal e redefiniria o enquadramento do Movimento Ultra em Portugal.

A tragédia do very light

A 18 de maio de 1996, durante a final da Taça de Portugal entre o Sport Lisboa e Benfica e o Sporting Clube de Portugal, disputada no Estádio Nacional, um membro da claque No Name Boys disparou um very light (artefacto pirotécnico de sinalização marítima). O projétil atravessou o estádio e atingiu mortalmente um adepto do Sporting Clube de Portugal.⁶

6 Imagens deste incidente podem ser vistas no vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yjgF04eNfKY> (acessado em 30 abr. 2026).

A tragédia chocou profundamente não apenas a opinião pública, mas também o próprio Movimento Ultra. Esta crise desencadeou ainda uma resposta legislativa firme por parte do Estado, alterando a relação entre as claques, os clubes e as autoridades.

Este episódio trágico marcou o fim de um período e o início de uma profunda crise para todo o Movimento Ultra. Como recordou um dos líderes dos Super Dragões, as claques entraram em clara perda, tanto em quantidade quanto em qualidade. Nesta claque, por exemplo, o número de membros em deslocações diminuiu drasticamente, e a qualidade do apoio ressentiu-se.

Esta crise do Movimento Ultra em Portugal acabou por constituir um ponto de viragem. A resposta do Estado Português a este problema veio muito pela via legislativa. Iniciando-se pela Lei n.º 38/1998, à qual seguiram-se as leis n.º 16/2004 e n.º 39/2009 – esta última foi reformulada pelas leis n.º 52/2013, n.º 113/2019 e ainda pela Lei n.º 40 de 2023. Todo este enquadramento legal tinha como objetivo estabelecer um regime jurídico de prevenção e combate à violência nos espetáculos desportivos, no qual foram também contemplados o racismo, a xenofobia e a intolerância. Alguns dos artigos abrangeram as claques, designadas nas lei como “grupos organizados de adeptos”.

Considerando tais artigos, é possível identificar uma estratégia do legislador no sentido de melhor vigiar, identificar e punir os responsáveis pelos atos de violência. Obviamente que a evolução do enquadramento legal contemplou sempre sanções para aqueles que praticavam atos de violência. Os resultados de algumas das medidas tornaram-se evidentes, sobretudo ao nível das infraestruturas dos estádios em Portugal. Mas nem sempre os objetivos da legislação foram atingidos. De alguns pontos da legislação emergiram até efeitos perversos que serão mais tarde mencionados.

As claques no século XXI

Se os últimos anos do século XX foram de crise para o Movimento Ultra em Portugal, o início do século XXI ficou marcado por um período de

reinvenção estratégica e resiliência. Confrontados com o novo contexto legal, os grupos que sobreviveram à crise da década de 1990 adaptaram-se. Ficaram, então, os membros mais dedicados aos valores essenciais do movimento, o que impulsionou uma nova fase de crescimento assente em novas dinâmicas de apoio e comunicação.

O ressurgimento

Assistiu-se a um claro ressurgimento da qualidade do apoio nas bancadas. A Juve Leo, impulsionada pelo sucesso desportivo do clube, destacou-se com espetáculos de luz e som, culminando na edição de um CD com os seus cânticos.⁷

Esse dinamismo induziu outras claques. No início do novo século, o sucesso internacional do Futebol Clube do Porto foi razão bastante para um grande empenho das suas claques apoiantes. A claque Super Dragões registou um crescimento notável do número de membros, com consequente aumento da qualidade e intensidade do apoio vocal à equipa. Tal apoio foi até motivo para a edição de CDs, à semelhança do que já tinha ocorrido com a Juve Leo. As coreografias dos Super Dragões também melhoraram, ainda que neste tipo de manifestação se tivesse destacado a claque Colectivo Ultras 95, reconhecida, como já se disse, pela generalidade daqueles que integram o Movimento Ultra pela sua qualidade, criatividade e dimensão artística.

A internet emergiu então em massa como uma ferramenta fundamental para o crescimento e a comunicação do movimento. O *site* www.ultras12.com (que hoje já não existe) e os seus fóruns de debate tornaram-se espaços centrais para a troca de ideias e divulgação de informação.

⁷ Importa realçar, porém a cisão na claque Juve Leo que ocorreu no ano de 2002 (*Correio da Manhã*, 2002). Divergências entre alguns dos seus líderes – que alguns referem estar relacionadas com as verbas resultantes da venda dos CDs – levaram à formação de uma nova claque denominada Diretivo Ultra XXI.

A primeira década do novo século foi, na verdade, marcada por uma renovação das claques e por uma melhoria da qualidade do seu desempenho nos estádios. Algumas delas, por meio da comercialização do diverso material alusivo ao grupo ou ainda pela venda de bilhetes que recebiam dos clubes, geraram receitas próprias. Contudo, do aumento de recursos financeiros das claques resultaram alguns efeitos perversos.

A profissionalização

A liderança destes grupos como projeto de melhoria das condições de vida pessoal foi então aceite por alguns que reconheceram o mérito do trabalho efetuado em prol do grupo e o tempo investido na tarefa, entendendo por isso como justificados os proventos financeiros. Um dos membros de uma claque na qual este problema se colocava afirmou: “Eles ganham dinheiro, mas também o merecem. Eles também trabalham muito. Eu não sou contra eles ganharem dinheiro” (Seabra, 2019, p. 267).

Outros, porém, são bastante críticos dessa vertente empresarial das claques e encontram nela motivo suficiente para as abandonar. Tomem-se como exemplo duas declarações. Um dos entrevistados referiu o seguinte: “A partir do momento em que as pessoas pensam e olham para a claque como forma de sobrevivência, acho que se começa a perder um pouco o amor à claque” (Seabra, 2019, p. 265). O outro, perfilhando a ideia da claque como empresa, afirmou que ela “tornou-se num negócio e não numa claque” (Seabra, 2019, p. 264).

Efeitos perversos da legislação

Outro motivo de insatisfação conducente ao abandono das claques foram os ditames que decorreram das várias leis que abrangeram as claques e que geraram, como já se disse, efeitos perversos que agora se dão a conhecer.

Na generalidade, o processo legislativo que impendeu sobre estes grupos iniciou-se em 1998 e prolongou-se por mais de 20 anos, tendo por

base quatro pilares essenciais. O primeiro foi a tentativa de condicionar os grupos organizados de adeptos a constituírem-se como associações nos termos gerais do Direito. Não o fazendo, ficavam, à luz da Lei, impedidos de receber os diversos apoios que os clubes de futebol lhes poderiam proporcionar.

Este é um segundo pilar essencial: as claques que não formalizassem a sua existência como associação ficariam impedidas de receber apoios dos clubes.

O terceiro consistiu na tentativa de instituir um processo de identificação apriorístico dos membros das claques, que se iniciou com a obrigatoriedade destes grupos terem de apresentar a diversas instituições do Estado português uma base de dados pessoais identificativos dos seus integrantes. Tal processo continuou com a necessidade de enviar às autoridades uma lista de todos os elementos que participavam em viagens de acompanhamento do clube aos estádios dos adversários, tendo ainda, com o bilhete nominal e a necessidade de aderir ao cartão do adepto, outros passos.

O quarto pilar resulta da tentativa de confinar as claques num sector específico do estádio, sendo que só neste podem usar os adereços geralmente empregues para apoiar a equipa. Perante estas condicionantes, não foram poucos aqueles que preferiram abandonar as claques e enveredar por outro estilo.

O crescimento do estilo *Casual*

Começou assim a crescer o estilo *Casual* em Portugal, para o qual confluíram, não só estes que abandonaram as claques em consequência da legislação, mas também aqueles que discordaram da já referida vertente empresarial destes grupos e dos proventos financeiros que alguns líderes deles obtiveram.⁸

⁸ O estilo *Casual* é uma subcultura juvenil britânica que emergiu no final da década de 1970 e está intrinsecamente ligada ao futebol e ao hooliganismo. Diferencia-se de

No dia 27 de outubro de 2013, cerca de uma centena de adeptos do Sporting Clube de Portugal procurou forçar a entrada no Estádio do Dragão. Envergavam vestuário escuro e não ostentavam quaisquer símbolos ou elementos que permitissem a sua identificação clubística. Não lograram os seus objetivo, pois foram impedidos pelos assistentes de recinto desportivo e ainda agredidos por alguns membros de uma claque.

Este incidente foi transmitido em direto pela televisão, e os portugueses não mais puderam ignorar a presença dos *Casuals* no país.⁹ Os distúrbios provocados por *Casuals* ocorriam já em Portugal durante a primeira década do século XXI. A 27 de fevereiro de 2008, Seabra já fazia o seguinte alerta: “O estilo *Casual* está a ganhar força”, também afirmando que a legislação “está a empurrar para o estilo *Casual*” (Público, 2008). Na mesma notícia, Marivoet reconheceu a existência de “indícios que apontam para um agravamento”.

Novos incidentes

Após os incidentes às portas do Estádio do Dragão, e ao longo da segunda década do século XXI, outros confrontos foram ocorrendo em vários jogos, nos quais participaram grupos de *Casuals* associados a vários clubes. Já perto do final desta década, a Polícia de Segurança Pública reconhecia o

subculturas anteriores, como os *skinheads* ou *mods*, pela rejeição de “uniformes” óbvios (como botas militares ou cores do clube) em favor de roupas de marcas de luxo. A ação dos *Casuals* é caracterizada por três pilares fundamentais: moda, futebol e violência. Na verdade, as roupas de marca que envergam são um dos seus sinais distintivos. Elas revelaram-se também úteis para os *Casuals*, pois estes procuravam evitar o controlo policial e a deteção por parte de grupos rivais. A sua ligação ao futebol decorre do facto de serem uma derivação do hooliganismo. Em resposta a uma crescente vigilância policial, procuraram furtar-se à mesma, para continuarem assim a envolver-se nos confrontos que planeavam ter com grupos rivais apoiantes de outros clubes. Para um melhor conhecimento deste estilo consulte-se Blanco (2019); Collinet, Moreau e Bonomi (2008); Jones (2023; 2024); Redhead (2012); Thornton (2003).

9 Imagens destes incidentes podem ser vistas em: <https://www.youtube.com/watch?v=A0cnH1ADqrg&t=224s> (acessado em 30 abr. 2026).

aumento deste estilo em Portugal, pois perto de 1.000 *Casuals* estavam já referenciados (Marcelino, 2018).

Ainda sobre esse período, importa salientar que ficou marcado por eventos de grande gravidade, dos quais a responsabilidade não pode ser exclusivamente atribuída aos *Casuals*, pois membros das claques também participaram. De tais incidentes são exemplos as agressões a jogadores do Vitória Sport Clube perpetradas, em janeiro de 2018, por cerca de 30 membros das claques que invadiram o centro de treino do clube (Diário de Notícias, 2018a).

Outros episódios violentos ocorreram e foram profusamente noticiados por envolverem as claques dos três principais clubes portugueses e, por isso mesmo, geraram alarme social. Noticiadas e comentadas durante vários dias foram as agressões aos jogadores do Sporting Clube de Portugal quando, a 15 de maio de 2018, cerca de 50 elementos invadiram o centro de estágio do clube em Alcochete (Diário de Notícias, 2018b).

Mas um ano antes, algo ainda mais grave aconteceu. A 22 de abril de 2017, um adepto morreu na sequência de confrontos entre membros das claques do Sporting Clube de Portugal e Sport Lisboa e Benfica (Diário de Notícias, 2017).

Já na década que agora decorre registaram-se atos de violência extrema que foram alvo de grande destaque noticioso. Em abril de 2022, membros da claque No Name Boys violaram um jovem de 16 anos, vindo posteriormente a ser condenados em tribunal pelo facto, mas também por roubo, ofensa à integridade física qualificada, violação agravada, gravações ilícitas, coação agravada, tráfico de droga, desobediência e posse de arma proibida (Matos, 2025). Já em fevereiro de 2023, e na sequência de vários confrontos provocados por *Casuals*, a polícia deteve 30 indivíduos, sendo que alguns tinham na sua posse artefactos pirotécnicos, armas e estupeficientes (Guilherme, 2023).

Grande impacto tiveram também os confrontos ocorridos numa assembleia geral de associados do Futebol Clube do Porto, a 13 de novembro de 2023. O evento decorreu num ambiente marcado por insultos, intimidação,

coação e alguns confrontos entre associados, num clima tumultuado pela presença de apoiantes ligados à claque Super Dragões. Foram registados episódios de ofensas, ameaças e agressões físicas entre sócios e, segundo a investigação, tentativas de condicionar o decorrer normal do evento (Record, 2023). Os incidentes foram investigados pelo Ministério Público, e 12 pessoas foram detidas. Entre outras condenações, destacou-se a prisão efetiva aplicada ao líder da claque Super Dragões (RTP, 2025).

Realce-se ainda o ataque perpetrado por *Casuals* do Sporting Clube de Portugal a adeptos do Futebol Clube do Porto, após um jogo de hóquei em patins disputado a 10 de junho de 2025 (Ribeiro, 2025), assim como os confrontos ocorridos entre *Casuals* do Sporting Clube de Portugal e do Sport Lisboa e Benfica, precisamente antes de um jogo de futsal entre estes dois clubes (Vitorino, 2026).

Desempenhos positivos das clagues

Importa, porém, destacar que ainda que se considere a existência de outros incidentes para além dos mencionados, tal não permite reduzir o Movimento Ultra e o estilo *Casual* à prática de atos violentos. Obviamente que não recebem o mesmo destaque da comunicação social as ações de solidariedade e apoio comunitário que as clagues por vezes desenvolvem. Disso é exemplo a recolha de bens essenciais para apoio aos bombeiros portugueses em tempo de fogos florestais, as quais foram levadas a cabo pelas clagues Colectivo Ultras 95 e Super Dragões, ambas apoiantes do Futebol Clube do Porto (Jornal de Notícias, 2024). Sobre os Super Dragões refira-se ainda a oferta de uma cadeira de rodas elétrica e personalizada a um adepto do clube (Duarte, 2023). Outro exemplo resultou do apelo e da participação da claque Diretivo Ultras XXI, apoiante do Sporting Clube de Portugal, na recolha de bens essenciais para ajudar as vítimas da tempestade Kristin (Record, 2026).

Esses são apenas alguns exemplos de outras ações do mesmo tipo que algumas clagues procuram ocultar, para que estas não sejam entendidas

como forma de “branquear” o seu comportamento violento. Esta acusação está muito presente na opinião pública e, por isso, o líder de uma claque afirmou que nunca revela tais ações, pois pretende que a imagem do grupo melhore em função do bom comportamento dos seus membros, e não por ações beneméritas que, segundo ele, são sempre entendidas como “limpeza de imagem”.

Face ao exposto, reitera-se que a evolução do Movimento Ultra português no século XXI tem outros contornos, muito para além dos incidentes. Para os conhecer, importa voltar à dimensão empresarial e profissionalizante que perpassou algumas claques, bem como às consequências da legislação.

Fragmentação e degradação do Movimento Ultra

Relativamente à primeira, alguns dos entrevistados referem a perda de qualidade das coreografias apresentadas pelas claques. Decididas pelos líderes de grupos com poder financeiro bastante para encomendar a execução do material coreográfico, este deixou de ser pintado manualmente, passando antes a resultar de um trabalho industrial mais standardizado. Por isso são vários os membros das claques que lamentam coreografias “monocromáticas”, estereotipadas e pouco criativas. Entendem também que se perdeu o tempo de convívio e sociabilidade que existia quando da preparação dos materiais coreográficos a apresentar nos estádios.

No que diz respeito à legislação, os elementos da claque referem que ela tem prejudicado o desempenho das claques nos estádios de futebol. Algumas claques recusam tornar-se associações. Alguns dos seus membros recusam também apresentar os seus dados de identificação. Não cumprindo o que o legislador pretende, os grupos e seus membros ficam impedidos de receber apoios por parte dos clubes e de manifestarem o apoio aos mesmos, com recurso aos materiais que habitualmente utilizam. Estes só podem ser utilizados nas zonas com condições especiais de acesso e permanência criadas pela legislação; as claques não podem usar materiais

superiores a 1,2 m. Mesmo dentro de tais zonas, são muitos os elementos dos grupos que se queixam das arbitrariedades das forças de segurança, assim como dos clubes, pois divergem os critérios pelos quais são admitidos, ou não, determinados materiais das claques. Da crescente insistência na proibição da pirotecnia resulta também grande insatisfação por parte das claques. Importa considerar que os imperativos legais que condicionam as claques está também associado a um quadro sancionatório que os elementos das claques consideram excessivos.

Estabelece-se assim uma configuração de fatores que predispõem e precipitaram a fragmentação das claques, pelo abandono de alguns membros e transferência de outros para o estilo *Casual*. A dimensão empresarial das claques, assim como a perda de condições que possibilitam a livre expressão do apoio aos clubes nos estádios no quadro típico e caracterizador do Movimento Ultra levou, como seria de esperar, a uma crise de identidade do Movimento Ultra em Portugal, a qual foi também reforçada pelo abandono dos membros mais velhos destes grupos. Tendo sido sempre peñhor dos valores do movimento, a substituição destes por elementos mais jovens concorreu também para a crise mencionada que perpassa hoje várias claques portuguesas.

Considerações finais

A história das claques em Portugal evidencia que estas passaram por diversas transformações ao longo de 50 anos. Os grupos iniciais, espontâneos e festivos, foram crescendo no sentido de se tornarem organizações complexas, atualmente perpassadas por uma fragmentação dos grupos e por uma crise de identidade. O que emergiu em 1976 como uma “maneira diferente de estar no futebol”, fortemente influenciada pelas torcidas brasileiras e pelo Movimento Ultra italiano, consolidou uma subcultura de “espectadores-atores” que redefiniu a estética do apoio nos estádios por meio de coreografias exuberantes e cânticos. No entanto, o crescimento das claques foi acompanhado por cisões de algumas, muitas vezes motivadas

por divergências na gestão de verbas e na busca por uma militância mais fervorosa. Destas cisões resultaram os Super Dragões e os No Name Boys, duas claques fundamentais no panorama do Movimento Ultra português.

Este foi tragicamente marcado pela morte de um adepto, em consequência da deflagração de um *very light* em 1996. O funesto acontecimento chocou a opinião pública e impeliu uma intervenção estatal definitiva que encerrou o período de relativa espontaneidade e iniciou um enquadramento legislativo cada vez mais restritivo. A estratégia do legislador, assente na obrigatoriedade da constituição de associações, no registo de dados pessoais e no confinamento a setores específicos, procurou identificar e punir os infratores, mas acabou por gerar efeitos perversos. Ao invés de erradicar a conflitualidade, a pressão legal, somada à crescente “dimensão empresarial” de algumas lideranças – em que o lucro pessoal se sobrepôs, no entendimento de alguns, aos valores do grupo –, levou ao afastamento dos membros mais velhos e à perda da qualidade artística das coreografias, agora mais industriais e standardizadas.

Atualmente, o Movimento Ultra português enfrenta um processo de fragmentação. Cresce também o estilo *Casual*. Este representa uma nova forma de vivência do contexto futebolístico, marcada pela violência, que se afasta do modelo formal das claques tradicionais.

A evolução aqui traçada demonstra que estes grupos são fenómenos sociais complexos, cujas mutações continuam a refletir o conflito entre a paixão pelo jogo, a necessidade de ordem pública e a mercantilização das estruturas de apoio, deixando o Movimento Ultra num estado de incerteza quanto à preservação dos seus valores fundacionais.

Referências bibliográficas

ADAN, Tereza. Ultras. Culturas del Fútbol. *Estúdios de Juventud*, n. 64, p. 87-100, 2004.

ADEPTOS invadem centro de treinos e agridem jogadores do V. Guimarães. *Diário de Notícias*, Lisboa, 17 jan. 2018a. Disponível em: <https://www.>

dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/adeptos-invadem-centro-de-treinos-e-agridem-jogadores-do-v-guimaraes-9053855.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

ALMEIDA, Pedro. *Violência e Euro 2004: a centralidade do futebol na cultura popular*. Lisboa: Edições Colibri/Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, 2006.

ASSEMBLEIA geral do FC Porto suspensa e adiada após mais agressões no Dragão Arena. *Record*, Porto, 14 nov. 2023. Disponível em: https://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-betclic/fc-porto/detalhe/assembleia-geral-do-fc-porto-em-direto?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

AZEVEDO, Hélder; BONDOSO, Miguel. *Porto*: 6 de julho de 1995. Porto: Edição própria, 2021.

BARBOSA, Alberto; BRANDÃO, Manuela; TADEU, Francisco. O filme dos acontecimentos. *O Jogo*, n. 4, p. 16-17, abr. 1995.

BLANCO, César. Los orígenes de la cultura *casual*: hooliganismo y moda en Gran Bretaña. *Culture & History Digital Journal*, v. 8, n. 1, p. 1-13, 2019.

CLAUQUE do Sporting junta-se a onda de solidariedade para com os afetados da tempestade Kristin. *Record*, Lisboa, 30 jan. 2026. Disponível em: https://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-betclic/sporting/detalhe/claque-do-sporting-junta-se-a-onda-de-solidariedade-para-com-os-afetados-da-tempestade-kristin?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

CLAUQUES do F. C. Porto angariam bens para apoiar os bombeiros. *Jornal de Notícias*, 17 set. 2024. Disponível em: https://www.jn.pt/desporto/artigo/claques-do-f-c-porto-angariam-bens-para-apoiar-os-bombeiros/17831110?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 26 abr. 2026.

COELHO, João; PINHEIRO, Francisco. *A paixão do povo: história do futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

COLLINET, Cécile; MOREAU, Denis; BONOMI, Julien. Le , un nouveau genre de hooligan. Loin du stade et de la police. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n. 105, p. 36-45, 2008.

CONFRONTOS recentes. *Público*, Lisboa, 27 fev. 2008. Disponível em: <https://www.publico.pt/2008/02/27/jornal/confrontos-recentes-250883#>. Acesso em: 25 abr. 2026.

COSTA, Cátia Andrea. Juventude Leonina: dos meninos do S. João de Brito às agressões em Alcochete. *Sábado*, 12 nov. 2018. Disponível em: https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/juventude-leonina-dos-meninos-do-s-joao-de-brito-as-agressoes-em-alcochete?ref=HP_DestaquesPrincipais. Acesso em: 26 abr. 2026.

DUARTE, Paulo Jorge. Claque surpreende ‘o adepto mais especial do FC Porto’, há 34 anos numa cadeira de rodas. *Correio da Manhã*, 21 jan. 2023. Disponível em: https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/claque-surpreende-o-adepto-mais-especial-do-fc-porto-ha-34-anos-numa-cadeira-de-rodas?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

GUILHERME, Carmen. No total, PSP deteve 30 pessoas ligadas a claques do Benfica e Sporting. *País ao Minuto*, 1.º fev. 2023. Disponível em: https://www.noticiasao minuto.com/pais/2180526/no-total-psp-deteve-30-pessoas-ligadas-a-claques-do-benfica-e-sporting?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

JONES, Ben. Football s, Fanzines, and Acid House: Working Class Subcultures, Emotional Communities, and Popular Individualism in 1980s and 1990s England. *Twentieth Century British History*, v. 34, n. 2, p. 299–323, 2023.

JONES, Ben. Casual culture and football hooligan autobiographies: popular memory, working-class men and racialised masculinities in deindustrialising Britain, 1970s–1990s. *Contemporary British History*, v. 38, n. 1, p. 95–117, 2024.

LAGO, Alessandro dal; BIASI, Rocco de. Italian football fans: culture and organization. In: GIULIANOTTI, Richard (ed.). *Football, Violence and Social Identity*. London and New York: Routledge, 1994. p. 73–89.

MARCELINO, Valentina. Claques: o retrato da PSP e os crimes de uma guerra com poucas tréguas. *Diário de Notícias*, 16 dez. 2018. Disponível em: https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/claques-o-retrato-da-psp-e-os-crimes-de-uma-guerra-com-poucas-treguas-10327970.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 26 abr. 2026.

MARIVOET, Salomé. Violência nos espectáculos de futebol. *Sociologia – Problemas e Práticas*, n. 12, p. 137-153, 1992.

MARIVOET, Salomé. Violent disturbances in Portuguese Football. In: DUNNING, Eric *et al.* (eds.). *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon*. Dublin: University College Dublin Press, 2002. p. 158-173.

MARQUES, Margarida; MANUEL, Fátima; MAIA, Paula. *O envolvimento juvenil nas claqueas do futebol: o caso da Juve Leo*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral dos Desportos, 1988.

MATOS, Rogério. “Casual” dos No Name Boys condenado a nove anos e meio de prisão por violar rapaz de 16 anos. *Jornal de Notícias*, 28 jan. 2025. Disponível em: https://www.jn.pt/justica/artigo/-dos-no-name-boys-condenado-a-nove-anos-e-meio-de-prisao-por-violar-razap-de-16-anos/17842966?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

MORTE de adepto leonino de madrugada mancha dérbi de Lisboa. *Diário de Notícias*, Lisboa, 23 abr. 2017. Disponível em: https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/morte-de-adepto-leonino-de-madrugada-mancha-derbi-de-lisboa-6238451.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

“O MP está a investigar os factos ocorridos em Alcochete”. *Diário de Notícias*, 15 maio 2018b. Disponível em: https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/sporting-ministerio-publico-investiga-factos-ocorridos-na-academia-dos-leoes-9344783.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

OPERAÇÃO Pretoriano. Fernando Madureira condenado a três anos e nove meses de prisão efetiva. *RTP – Radio Televisão Portuguesa*, Lisboa, 1.º ago. 2025. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/futebol-nacional/operacao-pretoriano-fernando-madureira-condenado-a-tres-anos-e-nove-meses-de-prisao-efetiva_d1673257. Acesso em: 25 abr. 2026.

OS HOMENS da curva norte. *Correio da Manhã*, Lisboa, 10 jul. 2002. Disponível em: https://www.cmjornal.pt/desporto/detalhe/os-homens-da-curva-norte?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

PEREIRA, Luís Miguel. *Dicionário do Futebol: Manual do Adepto*. Lisboa: Booktree, 2002.

PODALIRI, Carlo; BALESTRI, Carlo. The Ultras, Racism and Football Culture in Italy. In: BROWN, Adam. *Fanatics! Power, identity and fandom in football*. London and New York: Routledge, 1998. p. 88-100.

REDHEAD, Steve. Soccer casuals: a slight return of youth culture. *International Journal of Child, Youth and Family Studies*, v. 3, n. 1, p. 65-82, 2012.

RIBEIRO, Abílio T. Três suspeitos detidos após ataque a adeptos do F. C. Porto em Lisboa. *Jornal de Notícias*, 10 jun. 2025. Disponível em: <https://www.jn.pt/desporto/artigo/tres-suspeitos-detidos-apos-ataque-a-adeptos-do-f-c-porto-em-lisboa/17754786>. Acesso em: 26 abr. 2026.

ROVERSI, António; BALESTRI, Carlo. Italian ultras today: change or decline?. In: DUNNING, Eric et al. (eds.). *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon*. Dublin: University College Dublin Press, 2002. p. 131-142.

SANTOS, António Costa. *Era proibido*. Lisboa: Guerra & Paz, 2019.

SEABRA, Daniel. *Claques de futebol: o teatro das nossas realidades*. Porto: Edições Afrontamento, 2019.

THORNTON, Phil. Casual: Football, fighting and fashion – The story of a terrace cult. Liverpool: Milo Books Ltd., 2003.

VITORINO, Sérgio A. 124 detidos em confrontos entre adeptos do Sporting e Benfica antes de jogo de futsal. *Correio da Manhã*, 19 fev. 2026. Disponível em: https://www.cmjornal.pt/desporto/modalidades/detalhe/adeptos-do-sporting-e-benfica-em-confrontos-antes-de-jogo-de-futsal?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 27 abr. 2026.

O sentido da experiência da visita aos três maiores estádios de futebol em Portugal

Guilherme da Silva Magalhães

*Escola Superior de Educação Física,
Universidade Federal de Pelotas*

Pedro Amorim

*Centro de Documentação e Informação
do SL Benfica, Portugal*

Fábio Machado Pinto

*Escola Superior de Educação Física,
Universidade Federal de Pelotas*

Resumo

Os estudos sobre os ambientes esportivos, especialmente os estádios de futebol, vem ganhando grande notoriedade nas últimas décadas em função das transformações nas formas do torcer de quem frequenta esses ambientes e do próprio esporte, que mobiliza cada vez mais uma diversidade de capitais, em que aspectos econômicos, políticos, sociais e de identidade cultural se entrecruzam. Neste capítulo analisamos e refletimos sobre as experiências vividas em três dos principais estádios de futebol de Portugal, por um torcedor e estudante de Educação Física em iniciação científica participante do III Colóquio Internacional INCT Futebol, realizado em Portugal, em 2025. Essa imersão na cultura futebolística portuguesa faz parte do programa de estudo sobre estádios, sua pesquisa em curso, que consiste em cruzar as metodologias etnográfica e (auto) biográfica na análise desses ambientes esportivos e seu impacto na vida social urbana em diferentes cidades. No texto, registramos as observações diretas, somadas a outras referências, com ênfase em aspectos estruturais, históricos e culturais, destacando elementos que os tornam relevantes no cenário esportivo português. Cada estádio expressa identidades locais, tradições e diferentes formas de organização do espetáculo futebolístico. Além disso, são apresentadas curiosidades e características singulares encontradas ao longo das visitas, oferecendo um olhar contextualizado sobre a relação entre arquitetura, memória

esportiva e cultura do futebol. Estudo que nos remete a questões de pesquisa sempre abertas e que provocam novas investigações e reflexões.

Palavras-chave: futebol; estádios; experiência.

Abstract

Studies on sports environments, particularly football stadiums, have gained significant prominence in recent decades due to transformations in the ways of supporting among those who attend these spaces, as well as changes within the sport itself, which increasingly mobilizes a diversity of forms of capital in which economic, political, social, and cultural identity aspects intersect. In this chapter, we analyze and reflect upon the experiences lived in three of the main football stadiums in Portugal by a supporter and undergraduate student in Physical Education, engaged in undergraduate research and a participant in the III International Colloquium INCT Football, held in Portugal in 2025. This immersion in Portuguese football culture is part of a broader research program on stadiums currently underway, which consists of combining ethnographic and (auto)biographical methodologies in the analysis of these sports environments and their impact on urban social life in different cities. The text records direct observations, alongside other references, with an emphasis on structural, historical, and cultural aspects, highlighting elements that render these stadiums significant within the Portuguese sporting landscape. Each stadium expresses local identities, traditions, and distinct forms of organizing the football spectacle. In addition, curiosities and unique characteristics encountered during the visits are presented, offering a contextualized perspective on the relationship between architecture, sporting memory, and football culture. This study points to research questions that remain open, continuously provoking new investigations and reflections.

Keywords: football; stadiums; experience.

Introdução

Este capítulo¹ pretende problematizar o sentido da experiência de visita a três estádios de Portugal (além de uma infraestrutura denominada Cidade

1 Este capítulo foi escrito na primeira pessoa do singular, resultado da experiência do acadêmico Guilherme Magalhães, bolsista de iniciação científica da Fapergs, em texto escrito em parceria com seu orientador Fábio Machado Pinto e o historiador e arquivista do SL Benfica, Pedro Alexandre Amorim, que também assinam o capítulo. A opção pela

do Futebol, sede da Federação Portuguesa de Futebol), grandes palcos de tantas histórias e desfechos do futebol mundial, no contexto de um evento científico e acadêmico, realizado pelo INCT Futebol em 2025.² A experiência de ir aos estádios de futebol teve origem na minha infância, algo que herdei do meu pai, com sua mediação. A formação do sentido da experiência de ir ao estádio de futebol se desenvolveu ao longo da minha juventude e tornou-se meu objeto de estudo e pesquisa logo nestes primeiros anos da minha formação inicial.³ A ideia de elaborar este capítulo nasceu da intenção de produzir narrativas e refletir sobre as experiências vividas por um jovem nascido numa cidade do interior no extremo sul do Brasil e que sempre teve como seu principal ponto de interesse e lazer o futebol local e regional. Me chamo Guilherme e sou natural da cidade de Rio Grande, localizada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, em uma distância de aproximadamente 200 quilômetros da fronteira com o Uruguai, pela cidade do Chuí. Esta cidade se inscreve na história do futebol brasileiro como uma das primeiras a sediar equipes e jogos da modalidade. O Sport Club Rio Grande é considerado a primeira equipe do sul do país, fundada em 19 de julho de 1900, data em que hoje se comemora o Dia Nacional do Futebol no Brasil, pela Confederação Brasileira de Futebol (Mascarenhas,

redação em diferentes tempos verbais se dá em função da pesquisa (auto)biográfica e da abordagem pesquisa-formação (Abrahão, 2004; 2012; 2018), como também pela noção de sentido que remete à experiência singular, à produção de uma narrativa associada às lembranças e a memória individual e coletiva que se produz no diálogo entre os autores do texto.

- 2 O presente capítulo retrata as visitas e experiências vividas nos três principais estádios de Portugal: o Estádio José Alvalade, do Sporting CP, e o Estádio da Luz, do SL Benfica, ambos na cidade de Lisboa, e o Estádio do Dragão, do FC Porto, na cidade do Porto. Além dos estádios, também é brevemente relatada a visita à Cidade do Futebol, complexo esportivo onde está sediada a Federação Portuguesa de Futebol.
- 3 Esta experiência de ir ao estádio mediada por adultos é recorrente na literatura da área (Laub, 2012). No plano pessoal, as lembranças de Guilherme vão ao encontro das de Fábio, que na sua infância costumava ir aos estádios da Pedra Moura (G.E. Bagé) e Estrela D'Alva (Guarani F.C.), ambos da Bagé (RS), com seu avô para assistir e torcer pelas equipes locais onde figuravam muitos jovens conhecidos, inclusive seus tios (Pinto, 2020).

2001, p. 22). Cresci em uma família simples, com raízes modestas e humildes. Minha relação com o futebol começou por conta do meu pai, que desde a primeira oportunidade que teve me levou para o caminho de torcer para o Grêmio e acompanhar os jogos da mesma forma como ele acompanhava na sua infância e adolescência.⁴ Então, lembro-me dele me pôr para dormir cantarolando o hino do Grêmio, mas também das inúmeras vezes que juntos fomos ao estádio Aldo Dapuzzo para assistir aos jogos do São Paulo Sport Club, clube tradicional da cidade. Assim que comecei a dar os meus primeiros passos, foi ele quem me transmitiu esse gosto e interesse, primeiramente por acompanhar e torcer pelo Grêmio F.B.P.A, de Porto Alegre, e, posteriormente, expandir isso para o futebol nacional e todo o cenário do esporte no estado e no país.⁵ Nesta atmosfera futebolística fui me tornando um aficionado pelo futebol, frequentador de estádios sempre que havia oportunidade. Todos os assuntos para mim, de alguma maneira, tomavam o rumo do futebol, diálogo que me absorvia – e parecia que o tempo nem passava.

Certa vez, o Grêmio jogaria em Curitiba, no Couto Pereira, e insisti com meu pai para acompanhar a partida. Ele não concordou em ir, mas me permitiu comprar as passagens de ida e volta de Rio Grande até Curitiba. Foi minha primeira vez viajando sozinho. A partida foi no dia 8 de junho de 2024, às 19h de um sábado. O meu ônibus saiu da rodoviária de Rio Grande às 19h30 de sexta-feira e chegou na capital paranaense às 14h30 de sábado.

4 Meu pai relata que em sua infância o interesse pelo futebol surgiu cedo. O futebol de botão, suas cores, formatos, sempre lhe chamou muito a atenção. Contudo, foi depois dos 20 anos que conheceu o Estádio Olímpico (Grêmio F.B.P.A), pois na década de 1980 meu avô não tinha esta condição. Reconheço hoje o privilégio que tive de poder experimentar grandes palcos do futebol nacional e partidas do meu clube de coração desde muito novo, com meu pai.

5 Esta é mais uma das coincidências entre os autores. Ambos foram levados a torcer pelo Grêmio F.B.P.A desde a infância. Uma tradição no Rio Grande do Sul, ou seja, dos adeptos de equipes do interior também escolherem uma das duas equipes da capital. Fábio teve seus tios como referência na base gremista e atualmente se dedica a estudar as memórias de seu tio Julinho Machado, ex-jogador e funcionário da equipe tricolor gaúcha.

Desembarquei e fui diretamente à Arena da Baixada, estádio do Athletico Paranaense, para realizar a visita guiada, a qual eu já havia comprado no dia anterior. Ao final da visita, solicitei uma corrida de aplicativo, fui para o Couto Pereira, estádio do Coritiba, para assistir à partida e, após o apito final, voltei à rodoviária para embarcar no ônibus que estava vindo do Rio de Janeiro e passaria em Curitiba às 23h, com destino a Rio Grande. Percorri mais de 1.000 quilômetros em 40 horas sem dormir, tamanha minha fascinação pelo futebol, pela experiência dos estádios e dos jogos.

O ingresso no Ensino Superior me permitiu aprimorar o olhar sobre o futebol em diferentes perspectivas, a ponto de considerar o futebol como um objeto de estudo, visto que não era talentoso e não me considerava habilidoso com a bola nos pés. Considerei algumas possibilidades, como cursar Jornalismo com o objetivo de escrever notícias, ser repórter de campo e atuar em partidas de futebol, ou ser locutor esportivo e narrar partidas de futebol, ou cursar Administração, para ser gestor de um clube de futebol, ou Nutrição, para trabalhar na cozinha e ser responsável pela alimentação diária de atletas de um clube de futebol, ou cursar Fisioterapia, para tratar atletas de clubes de futebol e trabalhar com a reabilitação dos jogadores. Enfim, penso que isso é expressão de uma relação de paixão e interesse pelo esporte bretão, independentemente de qual seria a formação e a profissão que seguiria. No momento de fazer a escolha do curso para o Ensino Superior, estava convicto de que queria estudar o futebol, trabalhar com a investigação do esporte, analisar o futebol como um fato social de grande amplitude e com impacto na sociedade brasileira. Essa era a maneira que eu já enxergava o futebol e pela qual gostaria de continuar estudando. Passei a tratar o futebol não apenas como uma paixão e um passatempo, mas como um objeto de estudo e pesquisa, com um mundo se abrindo com seus inúmeros profissionais, escritores e pesquisadores que passei a descobrir ao ingressar no projeto unificado InterPeriferias do Futebol e no INCT Futebol⁶

6 Para saber mais sobre o projeto unificado InterPeriferias do Futebol e sobre o INCT Futebol, respectivamente, acesse os links: <https://www.inctfutebol.com.br/>;

(Pinto; Lara; Vaz, 2024). As leituras e o grupo de estudo⁷, bem como a participação em eventos⁸ passaram a compor a ampliação dos estudos sobre autores que trabalhavam diretamente com o futebol, escrevendo sobre o assunto, pesquisando e produzindo, com base nesse esporte, etnografias e trabalhos antropológicos, sociológicos entre outros. A escolha do curso de graduação em Educação Física, ao analisar o cenário de produções acadêmicas dentro desse campo, veio confirmar minha aposta, um campo com uma vastidão enorme de diferentes temas de pesquisas, uma gama de produções e pesquisadores renomados e uma série de diferentes e interessantes áreas. Sempre me despertou também trabalhar na área da saúde, como meu pai (enfermeiro), então, também por este fato, a escolha pelo curso de Educação Física não era desconfortável para mim.

Em 2024, conquistei uma vaga para o curso de Educação Física na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Nesse momento, enfrento o desafio de mudança de cidade, para Pelotas, município distanciado 60 quilômetros de Rio Grande, cidade onde sempre morei com meus pais e minha avó. Mudança de hábitos, de círculo social, morar sozinho, aumento das responsabilidades, enfim, começava uma nova fase para ingressar no Ensino Superior, com um misto de ansiedade entre outros sentimentos. Desde os primeiros dias busquei me informar sobre projetos de extensão e pesquisa associados ao futebol. Na primeira seleção de bolsa de iniciação científica, soube do projeto unificado InterPeriferias do Futebol da ESEF/

<https://www.instagram.com/inctfutebol/> e <https://www.instagram.com/interperiferias.ufpel/>. Acesso em: 19 fev. 2026.

- 7 Uma das ações e atividades promovidas pelo projeto InterPeriferias do Futebol é um grupo de estudos com reuniões semanais que reúne os bolsistas do projeto. O foco da ação é proporcionar um momento de compartilhamento de ideias e novos estudos sobre a pesquisa e a literatura no campo do futebol. O primeiro livro estudado e debatido foi *Universo do Futebol*, de Roberto DaMatta (1982).
- 8 Além do III Colóquio Internacional do INCT em Portugal, estive presente em outros eventos acadêmicos ao lado do InterPeriferias do Futebol, como o IV Colóquio Internacional do INCT, na Argentina, onde apresentei dois resumos expandidos, e a 11.^a SIIPE, evento da UFPel, em que fui autor de dois trabalhos desenvolvidos dentro do projeto.

UFPel, que tratava do futebol amador veterano da cidade de Pelotas, que promoveu treinamentos técnico-táticos e amistosos, além de atividades intercambistas, com os jogadores veteranos de clubes da várzea de Pelotas. O projeto também serviu de ponte para o primeiro contato com o INCT Futebol, onde pude perceber a amplitude e complexidade da rede científica e acadêmica que trata do futebol no Brasil e no exterior. Na seleção inicial para a bolsa não fui contemplado, mas permaneci como voluntário, realizando o sonho de estudar o futebol. Entre as atividades do projeto surgiu a oportunidade de participar de um Colóquio Internacional do INCT, evento de grande relevância para a formação de um graduando. Ao saber dessa possibilidade de participar de um evento sobre futebol em Portugal, fiquei entusiasmado e agarrei a oportunidade, ainda mais que, desde junho de 2025, havia sido contemplado com uma bolsa de Iniciação Científica, oferecida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs), tendo o professor Fábio Pinto como orientador. Com a bolsa e a possibilidade de um auxílio do Instituto, firmei o compromisso de que iria ao Colóquio em setembro e participaria de todas as atividades, auxiliando no que fosse necessário. Sabia que seria uma oportunidade de encontrar importantes pesquisadores do campo e que abriria possibilidades de pesquisa acadêmica sobre o futebol. A confirmação de diárias internacionais pelo INCT para estadia em Portugal efetivou meu compromisso como colaborador do evento e integrante da equipe de organização, dando o suporte para a equipe coordenada pela Dra. Carmen Rial. Minha função passou a ser de registro e transmissão das atividades via canal do INCT, no *YouTube*.⁹ Era impressionante o que estava acontecendo. Pela primeira vez na minha vida, iria atravessar o Oceano Atlântico junto a uma equipe de pesquisadores para auxiliar no III Colóquio Internacional do INCT Futebol, em Portugal, um importante marco no cenário acadêmico envolvendo futebol.

9 A página do canal do INCT Futebol no YouTube, onde se encontram as transmissões ao vivo das palestras e mesas redondas feitas durante o Colóquio, está disponível em: <https://www.youtube.com/@INCTFutebol>. Acesso em: 20 fev. 2026.

Atônito com o que estava conhecendo, pela oportunidade recebida, mas também conquistada ao encarar o desafio de estudar numa outra cidade, em Pelotas, e me dedicar com afinco aos estudos na ESEF-UFPel, resolvi registrar cada passo dessa aventura lusitana. A primeira, espero, de muitas. Os registros etnográficos que seguem também estão demarcados no campo da pesquisa (auto)biográfica e no método pesquisa-formação, o mesmo utilizado nas pesquisas do projeto unificado InterPeriferias do Futebol, coordenado pelo professor Fábio. Assim, o capítulo que segue se encaminha para a descrição e um conjunto de reflexões sobre a experiência de ir aos estádios portugueses em diferentes aspectos e vieses, esta que foi uma das atividades proporcionadas pelo evento, mas que contou também com minha própria iniciativa de priorizar uma imersão mais profunda no mundo futebolístico português, aproveitando ao máximo a estadia em Portugal.

O presente capítulo vai além do simples relato sobre as visitas – cada uma vivenciada em circunstâncias distintas – aos três principais estádios e complexos esportivos de Portugal. Para além da apresentação de informações estruturais, arquitetônicas, sociais e referentes às dinâmicas do cenário nacional, considera-se aqui a experiência vivida em seu sentido mais amplo, aproximando-a da noção de *Erfahrung* desenvolvida por Walter Benjamin (Benjamin, 2012). Para o autor, a experiência autêntica não se reduz ao mero acúmulo de impressões imediatas (*Erlebnis*), mas envolve um processo de memória, compartilhamento e elaboração que confere profundidade às vivências. Nesse sentido, as visitas descritas neste capítulo são tomadas como experiências que se constroem na relação entre passado e presente, entre percepções subjetivas e camadas históricas, permitindo compreender como cada estádio mobiliza sensações, memórias e significados de maneira singular ao longo de cada percurso realizado. Sensações e percepções próprias ao longo de cada experiência vivida são expressas constantemente ao longo do capítulo, num diálogo com o orientador do estudo, para quem dirijo o relato e respondo questões formuladas com a intenção de promover a minha reflexão e a formação no campo esportivo numa perspectiva sociocultural.

Chegada em Lisboa e visita ao Alvalade

O III Colóquio Internacional estava prestes a ocorrer, agendado para iniciar em 29 de setembro de 2025. Eu e os professores Fábio Pinto, Luiz Carlos Rigo (ESEF/UFPEL) e Luciano Jahneka (Udelar/Uruguay) combinamos de nos encontrar no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, para o embarque internacional que nos levaria a Lisboa, cidade onde teria início o evento.¹⁰ O voo de ida ocorreu no dia 28 de setembro, sábado, às 22h25, e chegamos em Lisboa ao meio-dia do horário local, no domingo. Nos dois primeiros dias, na segunda e na terça-feiras, estavam agendadas atividades em Lisboa, e resolvemos nos hospedar na capital, para depois seguir rumo a Coimbra, para as atividades na quarta-feira. Logo na chegada, com os professores ainda se instalando no hostel escolhido para ser nosso dormitório no centro de Lisboa, começou a “apitar” meu lado fanático pelo futebol e por conhecer estádios e clubes. Estávamos hospedados a aproximadamente sete quilômetros do Estádio José Alvalade, do Sporting Clube de Portugal (Sporting CP). Devido ao cansaço da viagem, os professores optaram por descansar para o dia seguinte. Eu não resisti à tentação de jovem apaixonado por futebol, que sempre sonhou em conhecer os estádios do Velho Continente e que sempre assistiu ao futebol europeu pela televisão; logo solicitei uma corrida de aplicativo até o Estádio José Alvalade para tentar realizar uma visita guiada ao estádio e ao museu do clube, a fim de conhecer mais sobre a história do clube responsável pela formação de Cristiano Ronaldo, Luís Figo, Bruno Fernandes, Rúben Dias, Nuno Mendes e tantas outras figuras emblemáticas do futebol mundial. Cheguei nos portões do estádio aproximadamente às 15h30 e comprei meu bilhete para a visita ao estádio e ao Museu Sporting. Foi uma tarde inesquecível, em que pude mergulhar na história de um tradicional clube europeu. O estádio e o museu do Sporting CP, juntos, constituem elementos centrais

¹⁰ Vale ressaltar que o evento foi de caráter itinerante, aconteceria em três cidades: Lisboa (a capital do país), Coimbra e Porto (mais ao norte de Portugal).

da identidade simbólica, histórica e cultural do clube. Mais do que uma rica infraestrutura desportiva, ambos configuram espaços de memória coletiva, sociabilidade e afirmação institucional, articulando práticas do ato de torcer, patrimônio arquitetônico e uma grande narrativa museológica.

A visita que fiz ao complexo permitiu compreender como o clube constrói e projeta sua história no espaço urbano e no imaginário do esporte português. Fundado em 1906, o Sporting CP consolidou-se, ao longo do século XX, como uma das principais instituições desportivas do país, caracterizando-se pela pluralidade de modalidades e pela centralidade do futebol em sua projeção nacional e internacional (Serrado, 2010; Melo, 2012). A expansão institucional do clube esteve diretamente associada a investimentos contínuos em infraestrutura, processo que culminou na construção do atual Estádio José Alvalade, inaugurado em 2003, em substituição ao recinto original, de 1956 (UEFA, 2004).

Embora inaugurado no início do século XXI, o estádio apresenta características técnicas e funcionais que reforçam uma percepção de modernidade acentuada, especialmente no que diz respeito à organização interna, aos sistemas de circulação e às soluções de conforto para o público. Essa concepção aproxima o José Alvalade de arenas multifuncionais contemporâneas, alinhadas aos padrões internacionais estabelecidos para grandes eventos esportivos (John; Sheard; Vickery, 2007).

O estádio integrou o conjunto de estádios que sediaram o Campeonato Europeu de Futebol de 2004 (Eurocopa 2004), realizado em Portugal, incluindo partidas decisivas da competição, o que contribuiu para ampliar sua projeção internacional e reafirmar sua centralidade no cenário futebolístico europeu (UEFA, 2004). A associação do recinto a esse evento consolidou sua imagem como infraestrutura compatível com exigências técnicas, logísticas e midiáticas de competições de alto nível.

Do ponto de vista arquitetônico, o projeto do Estádio José Alvalade foi concebido por Tomás Taveira como parte de um empreendimento urbano mais amplo, o Alvalade XXI, que articula espaços desportivos, comerciais e de lazer. Essa proposta reflete uma tendência contemporânea de

integração entre equipamentos esportivos e dinâmicas urbanas cotidianas, transformando o estádio em um polo multifuncional inserido na malha da cidade (Bale, 1993; John; Sheard; Vickery, 2007). Com capacidade próxima a 50 mil espectadores e em conformidade com os regulamentos da UEFA, o estádio foi planejado não apenas para eventos esportivos, mas também para espetáculos culturais, beneficiando-se de soluções acústicas e de gestão de fluxos internos adequadas a usos diversos (UEFA, 2004).

A estética original do estádio, marcada por cores intensas e elementos decorativos exteriores, suscitou debates no campo da arquitetura e entre os adeptos do clube. Em anos posteriores, intervenções e ajustes visuais buscaram alinhar o equipamento às cores tradicionais do Sporting, em um processo de ressignificação simbólica do espaço que acompanha a evolução da identidade institucional do clube e de sua relação com a memória coletiva dos torcedores.

Ao longo do século XX, a expansão do clube impulsionou investimentos constantes em infraestrutura, culminando na construção do atual estádio, inaugurado em 6 de agosto de 2003. Vale ressaltar que, embora o novo estádio seja do começo da década, ele parece ter sido construído ainda mais recentemente, pela sua tecnologia interna. A modernidade e luxo do estádio me impressionaram, podendo ser comparada com as arenas brasileiras mais modernas, como as construídas para sediar a Copa do Mundo em 2014. A partida inaugural do estádio foi uma vitória sobre o Manchester United pelo placar de 3 a 1, que ganhou notoriedade por marcar também a despedida simbólica de Cristiano Ronaldo antes de sua transferência para o clube inglês. O primeiro gol no novo José Alvalade foi marcado por Luís Filipe nesta partida de inauguração, fazendo com que ele se tornasse referência recorrente na memória dos torcedores do Sporting. A participação do estádio no Campeonato Europeu de 2004, a chamada Eurocopa, recebendo inclusive uma das semifinais, consolidou sua dimensão europeia e ampliou a visibilidade internacional do clube. Nos últimos anos, reformas estruturais e estéticas têm sido implementadas para modernizar o recinto, melhorar o conforto dos espectadores e reforçar a coerência visual do

complexo, num movimento contínuo de atualização arquitetônica. Sua estética original – marcada por cores vibrantes e mosaicos exteriores – gerou debates entre arquitetos e adeptos e, nas décadas seguintes, o clube implementou reformas que aproximaram a identidade visual do estádio às cores tradicionais verde e branco.¹¹ Durante a visita no Alvalade eu estava com uma camisa do Vasco da Gama, e enquanto eu estava dentro das dependências do estádio com o grupo, esperando o horário da visita iniciar, o guia que realizaria o *tour* conosco reconheceu a camisa do Vasco, que é um clube com raízes e origens identitárias portuguesas muito fortes, e veio falar comigo, citando o clube e perguntando se eu era brasileiro. Ficamos aproximadamente 5 minutos à espera do horário conversando sobre o futebol brasileiro. O nome dele é João Nuno e é um torcedor fanático pelo Sporting CP, foi uma experiência muito interessante conversar com um adepto português logo naquele momento, em que fazia 3 horas que eu havia chegado ao país. O Museu Sporting integra o complexo arquitetônico, funcionando como espaço curatorial dedicado à trajetória multidesportiva do clube. A instituição expõe troféus, documentos, equipamentos históricos, fotografias e recursos multimídia que narram conquistas desde 1906 até a atualidade. Enquanto dispositivo educativo e patrimonial, o museu permite compreender o papel do Sporting como agente desportivo e cultural, reforçando a dimensão eclética da instituição e destacando personalidades que contribuíram para a sua consolidação. A relação entre museu e estádio, geograficamente integrados, fortalece a construção de uma identidade contínua entre passado, presente e projeção futura do clube. É impressionante como você, conforme se aproxima das redondezas do estádio, passa a

11 Além do material da própria visita ao estádio, informações sobre a inauguração do estádio, partida inaugural, primeiro gol e reformas recentes foram consultadas em fontes institucionais e informativas, incluindo o site oficial do Sporting CP, a *Wikipedia* (verbete “Estádio José Alvalade”) e a plataforma *Flashscore*. Disponível em: <https://www.sporting.pt/pt/clube/infraestruturas/estadio-jose-alvalade>; https://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Jos%C3%A9_Alvalade; <https://www.flashscore.com/stadium/jose-alvalade/006zGQ3B/>. Acessos em: 8 nov. 2025.

sentir e respirar o Sporting. O bairro inteiro vibra muito na mesma sintonia do clube, e o entorno do estádio é como um espaço de reforço identitário dos chamados “leões”. Nesse sentido, o estádio se configura como arena simbólica na qual se articulam emoções, performances coletivas e vínculos culturais que ultrapassam o domínio do futebol, integrando dimensões afetivas, turísticas e urbanas. Muitos detalhes do museu do estádio transformam a visita em uma experiência única, por exemplo, uma área que expõe apenas materiais e itens do antigo estádio do Sporting CP, assim como as escadas que separam o vestiário do campo, que são originais, revitalizadas, do antigo estádio do clube.

Naquela tarde de domingo retornei emocionado ao hostel. A ficha estava caindo, a ficha do que eu estava vivendo, a ficha do tamanho do privilégio de estar onde eu estava para participar daquele evento. Vale aqui ressaltar ainda que, no domingo, no dia 5, após a última atividade do III Colóquio, uma viagem de trem entre Porto e Lisboa, em que retornei ao José Alvalade para assistir à partida entre Sporting CP e SC Braga, válida pelo campeonato nacional. Nesta oportunidade, pude viver o estádio pulsando, com seus torcedores, parte integrante dessa grande obra cultural. Um detalhe relevante é que o João Nuno também foi peça importante para eu conseguir estar neste jogo, pois, sete dias antes, no dia da visita ao José Alvalade, falei para ele que eu estava já pensando em ir à partida, pois seria no domingo seguinte, dia 5, quando eu já estaria de volta a Lisboa, após o encerramento do evento. Perguntei a ele, um grande conhecedor do clube, como funcionava para comprar ingresso para a partida sendo adepto (torcedor comum, não sócio), e de forma solícita ele me orientou, explicou como funcionavam as ondas de vendas dos ingressos para partidas do Campeonato Português e facilitou minha compreensão para que eu pudesse, dias depois, adquirir minha entrada. Aquela tarde também representou e escancarou um sentimento de despedida enorme. Sete dias após eu ter chegado em Lisboa pela primeira vez, eu estava novamente no estádio do Sporting CP, mas dessa vez para acompanhar uma partida entre dois dos mais tradicionais clubes de Portugal. Na medida em que se instaurava este

sentimento, também havia uma sensação de começo de uma nova trajetória, a partir do momento em que tive meu primeiro contato com um evento acadêmico internacional e com pesquisadores da área na qual eu desejava me inserir. Comecei naquele momento a marcar presença nesses momentos e a amadurecer ainda mais a ideia de trabalhar com o futebol diretamente na minha formação acadêmica.

Estádio da Luz e a experiência acadêmica

O III Colóquio teve início na segunda-feira, 29 de setembro. Na programação estava previsto o início das atividades com uma visita técnica ao Museu Benfica – Cosme Damião, ao acervo patrimonial do Sport Lisboa e Benfica (SL Benfica), e tudo começando pelo Estádio da Luz. Na sequência, pela tarde, uma cerimônia de abertura e conferências com a participação de diferentes pesquisadores brasileiros e portugueses estavam previstas nas próprias dependências do SL Benfica, no auditório do museu.

Acordamos cedo, tomamos café e pegamos o metrô, aproximadamente às 8h da manhã, rumo ao norte da cidade onde localiza-se o Estádio da Luz, para encontrar com o grupo de pesquisadores, membros do INCT e convidados. A visita teve início às 9h e foi incrível pelo que o estádio proporciona, mas também pela hospitalidade e pelo acolhimento da equipe científica e gestora dos arquivos e do próprio museu. Conhecemos as arquibancadas do estádio e depois descemos ao gramado, algo que me proporcionou sensações que lembro como se fosse hoje e provavelmente levarei comigo por muito tempo. Descer as escadarias do Estádio da Luz em direção à “relva” – como os portugueses chamam o gramado – foi mais um daqueles instantes de realização pessoal. Ali, me conectei e me senti novamente ligado à criança Guilherme, o menino apaixonado por futebol, que permanece comigo.

O SL Benfica é um clube central na história do futebol português, e a sua trajetória se entrelaça com a evolução do Estádio da Luz, símbolo identitário e palco de grandes feitos desportivos. Fundado em fevereiro de

1904 por entusiastas do futebol em Belém, o clube, então chamado “Sport Lisboa”, adotou desde o início as cores vermelho e branco, bem como a águia como emblema (que perdura até hoje), transmitindo valores de autoridade nobre, representando independência. A fusão com o Grupo Sport Benfica, em 1908, consolidou a identidade visual do clube, mantendo a proeminente da águia no escudo e incluindo também o lema “*E pluribus unum*” e o símbolo da roda de bicicleta (herança do ciclismo) sobre uma bola de futebol. conforme relata a própria instituição¹², ilustrando a sua história multifacetada. Outro aspecto cultural significativo, que nós pudemos presenciar durante a visita ao gramado, são as águias reais que sobrevoam o Estádio da Luz antes dos jogos. A principal delas, chamada “Vitória”, integra um rito simbólico que reforça a conexão entre a identidade benfiquista e os valores do poder e da liberdade. Ambas as águias são consideradas um patrimônio do clube e sempre estão na “Luz”, defendendo os valores do SL Benfica. A águia Vitória, mascote oficial, realiza seu voo ritualístico sobre o estádio antes dos jogos em casa, criando uma atmosfera solene e simbólica. É inusitado chegar tão perto das águias durante o momento de caminhar pelos arredores do gramado, tamanha a imponência desses animais e a sua representatividade ao clube. Após o momento de conhecer as águias, fomos ao lado dos bancos de reservas, onde sentam os atletas em dias de jogos, e em seguida demos uma rápida passada pelos vestiários, onde os atletas se reúnem antes e após as partidas. Outro momento de realização foi este, de circular onde grandes jogadores da história do futebol europeu circularam por muito tempo, inclusive jogadores brasileiros que marcaram época jogando pelo Grêmio, meu clube do coração, quando eu já acompanhava, como Jonas, Éverton Cebolinha, entre outras figuras da história recente do futebol brasileiro. O Jonas, inclusive, se tornou um dos ídolos da história recente do clube, tendo chegado à marca de ser o segundo maior artilheiro

12 Cf. SL Benfica – site oficial: <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/instituicao/clube/historia/simbolos>. Acesso em: mar. 2026.

não português da história do clube, segundo o rapaz que lá trabalha e estava nos acompanhando na visita guiada às dependências do estádio.¹³

O estádio foi inaugurado em 25 de outubro de 2003, com um amistoso entre o SL Benfica e o Club Nacional do Uruguai, vencido pelos anfitriões por 2 a 1. Esta nova arena substituiu o antigo local, também chamado Estádio da Luz, inaugurado em 1.º de dezembro de 1954 e demolido para dar lugar à nova arena adjacente, muito mais moderna, comportando melhor a multidão torcedora e apaixonada do Benfica. O antigo estádio, caracterizado por sua grande capacidade – chegou a abrigar cerca de 120 mil pessoas – foi considerado um dos maiores da Europa em seu tempo. A demolição desse “velho” estádio marcou o fim de uma era e permitiu a construção de uma infraestrutura mais moderna e versátil.

O novo Estádio da Luz foi projetado pela empresa Populous (antiga HOK Sport) e custou aproximadamente € 160 milhões, dos quais parte foi financiada pelo Estado português em preparação para a Eurocopa de 2004, assim como o José Alvalade também sediou a competição. A sua estrutura incorpora *design* contemporâneo com uma cobertura arquitetônica refinada, assinalando a ambição funcional e estética do clube. A lotação oficial é de cerca de 68.100 espectadores atualmente, após expansões e melhorias. O estádio é classificado pela UEFA como de categoria quatro, o que lhe permite receber grandes eventos internacionais. O estádio foi palco da final da Eurocopa de 2004, entre Portugal e Grécia (4 de julho de 2004), bem como das finais da Liga dos Campeões da Europa em 2014 (Real Madrid *versus* Atlético de Madrid) e em 2020 (Bayern de Munique *versus* PSG).

Culturalmente, o clube e o estádio promovem não apenas o futebol, mas também experiências sociais. As visitas guiadas permitem aos adeptos e visitantes explorarem camarotes, túnel dos jogadores, vestiários e o museu do clube, integrando a vivência desportiva com a memória institucional. O

13 Informações pontuais retiradas de “Sport Lisboa e Benfica”, “Museu Benfica – Cosme Damião,” SL Benfica – *site* oficial. Disponível em: <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/museu>. Acesso em: dez. 2025.

Estádio da Luz, casa do SL Benfica, portanto, é um dos mais emblemáticos equipamentos esportivos de Portugal e da Europa, tendo a sua importância excedendo o domínio desportivo: o estádio se consolidou como um marco arquitetônico contemporâneo, um símbolo da identidade benfiquista e um espaço de referência cultural para a cidade de Lisboa. A história do clube, profundamente entrelaçada com a evolução social e urbana do país, contribui para que o estádio seja interpretado tanto como uma arena esportiva quanto como um lugar de memória coletiva e afirmação cultural. O SL Benfica mantém uma base social popular, marcada por forte identificação comunitária e uma narrativa de grandeza sustentada em conquistas desportivas, mobilização social e construção de um imaginário de “maior clube português”. A crescente expansão de torcedores ao longo do século XX levou à necessidade de estádios cada vez maiores, culminando no antigo Estádio da Luz, inaugurado em 1954. O estádio, então considerado o maior da Europa, se tornou um ícone nacional, especialmente pela sua monumentalidade arquitetônica e pela atmosfera criada durante as competições que o clube disputava. Com a modernização do futebol europeu e as exigências da UEFA para a realização de grandes competições, tornou-se fundamental adaptar o complexo às novas demandas de segurança, acessibilidade e funcionalidades. Assim, em 2003 foi inaugurado o novo Estádio da Luz, projetado pelo arquiteto Damon Lavelle, do escritório HOK Sport. A preocupação central foi estabelecer uma arena moderna, flexível e tecnologicamente avançada, capaz de oferecer maior conforto ao público e atender às diretrizes internacionais, sem abandonar o sentido simbólico que o estádio sempre representou para os torcedores. A estética da cobertura em forma de arco e o uso predominante do vermelho evocam diretamente a identidade do clube, reforçando a integração entre arquitetura e cultura institucional. O arco que se forma é o principal diferencial, esteticamente falando, que o Estádio da Luz apresenta em relação às outras arenas europeias, criando um visual muito bonito e irreverente. Além do aspecto arquitetônico, a dimensão cultural do estádio se manifesta na forma como ele organiza experiências sociais e afetivas. O Estádio da Luz é reconhecido

pela atmosfera singular nos dias de jogo, frequentemente descrita como vibrante e intensa, e marcada por rituais próprios, como o voo da águia Vitória antes do início das partidas. Esse ritual, introduzido na era do novo estádio, reforça elementos identitários ligados ao símbolo do clube e aos ideais de força, liberdade e grandeza. A relação do estádio com sua comunidade torcedora também é marcada pela participação ativa dos adeptos em movimentos, canções e demonstrações coreografadas que fortalecem o sentimento de pertencimento.

O complexo ainda abriga o Museu Benfica – Cosme Damião, como comentei anteriormente, que é um verdadeiro acervo cultural do futebol português e europeu. Do estádio, passamos para a visita ao museu. Inaugurado em 2013, o espaço desempenha papel significativo na preservação da memória institucional. O museu apresenta uma narrativa histórica que articula conquistas esportivas, personagens fundamentais e a evolução do clube ao longo das décadas. Por meio de acervos interativos, documentos, imagens e objetos emblemáticos, o espaço contribui para consolidar o Benfica como um fenômeno cultural que ultrapassa as fronteiras do futebol. A musealização da história benfiquista reforça o entendimento do estádio como um lugar de memória viva, em que passado, presente e futuro se conectam na construção da identidade torcedora. Outro aspecto relevante é o impacto do Estádio da Luz na dinâmica urbana de Lisboa. Situado na zona de Benfica, o equipamento influenciou transformações na mobilidade, no comércio local e na circulação de torcedores e visitantes provenientes de diversas regiões do país e do mundo. A realização de eventos internacionais, como a final da Liga dos Campeões da UEFA em 2014 e em 2020, reforçou o posicionamento do estádio como infraestrutura estratégica para o turismo esportivo e para a projeção internacional da cidade. Após a visita ao Museu Benfica – Cosme Damião, almoçamos no restaurante Luz By Chakal, reconhecido em Lisboa também pela fama do *chef* argentino Chakal. Localizado dentro do complexo do Estádio da Luz, favoreceu a logística de pesquisadores, palestrantes, colaboradores e participantes do Colóquio almoçarem juntos no restaurante, simbolizando

aquele um momento de descontração, confraternização e preparação para os próximos dias, para as apresentações e palestras. Meu pedido foi uma sopa de crustáceos no valor de 6,50 euros, que estava excelente, mas havia também pratos individuais por volta de 45 euros. O almoço marcou uma pausa no dia de programação do evento e antecedeu a tarde de atividades e apresentações.

Às 12h45, aproximadamente, eu e o professor Fábio saímos antecipadamente do restaurante e fomos para o auditório do museu para organizar tudo antes da abertura do evento: montar toda a logística, as mesas, cadeiras, microfonia, os equipamentos, testes, enfim, deixar tudo em ordem para evitar imprevistos ou atrasos. O historiador Pedro Amorim, do Centro de Documentação e Informação do SL Benfica, foi sujeito fundamental nesse primeiro dia do Colóquio, por nos receber e apresentar as dependências do Estádio da Luz e mediar todos os processos dentro do clube. Essa foi minha primeira atividade propriamente dita como colaborador na logística do evento, estando por trás da transmissão ao vivo das falas dos pesquisadores e palestrantes, registrando vídeos, imagens e produzindo materiais para as redes do INCT. O auditório estava cheio, e os olhares estavam todos direcionados para o palco. O antropólogo Roberto DaMatta realizou a conferência de abertura e situou o debate sobre os estudos do futebol no Brasil, do qual é um dos pioneiros, que remontam os anos 1980, especialmente pela célebre obra *Universo do futebol*, coordenado por ele e que conta com importantes pesquisadores como Simoni Lahud Guedes, Arno Vogel e Luiz Felipe B. N. Flores. Nesta obra, o futebol, assim como o Carnaval, é apresentado como algo maior que o jogo, como dramatização social e importante vetor da identidade nacional (DaMatta, 1982). Esta tarde ainda contou com duas mesas-redondas protagonizadas por pesquisadores de Portugal e do Brasil, realizadas nesse espaço versátil e moderno, ambiente imerso na história do clube. As atividades foram transmitidas como programado, e o objetivo do primeiro dia foi plenamente alcançado. Momento importante que instaurou uma dinâmica que fez parte da realização daquela viagem.

Em síntese, o Estádio da Luz e o SL Benfica representam um conjunto multifacetado de expressões históricas, arquitetônicas, simbólicas e sociais. O estádio não é apenas o espaço de prática esportiva, mas também um território carregado de significados e experiências que contribuem para a leitura da cultura futebolística portuguesa e para a compreensão do papel social que clubes como o Benfica desempenham na contemporaneidade. Minha intenção, sem dúvida nenhuma, é retornar assim que possível.

Na terça-feira, dia 30, tivemos a manhã livre de atividades acadêmicas, com uma programação que previu a visita à Cidade do Futebol, sede da Federação Portuguesa de Futebol, e depois, ao fim da tarde, rumar a Coimbra. Embora não seja o foco deste capítulo, eu não poderia deixar de mencionar a visita à Cidade do Futebol, situada em Oeiras. O complexo foi inaugurado em 2016, é o centro técnico e administrativo da Federação Portuguesa de Futebol. O complexo reúne três campos de treino em padrão FIFA, um edifício de apoio com ginásios, áreas médicas, salas de análise e recuperação, além da sede institucional da FPF. A organização do espaço privilegia a integração das atividades das seleções nacionais, oferecendo infraestrutura para treinos, concentração, acompanhamento físico e preparação tática. Com arquitetura contemporânea e funcional, o conjunto foi projetado para centralizar operações, modernizar processos e reforçar a autonomia do futebol português num único espaço dedicado exclusivamente ao alto rendimento. Além de tudo, há um museu muito rico dentro do complexo, com muita história do futebol português, um verdadeiro acervo com bolas, chuteiras, camisas, flâmulas e objetos muito específicos e representativos para o desporto luso. Para nós, que somos brasileiros, fizemos a seguinte associação: a Cidade do Futebol é para a FPF o que a Granja Comary é para a CBF, sendo essa uma relação para melhor mensuração do que é este complexo. O evento contou com a mediação da antropóloga Dra. Lúcia Alegrias, responsável pelo acervo, que conduziu toda nossa comitiva e proporcionou um *tour* pelas instalações com apresentação do acervo, das salas e dos profissionais que atuam na sua equipe. Depois da visita, os pesquisadores se reuniram no ônibus do evento e se deslocaram para Coimbra,

onde seria realizada a continuidade dos trabalhos. Ao chegar em Coimbra, por volta de 19h15, fui diretamente para a minha acomodação, para me preparar para o terceiro dia.

Estádio do Dragão – Porto versus Estrela Vermelha

Na quarta-feira, as atividades foram realizadas na Universidade de Coimbra. Com pouco tempo, não pude visitar o Estádio Municipal Cidade de Coimbra, com capacidade para cerca de 30 mil pessoas. Logo na quinta-feira, dia 2 de outubro, viajamos para a cidade do Porto, com uma pequena parada em Aveiro para um café. O encerramento do evento previu atividades na Universidade Fernando Pessoa, a maior da cidade do Porto. Fiquei sabendo que, naquele mesmo dia, o Futebol Clube do Porto (FC Porto) e o Estrela Vermelha, da Sérvia, iriam se enfrentar, pela Liga Europa, no Estádio do Dragão. O estádio localiza-se a dois quilômetros da Universidade Fernando Pessoa, e as atividades estavam previstas para terminarem às 19h do horário local, uma hora antes do início da partida. Ao me certificar de que as chances de conseguir ir ao jogo eram grandes, semanas antes da viagem, consultei os professores e, com autorização deles, comprei meu ingresso para a partida. No momento da compra, a emoção já tomou conta, não parecia real o fato de que eu estava comprando ingresso para uma partida da UEFA Europa League.

Mesmo não tendo certeza de que haveria tempo viável para chegar ao estádio até o início da partida, devido a algum possível atraso na programação do evento, resolvi pagar para ver, pois esta era a grande oportunidade. Era uma realização singular que estava ao alcance e por se tornar realidade. O evento finalizou suas atividades, e às 19h20 eu já havia encerrado a transmissão, feito a entrega dos materiais e já pronto em frente à universidade solicitando a corrida de aplicativo rumo ao Estádio do Dragão. Naquele momento, começou a cair a ficha de que eu iria assistir a uma partida na Europa, de um campeão da UEFA *Champions League*. O trânsito em Porto estava um verdadeiro caos, devido ao horário, em que

naturalmente já potencializaria o tráfego, também por conta da partida. O Dragão fica em uma zona central de Porto, então, em dias de jogos de grande apelo, com ingressos esgotados e lotação máxima, como era o caso daquela partida contra o Estrela Vermelha, a cidade fica muito movimentada e de difícil locomoção. Devido a isso, demorou demais para ser aceita a corrida no aplicativo, e os dois quilômetros até o estádio levaram 25 minutos para serem percorridos, fazendo com que eu chegasse ao destino já com 10 minutos de bola rolando. O fato de eu ter chegado com a partida já em andamento não diminuiu em nada a sensação de subir as escadas da arquibancada, ouvir os adeptos cantando e olhar para aquele gramado e para aquele estádio abarrotado com 45 mil pessoas. Eu estava pela primeira vez em uma partida de UEFA Europa League, eu estava diante de uma partida do FC Porto. O clichê do “passar um filme na cabeça” se concretizou naquele momento.

As questões que eu gostaria de relatar sobre o Estádio do Dragão baseiam-se justamente nessa minha perspectiva e emoção acerca do fato de estar vivenciando aquilo, além de relatar um pouco da história da partida, assim como percepções em relação à torcida do FC Porto, além, claro, de um pouco sobre a história estrutural e social do estádio.

A partida, em si, tratava-se da segunda rodada da fase de liga da UEFA Europa League, momento inicial da competição. O FC Porto, pelo elenco que tem, entrou na competição como uma das equipes favoritas ao título. Os torcedores do Estrela Vermelha, da Sérvia, encheram o setor visitante do estádio e cantaram muito durante o jogo inteiro. Esse é outro quesito do futebol europeu que eu só conhecia assistindo pela televisão e pude presenciar: as grandes invasões de torcidas visitantes de outros países. Na partida, os torcedores no Estádio do Dragão viram os portugueses levarem a melhor em cima dos sérvios, em um jogo bastante equilibrado e decidido nos minutos finais. O FC Porto abriu o placar cedo, aos 8 minutos de jogo, com um gol de William Gomes, brasileiro ex-jogador do São Paulo, em cobrança de pênalti. O Estrela Vermelha conseguiu o empate ainda no primeiro tempo, aos 33 minutos, com um gol do jovem Vasilije Kostov, que aproveitou uma

sobra na área após cobrança de falta. A partida seguiu intensa e com chances para os dois lados no segundo tempo, com os torcedores do FC Porto começando a perder a paciência e ameaçando começar a vaiar a equipe. Mas o gol da vitória dos donos da casa para garantir os três pontos foi marcado no final do jogo, aos 89 minutos da etapa regulamentar, marcado por Rodrigo Mora, após uma jogada de contra-ataque bem construída, com passe de Pepê, ex-jogador do Grêmio que teve uma ótima passagem quando ainda era uma jovem promessa. Ver um jogador da base gremista brilhar numa equipe europeia também foi algo muito interessante e relevante para mim. Cabe ainda ressaltar uma situação semelhante com a do João Nuno, guia da visita do Estádio José Alvalade, que foi o meu reencontro com um amigo no qual eu não tinha contato há bastante tempo, o Júnior. Ele é brasileiro, mas mora no Porto há aproximadamente 5 anos e tem o FC Porto como um “segundo clube de coração”, estando sempre por dentro do panorama geral da equipe e da instituição e indo frequentemente ao Dragão para assistir às partidas. Devido a isso, já fazia meses que eu conversava com ele sobre este jogo da Europa League, para que ele pudesse me auxiliar e me orientar quando abrissem as vendas dos ingressos e sobre qual seria a forma mais viável para que eu garantisse a minha entrada, visto que era uma partida com uma procura muito alta, válida por uma competição continental.

O jogo em si se associa à atmosfera do estádio, sua infraestrutura, história e tradição. O Estádio do Dragão – chamado intimamente de “Dragão” pelos seus torcedores e canais midiáticos portugueses – foi inaugurado em 2003, muito próximo ao Estádio da Luz e ao Estádio José Alvalade, e também constitui um dos principais marcos arquitetônicos e culturais do futebol português contemporâneo.

Concebido como parte do processo de modernização urbana da cidade do Porto, especialmente no âmbito da preparação para o UEFA Eurocopa de 2004 – vide o Estádio José Alvalade – o Estádio do Dragão se consolidou rapidamente como símbolo da projeção internacional do clube e como referência no desenho de arenas multifuncionais na Europa, aspecto esse

que foi possível observar de muito perto nos outros dois estádios relatados também.

A história do FC Porto, fundado em 1893¹⁴, contribui de maneira decisiva para compreender a relevância simbólica do Dragão. O clube construiu uma identidade particular, caracterizada por forte ligação com o norte de Portugal, marcada por discursos de resistência, trabalho, afirmação regional e oposição às centralidades políticas e esportivas do país. Esse imaginário foi reforçado de forma intensa durante as décadas de 1980 e 1990, um período de ascensão competitiva internacional que resultaria nas conquistas da UEFA Champions League em 1987 e 2004, ampliando o seu papel no cenário futebolístico europeu, época em que o FC Porto foi presidido por Jorge Nuno Pinto da Costa (1982 a 2024) (Nunes, 2025). O Dragão surge com a necessidade de substituir o histórico Estádio das Antas, onde o FC Porto mandou por muito tempo suas partidas e sua estrutura já não atendia por completo às exigências de segurança, conforto e modernização impostas pelas instituições internacionais. A partir disso, o clube iniciou o projeto de construção de uma nova arena. O arquiteto Manuel Salgado foi responsável pelo desenho do estádio, priorizando uma estética leve e contínua, com curvas orgânicas que permitem grande abertura visual, criando uma sensação de amplitude e luminosidade –características que contrastam com os estádios mais clássicos da Europa e reforçam a marca contemporânea da obra. Além disso, a preocupação com acessibilidade, ventilação e integração com o espaço urbano contribuiu para que o estádio fosse premiado e amplamente reconhecido por sua qualidade técnica.

Um ponto que reparei em relação à torcida do FC Porto durante a partida é a identidade de pertencimento que os torcedores têm com o estádio e os arredores. É claro que a estrutura moderna e atual favorece para um grande conforto e bom recebimento de seus adeptos, mas é nítido que aquela região do Dragão respira o FC Porto, e isso é demais. A simbologia

14 Trata-se de uma questão polêmica. Pereira (2018) defende 1893, mas por outro lado também aceita 1906 como data de fundação em sua tese de doutorado.

do “dragão”, inclusive, que dá nome ao estádio e figura no brasão do clube, desempenha papel central na compreensão da dimensão cultural do equipamento. O dragão é tradicionalmente associado a força, resiliência e proteção, valores profundamente incorporados à narrativa identitária do clube do Porto e mobilizados em discursos institucionais e populares. A iconografia do estádio – como a escultura de grandes dimensões localizada na entrada e os elementos gráficos que compõem o interior – reforça essa representação mítica, reforçando o vínculo entre arquitetura e identidade cultural. Ao pesquisar mais a fundo e conversar com torcedores portistas, pude concluir aqui, que o Estádio do Dragão não funciona apenas como uma arena desportiva, mas também como espaço de sociabilidade, memória e experimentação emocional.

A atmosfera gerada pelos adeptos do FC Porto é frequentemente destacada pela literatura em estudos sobre a cultura torcedora portuguesa, sendo descrita como intensa, orgulhosa e marcada por rituais específicos, como cânticos organizados, coreografias e simbolismos visuais que reforçam o caráter comunitário do clube. Isto desempenha papel fundamental na produção de pertencimento, na coesão social entre os adeptos e na intensificação das emoções associadas aos dias de jogo (Giulianotti, 1999; Damo, 2007). Esses dispositivos simbólicos contribuem para transformar o estádio em um espaço de sociabilidade e de expressão cultural, no qual identidades coletivas são continuamente reafirmadas.

No caso do Estádio do Dragão, essas manifestações reforçam o vínculo entre clube, torcedores e território, ampliando a dimensão simbólica do equipamento para além de sua função esportiva. A presença de grupos organizados de adeptos, articulados em torno de práticas coletivas de apoio, insere-se em dinâmicas amplamente observadas no futebol contemporâneo, nas quais a torcida atua como agente ativo na construção da atmosfera do espetáculo esportivo e na afirmação pública da identidade clubística (Giulianotti; Robertson, 2004).

Dentre os três estádios portugueses referidos no capítulo, o Estádio do Dragão foi o único que não acessei pessoalmente o museu, mas fui atrás

de informações na literatura do âmbito museológico do estádio. Segundo muitos que ouvi ao longo do evento, o museu do FC Porto é um dos mais recheados acervos históricos do futebol português, devido também pela representatividade e grandeza continental do clube. Inaugurado em 2013 e integrado ao estádio, o museu contribui para ampliar a centralidade cultural do espaço ao apresentar uma narrativa histórica organizada em torno das conquistas, personagens e momentos emblemáticos do clube. A musealização do futebol, nesse sentido, responde a uma tendência internacional de institucionalização da memória esportiva, na qual clubes transformam seus percursos históricos em experiências expositivas que articulam patrimônio, identidade e consumo cultural (Ramshaw; Gammon, 2005).

Sob essa perspectiva, o museu do FC Porto pode ser interpretado como um dispositivo de memória coletiva, no qual a história do clube é narrada, ritualizada e materializada no espaço. Tal processo aproxima o Estádio do Dragão da noção de “lugar de memória”, entendida como espaço simbólico em que passado, identidade e afetividade se articulam, contribuindo para a consolidação do estádio como território de representação cultural e histórica do clube (Nora, 1984).

Evidentemente não posso deixar de pontuar a representatividade do Dragão para a cidade do Porto e sua sociedade. A presença do estádio também impactou a dinâmica urbana e a economia local da cidade. Estudos sobre desenvolvimento urbano destacam que o Dragão impulsionou uma renovação significativa do entorno, incluindo melhorias em mobilidade, comércio e serviços, bem como uma requalificação do espaço público. Acho válido destacar também o fato de o estádio integrar-se a uma estação de metrô homônima, o que reforça seu papel como polo articulador da circulação de pessoas e de eventos, ampliando a vitalidade urbana da região.

Em síntese, o Estádio do Dragão constitui mais do que uma infraestrutura esportiva: é um equipamento cultural e urbano cuja relevância se expressa na arquitetura, na simbologia, na experiência torcedora e na projeção internacional do FC Porto. Sua análise permite compreender não apenas a evolução das arenas esportivas em Portugal, mas também a

construção de identidades coletivas mediadas pelo futebol. Não posso deixar de citar de novo a sensação que tive ao entrar no estádio e poder assistir a uma partida europeia. Incrível.

Aquele dia foi muito especial, não só devido ao jogo, o momento vivido, algo que sonhei por tanto tempo, mas também pelo fato de ter encerrado o evento e estar concebendo aquilo, que trabalhei em um evento acadêmico de tamanha magnitude, no exterior. Todas as transmissões ao vivo para o Brasil foram bem-sucedidas, e tive a honra de receber elogios dos professores e organizadores do Colóquio. Eu estava realmente muito orgulhoso do que consegui fazer e grato por viver, sentir e experienciar aqueles cinco dias em Portugal. Pude ver bem de perto o lugar que o futebol ocupa no universo acadêmico e na vida social dos portugueses. Tive a oportunidade de conversar com mais de uma dezena de pesquisadores dessa área que tanto me interessa, vide Roberto DaMatta, Francisco Pinheiro, Carlos Nolasco, Caroline Soares, Luciano Jahnecka, Aira Bonfim, António Pinto.

Estar em contato com essas figuras carimbadas da pesquisa em futebol me acendeu ainda mais a percorrer este caminho. Em conversas frequentes com o Luciano e a Carol, eles me disseram para focar nisso, pois tenho muito conhecimento e afinidade com o futebol, inclusive sobre torcidas, campo que a Carol estuda bastante; já o Luciano é professor na Universidad de La República, em Rivera, e dedica-se muito aos estudos do futebol uruguaio. Estes dois grandes pesquisadores do meio foram pessoas com quem eu pude conviver no dia a dia (no ônibus, no metrô, no hotel, nos restaurantes), para além das mesas-redondas e do caráter acadêmico dessa aventura lusitana. Carlos Nolasco é um dos pesquisadores portugueses que participaram do Colóquio, e António Pinto, historiador no Centro de Documentação e Informação do SL Benfica, foi também uma das pessoas que nos receberam nas dependências do Estádio da Luz, na segunda-feira. Roberto DaMatta é uma referência teórica e metodológica, professor respeitado e discutido em inúmeros estudos sobre o futebol no Brasil e no exterior, um dos mais influentes no campo, além de antropólogo e escritor conceituado como poucos. Ao longo da jornada, pude conversar algumas

vezes com ele, e isso me abriu uma série de reflexões e diferentes perspectivas e vieses sobre o futebol como um fato social e cultural que nos permite melhor compreender a vida e a sociedade brasileira.

Considerações finais

É um pouco contraditório escrever este último tópico, porque na realidade não tenho palavras para descrever de forma breve o que representou para mim essa viagem, o que representa para mim essa participação e colaboração em um evento de tamanha magnitude. Poder relatar aqui três experiências distintas que pude ter em estádios de futebol, ambientes que sempre me moveram e me cativaram, é gratificante demais.

Não posso deixar de destacar a bagagem cultural que adquiri durante esses dias em Portugal. Eu nunca havia pisado fora do continente americano, viajar para a Europa foi um movimento que me representou muito do ponto de vista cultural. A experiência no país me proporcionou cada encontro, paisagem e expressão cotidiana, aspectos que trouxeram à tona uma sensação de familiaridade e descoberta, simultaneamente. A convivência com tradições, modos de vida e formas de se relacionar com o espaço urbano e com a história ampliou minha percepção sobre pertencimento, identidade e herança cultural. Foi uma vivência que não apenas apresentou um país, mas expandiu meu entendimento sobre como a cultura se manifesta, se preserva e se transforma.

Do ponto de vista científico, as visitas aos estádios portugueses representaram um marco importante no meu processo de formação inicial de pesquisador e futuros processos de investigação. Observar de perto as estruturas, as dinâmicas de uso, os modelos de gestão e as relações entre esporte, cidade e sociedade ampliou meu repertório analítico. Cada visita revelou possibilidades de abordagem e problematização que eu não vislumbrava apenas pela literatura, abrindo caminhos concretos para futuras pesquisas. Foi uma experiência que não só aprofundou minha compreensão

do tema, mas também expandiu horizontes metodológicos e conceituais para novos estudos.

Muito foi relatado e contado, mas permanecem algumas inquietações: o que os estádios de futebol representam hoje para a história cultural, social e econômica das cidades que os abrigam? Ao mesmo tempo em que preservam memórias e identidades coletivas, até que ponto as modernas arenas têm redefinido a experiência do torcer, transformando paixão em produto e pertencimento em consumo? A reconfiguração desses espaços – agora atravessados por ingressos digitais, plataformas de apostas, reconhecimento facial e fluxos constantes de dados – amplia a imersão e a segurança ou inaugura novas formas de vigilância e exclusão? A quem servem prioritariamente esses estádios multifuncionais que operam como *shopping*, museu e polo gastronômico: à comunidade histórica do entorno ou a um público economicamente selecionado? Em que medida os processos de gentrificação¹⁵, de modernização e elitização dialogam com dinâmicas mais amplas de gentrificação urbana, como discutem autores como John Bale? Como os dias de jogo reorganizam a mobilidade, o comércio e a vida cotidiana da cidade, tensionando segurança e experiência coletiva? E, por fim, ao comparar as lembranças da infância nos estádios tradicionais com a vivência nas grandes arenas contemporâneas, estaríamos diante de uma evolução natural do espetáculo ou da transformação profunda de um espaço que antes era, sobretudo, lugar de encontro popular?

Resta ainda dizer que constatamos a falta de estudos comparados e mais amplos sobre os estádios dos Três Grandes do futebol português, todos eles com origem em um evento comum – o Euro 2004 – e da necessidade latente de melhorias nas instalações esportivas em Portugal, não só em termos de segurança (Neves, 2016) como de infraestrutura. Indicamos

15 A gentrificação é um processo de transformação urbana onde bairros de baixa renda ou áreas históricas valorizadas sofrem intervenções imobiliárias, atraindo moradores de maior poder aquisitivo. Isso gera aumento no custo de vida, forçando a saída de residentes antigos (expulsão branca) e resultando em reconfiguração social, cultural e econômica (Leite, 2015).

a necessidade de descrever e analisar as suas semelhanças, como a sua orientação para o paradigma vigente da infraestrutura esportiva que alia a presença do torcedor, da família e das empresas, numa fusão de áreas do comércio e do lazer (Cunha, 2005, p. 285), as suas individualidades que formam um todo característico e transversal – a acústica, a panorâmica vivida em meio esportivo, por serem verdadeiros segundos lares (Brás; Garcia, 2007, p. 90), a força das cores afirmando as estruturas (Lobão, 2005, p. 283), a potencialização do espetáculo, a luminosidade. As diferenças devem também ser exploradas como meio catalisador de uma caracterização das infraestruturas: a abertura do Estádio do Dragão à cidade, uma intenção arquitetônica (Salgado; Fernandes, 2005, p. 185) de dupla integração estádio-cidade/cidade-estádio; a Luz como sendo o maior e o mais privilegiado estádio para receber finais de competições internacionais em Portugal – uma vitória considerando que a sua construção foi aprovada, iniciada e decorrida sempre *in extremis* temporal (Lobão, 2005, p. 277-279), ou mesmo a modernidade destacada do Alvalade (Florêncio, 2005, p. 63). No fundo, sua caracterização foi, até agora, evidenciada separadamente por enaltecimento de seus próprios torcedores-autores, ou na literatura do direito urbano e da arquitetura que floriu nos anos sucessivos às construções. Urge, quase três décadas volvidas, analisar sua intencionalidade histórica, observando como se processou essa “fase de utilização” do “ciclo da vida” (Moraes, 2005, p. 67-89) dessas infraestruturas complexas e quase orgânicas. Avaliar a sua ecologia partilhada, num país que assenta a sua paixão, predominantemente, em três clubes esportivos, aqui mencionados, mostrará o caráter da vivência futebolística (e esportiva).

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. 201-224. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição (orgs.). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Natal: EDUFERN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura do diálogo (auto)biográfico: narrativa de si/narrativa do outro como construção epistemo-empírica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz; VILLAS-BÔAS, Lúcia (orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos*. Curitiba: CRV, 2018. p. 25–50.

ALVES, Eliseu de Mello. *O futebol em Pelotas*. Pelotas: Livraria Mundial, 1984. p. 1901–1941. v. 1.

BALE, John. *Sport, Space and the City*. London: Routledge, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRÁS, Rui Pedro; GARCIA, Carlos. *Lugares de Leão: Alvalade século XXI*. Lisboa: Prime Books, 2007.

CUNHA, Estrela da. Estádio/Complexo Alvalade XXI. In: CORREIA, Fernando Alves (coord.). *III Colóquio Internacional Os Estádios do Euro 2004: aspectos financeiros, urbanísticos e ambientais* [actas]. Lisboa: Livraria Almedina, 2005. p. 285–300.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, 2007.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

FLORÊNCIO, António. *O sonho comanda a vida: o Euro 2004 de Aachen ao Estádio da Luz*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. *Football: A Sociology of the Global Game*. Cambridge: Polity Press, 1999.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. The globalization of football: A study in the glocalization of the “serious life”. *The British Journal of Sociology*, v. 55, n. 4, p. 545–568, 2004.

JOHN, Geraint; SHEARD, Rod; VICKERY, Ben *Stadia: a design and development guide*. Oxford: Architectural Press, 2007.

LAUB, Michel. *O segundo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LEITE, Rogerio Proença. Cities and Gentrification in Contemporary Brazil. *Current Urban Studies*, v. 3, n. 3, p. 175–186, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282450725_Cities_and_Gentrification_in_Contemporary_Brazil. Acesso em: 30 abr. 2026.

LOBÃO, António Cortez de. Novo Estádio da Luz. In: CORREIA, Fernando Alves (coord.). *III Colóquio Internacional Os Estádios do Euro 2004: aspectos financeiros, urbanísticos e ambientais* [actas]. Lisboa: Livraria Almedina, 2005. p. 277–283.

MASCARENHAS, Gilmar. A febre do futebol: gênese e difusão planetária de uma inovação. In: MASCARENHAS, Gilmar. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. 2001. 297 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MELO, Victor Andrade de. *Esporte, cidade e modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

MORAIS, Paula Cândida Pereira. Aspectos gerais dos estádios do Euro 2004. In: CORREIA, Fernando Alves (coord.). *III Colóquio Internacional Os Estádios do Euro 2004: aspectos financeiros, urbanísticos e ambientais* [actas]. Lisboa: Livraria Almedina, 2005. p. 57–89.

NEVES, José Manuel Viegas. O desporto enquanto paz: contributo para a história de uma ideia. *EFDeportes.com Revista Digital*, ano 20, n. 214, [s.p.], 2016. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd214/o-desporto-enquanto-paz.htm>. Acesso em: 30 abr. 2026.

NORA, Pierre (ed.). *Les lieux de mémoire*: La République. Paris: Gallimard, 1984. v. 1.

NUNES, João Sedas. Pinto da Costa, a man of (both) old and new football ways. *Soccer & Society*, v. 26, n. 2, p. 388–393, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14660970.2024.2446069>. Acesso em: 30 abr. 2026.

OLIVEIRA, Fernanda Paula; LOPES, Dulce. Dos estádios aos equipamentos desportivos: trilhos para uma evolução. In: CORREIA, Fernando Alves (coord.). *III Colóquio Internacional Os Estádios do Euro 2004: aspectos financeiros, urbanísticos e ambientais* [actas]. Lisboa: Livraria Almedina, 2005. p. 39–56.

PEREIRA, Ricardo Costa. *O futebol português no tempo da I República (1910–1926)*. Tese (Doutorado em História), Universidade do Porto, 2018.

PINTO, Fábio Machado. “Bueno, é golo”: lembranças de um projeto e desejo de ser jogador. In: RICHTER, Ana Cristina; BASSANI, Jaison José (orgs.). *Memórias do futebol: infâncias em jogo*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. p. 31–48.

PINTO, Fábio Machado; LARA, Ricardo; VAZ, Alexandre Fernandez (orgs.). *Interperiferias do futebol: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea?* Pelotas: Ateliê da Casa, 2024.

QUELHAS, Rui. Estádios do Dragão e do Bessa. In: CORREIA, Fernando Alves (coord.). *III Colóquio Internacional Os Estádios do Euro 2004: aspectos financeiros, urbanísticos e ambientais*. Lisboa: Livraria Almedina, 2005. p. 253–270.

RAMSHAW, Gregory; GAMMON, Sean. More than just nostalgia? Exploring the heritage/sport tourism nexus. *Journal of Sport Tourism*, v. 10, n. 4, p. 229–241, 2005.

SALGADO, Manuel; FERNANDES, Fátima (orgs.). *O projecto urbano das Antas*. Porto: Civilização, 2005.

SERRADO, Ricardo. *História do futebol português: das origens ao 25 de Abril – uma análise social e cultural*. Lisboa: Prime Books, 2010. v. 1.

UNION of European Football Associations (UEFA). *UEFA EURO 2004™ Portugal – Technical Report*. Nyon: UEFA, 2004.

Quando o campo de futebol se torna lugar: experiência, território e futebol de várzea em Goiânia (GO)

Andriel Coutinho de Morais

*Faculdade de Educação Física
Universidade Federal de Goiás*

George Ivan da Silva Holanda

*Universidade de Brasília
Universidade Estadual de Goiás*

Ari Lazzarotti Filho

*Faculdade de Educação Física
Universidade Federal de Goiás*

Resumo

Este capítulo analisa a Copa Cepro, competição de futebol de várzea realizada no Campo do Muranga, na Vila Redenção, em Goiânia, tomando-a como chave interpretativa para compreender a produção social do urbano. Com base na observação das partidas e das interações entre jogadores, torcedores e moradores, sustenta-se que o futebol de várzea opera como espaço de sociabilidade, pertencimento e construção de sentidos no cotidiano do bairro. O campo de futebol é compreendido como lugar vivido, constituído pela experiência consolidada nas práticas corporais e pela temporalidade compartilhada que organiza a vida local. A Copa, enquanto competição varzeana, ao estruturar ritmos coletivos e expectativas anuais, integra o futebol à rotina comunitária e consolida o Campo do Muranga como referência simbólica. Elementos como a apropriação da infraestrutura, os nomes das equipes, os patrocínios locais e a circulação de imagens ampliam a visibilidade do evento e reforçam sua complexidade sociocultural. O estudo, assim, contribui para a compreensão das relações entre esporte, cidade e território, ao evidenciar como práticas corporais organizadas localmente produzem sociabilidades e pertencimentos no cotidiano urbano, dialogando com a Educação Física nas dimensões socioculturais do esporte.

Palavras-chave: futebol de várzea; lugar vivido; sociabilidade urbana; experiência.

Abstract

This chapter analyzes the Copa CEPRO, an amateur (várzea) football competition held at Campo do Muranga, in Vila Redenção, in Goiânia (GO), taking it as an interpretive key to understand the social production of the urban space. Based on the observation of matches and the interactions among players, supporters, and residents, it is argued that amateur football operates as a space of sociability, belonging, and the construction of meaning in the everyday life of the neighborhood. The football field is understood as a lived place, constituted by experience consolidated through bodily practices and by the shared temporality that organizes local life. The Copa, as an amateur competition, by structuring collective rhythms and annual expectations, integrates football into the community routine and consolidates Campo do Muranga as a symbolic reference. Elements such as the appropriation of infrastructure, team names, local sponsorships, and the circulation of images increase the visibility of the event and reinforce its sociocultural complexity. The study thus contributes to understanding the relationships between sport, city, and territory by highlighting how locally organized bodily practices produce sociabilities and senses of belonging in everyday urban life, engaging Physical Education with the sociocultural dimensions of sport.

Keywords: amateur football; lived place; urban sociability; experience.

Introdução

O futebol de várzea¹ constitui uma prática esportiva no Brasil, capaz de articular lazer, sociabilidade e mobilização de pessoas em diferentes territórios. Conforme Damo (2007), a grande mídia, em geral, invisibiliza esse modo de praticar futebol ou o enquadra de forma marginalizada, reduzindo-o a expressões periféricas, como improvisações desorganizadas,

1 O termo futebol de várzea será adotado ao longo deste texto como categoria operativa; contudo, reconhece-se que assume diferentes denominações conforme os contextos regionais e culturais em que é praticado, sendo também referido como futebol comunitário, futebol de lazer, futebol amador, *terrão*, *baba*, entre outras expressões locais. Trata-se, portanto, de uma designação que abrange um conjunto heterogêneo de práticas futebolísticas não profissionais, enraizadas nas dinâmicas socioculturais específicas de cada território.

episódios de conflito ou meras festividades, desconsiderando seu caráter social, simbólico e comunitário.

Apesar dessa invisibilização, o futebol de várzea funciona como espaço de sociabilidade e construção de identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, aproxima-se do estudo de Antunes (1994), que analisou o futebol nas fábricas, identificando que este esporte se configura como mecanismo de integração social e circulação de saberes entre trabalhadores. O futebol de várzea, portanto, configura-se como uma prática organizada localmente, uma expressão cultural e social de diferentes contextos brasileiros, tradicionalmente associado a áreas marginalizadas da urbanização formal, como fundos de vale, várzeas de rios, terrenos públicos não edificados ou espaços provisoriamente disponíveis.

Nesse sentido, o Campo do Muranga e a Copa Cepro – Centro Promocional, Social e Recreativo de Vila Redenção – podem ser compreendidos como espaço de sociabilidade inscritos nas dinâmicas do cotidiano urbano, nos quais a recorrência das práticas produz vínculos, circuitos e pertencimentos (Magnani; Morgado, 1996). Dialogando com Tuan (1983), pode-se compreender que o movimento pelo qual o “espaço” (Campo do Muranga), inicialmente apreendido como extensão física, é progressivamente investido de sentido, convertendo-se em “lugar” a partir da experiência vivida e da memória compartilhada. De modo a complementar, numa perspectiva antropológica, Ingold (2000) permite compreender esse processo como constituição contínua, produzida no engajamento corporal, nas trajetórias e na presença dos sujeitos que habitam e percorrem o ambiente.

É com este horizonte teórico e uma imersão *in loco* que o presente texto analisa o futebol de várzea organizado em formato competitivo, tomando a Copa Cepro como expressão concreta dessas dinâmicas. Ao pesquisar etnograficamente² sua realização no Campo do Muranga, busca-

2 Este texto integra um projeto de pesquisa mais ampla sobre as práticas corporais esportivas e de lazer em Goiânia (GO), que incluem o futebol de várzea, devidamente

-se compreender como a competição opera como elemento estruturante na produção e manutenção desse lugar vivido, sustentando, ao longo do tempo, formas específicas de sociabilidade, pertencimento e inscrição simbólica no cotidiano urbano da Vila Redenção.

Campo do Muranga e Copa Cepro na Vila Redenção: notas descritivas sobre o espaço, o lugar e a organização do torneio

O Campo do Muranga constitui-se como espaço para prática do futebol de várzea, e localiza-se na Vila Redenção, em Goiânia (GO) (Silva, 2005), configurando-se como referência esportiva na Região Sul da cidade. Conforme registrado no material institucional da competição, o Campo do Muranga tem centralidade na utilização para organização de eventos futebolísticos locais (Copa Cepro, 2023).

A vinculação histórica do campo à organização comunitária é evidenciada pela atuação de lideranças locais. Segundo o texto da 10^a edição da Copa Cepro, Wendel da Costa, morador do bairro, jogador de futebol da Copa, ex-aluno da escolinha do Campo do Muranga e formado em Educação Física, é descrito como responsável pelo campo de futebol da Vila Redenção, o que demonstra a permanência de uma gestão associada à comunidade e à continuidade das práticas esportivas em um espaço que funciona há mais de 30 anos. A utilização recorrente do Campo do Muranga como sede fixa das edições da Copa Cepro reforça sua função enquanto infraestrutura esportiva de referência territorial, sendo o local onde se concretiza aquele que é descrito como o maior evento de lazer e entretenimento gratuito da Região Sul de Goiânia (Copa Cepro, 2023).

O Campo do Muranga insere-se nesse horizonte de reconhecimento ao operar como prolongamento cotidiano das dinâmicas comunitárias, configurando-se como espaço de convergência das práticas de futebol

aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme parecer consubstanciado n.º 7.602.727, sob o CAAE 87700425.0.0000.5083.

de várzea, nas quais lazer, convivência e pertencimento se entrelaçam. Espaços de várzea como esse são apropriados por coletivos que instituem usos regulares, normas próprias e formas específicas de organização. Conforme descrevem Magnani e Morgado (1996), o futebol de várzea estrutura sociabilidades duráveis e territorialidades singulares, constituindo-se como prática organizadora da vida social em bairros populares. A permanência do campo, segundo os autores, relaciona-se à capacidade coletiva de sustentar relações que legitimem seu uso contínuo.

Do ponto de vista do espaço, o Campo do Muranga apresenta grama natural, com marcas evidentes de uso contínuo, especialmente nas áreas próximas às traves e ao círculo central. As linhas são demarcadas de forma simples e funcional, atendendo às necessidades da prática esportiva sem adoção de padrões técnicos. Parte do perímetro é delimitada por alambrado (remontando às estruturas antigas de futebol no Brasil), estabelecendo separação entre o espaço de jogo e as áreas de circulação do público. Em um dos lados há arquibancadas de concreto, sem assentos individualizados, elemento estrutural fixo que organiza parcialmente a presença dos espectadores/torcedores, mas não determina de modo exclusivo as formas de ocupação e permanência no entorno do campo.



Imagem 1 – Campo do Muranga (Vila Redenção, Goiânia)

Fonte: Google Maps, 2026

A Copa Cepro configura-se, portanto, como campeonato de futebol de várzea realizado como evento esportivo estruturado e periódico. Conforme o regulamento da 13^a edição, a competição se caracteriza como um fenômeno social que transcende a esfera esportiva (Copa Cepro, 2025), sendo organizada anualmente e reunindo equipes em disputa pelo título. A edição de 2025 teve a participação de 10 equipes, distribuídas em fase de grupos, quartas de final, semifinais e final, estruturando um calendário competitivo que se estendeu por vários meses do ano.

A organização do campeonato apresenta formalização normativa, com definição de categoria, critérios de desempate, sistema de inscrições e regulamento disciplinar. A competição é disputada na categoria livre³ do futebol de homens, permitindo a inscrição de até 35 jogadores por equipe em plataforma digital indicada pela organização (Copa Cepro, 2025). O regulamento estabelece sanções por acúmulo de cartões, critérios para participação nas fases eliminatórias e divisão das equipes classificadas nas séries Ouro e Prata, conforme desempenho na fase inicial. O sistema competitivo inclui jogos de ida e volta nas quartas e semifinais, prevendo saldo de gols e cobranças de pênaltis como critérios de desempate nas fases decisivas, além de premiações financeiras, troféus e medalhas.

Durante a realização das rodadas, geralmente aos fins de semana, a dinâmica do evento ultrapassa a dimensão estritamente competitiva. O público organiza-se em pequenos grupos distribuídos ao redor do campo, utilizando cadeiras trazidas de casa e ocupando áreas próximas ao alambrado ou zonas laterais. Caixas de isopor e churrasqueiras portáteis integram o cenário, favorecendo a permanência prolongada no local. Antes do início das partidas, os jogadores realizam aquecimentos simples e se reúnem em rodas próximas às laterais ou ao centro do campo, onde fazem uma oração antes do início da partida. As equipes utilizam uniformes padronizados,

3 A Copa também conta com a categoria 40+. Segundo o organizador, à medida que os jogadores foram envelhecendo, a organização ampliou as categorias: inicialmente foi criada a 35+, depois a 40+, e já há a intenção de expandir para a 50+.

com cores e combinações variadas, e adotam nomes que expressam identidades locais e pertencimentos territoriais, como Real Madrugá, Geração Vila Nova⁴, Baxadão, Independente FC, Vila Redenção FC, Triunfo, Tropa do Kel, Águia e Lima.

A ambiência do campeonato inclui a fixação de *banners* no alambrado com nomes de patrocinadores e símbolos das equipes, bem como transmissões *on-line* realizadas pela organização e registro fotográfico das partidas. As imagens circulam posteriormente em redes sociais e são comercializadas digitalmente, retratando comemorações, gestos ritualizados e poses recorrentes entre os atletas. O ambiente sonoro é marcado por músicas reproduzidas em caixas portáteis, com repertório que inclui *funk* denominado “superação”, sertanejo e outros estilos populares.

4 A título de exemplificação das identidades varzeanas mobilizadas na Copa Cepro, a equipe Geração Vila Nova adota essa denominação em referência direta ao Vila Nova Futebol Clube, um dos clubes tradicionais de Goiânia (GO), fundado em 1943 e amplamente reconhecido por sua forte inserção popular na capital goiana. Com trajetória marcada por participações em competições estaduais e nacionais, o clube consolidou-se como importante referência simbólica e identitária para amplos segmentos da população local, desempenhando papel relevante na configuração das sociabilidades urbanas associadas ao futebol (Nascimento, 2007). A apropriação de seu nome por uma equipe do circuito varzeano evidencia como o imaginário construído em torno do clube profissional reverbera no âmbito comunitário, funcionando como matriz de pertencimento, reconhecimento e continuidade simbólica no futebol de bairro.



Imagem 2 – Público nas arquibancadas. (Vila Redenção, Goiânia)

Fonte: Viver Goiás, 2022.

O consumo de bebidas ocorre de forma dispersa entre espectadores/torcedores, compondo as práticas de permanência no local. Ao término das partidas, jogadores e torcedores permanecem no campo por alguns minutos, conversando e consumindo alimentos, até que o espaço seja gradualmente esvaziado, retornando ao seu uso cotidiano.

A Vila Redenção é um bairro localizado na Região Sul de Goiânia, e se constitui como o território que abriga o Campo do Muranga. A identificação recorrente do espaço esportivo como “Campo do Muranga – Vila Redenção” (Copa Cepro, 2023) estabelece vínculo direto entre o bairro e o equipamento comunitário ali situado, indicando sua inserção territorial consolidada. A Vila Redenção apresenta-se, assim, como referência espacial na organização de práticas esportivas de caráter local, especialmente vinculadas ao futebol de várzea.

A formação do bairro insere-se no contexto da expansão urbana de Goiânia na década de 1960. Conforme analisado em estudo sobre a expansão do território urbano, o crescimento da cidade nesse período esteve associado à produção de loteamentos populares e à busca por moradia como estratégia de segurança e pertencimento (Resende, 2022). A Vila Redenção emergiu nesse movimento mais amplo de produção da cidade, inicialmente situada em área periférica e posteriormente integrada a uma zona mais central da malha urbana, passando a ocupar posição estratégica em termos de acessibilidade e valorização imobiliária (Resende; Mota; Camargo, 2019).

Apesar das transformações decorrentes da dinâmica urbana e da crescente pressão imobiliária, o bairro mantém marcas de sua constituição popular, perceptíveis na configuração das moradias e na presença de equipamentos comunitários historicamente apropriados pelos moradores. Segundo Resende (2017), o processo de consolidação da Vila Redenção foi acompanhado pela organização de espaços coletivos destinados ao convívio social e às práticas recreativas, entre eles o campo de futebol (Campo do Muranga). A permanência desse equipamento ao longo das décadas evidencia a continuidade de usos sociais vinculados à vida cotidiana local, da transformação do espaço em lugar (Tuan, 1983).

A proximidade do Centro Comunitário da Vila Redenção, reconhecido como de utilidade pública desde 1968, reforça a centralidade das práticas sociais e recreativas no bairro. Tal reconhecimento institucional inscreve formalmente a relevância das iniciativas comunitárias desenvolvidas no território, consolidando a Vila Redenção como espaço urbano cuja trajetória combina expansão periférica, progressiva integração à cidade e manutenção de equipamentos voltados à convivência e ao lazer.

A experiência como acontecimento e a constituição do lugar: o Campo do Muranga e a Copa Cepro

A noção de experiência de Bondía (2002) oferece um deslocamento conceitual relevante para a análise do futebol de várzea no Campo do Muranga.

Ao propor a passagem do par ciência/técnica ou teoria/prática para o par experiência/sentido, o autor redefine o campo semântico da experiência como aquilo que nos acontece, nos marca, nos toca e nos transforma. Experiência, nesse sentido, não se reduz à informação adquirida, à opinião emitida ou ao trabalho executado; ela supõe “ex-posição”, vulnerabilidade e abertura para as possibilidades de transformação. O sujeito da experiência é aquele que se deixa afetar pelo acontecimento, que se constitui como território de passagem e espaço de inscrição de marcas (Bondía, 2002). Trata-se, portanto, de uma categoria que articula vida e conhecimento sem subsumi-los à lógica instrumental do saber técnico ou ao produtivismo do trabalho.

A introdução desse conceito no debate sobre o Campo do Muranga dialoga com os autores e ideias já mobilizadas, particularmente com a distinção entre espaço e lugar proposta por Tuan (1983) e com a perspectiva do habitar desenvolvida por Ingold (2000). Pois, se para Tuan (1983), o espaço se transforma em lugar quando é vivido, investido de memória e significado, em Bondía (2002) a experiência é precisamente o acontecimento que produz sentido e marca o sujeito. Do mesmo modo, quando Ingold (2000) afirma que habitar é constituir-se em relação contínua com o ambiente, reconhece-se que o lugar não é dado previamente, mas emerge do fluxo das práticas, que, à luz de Bondía (2002), pode ser compreendido como processo de afetação e transformação. Desse modo, as perspectivas teóricas se complementam, articulando a dimensão simbólica da espacialização, a constituição relacional e coletiva do ambiente e a dimensão existencial do acontecimento vivido.

Partindo dessa compreensão, o cotidiano do Campo do Muranga pode ser compreendido não apenas como espaço para realização de partidas, mas como um lugar de experiências. A recorrência anual da Copa Cepro desde 2009, a temporalidade própria que se instaura nos fins de semana, os pequenos atrasos absorvidos pela lógica local e a repetição de rituais corporais configuram um regime temporal próprio do evento. O calendário dilatado da competição e a permanência prolongada de jogadores

e torcedores no entorno do campo criam condições para que algo efetivamente “aconteça” aos sujeitos. O tempo do jogo não é apenas cronológico; é vivido, partilhado e carregado de memória, de sentidos e de significado.

As práticas descritas, deslocamentos ao longo do alambrado, organização de cadeiras móveis, montagem de churrasqueiras, circulação constante de espectadores/torcedores, evidenciam uma relação corporal e sensível com o espaço que ultrapassa sua função esportiva. Ao optar por não ocupar exclusivamente as arquibancadas fixas, os frequentadores exercem uma forma de apropriação que reafirma o caráter interacional do lugar, os encontros e conexões são possibilitados e favorecidos.

Nessa perspectiva, a experiência não se limita ao desempenho atlético, ao rendimento e à capacidade técnico-tática, mas inclui encontros, conversas, celebrações e disputas simbólicas. O campo torna-se local de “ex-posição” coletiva, onde gestos, falas e presenças produzem reconhecimento e pertencimento, criando identidades, história, memórias. O que está em jogo não é apenas o resultado da partida, mas a produção social de sentidos/significados compartilhados.

A dimensão imagética acrescenta nova camada a esse processo. As fotografias, transmissões *on-line* e circulação de imagens nas redes sociais prolongam o acontecimento para além do momento presencial, reinscrevendo-o em circuitos ampliados de sociabilidade. Conforme Tuan (1983), a visibilidade contribui para a constituição do lugar ao estabilizar significados; dialogando com Bondía (2002), essas imagens funcionam como vestígios da experiência, acontecimentos capturados, marcas que testemunham o que aconteceu e que continuam a produzir efeitos. As poses codificadas, os gestos de celebração e as narrativas que acompanham as vitórias, criando lendas e “mitos” da várzea goianiense, não informam apenas sobre o evento; elas reafirmam modos de pertencer e consolidam memórias coletivas.

Por fim, ao considerar a argumentação de Magnani e Morgado (1996) acerca do futebol de várzea como patrimônio, a categoria de experiência permite compreender que tal valor não reside exclusivamente na materialidade do campo, na sua condição de espaço, mas nas práticas que nele se

reiteram e transformam sujeitos, produzindo lugares. A Copa Cepro, nesse sentido, sustenta um conjunto de condições que possibilitam a experiência: um tempo próprio, um espaço habitado relacionalmente, no e pelo coletivo, uma visibilidade compartilhada e uma memória acumulada. Assim, o Campo do Muranga é tomado como lugar não apenas porque é ocupado, mas porque é vivido; não apenas porque é cenário de jogos, mas porque é espaço onde algo acontece aos que ali se “ex-põem”, constituindo sentidos que ultrapassam o evento esportivo e se inscrevem na vida social da Vila Redenção.

Entre o lugar, a prática e a visibilidade: o futebol de várzea como patrimônio vivido

Magnani e Morgado (1996) argumentam que o futebol de várzea se constitui como patrimônio justamente por articular dimensões simbólicas, territoriais e afetivas que escapam às formas tradicionais de reconhecimento institucional. Trata-se de um patrimônio vivido, que se atualiza a cada jogo, a cada edição e a cada reencontro entre jogadores e espectadores/torcedores.

A noção de lugar, desenvolvida por Tuan (1983), oferece uma chave interpretativa fundamental para compreender esse processo. Para o autor, como já discutido, o lugar é construído a partir da experiência direta, da familiaridade e do investimento emocional.

Assim, o Campo do Muranga é conhecido não apenas por sua localização geográfica, mas por aquilo que ali acontece de forma recorrente. O gramado irregular, as arquibancadas de concreto, o alambrado e as áreas laterais ocupadas por cadeiras e grupos de espectadores/torcedores de todas as idades, credos e culturas, uma vez que a Vila Redenção, por estar localizada na região Sul de Goiânia, apresenta ocupação significativa de migrantes provenientes de diferentes regiões do Brasil, principalmente nordestinos (Tomazett, 2025), tornam-se referências sensoriais que estruturam a experiência do espaço.

Essa experiência corporal do espaço é central para a compreensão do futebol de várzea enquanto prática urbana dotada de sentido e significado. O jogo mobiliza deslocamentos, gestos, contatos e percepções que envolvem tanto jogadores quanto espectadores/torcedores. Os corpos em movimento, seja acompanhando a bola ao longo do alambrado, seja celebrando um gol ou reagindo a uma jogada disputada, produzem uma coreografia coletiva que dá vida ao campo. Desse modo, partindo de Ingold (2000), pode-se afirmar que o espaço do jogo não preexiste às práticas, mas emerge da interação contínua entre pessoas, materiais e ambiente. O campo é vivido como um percurso (Le Breton, 2022), uma superfície de relações em constante transformação.

As práticas comunicacionais observadas durante a Copa Cepro reforçam essa dimensão relacional do lugar. Os *banners*, as transmissões *on-line*, via YouTube, realizadas de maneira improvisada, os *podcasts* produzidos, a circulação de imagens nas redes sociais etc., ampliam o campo de interação para além de seus limites físicos. Ao mesmo tempo, essas práticas não descaracterizam o espaço local, mas o reforçam, ao reinscrever o Campo do Muranga em circuitos mais amplos de visibilidade, ampliando as possibilidades de experiências, de construção de sentido e significado. As imagens produzidas, muitas vezes posadas, obedecem a códigos compartilhados, compreendidos por aqueles que participam do universo da várzea. Gestos como o silêncio simbólico após a vitória ou a prece ajoelhada após um gol funcionam como formas de comunicação que condensam valores, emoções e reforçam identidades.

A presença de música e o consumo de bebida alcoólica integram-se a esse conjunto de práticas sem se sobrepor ao jogo. O ambiente sonoro, marcado por estilos musicais populares, contribui para a construção de uma atmosfera que combina competição, celebração e convivência. Esses elementos, longe de serem acessórios, participam da experiência sensorial do lugar (Ingold, 2000; Le Breton, 2022), articulando sons, cheiros, sabores e imagens que compõem a vivência do campo. Trata-se de uma experiência

multissensorial que reforça os vínculos entre os participantes e o espaço ocupado.

Desde o fim da primeira década dos anos 2000, a Copa Cepro consolidou-se como um evento que organiza o calendário local e estrutura expectativas coletivas. A preparação das equipes, a organização dos jogos e a presença regular do público criam um ritmo próprio que se inscreve na rotina do bairro. Esse ritmo não é imposto de fora, mas construído a partir da participação ativa dos envolvidos, que influenciam o ambiente ao passo que são por ele influenciados, criando hábitos e cultura. A Copa, nesse sentido, funciona como um dispositivo de agregação social, no qual diferentes gerações e trajetórias se encontram em torno de uma prática compartilhada.

Conforme explica Tuan (1983), o tempo é elemento constitutivo do lugar na medida em que a experiência repetida e ritmada transforma acontecimentos em referências duráveis da vida cotidiana. Não é o evento isolado que produz sentido, mas sua recorrência, sua previsibilidade e sua capacidade de orientar expectativas e ações ao longo do tempo. Nesse sentido, a Copa Cepro institui um tempo próprio que se entrelaça ao espaço do Campo do Muranga, fazendo com que o campeonato seja aguardado, lembrado e projetado no futuro como parte da rotina do bairro, uma cultura local. O lugar, assim, não se define apenas pela materialidade do campo, mas pela temporalidade compartilhada que o atravessa: a espera pelos jogos, a lembrança de edições passadas, as glórias narradas, os ídolos que surgem e a antecipação das próximas. Essa articulação entre tempo vivido e espaço experienciado permite compreender como a Copa Cepro consolida o campo como referência estável no cotidiano urbano, produzindo continuidade e pertencimento por meio da repetição socialmente construída.

A análise do futebol de várzea em Goiânia, no Estado de Goiás no Centro Oeste do Brasil, a partir do Campo do Muranga e da Copa Cepro, viabiliza, portanto, compreender a cidade para além de seus planos e projetos formais, criando outras formas de ocupação do espaço, transformando-o em lugar (Tuan, 1983). O urbano se revela nas práticas cotidianas que dão uso e sentido aos espaços, transformando áreas aparentemente ordinárias

em lugares de forte densidade social. Reconhecer essas práticas como patrimônio implica valorizar formas de vida que se constroem na repetição, na convivência e na experiência compartilhada, sem a necessidade de espetacularização ou institucionalização excessiva.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho buscou compreender o futebol de várzea em Goiânia a partir de uma perspectiva que privilegia a experiência, o uso cotidiano do espaço e as práticas sociais que se constroem de forma reiterada no tempo. Tomando como recorte empírico o Campo do Muranga e a realização de uma edição da Copa Cepro, situados na Vila Redenção, foi possível observar como o futebol de várzea se insere de maneira orgânica na dinâmica urbana, articulando dimensões históricas, territoriais, corporais e simbólicas.

Ao retomar o processo de formação da Vila Redenção no contexto da expansão urbana da década de 1960, evidenciou-se que o bairro emerge de um movimento mais amplo de produção da cidade, marcado pela busca da moradia. Nesse sentido, a consolidação de equipamentos sociais e recreativos, como o Centro Promocional, Social e Recreativo de Vila Redenção – Cepro, reconhecido como de utilidade pública, permitiu a criação das condições para o florescimento de práticas coletivas de lazer e convivência. O Campo do Muranga insere-se nesse percurso como um espaço que, embora simples em sua infraestrutura, assume centralidade na vida social local, tornando-se um lugar.

Foi possível compreender, também, o campo de futebol não é apenas como espaço físico, mas como lugar produzido pela experiência. A familiaridade com o gramado, as arquibancadas de concreto, o alambrado e o entorno urbano revelam uma relação construída no tempo, na qual o corpo reconhece e atribui sentido ao ambiente. A repetição anual da Copa Cepro, com seu calendário relativamente estável, reforça essa condição ao

inscrever o futebol na rotina do bairro, transformando o campo em referência afetiva e simbólica para jogadores e espectadores/torcedores.

As práticas observadas no Campo do Muranga mostram que o espaço não é simplesmente ocupado, mas continuamente produzido por meio de ações, deslocamentos, ajustes e improvisações. Jogadores, espectadores/torcedores e organizadores constroem o ambiente do jogo a partir de suas interações com o campo, com os objetos e entre si, configurando um modo de habitar que se realiza no fazer cotidiano. Os nomes dos times, os uniformes coloridos, os patrocinadores locais, os gestos corporais codificados e as narrativas que circulam após as partidas evidenciam a produção de sentido, significado aproximando o campo e dando visibilidade ao lugar. Ainda, nesse percurso, a compreensão do futebol de várzea como uma prática legítima de produção cultural, ampliando-se o seu entendimento para além dos eventos institucionalizados. No caso da Copa Cepro, isso se manifesta nas relações, nos saberes práticos, nas formas de organização e nas experiências compartilhadas que se atualizam a cada edição do campeonato.

O Campo do Muranga, portanto, pode ser compreendido como um lugar de produção contínua da vida urbana, no qual o futebol de várzea opera como mediador de sociabilidades, identidades e pertencimento. Longe de representar uma margem do esporte ou da cidade, a várzea revela-se como espaço privilegiado para compreender como o urbano é vivido, praticado e (re)significado no cotidiano. Ao analisar essas práticas, este trabalho contribui para ampliar o debate sobre cidade, esporte e território, apontando para a necessidade de reconhecer e valorizar formas de vida que se constroem fora dos circuitos oficiais, mas que sustentam, de maneira concreta e persistente, a experiência urbana.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, n. 22, p. 102-109, 1994. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26963>. Acesso em: 27 fev. 2026.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, abr. 2002.

COPA CEPRO. *10ª edição*. Goiânia: Organização Copa Cepro, 2023.

COPA CEPRO. *Regulamento 13ª Copa Cepro*. Goiânia: Organização Copa Cepro, 2025.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2007.

GOOGLE. *Campo do Muranga, Vila Redenção, Goiânia (GO)*. Google Maps. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/qmsWE76U8YmbeEdW6>. Acesso em: 23 mar. 2026.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, 2000.

LE BRETON, David. *Caminar la vida: la interminable geografía del caminante*. Madrid: Ediciones Siruela, 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, p. 175–184, 1996. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001023202>. Acesso em: 10 fev. 2026.

NASCIMENTO, Marcus Jary. Futebol, sociabilidade e psicologia de massas: ritos e símbolos e violência nas ruas de Goiânia. *Pensar a Prática*, v. 10, n. 1, p. 99–116, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v10i1.208>. Acesso em: 29 abr. 2026.

RESENDE, Sandra Catharinne Pantaleão. Expansão e fragmentação do território: Goiânia de cidade planejada à metrópole regional. *Desenvolvimento Regional em Debate*, v. 9, ed. esp., p. 22–42, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/2126>. Acesso em: 29 abr. 2026.

RESENDE, Sandra Catharinne Pantaleão. Bairros como elementos de estruturação urbana em Goiânia: análise historiográfica e fontes documentais. *Paranoá*, v. 15, n. 33, p. 1–21, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/41005>. Acesso em: 29 abr. 2026.

RESENDE, Sandra Catharinne Pantaleão; MOTA, Matheus André Gomes; CAMARGO, Aline Gracino. Da Vila Redenção aos condomínios horizontais

fechados: sprawl urbano, especulação imobiliária e cidade-região na Região Sudeste de Goiânia – GO. *In: Encontro Nacional da Anpur*, 17. *Anais*. p. 665–684, 2017.

SILVA, Wendel da Costa e. *Futebol de várzea: um diagnóstico do futebol da Vila Redenção*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

TOMAZETT, Luana Rodrigues. Condição urbana contemporânea de Goiânia: história urbana e fragmentação do território. *In: Encontro Nacional da Anpur: Ideias, Políticas e Práticas em Territorialidades do Sul Global*, 21. *Anais*. Curitiba: Anpur, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122968>. Acesso em: 29 abr. 2026.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VIVER GOIÁS. Com apoio da Prefeitura de Goiânia, final da Copa Cepro e Festa de Gala acontecem no domingo (12/06) e segunda-feira (13/06). 11 jun. 2022. Disponível em: <https://www.vivergoias.com.br/noticia/com-apoio-da-prefeitura-de-goiania-final-da-copa-cepro-e-festa-de-gala-acontecem-no-domingo-12-06-e-segunda-feira-13-06>. Acesso em: 12 jun. 2026.

Posfácio

Futebol: barômetro de mudança

Claudia Fonseca

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul
– PPG Antropologia Social*

Resumo

Neste curto ensaio, motivado pelo meu encanto com as discussões das quais participei durante o III Colóquio Internacional INCT Futebol em Portugal (2025), arguo que o futebol ilumina e serve de barômetro para profundas mudanças históricas. Apoio essas hipóteses destacando cenários situados – o futebol profissional do Portugal imperial, o futebol jogado por brasileiras nas primeiras décadas do século XX e o futebol de várzea tal como se organiza no Brasil da virada do milênio. Assim, é minha intenção mostrar não só como as pesquisas tocam nos grandes temas da atualidade – colonialismo, gênero e cultura popular – mas também como, por inovações metodológicas e diálogos teóricos, contribuem para a contestação de dicotomias simplistas (amador/profissional, alienação/resistência, centro/periferia), reatualizando dilemas teóricos de grande relevância.

Palavras-chave: antropologia do futebol; colonialismo; gênero; cultura popular; periferia.

Abstract

In this short essay, motivated by my fascination with the discussions I participated in during the III INCT International Colloquium on Football in Portugal (2025), I argue that football illuminates and serves as a barometer for profound historical changes. I support this hypothesis by highlighting situated scenarios

– professional football in imperial Portugal, football played by Brazilian women in the first decades of the 20th century, and community football as it is organized in Brazil at the turn of the millennium. Thus, it is my intention to show not only how research touches on major contemporary themes – colonialism, gender, and popular culture – but also how, through methodological innovations and theoretical dialogues, it contributes to the challenge of simplistic dichotomies (amateur/professional, alienation/resistance, center/periphery), re-actualizing highly relevant theoretical dilemmas.

Keywords: football; colonialism; gender; popular culture; periphery.

Introdução

Tive o privilégio de participar do III Colóquio Internacional INCT Futebol, no outono europeu de 2025, no qual fui surpreendida pela maneira como esse vasto (e, para mim, desconhecido) universo de reflexão jogava luzes sobre meu entendimento de praticamente todos os aspectos da sociedade contemporânea. Era como se um continente novo se revelasse mediante um grupo incrivelmente dinâmico de pesquisadores. Aos poucos, me dava conta do quanto esse campo acadêmico tinha crescido desde os anos 1980, quando um punhado de pioneiros – Simoni Guedes, Roberto DaMatta, José Sergio Leite Lopes – penavam para convencer seus colegas que o futebol era um tema digno de análise. Hoje, graças em grande parte à coordenação do INCT, encabeçando uma rede multinacional de pesquisadores, podemos testemunhar a consolidação de quase cinco décadas de trabalho persistente, enriquecido pela agregação de especialistas das mais variadas orientações disciplinares. Puxa-se um fio do novelo e tem início uma aventura que leva das técnicas corporais dos jogadores até a paixão dos torcedores, da identidade nacional até as políticas do império, das formas de sociabilidade vicinal até as estratégias de realização profissional, de estereótipos de gênero e aspirações religiosas missionárias até questões de desemprego e fluxos migratórios.

Quanto aos debates teóricos, vemos como, desde os primeiros estudiosos já nos anos 1960, há discussões apaixonadas entre gigantes da

antropologia sobre o caminho correto a tomar. O folclore acadêmico coloca em destaque, entre outras, a divergência das perspectivas de Max Gluckman, antropólogo consagrado da Universidade de Manchester, e de José Cutileiro, jovem português, realizando seu doutorado em Oxford (e.g., Alves, 2016; Domingos, 2017; Rial, 2025). O primeiro, inspirado nas teorias de Vitor Turner, falava da experiência de *communitas* que ele próprio vivia em estádios de futebol, vendo neles um mecanismo de coesão social que, num espírito democrático e sem discriminação, seria capaz de criar um vínculo afetivo entre os cidadãos diversos da nação. Cutileiro (1965), por outro lado, em diálogo com os estudos sobre as relações patrão-cliente tidas na época como típicas da região mediterrânea, teceu seus comentários em tom menos otimista. Apoiado numa pesquisa etnográfica do clube lisboeta Benfica, criticava a exploração dos jogadores (quase todos de origem modesta) e a rotina cotidiana imposta a eles pelo clube (semelhante, conforme sua descrição, à dos campos de concentração). Também sugeria que a mística do futebol (com seus hinos, cantos, aplausos e brigas) poderia alimentar “uma confusa identificação com os clichês tradicionais da heroicidade portuguesa” (Cutileiro, 1965, p. 327). Daí era um curto passo para imaginar como a ditadura de Salazar aproveitava a emoção dos adeptos para escorar sua legitimidade política¹.

Neste curto ensaio, motivado pelo meu encanto com as discussões nesse campo temático, começo com o “debate” Gluckman-Cutileiro para evocar a maneira caleidoscópica como esse “fenômeno total social mausiano” age, assumindo contornos distintos em cada novo contexto e na visão de cada novo analista (Toledo, 2024; Rial *et al.* 2025). Hoje, defrontamo-nos, por um lado, com um processo corporativo altamente lucrativo, dominado pelos agenciadores de um espetáculo de massa, e, por outro, com um exercício corporal e um jogo entusiasmante de lazer, entranhado nas sociabilidades informais de bairro. Porém, situados na vanguarda da

1 Sobre a relação entre o futebol e a política nacional, ver Guedes e Almeida (2019), Alvarez (2025) e Martinache (2025).

teoria antropológica, os pesquisadores do INCT nos ensinam a não ceder de forma precipitada a dualidades simplistas (profissional × amador), nem a visões reducionistas (*communitas* × alienação social), optando ao invés por explorar o tema como fenômeno que reflete, produz e revela os complexos e cambiantes processos do mundo em que vivemos.

Confrontada ao desafio de tecer uma breve reflexão, e sem querer negar meu *status* de principiante nesse campo de debate, optei por organizar meus comentários ao redor da ideia dessas mutações. Pinçando episódios descritos por diferentes membros do INCT que tocam em temas da atualidade – colonialismo, gênero, cultura popular – proponho compartilhar minha impressão de que o futebol ilumina e serve de barômetro para profundas mudanças históricas. Mas, não só. Ao nos debruçarmos sobre os estudos a respeito do futebol, aprendemos o quanto os debates como o de Gluckman-Cutileiro se reatualizam conforme a evolução do campo disciplinar de estudos – incluindo, hoje, não só a investigação crítica dos espaços institucionais, mas também estudos etnográficos que trazem à luz vivências anteriormente relegadas ao segundo plano.

Colonialismo, talento e competitividade

O seminário INCT de 2025 ocorreu em Portugal – um país onde a história do futebol acompanha de perto seu passado colonialista (Alves, 2016; Domingos, 2017; 2021). Não por acaso, nos museus de futebol que visitamos (Benfica, Cidade do Futebol), encontramos farta evidência do papel central desempenhado na origem do futebol português pelos “gansos” da Casa Pia, obra de caridade para a proteção de órfãos e menores desassistidos. Desde o início do século XX, numa espécie de colonialismo interno, os clubes portugueses de futebol em Lisboa e Porto incluíam recrutas dessa instituição assim como das regiões rurais pobres e economicamente estagnadas do país, aproveitando jovens não só com talento, mas também com disposição para duro treinamento físico e rotinas espartanas, considerados necessários para a formação de jogadores bem-sucedidos.

Por outro lado, nas colônias africanas do império português, a segregação racial dos clubes atléticos se atenuava à medida que se reconheciam as vantagens para o jogo de uma política de integração². Com isso, tornou-se possível os times da Metrópole explorarem também essa nova fonte valiosa de integrantes, para aumentar suas chances de vitória no número crescente de torneios e campeonatos. Eusébio, nascido na Província Ultramarina de Moçambique, de pai angolano branco e de mãe moçambicana “de cor”, chegou a Lisboa em 1960 com 17 anos de idade, continua sendo visto por muitos, ainda hoje, como símbolo da época-auge do futebol português. Seguindo uma acirrada disputa entre clubes da Metrópole, o menino prodígio foi incorporado ao Benfica, levando o clube a vencer o Real Madrid na disputa pela Taça dos Campeões Europeus 1961/62 e, em escala nacional, ajudando Portugal a se classificar nas finais do Campeonato do Mundo em 1966. Numa época em que ainda havia restrições à participação de “estrangeiros” em diferentes clubes locais e (tal como hoje) só cidadãos do país podiam participar da seleção nacional, o sistema colonial moribundo de Portugal se revelava como trunfo. Eusébio, abraçado como indiscutivelmente “português”, servia para reanimar o Estado Novo de Salazar, dando publicidade à sua política (inspirada nos escritos de Gilberto Freyre) de “nacionalismo lusotropical” – supostamente inclusivo, intercultural e multirracial.³

-
- 2 Ironicamente, a de-segregação racial demorou a se evidenciar entre as torcidas. Como mencionou Domingos durante sua apresentação no Colóquio 2025 do INCT: ainda em 1968, no jogo amistoso Brasil × Portugal que inaugurava o Estádio Salazar na capital moçambicana Lourenço Marques, observava-se nas bancadas “um mar de rostos brancos” (incluindo muitos sul-africanos) voltados para um campo repleto de corpos negros. Encontramos uma explicação parcial na memória do craque mineiro, Tostão, presente naquele dia: “Quando começou a partida, olhei em volta, e o estádio estava quase vazio. Aí, compreendi que o ingresso era muito caro e que só os portugueses mais ricos assistiriam à partida. Os africanos não viram o jogo nem Pelé...” (Campos, 2018).
- 3 Não foi por acaso que o governo de Salazar impediu Eusébio de se transferir a um clube de qualquer outro país, apesar da tentação de salários bem maiores.

Contudo, da mesma forma que o futebol português lucrou com o atraso na liberação das colônias, a Revolução dos Cravos de 1974 e a subsequente independência das “províncias ultramarinas” provocaram uma queda dramática de competitividade dos clubes. O país teve que aguardar quase duas décadas – passando por profundas mudanças nas regulações nacionais assim como nas dinâmicas da geopolítica global – antes que a seleção portuguesa chegasse mais uma vez às finais de um campeonato mundial.

Dando uma pausa na história desse lado espetacular e público da esfera “hegemônica” do futebol, podemos perguntar: E, na colônia africana, entre os jovens que *não* se tornaram estrelas, que não entraram nos clubes competitivos, qual era o lugar do futebol? A pergunta é difícil, justamente porque há muito menos documentação sobre espaços informais; os jornalistas esportivos não costumavam publicar tantas notícias sobre as “pelas” e os torneios “amadores” jogados por moçambicanos ou angolanos da periferia urbana. Para coletar materiais sobre esses espaços, Domingos (2021) teve de recorrer às técnicas da história oral, auscultando o que chama de “economia afetiva de memória” de pessoas entrevistadas.

Por meio desse tipo de investigação, aprendemos sobre os jogos informais em terrenos baldios do subúrbio de Lourenço Marques, onde negros e brancos (geralmente da classe mais pobre) se encontravam. Conforme o analista, emerge dos relatos a imagem de uma atividade com estética própria, ligada às condições locais de vida – um rito integrador que conectava as pessoas das mais diversas origens. Apesar de reconhecidas, as regras formais explicitadas nos manuais eram muitas vezes renegociadas no imediato do jogo e com a participação intensa do público. Com a ajuda de “vovôs” (feiticeiros, curandeiros), convidados para garantir a vitória de seu time, as decisões do árbitro se ajustavam diante da força de uma tradição oral em que os particulares da prática dentro do campo fugiam à lógica abstrata da escrita (Domingos, 2021, p. 133-134).

Nesse contexto, não é ao todo estranho notar que, na memória dos entrevistados, as vitórias e os fracassos no jogo não eram o que mais se

destacava, e, sim, os gestos geniais, os movimentos e ritmos que compunham uma performance particular – isto é, os componentes do estilo de jogo que falavam do talento e da astúcia dos jogadores. É nesses jogos do subúrbio, tantas vezes invisibilizados nas narrativas canônicas sobre o futebol, que começamos a apreciar, especialmente nas pesquisas mais recentes, as formas e possibilidades heterogêneas do fenômeno.

Mulheres no futebol: hegemonia e subversão

Além da questão do colonialismo, a questão de gênero aponta para outra maneira em que o futebol serve como barômetro evidente de mudanças históricas. Pesquisadoras tais como Carmen Rial, Caroline Almeida e Aira Bonfim (entre outras) têm mostrado como a presença feminina no futebol acompanha a evolução do lugar de mulheres na sociedade como um todo – desde a época vitoriana quando as damas da elite se mostravam torcedoras entusiastas, passando pelos anos 1920, quando moças dos subúrbios operários cariocas começaram a formar “*teams*” de jogadoras, até a repressão oficial do futebol de mulheres que (por incrível que pareça) durou, tanto no Brasil quanto em diversos outros países, até o último quarto do século XX.

De fato, parece consenso entre pesquisadores que o futebol, na sua versão britânica, nasce numa época quando a masculinidade hegemônica, evidente no próprio estilo do jogo – “intenso, violento, composto por gestos intimidatórios” (Domingos, 2021, p. 132) – ditava as regras. Durante as primeiras décadas do esporte, os espaços operacionais do jogo – campos, treinamento, administração, clubes – eram povoados quase exclusivamente por homens, com as mulheres relegadas, tal como em outros espetáculos esportivos da elite (hipismo etc.), principalmente ao papel de torcedoras. Especialmente nos países lusófonos, o modelo dominante de masculinidade encontrava um terreno fecundo na competitividade acirrada dos campeonatos. Como Cutileiro comentava no caso dos campos portugueses de futebol, “de certa maneira simbólica, a vida e honra de alguns milhares dependiam do comportamento de meia dúzia” (1965, p. 388) pois, nesse

“ritual minucioso, preestabelecido e aceite por todos os intervenientes”, o que estava em jogo era o próprio prestígio nacional (Cutileiro, 1965, p. 330).

Podemos aventar, contudo, que o “preestabelecido” não era aceito passivamente por todos. Como na Europa, no Brasil também as mulheres aproveitavam, desde o início do século XX, brechas para marcar sua presença no cenário do futebol. Em festas vicinais e eventos beneficentes das camadas abastadas, os jogos entre mulheres podiam aparecer como entretenimento, ao mesmo tempo lúdico e emocionante, para atrair uma plateia ampla. De outra parte, não faltavam artistas de palco – atrizes de teatro e de circo – prontas para encenar um espetáculo de futebol confeccionado para levar o público a cair em gargalhadas. De forma significativa, alguns observadores de então comentavam como, nesses embates encenados, as jogadoras podiam se revelar como manipuladoras habilidosas da bola. Podemos conjecturar, assim, que – longe de selar a exclusão definitiva – essas “brechas” (paródias ensaiadas) forneciam às mulheres uma tática para driblar a moralidade repressiva e/ou restrições legais da época e dar vazão à sua paixão pelo esporte (Bonfim, 2023); ver também Davis (1990) e Scott (1990) sobre o uso da paródia como arma de rebeldia.

Ao longo dos anos 1930, a ideia de que mulheres podiam participar de jogos “para valer” foi tomando raízes no subúrbio das grandes cidades brasileiras onde, longe da supervisão dos grupos mais abastados, o futebol se popularizou, proporcionando a inclusão de um leque variado de raças, idades e sexos (Bonfim, 2023, p. 178). Em 1940, depois de um *match* entre dois *teams* de mulheres no estádio recém-inaugurado do Pacaembu que atraiu dezenas de milhares de espectadores, tornou-se evidente não só que as mulheres queriam jogar, mas também que existia um grande número de espectadores prontos a pagar para vê-las jogando.

Ora, enquanto o futebol feminino tinha sido confinado a momentos carnavalescos, não suscitava tantas críticas. Ao sublinhar o ridículo das mulheres “fora de lugar”, as palhaçadas simplesmente reafirmavam o caráter exclusivamente masculino do campo em tempos normais. Contudo, com a presença cada vez mais marcante de mulheres – tanto nos campos

quanto nos estádios –, as reações moralistas proliferaram. À medida que os jogos femininos se espalhavam para além das encenações teatrais, ganhando visibilidade por meio de agremiações, campeonatos, confrontações internacionais e ligas, a inquietação de observadores conservadores também se acirrava.

Desde as primeiras aparições de mulheres nos campos de futebol, existiam debates quanto às possíveis consequências. Defensores da inovação pretendiam que as jogadoras dessem uma demonstração de partidas de “moral sã”, exibindo a “alegria natural” de quem sabe lutar e perder com dignidade (Bonfim, 2023, p. 215). Críticas, por sua vez, insistiam no fato de que, além da atividade desviar as mulheres de sua real vocação (como mães de família e donas de casa), corrompia o caráter feminino natural delas – a ponto de, ao “jogar para valer”, acabarem se envolvendo em brigas e pancadarias, não muito diferentes do que ocorria no futebol hegemônico.

Alertas ainda mais contundentes dominavam o debate sobre a ameaça que esse “violento jogo bretão” representava aos delicados órgãos (em particular reprodutivos) das moças. Foram, aliás, esses os principais argumentos avançados em 1941 quando o governo de Getúlio Vargas, seguindo uma recomendação do Conselho Nacional de Desportos (CND), proibiu o futebol feminino, censurando até os atos circenses. Para além da interdição legal, iniciou-se a partir desse momento uma paciente campanha no plano simbólico sobre o afastamento *natural* das mulheres do *football*. Assim, durante quase quatro décadas, ignorando quase por completo o fato da proibição, propagou-se a convicção de que mulheres não jogavam futebol porque simplesmente não se interessavam pelo assunto (Capucim e Silva; Bonfim, 2024).

É tentador ver como estopim da interdição final o muito comentado encarceramento de Dona Carlota (sessentona que gerenciava um time carioca bem-sucedido de moças), na véspera de uma viagem para um torneio internacional em Buenos Aires. Tornando-se símbolo de tudo que os moralistas estavam prevendo, Carlota se viu em volta a acusações de proxenetismo, isto é, de lucrar com a exploração (incluindo conotações sexuais) das

suas jogadoras. Usando uma linguagem que só reforçava essas acusações, jornalistas que investigavam o caso passaram a descrever os lugares de encontro e treinamento da equipe como “antros de perdição” – onde as mulheres dançavam, fumavam e gesticulavam com liberdade (Bonfim, 2023).

Não deixa de ser significativo, contudo, que a proibição pelo CND veio, tal como em outros países, nos calcanhares do crescente sucesso financeiro das equipes de mulheres. Como destacam Capucim e Silva e Bonfim sobre a efervescência do futebol feminino na década antes da proibição:

O contexto de profissionalização do futebol da década de 1930 afetou homens e mulheres para um futebol, que além de divertido, foi lido como uma possibilidade de ascensão social. Os jogos femininos presentes em uma sequência ininterrupta de episódios, iniciados em 1939, não só são provas de corpos que experimentaram tal esporte, mas também vivenciaram, mesmo que brevemente, o *status* social operado por aqueles que se destacavam dentro de campo (2024, p. 118).

Quando, vinte e poucos anos depois, o Conselho Nacional de Desportos reiterou a proibição, um detalhe interessante foi acrescentado: os jogos de várzea ou de rua envolvendo mulheres, ainda que indesejáveis, não seriam vetados. A proibição visava atividades realizadas em estádio, abertas ao público e organizadas profissionalmente por clubes e federações. O medo causado pela associação de mulheres ao mundo do lucro, reforçado dessa maneira pelos esclarecimentos de 1965, não poderia ser mais claro. Ao que tudo indica, o perigo da mulher ganhar a vida com essa atividade ou, pior, de o espetáculo feminino passar a competir em popularidade com a versão masculina, parecia assustar mais até do que outros avanços na agenda feminista (lembremo-nos de que as brasileiras conquistaram o direito ao voto em 1932)⁴. Se bem que, nos espaços interioranos informais, as mulheres nunca pararam de jogar, foi preciso esperar uma revolução

4 Cabe notar que, da mesma forma, as feministas brasileiras, com raras exceções, não levantaram a bandeira do futebol feminino (Rial, 2020).

econômica, social e política nas relações de gênero para (com a regulamentação do futebol feminino) elas voltarem a pisar na grama dos estádios de forma abertamente legal.

Tecnologia, centro e periferia

Um terceiro elemento que entra no cômputo das mudanças históricas ressaltadas pelo estudo do futebol diz respeito ao impacto da tecnologia. As mudanças tecnológicas, alvo crescente das ciências sociais atuais (Rohden; Monteiro, 2019), são altamente relevantes a praticamente todos os elementos do futebol – desde as técnicas de treinamento e meios de transporte intercontinental até as cortes internacionais e a bolsa financeira de ações. Elas impulsionaram uma mudança de escala de forma que nenhum estudo hoje, mesmo aqueles voltados para as práticas aparentemente mais “locais”, prescinde de uma interrogação sobre a influência de dinâmicas globais, assim como o envolvimento de futebol em corporações multinacionais bilionárias.

Numa análise recente das “cliques” de futebol em Portugal, por exemplo, destaca-se a maneira como a transmissão simultânea dos jogos por vias digitais operou um aumento colossal de espectadores, modificando as próprias formas de expressão e agremiação dos fãs (Seabra, 2019). Os torcedores nos estádios tornaram-se eles mesmos parte do espetáculo filmado e, ao lado do dinheiro pago pela mídia pelo direito de transmissão, o dinheiro dos ingressos no estádio virou só uma parte modesta do lucro comercial⁵. Nesse contexto, entende-se como a “espetacularização” do futebol tem alcançado uma dimensão inusitada, inspirando estudos não só

5 Pudemos testemunhar algumas das repercussões mais interessantes desse lucro, em visitas organizadas pelo Colóquio INCT de Futebol ao sofisticadíssimo Museu Benfica – Cosme Damião, da equipe lisboeta, e ao vasto *campus* da Cidade do Futebol, inaugurada em 2016 pela Federação Portuguesa de Futebol. Disponíveis em: <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/instituicao/instalacoes/museu-benfica> e <https://cidadedofutebol.fpf.pt/>. Acessos em: 16 maio 2026.

sobre a “arenização” dos estádios, mas sobre os jogos de poder entre as elites que articulam e gerenciam esse universo.

Pesquisas recentes mostram como é inegavelmente importante estudar os múltiplos mecanismos em operação no futebol de espetáculo que perpetuam a marginalização de grupos subalternizados; isto é, que reforçam hierarquias discriminatórias contra pessoas por causa de seu sexo, sua cor, classe ou orientação sexual. É fundamental investigar não só quando certas figuras são marginalizadas, mas também como, em quais termos, são integradas nos recintos do “centro”. E, em particular, até que ponto essa integração inclui participação nas cúpulas de poder.

Boa parte dos pesquisadores do INCT trabalham nessa direção, compartilhando a aposta numa abordagem que, indo além de documentos oficiais, imagens públicas e relatos jornalísticos, recorre a métodos etnográficos para auscultar o que ocorre nos “bastidores” do futebol espetacular – vivências familiares e religiosas dos jogadores, por exemplo, ou experiências de (des)emprego e migração (e.g., Damo, 2007; Rial, 2017). Almeida e Jahnecka (2020), por exemplo, relatam o dilema de brasileiros jogando em times estrangeiros de segundo e terceiro escalão – jovens migrantes que se conectam a algum clube da Europa interiorana onde permanecem quase na clandestinidade, sem vínculo empregatício ou (muitas vezes) sequer permissão de estar no país. Outros estudos nos levam para dentro das lesões, dores e demais problemas de saúde, inerentes à prática de um esporte intenso, que acompanham a rotina diária desses jogadores longe do estrelato, assim como a dificuldade deles de acessar tratamentos médicos (e.g., Oliveira Filho, 2024).

Contudo, por inegável que seja a importância de estudar a relação entre o futebol de espetáculo e suas margens, ainda permanece o desafio – hoje, mais forte do que nunca – de explorar as dinâmicas dos “outros” futebolis (Damo, 2018), entranhados em uma “tradição longa” da cultura popular (Toledo, 2024) e que não têm necessariamente as federações oficiais de futebol como seu ponto prioritário de referência. De fato, o “futebol de periferia” tem ocupado as atenções dos pesquisadores do INCT desde

sua acepção, sendo a variedade de termos – futebol comunitário, amador, de várzea, de periferia ou, simplesmente, futebol popular – espelho da variabilidade do fenômeno. Não obstante os debates sobre a terminologia adequada e o grau de autonomia de cada, ao que tudo parece, os estudos convergem no entendimento de que deve-se não só estudar a relação entre essas formas periféricas e seu centro – o futebol de espetáculo – mas, também, pôr em destaque as dinâmicas próprias, específicas às formas “locais” de vida (Pinto *et al.*, 2025).

Como qualquer outro elemento de “cultura popular”, a natureza fluida e fragmentada da prática, a falta ou pouca importância de referências instituídas (muitas vezes, os times não possuem nem campo fixo) e a sintonia com as sociabilidades vicinais traduzem uma riqueza de formas possíveis que se adaptam às dinâmicas da comunidade, tornando esse futebol difícil de resumir em uma fórmula sucinta ou classificar conforme oposições simplistas. Myskiw (2024), no seu estudo etnográfico dos circuitos porto-alegrenses do futebol de várzea, fornece uma apta ilustração ao descrever como, apesar de os times amadores professarem seguir as regras canônicas, a aspiração de ser “o mais próximo de profissional” acaba frequentemente se rendendo à lógica do “saber levar”. Mesmo com “sangue nos olhos” (de tanto querer vencer um campeonato), os varzeanos podem redirecionar suas práticas conforme uma festa de aniversário, um enterro, uma rixa entre gangues rivais, gastos com transporte, brigas conjugais e outros elementos do cotidiano. Como Damo resume: esse “outro” futebol vai além das “sociabilidades” fugazes do bairro; é emaranhado na própria “socialidade” da vida comunitária das classes trabalhadoras, com suas dinâmicas “religiosas, políticas, familiares, laborais e até amorosas” (2024, p. 17). Trata-se de uma densidade social que se torna aparente apenas quando o pesquisador vai além dos campos e lugares de treino e passa a circular entre festas, bares, igrejas e moradias, “onde o povo está” (Myskiw, 2024; Pinto *et al.*, 2025).

Voltando para as tensões evocadas décadas atrás (em referência ao debate Gluckman-Cutileiro), os analistas do futebol popular mostram

como tampouco faz sentido reduzir o significado político desses “outros” futebolis a uma só dimensão: “resistência/ insurgência/subversão” ou “alienação social/esteio do *status quo*”. Vimos acima, na análise do contexto moçambicano de meados do século XX, como, para além dos desenhos do império português que se realizavam nas competições nos estádios, o futebol que emergia nos subúrbios da cidade colonial criava a possibilidade de um esporte com lógica “antiutilitarista”, isto é, que não era completamente dominado pela “soberania dos resultados”. Era nessa forma que fomentava uma sensação de pertencimento comunitário, capaz de abarcar a grande diversidade de identidades raciais, religiosas e nacionais que povoavam aquele território. Quanto ao futebol feminino no Brasil, vimos como a paródia carnavalesca podia ser tanto um exercício humilhante de exclusão quanto uma arma potente de subversão – abrindo oportunidades para as mulheres se entregarem à sua paixão pelo jogo. Aliás, é digno de nota o fato de que, ao longo dos anos de repressão oficial, nas poucas ocasiões em que jogadoras (confinadas a uma espécie de clandestinidade) podiam expressar seus sentimentos em público, raramente evocaram motivos revolucionários – “feministas” ou outros – para o seu envolvimento. Barradas nas arenas governadas pelos grupos da elite, não entravam nos circuitos competitivos das ligas; alheias a compromissos oficiais, jogavam um “outro futebol”, pela emoção do esporte, “pelo amor” (Bonfim, 2023)⁶. Chiquetto (2024), no seu estudo sobre futebol em Manaus, traz ainda outros exemplos de um espírito de insurgência no futebol. Porém, ele insiste, não se trata de práticas exatamente “contra-hegemônicas”, e, sim, de “resistências em outra escala” em que, intimamente ligados aos desafios cotidianos da vida social, circuitos como o Peladão de Manaus burlam padrões conservadores de feminilidade, classificações rígidas de indigeneidade e convenções instituídas de legalidade.

6 Ver também o documentário lançado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (2025), “Elas mudaram o jogo: a história não contada do futebol feminino gaúcho.”

Em suma, as pesquisas demonstraram repetidamente a futilidade de tentar encaixar a análise do futebol em dualidades simplistas (amador/profissional; resistência/conformidade). Passamos, assim, a apreciar a complexidade do fenômeno e como o esporte reflete de modo muito particular as várias mudanças históricas. Ao acompanhar o futebol “português” do seu momento triunfal no final do período colonialista até o vazio criado pela queda do império; ao seguir o futebol feminino no Brasil da efervescência inicial até sua clandestinidade depois da repressão pelo Estado Novo, ficamos com a sensação de que a evolução do esporte não é nada linear. Pelo contrário, segue um caminho nem sempre previsível dependendo das circunstâncias do mundo em que se insere.

Contudo, chegando ao tema de centro/periferia, sentimos uma forte tentação de reverter a uma visão unidirecional da história. Considerando a expansão imobiliária urbana, denunciada desde o fim dos anos 1970 pela diminuição dos terrenos vagos onde as “peladas” tradicionalmente ocorriam, é difícil o analista resistir à narrativa do “fim da várzea”. Diante daquilo que Toledo chama o “grande processo avassalador e empreendedor capitalista” (2024, p. 274) que hoje permeia o futebol profissional, transformando-o mais do que nunca em um produto altamente lucrativo da cultura de massa, é difícil o brilho espetacular dessa indústria multimilionária não ofuscar as práticas soltas, impermanentes, constantemente reinventadas dos futebolis “da periferia”. Mas, no fundo, são as próprias pesquisas do INCT, escoradas em etnografias detalhadas de situações concretas que demonstram a imprudência de conclusões homogeneizantes ou visões derrotistas da realidade. Além de documentar a resiliência das periferias, descrevendo a vitalidade do futebol popular e sua capacidade de se reinventar na face de novas circunstâncias, as análises se nutrem do diálogo entre teorias e abordagens metodológicas bem divergentes. Na tensão do debate, ora nos instigando a investigações críticas, ora estendendo a imaginação para além do pensamento modular da modernidade (Tsing *et al.*, 2019), o conjunto da obra serve como exemplo para cientistas sociais de

todas as áreas, consagrando o futebol como tema central da reflexão acadêmica contemporânea.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Caroline Soares de; JAHNECKA, Luciano. As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação. *Novos Olhares Sociais*, v. 3, n. 1, p. 178-198, 2020.

ALVAREZ, Vera Cíntia. A identidade futebolística internacional do Brasil utilizada como instrumento de diplomacia e ferramenta de formulação da política externa. In: RIAL, Carmen; PINTO, Fábio; MARTINACHE, Igor; RASERA, Frédéric (orgs.). *Ciências sociais e futebol: intercâmbio e perspectivas franco-brasileiras*. Brasília: ABA Publicações, 2025. p. 308-317. (Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade).

ALVES, Bruno. Benfica and Portugal’s politics: a relationship impossible to separate. *These Football Times*, 17 Apr. 2016. Available at: <https://thesefootballtimes.co/2016/04/17/the-unique-relationship-between-benfica-and-portugals-politics/>. Accessed on: 26 jan. 2026.

BONFIM, Aira F. *Futebol feminino no Brasil*. São Paulo: Edição da Autora, 2023.

CAMPOS, Helcio R. Estádio elitizado não é novidade: 50 anos de Portugal × Brasil no Estádio da Machava – Moçambique, 1968. *Futebol, Cultura e Geografia* [blog], 1.º out. 2018. Disponível em: <https://geoculturadofutebol.blogspot.com/2018/10/estadio-elitizado-nao-e-novidade-50.html>. Acesso em: 16 maio 2026.

CAPUCIM E SILVA, Giovana; BONFIM, Aira F. Experiências do futebol popular de mulheres: os subúrbios cariocas e a várzea paulistana (1930-1980). In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 107-135.

CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. O futebol como resistência em Manaus (AM). In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline S. de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 159-178.

CUTILEIRO, José. Os super-portugueses: algumas notas sobre o Sport Lisboa e Benfica. *O Tempo e o Modo*, n. 25/26, p. 319-330, mar./abr. 1965.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei. Futebóis: da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37–66, 2018.

DAMO, Arlei. Prefácio. In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024.

DAVIS, Natalie Z. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DOMINGOS, Nuno. *Football and Colonialism: Body and Popular Culture in Urban Mozambique*. Athens: Ohio University Press, 2017.

DOMINGOS, Nuno. The death of a football player. Eusébio and the struggle for Portuguese History. *Práticas da História – Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n. 8, p. 163–197, 2019.

DOMINGOS, Nuno. Um regresso à história do futebol na capital de Moçambique durante o período colonial. *FuLiA/UFMG*, v. 6, n. 2, p. 124–140, 2021.

GUEDES, Simoni Lahud; ALMEIDA, Edilson Márcio. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. *Cuadernos de Aletheia*, La Plata, n. 3, p. 73–89, 2019.

GUPTA, Akhil. *Red tape: Bureaucracy, structural violence, and poverty in India*. Durham: Duke University Press, 2012.

MARTINACHE, Igor. Futebol e política: uma relação realmente fora do jogo?. In: RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; BENÍTEZ, Liber; RIGO, Luiz Carlos (orgs.). *Ciencias sociales y fútbol: intercambio y perspectivas sudamericanas*. Brasília: ABA Publicações, 2025. (Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade).

MYSKIW, Mauro. O circuito varzeano em Porto Alegre. In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 135–158.

OLIVEIRA FILHO, José Hildo de. Crippling Sports Migration: A Personal Journey. *Brasiliana – Journal for Brazilian Studies*, v. 13, n. 2, p. 311–238,

2024. Available at: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/149912>. Accessed on: 16 maio 2026.

PINTO, Fábio Machado; CALDART, Gabriel de Leão; LAZZAROTTI FILHO, Ari. O futebol entre Brasil e Uruguai: a formação e a pesquisa na periferia do futebol. In: RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; BENÍTEZ, Liber; RIGO, Luiz Carlos (orgs.). *Ciencias sociales y fútbol: intercambio y perspectivas sudamericanas*. Brasília: ABA Publicações, 2025. (Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade).

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. *Elas mudaram o jogo: a história não contada do futebol feminino gaúcho*. [websérie]. Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo Feminina de Futebol 2027; Gabinete de Comunicação Social. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2025. 1 playlist (3 vídeos). Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL2-gCzkAga-jzTYg_WcCJfONqMrbnnSpGx. Acesso em: 16 maio 2026.

RIAL, Carmen. Banal religiosity: Brazilian athletes as new missionaries of the neo-Pentecostal diaspora. *Vibrant*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 128-159, 2012.

RIAL, Carmen. A memória do futebol praticado por mulheres: semelhantes trajetórias no Brasil e na França? In: GROSSI, Miriam; OLTRAMARI, Leandro; FERREIRA, Vinicius (orgs.). *Família, gênero e memória: diálogos interdisciplinares entre França e Brasil*. Brasília: ABA Publicações; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 295-321.

RIAL, Carmen. Apresentação. In: RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; BENÍTEZ, Liber; RIGO, Luiz Carlos (orgs.). *Ciencias sociales y fútbol: intercambio y perspectivas sudamericanas*. Brasília: ABA Publicações, 2025. (Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade).

RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; MARTINACHE, Igor; RASERA, Frédéric. Apresentação. In: RIAL, Carmen; PINTO, Fábio Machado; MARTINACHE, Igor; RASERA, Frédéric (orgs.). *Ciências sociais e futebol: intercâmbio e perspectivas franco-brasileiras*. Brasília: ABA Publicações, 2025. p. 7-27. (Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade).

RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline Soares de. O “gênero da bola”: mulheres e futebol na mídia. *Alceu – Revista de Comunicação, Cultura e Política*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 52, p. 84-119, 2024.

RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024.

ROHDEN, Fabiola; MONTEIRO, Marko. Para além da ciência e do *anthropos*: deslocamentos da antropologia da ciência e da tecnologia no Brasil. *BIB*, São Paulo, n. 89, p. 1-33, 2019.

SCOTT, James C. *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. New Haven: Yale University Press, 1990.

SEABRA, Daniel. *Claques de futebol: o teatro das nossas realidades*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Tá com medo, por que veio? [posfácio]. In: RIBEIRO, Raphael R.; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 269-282.

TSING, Anna L.; MATHEWS, Andrew S.; BUBANDT, Nils. Patchy Anthropocene: Landscape Structure, Multispecies History, and the Retooling of Anthropology. *Current Anthropology*, v. 60, supl. 20, p. S186-S197, 2019.

Autores e Autoras

Aira Fernandes Bonfim — mestre em História, Política e Bens Culturais (FGV), pesquisadora independente e fundadora da Repertório Cultural. Atua com curadoria, pesquisa histórica e gestão de acervos esportivos, com ênfase na memória do futebol feminino e do movimento paralímpico no Brasil. Desenvolve projetos expositivos, publicações e iniciativas de preservação do patrimônio esportivo.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3192-9168>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3229485853996887>

Endereço de e-mail: airafbonfim@gmail.com

Andriel Coutinho de Moraes — mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Goiás e graduado em Educação Física pela mesma instituição. Especialista em Esportes Aquáticos e MBA em Gestão Esportiva pela Faculdade Iguaçu, professor na rede pública estadual de Goiás e integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Comunicação.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2486-3682>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3800278247244348>

Endereço de e-mail: andrielcoutinho@discente.ufg.br

Antonio Jorge Gonçalves Soares — professor titular da Faculdade de Educação e atua no PPGE da UFRJ, no PPGED da UFRN e na UNIG como pesquisador. É financiado pelo Programa Cientista de Nosso Estado e Bolsista de Produtividade na Educação PQ-B.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7769-9268>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9726601553271394>

Endereço de e-mail: ajgsoares@gmail.com

Antônio Pinto — mestre em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Desde 2016, integra a equipe de investigação do Centro de Documentação e Informação do Sport Lisboa e Benfica, onde tem desenvolvido trabalho no âmbito da História do Desporto, com particular enfoque no futebol e nos futebolistas. Em 2020, foi um dos curadores da exposição *Luisão – dias de luta, dias de glória*. É coautor do livro *Talento e superação – o bicampeonato europeu do Benfica*, publicado em 2022.

Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0001-4145-7010>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt//991F-731A-E601>

Endereço de e-mail: ajpinto@slbenfica.pt

Ari Lazzarotti Filho — professor associado da Universidade Federal de Goiás e professor colaborador da Universidade de Brasília. Doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina e com estágio de Pós-Doutorado na Universidade Livre de Bolzano, Itália. É editor da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFG. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Comunicação e pesquisador do INCT Futebol.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0610-2641>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2035441455224809>

Endereço de e-mail: lazzarotti@ufg.br

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão — mestre (2006) e doutor (2010) em Educação Física. É professor do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FACED) da UFBA.

Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0002-1924-1720>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1065452040765915>

Endereço de e-mail: bruno.abrahao@ufba.br

Caroline Soares de Almeida — doutora e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui Graduação em História (UFSC) e Bacharelado em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu (USJT) e pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco. Também é subcoordenadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC). Coordena a linha de pesquisa futebol de mulheres, de indígenas, paralímpico e LGBTQIAPN+ no INCT Estudos do Futebol Brasileiro, onde também atua como coordenadora executiva. Desenvolve pesquisas nas áreas de esporte, gênero, censura, educação do corpo, consumo e sustentabilidade.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1361-6616>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0748187291774827>

Endereço de e-mail: almeidacarol@yahoo.com

Carlos Nolasco — sociólogo e doutor em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, com a tese “Fintar fronteiras. Migrações Internacionais no Futebol Português”. Investigador associado do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, integra o Observatório Permanente da Justiça, sendo membro da equipe portuguesa da rede FRANET da Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia. Os seus temas de interesse são Sociologia do Desporto, das Migrações e do Direito, tendo trabalhado em projetos nestas áreas.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-9932-9222>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/portal/3C18-98A9-37DD>

Endereço de e-mail: cmsnolasco@ces.uc.pt

Carmen Silvia de Moraes Rial — professora da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora do CNPq. Dirige o Núcleo de Antropologia Visual/Grupo de Pesquisa em Antropologia Urbana (NAVI/GAUM). Foi presidente do Conselho Mundial de Associações Antropológicas (WCAA) e da

Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Seu trabalho se concentra em esporte, futebol, migração transnacional, gênero e globalização cultural. Coordena o INCT Futebol.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7478-0917>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4874148638654662>

Endereço de e-mail: carmen.rial@ufsc.br

Claudia Fonseca — professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenadora da Anthera – Rede de Pesquisa Internacional sobre Família e Parentesco. Seus interesses de pesquisa incluem tecnologias de governo, políticas de cuidado, epistemologias feministas e Antropologia da Ciência e da Tecnologia, família, gênero e parentesco.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7761-6095>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8620249965221608>

Endereço de e-mail: claudialwfonseca@gmail.com

Daniel Seabra — docente da Universidade Fernando Pessoa, onde se licenciou em Antropologia. É mestre em Antropologia pela Universidade do Minho; doutor em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e coordenador científico do Observatório da Violência Associada ao Desporto. É investigador do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais; investigador de claques de futebol, Movimento Ultra, hooliganismo, estilo *Casual* e violência no desporto.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8621-5357>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/en/E715-F519-E766>

Endereço de e-mail: danielalveseabra@gmail.com

Fábio Machado Pinto — doutor em Ciências da Educação pela Université Paris 8/Saint-Denis, França, com Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da UFPel e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFSC. É professor do

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSC); professor titular da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel), Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (Nepesc/UFSC) e pesquisador do INCT Futebol da linha Futebol Comunitário e de Várzea. Atua na Educação, Sociologia, Estudos (auto)biográficos, Arte e Cultura Popular.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-9480-4493>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0783890093093043>

Endereço de e-mail: fabiobage@gmail.com

Francisco Pinheiro — doutor em História (2010), desenvolve investigação nas áreas da história do desporto, dos media e da cultura popular. Investigador do CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra. Autor de mais de vinte livros, dedica-se ao estudo do futebol e da imprensa desportiva, bem como a temas relacionados com património, arquivos e memória do desporto.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5465-9199>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/portal/C51F-E4C6-63E4>

Endereço de e-mail: franciscopinheiro72@gmail.com

George Ivan da Silva Holanda — graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás e mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Goiás. Atualmente é doutorando em Educação Física na Universidade de Brasília e integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Comunicação. É professor da Universidade Estadual de Goiás.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4671-7555>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5959449417138968>

Endereço de e-mail: george.holanda@ueg.br

Guilherme da Silva Magalhães — graduando em Educação Física na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas e bolsista

de iniciação científica (Fapergs). Atua no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) e foi colaborador do III Colóquio Internacional INCT Futebol, em Portugal. Possui interesse no estudo de populações idosas e no futebol, nas áreas de Educação Física, saúde e esporte, com ênfase em aspectos acadêmicos, formativos e socioculturais.

Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0000-2249-1566>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0274601395273968>

Endereço de e-mail: guimag2004@gmail.com

José Hildo de Oliveira Filho — pesquisador do Programa Internacional de Pós-Doutorado (International Postdoctoral Program) do CEBRAP. Começou na Universidade Federal do Amazonas. Durante a graduação, estudou na Universidade do Porto. Sua experiência no Brasil e em Portugal levou-o a refletir sobre o significado acadêmico da teoria pós-colonial para construir seu caminho nas Ciências Sociais. É doutor pela Universidade Carolina de Praga. Atualmente, é pesquisador de Pós-Doutorado no Cebap.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8774-1447>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5496312156604215>

Endereço de e-mail: zevaya@gmail.com

Lóry da Silveira Ribeiro — professora de Educação Física nas redes estadual do Tocantins e municipal de Palmas (TO). É coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão Artesania – CNPq e pesquisadora da Linha da Várzea e do Futebol Comunitário do INCT Futebol. Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), é mestre em Educação na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0379-235X>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8624875702921270>

Endereço de e-mail: loryedufi@gmail.com

Luiz Carlos Rigo — professor da Universidade Federal de Pelotas e coordenador da Linha da Várzea e do Futebol Comunitário do INCT Futebol. Graduado e mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria. É doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Educação pela Universidade de Barcelona, com Pós-Doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9586-0182>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6346500488035941>

Endereço de e-mail: rigoperini@gmail.com

Marcelo Continelli — mestre em História Social pelo Departamento de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo e bacharel e licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Iniciou sua trajetória no Museu do Futebol em 2009 como estagiário do Núcleo Educativo, tendo sido, posteriormente, educador e assistente de coordenação. Foi membro do Conselho de Administração do IDBrasil entre 2010 e 2016, organização social de cultura gestora do Museu do Futebol e do Museu da Língua Portuguesa. Desde fevereiro de 2023, é coordenador do Programa Educativo do Museu do Futebol, sendo responsável pelo desenvolvimento de projetos de educação museal, ações educativas e formações de professores e profissionais do Lazer e Turismo, bem como pela gestão da equipe de pessoas educadoras e orientadoras do museu.

Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0006-4691-5099>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0021881514320869>

Endereço de e-mail: marcelo.continelli@idbr.org.br

Pedro Alexandre Amorim — mestre em História das Relações Internacionais e da Diplomacia Moderna pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem trabalhos publicados na área da história política e diplomática dos séculos XVI e XVII, na qual continua a contribuir pontualmente. Desde 2019, integra a equipe de investigação do Centro de Documentação e Informação do Sport Lisboa e Benfica, onde dedica-se ao estudo da História

do Desporto, em especial ao fenómeno do ecletismo. Foi coautor do livro *Talento e superação – o bicampeonato europeu do Benfica*, publicado em 2022, e em 2023 foi organizador da conferência “O estudo da história do desporto”.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-9800-993X>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt//941D-CB90-0416>

Endereço de e-mail: pedro.a.amorim@slbenfica.pt

Ricardo Ferreira — licenciado em História Moderna e Contemporânea pelo Instituto de Ciências do Trabalho e Empresa (ISCTE). Tem trabalhos publicados no âmbito da História Empresarial Portuguesa do Século XX. Desde 2011, integra o Centro de Documentação e Informação do Sport Lisboa e Benfica, onde se tem dedicado ao estudo da História do Desporto. Dentro desta temática, tem aprofundado estudos sobre a ligação das atividades culturais do Benfica enquanto momentos de demonstração de afeto da massa associativa.

Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0008-8345-8194>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt//en/0416-6ED2-FAD2>

Endereço de e-mail: rjferreira@slbenfica.pt

Roberto DaMatta — graduado e licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense, com curso de especialização em Antropologia Social do Museu Nacional; é M.A (1969) e Ph.D (1971) pelo Peabody Museum da Universidade de Harvard. Foi chefe do Departamento de Antropologia do Museu Nacional e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social deste museu. É professor emérito da Universidade de Notre Dame, EUA, onde ocupou a Cátedra Rev. Edmund Joyce, de Antropologia. Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Realizou pesquisas etnológicas entre os povos indígenas Gaviões e Apinayé. Foi pioneiro nos estudos de rituais e festivais em sociedades industriais, tendo investigado o Brasil como sociedade e sistema cultural por meio do carnaval, do futebol, da música, da comida, da

cidadania, da mulher, da morte, do jogo do bicho e das categorias de tempo e espaço.

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0385-3805>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6805562235394433>

Endereço de e-mail: damatta.rlk@terra.com.br

ABA PUBLICAÇÕES



ISBN: 978-65-87289-69-4



9 786587 289694 >